

PAULO RENATO DA SILVA

VICTORIA OCAMPO E INTELECTUAIS DE “SUR”:  
CULTURA E POLÍTICA NA ARGENTINA (1931-1955).

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Ítalo Arnaldo Tronca.

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 28/10/2004.

BANCA

Prof. Dr. Ítalo Arnaldo Tronca (orientador – DH/IFCH/UNICAMP)

Prof. Dr. Leandro Karnal (DH/IFCH/UNICAMP)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Helena Rolim Capelato (DH/FFLCH/USP)

Suplente: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto (DH/IFCH/UNICAMP)

OUTUBRO/2004

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

<b>Si38v</b>	<p><b>Silva, Paulo Renato da</b> <b>Victoria Ocampo e intelectuais de “Sur” : cultura e política na Argentina (1931-1955) / Paulo Renato da Silva - Campinas, SP : [s.n.], 2004.</b></p> <p><b>Orientador: Ítalo Arnaldo Tronca.</b> <b>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</b></p> <p>1. Ocampo, Victoria, 1890-1979. 2. Política e cultura – Argentina. 3. Intelectuais - Argentina. I. Tronca, Ítalo. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.</p>
--------------	---

RESUMO: este trabalho é uma leitura do discurso apolítico, cosmopolita e cultural de Victoria Ocampo e de colaboradores da revista cultural argentina *Sur* como uma forma de oposição ao nacionalismo e às pressões pelo engajamento político do intelectual entre 1931 e 1955, período marcado pelo nazi-fascismo na Europa e pelo peronismo na Argentina.

ABSTRACT: this work is a reading of the apolitical, cosmopolitan and cultural discourse of Victoria Ocampo and of collaborators of the Argentinean cultural magazine *Sur* as a opposition versus the nationalism and the pressures by intellectual political engagement between 1931 and 1955, period marked by nazism and fascism in the Europe and by peronism in the Argentine.



Cada um de nós compõe a sua história,  
e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz, e ser feliz.

Almir Sater, *Tocando em frente*.



Para Dora, Eduardo, Laura, Ondina, Virgínia e Ana,  
argentinos que moram no meu coração.





## **Agradecimentos.**

A sensação neste momento é a de ter empreendido uma longa e cansativa viagem. O destino não é o previsto inicialmente. Os caminhos precisaram ser mudados inúmeras vezes. Talvez a paisagem não seja das mais envolventes, mas a viagem valeu a pena, seguramente. Nessa viagem, encontrei algumas pessoas bastante especiais, às quais agradeço aqui singelamente, mas do fundo do meu coração.

Aos meus pais Wilson e Terezinha que, como instrumentos de Deus, me deram a vida.

Aos meus irmãos Wilson e Eduardo. Mais do que irmãos, grandes amigos.

Aos meus amigos Adriano, Fernando, Hugo, Luciano, Marcos e Ricardo por tantas risadas e imundícies compartilhadas. Ao meu amigo Casu de Araraquara pela presença constante.

Ao professor Ítalo Tronca pela confiança em uma pessoa e em um projeto que desconhecia.

Ao professor Leandro Karnal e à professora Maria Helena Rolim Capelato pelas orientações valiosas que me deram na banca de qualificação. Espero tê-las aproveitado plenamente. Se o pouco tempo não permitiu que as orientações se refletissem no texto, podem estar seguros que “provocaram” algumas das idéias que tinha até então. Obrigado, também, por aceitarem participar da defesa.

Aos funcionários do Arquivo Edgar Leuenroth e das bibliotecas do IFCH da UNICAMP e da FFLCH da USP. Na Argentina, especialmente aos funcionários da Biblioteca do Congresso e Nacional, nas quais realizei a maior parte da pesquisa em fevereiro e março de 2003.

À Dora, Eduardo, Laura, Ondina, Virgínia e Ana. Se há pessoas que temo decepcionar com este trabalho, estas pessoas são vocês. Espero que o trabalho esteja à altura do amor, carinho, atenção, paciência e confiança que vocês tiveram comigo em Buenos Aires.

À Rosangela por tudo, absolutamente tudo, mas especialmente por acreditar em mim como ninguém.

Este trabalho também não teria sido realizado sem o apoio financeiro fundamental da CAPES e da FAEP. Justamente em nome dessa importância, junto a minha voz a outras e peço a concessão de um número maior de bolsas e mais agilidade no julgamento dos processos.

## Índice.

### INTRODUÇÃO.....1

### CAPÍTULO I: VICTORIA OCAMPO E A REVISTA *SUR* NA HISTORIOGRAFIA.....3

A História entre práticas, conceitos, definições e modelos.....	3
A incapacidade de compreender e interpretar o peronismo.....	15
A revista <i>Sur</i> como pura e exclusivamente cultural.....	23
Victoria Ocampo, a revista <i>Sur</i> e o liberalismo argentino.....	27

### CAPÍTULO II: A FORMAÇÃO DE VICTORIA OCAMPO E DA REVISTA *SUR* E O IMPACTO DA GUERRA.....33

Victoria Ocampo: formação e contatos culturais de uma cosmopolita.....	33
Uma carta, uma cara.....	41
O americanismo.....	46
O papel dos intelectuais.....	51
O nazi-fascismo e a Segunda Guerra Mundial.....	61
O comunismo.....	71

### CAPÍTULO III: VICTORIA OCAMPO, A REVISTA *SUR* E O PERONISMO.....79

A Argentina e Perón antes do peronismo.....	80
Victoria Ocampo e a revista <i>Sur</i> às vésperas do peronismo.....	90
A década peronista.....	98
O “silêncio” de Victoria Ocampo e da revista <i>Sur</i> na década peronista.....	108
Victoria Ocampo e o feminismo.....	118

### CAPÍTULO IV: VICTORIA OCAMPO, A REVISTA *SUR* E O FIM DA “HARMONIA” ANTI-PERONISTA.....127

Pela reconstrução nacional.....	128
Sábato e Martínez Estrada: a revisão do peronismo entre os colaboradores da revista <i>Sur</i> .....	136
Jauretche e Hernández Arregui: Victoria Ocampo e a revista <i>Sur</i> segundo dois intelectuais peronistas.....	142
Revista <i>Contorno</i> : parricídio intelectual e “alternativa” política.....	148

<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>157</b>
-----------------------	------------

<b>FONTES E BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>159</b>
-----------------------------------	------------

## INTRODUÇÃO.

Victoria Ocampo (1890-1979) foi uma das principais promotoras culturais da Argentina no século XX. O seu principal empreendimento foi, seguramente, a revista cultural *Sur*, com a qual colaboraram direta ou indiretamente, com mais ou menos constância, importantes nomes da intelectualidade argentina e internacional como Jorge Luis Borges, Eduardo Mallea, Ezequiel Martínez Estrada, Ernesto Sábato, Héctor A. Murena, Adolfo Bioy Casares, José Ortega y Gasset e Roger Caillois, dentre inúmeros outros. Prestigiadas no exterior, Victoria Ocampo e a *Sur* nem sempre encontraram o mesmo prestígio em terras argentinas.

De um modo geral, os peronistas e a esquerda viam o apoliticismo e o cosmopolitismo defendidos por Victoria Ocampo e nas páginas da *Sur* como sinais de elitismo e do imperialismo sofrido pela Argentina. Neste trabalho, pretendo chamar a atenção para a construção dessa representação da *Sur* como uma revista pura e exclusivamente cultural, cosmopolita, sem nenhum interesse pela política. Essa representação não é frisada nos primeiros anos da *Sur* e aparece como uma reação ao nacionalismo, à xenofobia e às pressões sobre os intelectuais existentes durante o nazi-fascismo e, em menor medida, sob a presidência de Perón. Uma revista cultural, mesmo que de elite como a *Sur*, não é uma simples produtora de idéias estanques: dialoga com o social, modifica-o e é modificada por ele.

Enfim, este trabalho pretende inserir politicamente Victoria Ocampo e a *Sur*, destacando seus contatos e rupturas com outros grupos intelectuais e políticos. Evidentemente que isso não é uma novidade na historiografia, mas inúmeros trabalhos importantes tendem a desqualificar a inserção política de Victoria Ocampo e dos seus principais colaboradores. Neste trabalho, o discurso apolítico, cosmopolita e cultural é considerado como uma forma de oposição bem sucedida contra governos autoritários marcados pelo refluxo da esfera pública: apesar das perseguições sofridas por Victoria Ocampo, pela revista e por outros colaboradores, a publicação da *Sur* nunca sofreu qualquer intervenção externa.

Aqui não se encontrará uma história minuciosa, uma discussão aprofundada da trajetória de Victoria Ocampo, nem da revista. Concentrar-se apenas em Victoria Ocampo

ou na revista poderia reforçar o elitismo e isolamento destacado pelos críticos. Daí a inclusão, por exemplo, da revista *Contorno* dos jovens intelectuais de esquerda, que desenvolveu, em meados da década de cinquenta, uma das principais críticas aos intelectuais da *Sur*. Tanto quanto ou mais do que destacar os elementos de união em torno dessas publicações, o trabalho pretende destacar suas intersecções e tensões internas e externas, que foram remodelando o meio intelectual argentino. Por sua centralidade, abertura temática e intelectual e expressiva duração, de 1931 a 1992<sup>1</sup>, a publicação de Victoria Ocampo aparece como um caminho privilegiado para analisar as relações entre cultura e política na Argentina entre as décadas de trinta e cinquenta.

O recorte temporal começa em 1931, ano de fundação da revista, pela forte influência do nazi-fascismo sobre as representações do peronismo e das massas argentinas construídas por Victoria Ocampo e pelos colaboradores da *Sur*. Além disso, a proposta americanista dos primeiros anos ajuda a questionar a revista como uma trincheira do imperialismo na Argentina. O cosmopolitismo nega o nacionalismo, não o nacional. O recorte termina em 1955 porque o golpe de Estado que derruba Perón e as intensas discussões que se seguiram fizeram com que algumas vozes destoantes se distanciassem ainda mais da *Sur* e provocassem rupturas, como os jovens da *Contorno* e os escritores Ezequiel Martínez Estrada e Ernesto Sábato, que passou a destacar *El otro rostro del peronismo*.

---

<sup>1</sup> A *Sur* publica números inéditos até a década de setenta. Depois, apenas coletâneas.

## CAPÍTULO I: VICTORIA OCAMPO E A REVISTA *SUR* NA HISTORIOGRAFIA<sup>1</sup>.

Nesta faculdade de apreensão do que é vivo é que reside, efectivamente, a qualidade fundamental do historiador.

(...) a história trata de seres capazes, por natureza, de fins conscientemente procurados.

(...) satânico inimigo da verdadeira história: a mania de julgar.

Compreender, todavia, nada tem de passivo.

Marc Bloch<sup>2</sup>.

### **A História entre práticas, conceitos, definições e modelos.**

Criança mimada, esnobe, fazendeira que se ocupa de Literatura, europeizada, anti-argentina, representante do imperialismo, aristocrática, oligárquica, conservadora. Essas são algumas das críticas mais comuns disparadas contra Victoria Ocampo ao longo da sua vida e depois dela. Sua revista, *Sur*, também não foi poupada. Tampouco foram poupados seus principais colaboradores, como demonstram as contundentes críticas a Jorge Luis Borges.

É necessário ponderar que muitas críticas são feitas sob o calor de intensas divergências e disputas pessoais, intelectuais e políticas. Com o tempo, algumas são questionadas pelos próprios autores ou reformuladas em termos mais cordiais, menos passionais, enfim, mais acadêmicos. Além disso, as reflexões nas quais são feitas nem sempre são tão simplificadoras, muito pelo contrário. A ponta do iceberg não revela sua dimensão. No entanto, é a parte que se destaca, que se cristaliza na memória daqueles que o contemplam. O restante está submerso, obscuro, não é tão acessível, visível, não chama a atenção. A ponta é o iceberg e vice-versa. Por isso, críticas fortes e sintéticas, tão comuns, são apreendidas e se perpetuam com mais facilidade, não somente no grande público,

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, historiografia deve ser entendida em termos amplos e contemplar, além de pesquisas históricas, trabalhos de Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Psicologia e outras áreas do conhecimento. Neste capítulo, não será discutida a historiografia primária produzida entre as décadas de quarenta e sessenta, que será analisada com mais profundidade somente no terceiro e quarto capítulos.

<sup>2</sup> BLOCH, M. *Introdução à História*. Publicações Europa-América: Lisboa, 1976. p. 43, 124, 33 e 126.

considerado leigo, como também na historiografia. Exemplo disso é Pabla Diab nomear *Uma menina mimada*, em 2001, um dos subtítulos de um pequeno texto sobre Victoria Ocampo, apesar deste ser bastante equilibrado<sup>3</sup>. O subtítulo demonstra como os críticos conseguiram associar a Victoria Ocampo uma série de representações negativas, a ponto destas aparecerem em um texto equilibrado e publicado mais de vinte anos depois do seu falecimento, ocorrido em 1979.

Ainda é muito comum, em História, uma atitude, característica ou interpretação, situadas em determinadas historicidades, se transformarem em conceitos, definições e modelos explicativos que desconsideram estas historicidades, ou seja, que são anacrônicos. Isso é causado por diferenças políticas e simplificações didáticas, não menos políticas, que matam qualquer possibilidade de apreensão do que é vivo, destacada por Marc Bloch como a qualidade fundamental do historiador. A propósito, o historiador francês coloca o anacronismo como “(...) o mais imperdoável dos pecados, no entender de uma ciência do tempo”<sup>4</sup>.

O subtítulo escolhido por Pabla Diab ainda é oportuno para demonstrar o anacronismo dos conceitos, definições e modelos perante o que é vivo. Sobre a infância de Victoria Ocampo, Diab coloca que o “(...) esencial para una niña de su condición (...) es aprender francés, (...) además de saber cantar y tocar el piano (...)”<sup>5</sup>. Ora, se isso era essencial para uma menina da sua condição financeira privilegiada, por que colocá-la como mimada? Ao optar por *Uma menina mimada*, Diab não caracteriza a Victoria Ocampo, mas a si própria, que escreve em uma época na qual sua infância e educação são incomuns, inclusive, entre os mais ricos. Dessa maneira, o subtítulo, ainda por cima no começo do texto, pode armar os leitores de preconceitos. Apesar do termo mimada não ter necessariamente uma conotação negativa, até mesmo em português, sempre remete a uma idéia de exagero.

---

<sup>3</sup> DIAB, P. Victoria Ocampo: escritora y promotora cultural. *Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 406, maio de 2001. p. 43. Apesar de não ser uma revista acadêmica de História e, sim, de divulgação, *Todo es Historia* circula desde a década de sessenta e, vendida em bancas e livrarias, tem uma expressiva circulação na Argentina. Além disso, conta com nomes de prestígio como Félix Luna na direção, jornalista que se tornou um dos historiadores mais conhecidos e renomados do país.

<sup>4</sup> BLOCH, op. cit., p. 149.

<sup>5</sup> DIAB, op. cit., p. 43.



Além disso, ao definir, a História assume, como no século XIX, fortes traços cartesianos, objetivos, sintéticos, apesar de ter se consagrado ao longo do século XX como subjetiva pelo questionamento de versões oficiais e pelos debates entre diferentes representações do passado. Desse modo, a História como uma área de conhecimento subjetiva ainda é um processo, menos desenvolvido do que a intensidade dos debates pode sugerir. A História continua em marcha e na infância, como coloca Marc Bloch. Os combates pela História, evocados por Lucien Febvre, continuam. Paradoxalmente, a abertura do leque teórico e metodológico pode ser uma das principais responsáveis por essa permanência de características positivistas. Indecisos, perdidos perante as novas possibilidades, muitos historiadores sentem-se seguros ao usarem os velhos conceitos, definições e modelos.

Pertencente a uma das famílias mais tradicionais, ricas e influentes da Argentina, Victoria Ocampo sofre parte das críticas, assim como a revista e os colaboradores, em virtude de um marxismo bastante simplista no que se refere ao condicionamento das ações dos agentes históricos às suas classes sociais. Esse marxismo, muito presente até as décadas de sessenta e setenta, é uma generalização indiscriminada daquele desenvolvido no século XIX, sob a forte influência do racionalismo e determinismo, para as mais variadas historicidades. Como lembra João Evangelista, na sociedade contemporânea, não ocorreu “(...) a polarização crescente entre a burguesia e o proletariado, nem muito menos as contradições resultantes do desenvolvimento das forças produtivas conduziram à revolução socialista, dirigida pelo proletariado”<sup>6</sup>. O próprio Karl Marx questiona a vinculação estreita entre classes e ações dos seus agentes, apesar de ter vivido sob a influência da razão iluminista<sup>7</sup>.

O marxismo simplista ainda é responsável, juntamente com o nacionalismo de esquerda e peronista, pelas críticas a Victoria Ocampo, sua revista e seus colaboradores

---

<sup>6</sup> EVANGELISTA, J. E. *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 15.

<sup>7</sup> Até mesmo em *O manifesto comunista*, Marx e Friedrich Engels demonstram que a relação entre classes sociais e agentes é menos rígida do que supõem muitos marxistas. “(...) em épocas que a luta de classes beira a sua hora decisiva, o processo de dissolução em desenvolvimento dentro da classe governante, na verdade, dentro de toda a extensão da antiga sociedade, assume um caráter tão violento, tão penetrante, que uma pequena parcela da classe governante desprende-se e une-se à classe revolucionária, a classe que carrega o futuro em suas mãos. Exatamente como, em uma época anterior, uma parcela da nobreza uniu-se à burguesia, assim, agora, uma parte da burguesia une-se ao proletariado e, em particular, uma parte composta por ideólogos burgueses que chegaram a uma compreensão histórica do movimento como um todo”. ENGELS, F.; MARX, K. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 24-25.

como europeizados, anti-argentinos e representantes do imperialismo. Victoria Ocampo se representa como uma cosmopolita, ou seja, defensora de uma superação das diferenças entre os povos com o intuito de intensificar os contatos culturais. Acredita que a cultura é universal, independente de fronteiras e contextos históricos e políticos. A propósito, o cosmopolitismo é uma das principais propostas da revista *Sur*, senão a principal. Críticos nacionalistas, influenciados sobretudo pela condição econômica privilegiada de Victoria Ocampo, vêem nesse posicionamento uma negação do nacional e da Argentina e uma defesa do imperialismo. Horácio Gonzalez, apesar de discordar dessas críticas aos intelectuais cosmopolitas, oferece uma definição que alimenta os críticos:

Os intelectuais cosmopolitas concebem a vida cultural como uma forma de comunicação acima das particularidades nacionais, regionais ou locais. A fonte de inspiração de qualquer prática intelectual é o aperfeiçoamento do patrimônio geral da cultura da humanidade, e esta se encontra em uma dimensão universal que nada tem a ver com as sociedades concretas em que essa cultura se originou<sup>8</sup> (grifo meu).

As trajetórias de Victoria Ocampo e da *Sur* demonstram que as preocupações dos intelectuais cosmopolitas se encontram em uma dimensão universal que não está necessariamente ligada com nenhuma sociedade, o que não implica uma negação do nacional. É curioso que os nacionalistas e a esquerda em geral relacionem o cosmopolitismo de Victoria Ocampo e da *Sur* a uma negação do nacional e ao imperialismo, visto que suas ideologias são originalmente européias. Eric Hobsbawm tem uma frase na qual podem ser sintetizadas essa e outras atitudes dos nacionalistas. “O nacionalismo requer muita crença naquilo que, obviamente, não é assim”<sup>9</sup>. Além disso, o internacionalismo do proletariado ainda encontra respaldo em grupos de esquerda, apesar das críticas, inclusive, da própria esquerda, de tendência mais nacionalista. Surpreende, também, que os críticos não destaquem a importância do pacifismo que a idéia de cosmopolitismo traz consigo em um mundo marcado por duas guerras mundiais, alimentadas por nacionalismos e marcadas por perseguições étnicas, especialmente a sofrida pelos judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

---

<sup>8</sup> GONZALEZ, H. *O que são intelectuais?* São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 70-71.

<sup>9</sup> HOBBSAWM, E. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 22.

Victoria Ocampo critica, sobretudo depois do nazi-fascismo e do peronismo, os nacionalismos autoritários e sectários, mas não o nacional em si. A Argentina está bastante presente nas reflexões de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur*, inclusive nos textos literários. Se o país nem sempre é louvado, o mesmo pode ser dito quanto aos demais. A admiração pela cultura estrangeira, sobretudo pela européia, não resulta em um posicionamento passivo de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* perante os estrangeiros, não caem em um nacionalismo às avessas, no qual tudo o que fosse estrangeiro seria melhor e mais adequado para a Argentina, o que negaria o cosmopolitismo tanto quanto o nacionalismo tradicional. Além disso, o posicionamento crítico em relação ao país mais reforça do que minimiza as preocupações nacionais de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur*. A crítica demonstra que a indiferença não pauta a relação desses intelectuais com a Argentina.

Isso não quer dizer que Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* tenham sido intelectuais nacional-populares, unidos ao povo e à nação, de acordo com a concepção de Antonio Gramsci. Em termos gerais, segundo o filósofo italiano, não é possível os intelectuais fazerem política e História sem uma forte conexão sentimental com o povo e a nação. Essa visão de intelectual, respaldada por Jean-Paul Sartre, empolga os jovens intelectuais de esquerda da revista cultural argentina *Contorno* que, na década de cinquenta, são um dos principais críticos de Victoria Ocampo e da *Sur*. Pensar em intelectuais nacional-populares no sentido gramsciano é negar as classes sociais, como se o intelectual pudesse se desprender da sua condição e, inclusive, abraçar causas prejudiciais à sua classe em nome do povo e da nação. Nesse sentido, Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* apoiaram dois golpes de Estado na Argentina, em 1955 e 1976, contra governos peronistas eleitos democraticamente, o primeiro contra o próprio Juan Domingo Perón e o segundo contra Isabelita Perón, sua terceira esposa<sup>10</sup>.

Victoria Ocampo é criticada por não ter valorizado as medidas sociais do peronismo. Além de ser crítica do nacionalismo peronista que, semelhante ao nazi-fascismo, pressiona artistas e intelectuais a produzirem uma arte e um pensamento profundamente nacionalistas, o que contraria seu cosmopolitismo, Victoria Ocampo é

---

<sup>10</sup> Em 1973, Perón retornou do exílio pela América e Europa iniciado logo após sua queda em 1955 e se elegeu novamente presidente da Argentina. No entanto, faleceu em 1974, menos de um ano depois de assumir. Isabelita era vice-presidente e assumiu o cargo.

perseguida e chega a ser presa durante o governo de Perón (1946-1955). Essa experiência fez com que Victoria Ocampo visse as medidas sociais como manipulação política de uma ditadura. Dessa maneira, Victoria Ocampo se posiciona perante o peronismo como uma intelectual perseguida e não como uma representante das massas, o que, aliás, nunca se propôs a ser.

Victoria Ocampo desconsidera que, para as massas, as medidas sociais foram conquistas importantes, considerando-se a situação anterior, na qual tinham uma participação política ainda mais restrita, não contavam com uma legislação trabalhista efetiva e não dispunham nem sequer de instituições de assistência social das dimensões da Fundação Eva Perón, fundada em 1948. Victoria Ocampo não separou as intenções por vezes autoritárias do governo de Perón e as necessidades das massas. Reconhecer a importância das medidas sociais seria enfraquecer o anti-peronismo. No entanto, após a queda de Perón, as medidas sociais não puderam ser totalmente descartadas, pela necessidade de se conquistar as massas peronistas. O apoio ao peronismo reforçou a visão negativa que Victoria Ocampo já tinha das massas, em decorrência da Revolução Russa de 1917 e do nazi-fascismo. A adesão ao peronismo, influenciado pelo nazi-fascismo em alguns pontos, foi considerado como mais um sinal da vulgaridade das massas. Evidentemente que a condição econômica privilegiada de Victoria Ocampo pode ter colaborado para a desconsideração das medidas sociais<sup>11</sup>. No entanto, a explicação é insuficiente pelas perseguições que Victoria Ocampo sofreu e pelos acontecimentos na Europa desencadeados pelos totalitarismos, como o anti-semitismo e a Segunda Guerra Mundial.

Ainda como intelectual, Victoria Ocampo protesta contra a prisão do escritor Antonio di Benedetto<sup>12</sup>, preso pela ditadura de 1976, apesar de tê-la apoiado inicialmente. Victoria Ocampo critica essa ditadura, também, pelo aumento das hostilidades contra o Chile, pela polêmica fronteira do extremo sul e pela navegação do Canal de Beagle, fundamental para a Argentina se comunicar com a Província da Terra do Fogo, a mais

---

<sup>11</sup> Nesse sentido pode ser destacada a lei de aluguéis, que controlou os preços. Boa parte da herança de Victoria Ocampo estava aplicada em imóveis.

<sup>12</sup> Nasce em Mendoza em 2 de novembro de 1922. Sua obra mais conhecida, *Zama*, é publicada em 1956. Também se dedica ao jornalismo, tendo colaborado com o jornal liberal *La Prensa*. Após a prisão, se exila nos Estados Unidos, França e Espanha. Retorna à Argentina em 1985, mas falece no ano seguinte.

meridional das Províncias argentinas, desligada do continente<sup>13</sup>. A experiência singular com o peronismo não cegou Victoria Ocampo em relação aos abusos cometidos pelos militares.

Logo, a visão segundo a qual o intelectual não faz política sem uma união com o povo e a nação não se sustenta com a biografia de Victoria Ocampo, concorde-se ou não com ela. Como destaca Marc Bloch, não cabe ao historiador julgar o passado, mas sem perder a capacidade crítica, compreendê-lo. Tampouco se sustenta a visão de que os intelectuais cosmopolitas não se ocupam com o nacional e se preocupam somente com a cultura e não com a política, como se fosse possível separá-las completamente, ainda mais em um momento marcado pelo intervencionismo nazi-fascista e peronista na cultura.

Experiência semelhante tem Jorge Luis Borges. Anti-fascista e anti-peronista, pede demissão em 1946 de uma biblioteca municipal ao saber da sua transferência para o cargo de inspetor de aves, coelhos e ovos das feiras de Buenos Aires por ter apoiado os Aliados, as democracias liberais, na Segunda Guerra Mundial<sup>14</sup>. Além disso, em 1948, a mãe Leonor e a irmã Norah são presas em um protesto contra o governo de Perón. Borges tem, também, um sobrinho preso naqueles anos. Como Victoria Ocampo, Borges saudou os dois golpes de Estado contra o peronismo. Quanto ao primeiro, em 1955, escreveu na *Sur* que “(...) felizmente para la lucidez y la seguridad de los argentinos, el régimen actual ha comprendido que la función de gobernar no es patética”<sup>15</sup>. A relação de Borges com esse golpe foi além do apoio. Borges colaborou com os governos que se seguiram: após recusar ser embaixador argentino nos Estados Unidos, aceitou a direção da Biblioteca Nacional, que ocupou por dezessete anos até o retorno de Perón. Ao colaborar com esses governos em um momento no qual estava se tornando conhecido internacionalmente, Borges foi um dos principais instrumentos de legitimação do golpe de 1955. Em relação ao segundo, em 1976, Borges chegou a elogiar o general Jorge Rafael Videla, que governou do golpe até 1981, depois de almoçarem juntos. Mais uma vez, Borges foi um instrumento poderoso de

---

<sup>13</sup> A disputa entre Argentina e Chile pela região remonta ao século XIX e uma guerra somente foi evitada graças à intermediação do Papa.

<sup>14</sup> María Esther Vázquez, que colaborou com a *Sur*, faz uma ressalva sobre essa versão. De acordo com Vázquez, na biografia *Victoria Ocampo: el mundo como destino*, essa versão foi difundida por Borges, apesar da transferência ter sido para a Escola de Apicultura da Prefeitura de Buenos Aires, o que não descaracteriza sua perseguição política.

<sup>15</sup> BORGES, J. L. L'illusion comique. *Sur*, Buenos Aires, n° 237, novembro-dezembro de 1955.

legitimação, ainda mais que, nesse momento, o seu prestígio internacional já estava consolidado. No entanto, perante os milhares de desaparecimentos políticos provocados pela ditadura, Borges revê o seu posicionamento. O poeta argentino Juan Gelman lembra das seguintes palavras de Borges em um documentário inglês de 1982, quando os militares ainda estão no poder:

Al ser ciego y no leer los diarios, yo era muy ignorante. Pero la gente viene a mi casa (...), a contarme historias tristes sobre la desaparición de sus hijas, esposas, hijos, así que ahora estoy bien enterado. Durante un tiempo no supe nada de nada, las noticias no me llegaban, pero ahora esas cosas no pueden ser ignoradas. Sí, mucha gente me ha acusado de no estar al día. Pero, ¿qué podía hacer yo? Vivo solo, no conozco mucha gente, no leo los diarios. Sólo escucho lo que mis amigos me dicen y ellos pertenecen a otra clase. Pero ahora claro que sé sobre toda esa miseria y todos esos crímenes, uno detrás de otro. Es por eso que no hablé antes. (...) Ahora creo que sé más y me siento triste, amando como amo a mi país<sup>16</sup>.

Vale frisar que essas palavras são pronunciadas em um documentário inglês, o que as transformam em uma denúncia internacional contra a ditadura de 1976. Essa não é a única atitude de Borges contra os militares. Assina um manifesto das Mães da Praça de Maio contra o desaparecimento dos seus filhos e reforça as críticas aos militares perante o intento de guerra contra o Chile e, depois, com a Guerra das Malvinas<sup>17</sup>, inclusive, através da produção literária, considerada por muitos como apolítica. Nesse sentido, Borges escreve a *Milonga do morto*, sobre um soldado que morreu na guerra<sup>18</sup> e *Juan López e John Ward*, sobre um jovem argentino e outro inglês que poderiam ter sido amigos, mas se

---

<sup>16</sup> GELMAN, J. Borges o el valor. In: LAFFORGUE, M. E. (Org.). *Antiborges*. Buenos Aires: Vergara, 1999. p. 335. Publicado originalmente em 1993 no jornal argentino *Página/12*. Nascido em Buenos Aires em 1930, com a ditadura, Gelman se exilou durante doze anos. Seu filho e sua nora, na época grávida, estão entre os desaparecidos. Atualmente vive no México e é considerado como um dos principais poetas contemporâneos argentinos.

<sup>17</sup> Conflito armado entre a Argentina e a Inglaterra pela posse das ilhas de mesmo nome localizadas no Atlântico Sul, conhecidas pelos ingleses como Falklands. A questão, que se arrasta desde o período colonial, é contemplada por uma resolução da Organização das Nações Unidas (ONU), que defende o diálogo entre os países. Perante o desinteresse inglês em ceder as ilhas e a necessidade dos militares argentinos reverterem o desgaste provocado pelos desaparecimentos e pela crise econômica, a Argentina ocupa as Malvinas em 2 de abril de 1982. Em 1º de maio, a Inglaterra, com um maior poderio bélico e soldados mais bem treinados, bombardeia as Malvinas e, em 14 de junho, a Argentina se rende com algumas centenas de mortos e feridos, em sua maioria jovens soldados. Após um breve e parcial entusiasmo popular, a derrota desgasta ainda mais a ditadura e o retorno para a democracia é inevitável.

<sup>18</sup> “Lo sacaron del cuartel, le pusieron en las manos las armas y lo mandaron a morir con sus hermanos”. *Milonga do morto* tem música de Sebastian Piana.

matam no conflito<sup>19</sup>. Essas críticas são vistas como uma manobra de Borges para ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, que passa a valorizar novamente em público somente no final da vida, como se a crítica ao autoritarismo e às guerras não estivesse presente na sua obra inteira. Borges falece em 1986 sem ganhar o prêmio.

Alguns críticos consideram incompatível o apoio de Victoria Ocampo, Borges e outros colaboradores da *Sur* aos dois golpes de Estado, visto que se representam como liberais democráticos. Ainda que digno de críticas, considerar o apoio incompatível é desconsiderar a variedade de posicionamentos que a democracia liberal comporta, assim como o sentido de reação ao nazi-fascismo que assume na década de vinte e, sobretudo, com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. As perseguições durante o governo de Perón e suas semelhanças com o nazi-fascismo fizeram Victoria Ocampo, Borges e outros colaboradores da *Sur* considerar que, na Argentina, ser liberal democrático era ser anti-peronista. Como lembra Federico Neiburg, termos como “(...) *nacionalismo* e *liberalismo*, *peronismo* e *antiperonismo* (...) serviram para desenhar a geografia de campos de batalha “tipicamente argentinos”, nos quais se definiram os conteúdos da cultura nacional, assim como as características sociais dos seus intérpretes”<sup>20</sup>. Liberalismo e democracia nunca foram sinônimos, mas Victoria Ocampo, Borges e os colaboradores da *Sur* não eram apenas liberais. Defendiam o liberalismo enquanto caminho para a democracia, entendida genericamente, na maioria das vezes, como liberdade de expressão. Até mesmo no pensamento de um liberal democrata clássico como o inglês John Stuart Mill (1807-1873), a redução da liberdade é considerada necessária, em determinadas circunstâncias, para proteger a democracia da tirania da maioria<sup>21</sup>. Desse modo, o apoio de

---

<sup>19</sup> Bom exemplo do cosmopolitismo de Borges, da sua crítica ao nacionalismo. “López era nacido en la ciudad junto al río inmóvil; Ward, en las afueras de la ciudad por la que caminó Father Brown. Había estudiado el castellano para leer el Quijote. El otro profesaba el amor de Conrad, que le había sido revelado en una aula de la calle Viamonte. Hubieran sido amigos, pero se vieron una sola vez cara a cara, en unas islas demasiado famosas, y cada uno de los dos fue Caín, y cada uno, Abel”. BORGES, J. L. Juan López y John Ward. *Los conjurados*. Madri: Alianza, 1985.

<sup>20</sup> NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo: estudos de antropologia social e cultural*. São Paulo: Editora da USP, 1997. p. 14.

<sup>21</sup> “O despotismo é uma forma legítima de governo quando se está na presença de bárbaros, desde que o fim seja o progresso deles e os meios sejam adequados para sua efetiva obtenção”. À parte a subordinada concessiva (mas quem julga o fim e quem julga a adequação dos meios ao fim?), tal opinião de Mill em nada difere da tradicional justificação dos regimes despóticos, que já conforme Aristóteles eram vistos como adequados aos povos naturalmente servos”. BOBBIO, N. *Liberalismo e democracia*. Brasiliense, 1988. p. 67.

Victoria Ocampo, Borges e outros colaboradores da *Sur* aos dois golpes de Estado somente pode ser considerado incompatível a partir da visão atual de democracia liberal<sup>22</sup>.

O depoimento de Borges ao documentário inglês demonstra que os fins conscientemente procurados, lembrados por Marc Bloch, nem sempre se concretizam da maneira esperada. Ao condenar os militares, Borges demonstra que não via mais o peronismo como o maior, senão o único problema argentino.

As representações possibilitam a convivência, nada pacífica, de realidades e verdades na História, que estão entre os instrumentos de legitimação mais fortes e comuns em qualquer grupo social e político. Nesse sentido, o peronismo ascendeu ao poder colocando-se como guiado pela verdade. De acordo com Eva Perón, a segunda e mais conhecida das esposas de Perón, o peronismo haveria de definir “(...) su sentido como la revolución de la verdad”<sup>23</sup>. Victoria Ocampo, no número 237 da *Sur*, publicado logo após a queda de Perón com o sugestivo título *Por la reconstrucción nacional* e voltado inteiramente para uma discussão e crítica do peronismo, coloca aquele momento como oportuno para a verdade<sup>24</sup>. Oscar Masotta, na *Contorno*, escreve em uma crítica de 1956 que “Victoria Ocampo define al espíritu como concordancia con la verdad. ¿Dice la verdad entonces Victoria Ocampo? Lo hemos visto: no”<sup>25</sup>.

De acordo com Federico Neiburg, “(...) as palavras e seus significados são produtos sociais, sua história e seus conteúdos são inseparáveis do modo como elas são utilizadas, das realidades que descrevem e da crença na existência dessas realidades”<sup>26</sup>. Logo, as representações são práticas, não existe dualidade, antagonismo entre elas. A partir das representações, ações são definidas, acordos são selados e rompimentos acontecem. A representação é sempre a ponta de um iceberg. Daí a necessidade de sempre se relacionar as representações aos autores e às suas historicidades. No confronto de representações e na percepção das mudanças, as práticas são apreendidas de modo histórico. As representações

---

<sup>22</sup> “Hoje apenas os Estados nascidos das revoluções liberais são democráticos e apenas os Estados democráticos protegem os direitos do homem: todos os Estados autoritários do mundo são ao mesmo tempo antiliberais e antidemocráticos”. Ibid., p. 44.

<sup>23</sup> PERÓN, E. *Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996. p. LXXX.

<sup>24</sup> OCAMPO, V. La hora de la verdad. *Sur*, Buenos Aires, nº 237, novembro-dezembro de 1955. p. 2-8.

<sup>25</sup> MASOTTA, O. “Sur” o el antiperonismo colonialista. *Contorno*, Buenos Aires, nº 7-8, julho de 1956. p. 41. Nascido em Buenos Aires em 1930, Masotta se destacou como um dos grandes nomes da psicanálise na Argentina.

<sup>26</sup> NEIBURG, op. cit., p. 13-14.



tampouco implicam cair em uma História relativista que, ao justificar tudo e todos, impede qualquer debate e visão crítica.

Sob a perspectiva da representação, é preciso que os admiradores de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* sejam considerados tão inseridos politicamente quanto os críticos. Desprendida, visionária, corajosa, transgressora, feminista, democrática e moderna são representações insatisfatórias de Victoria Ocampo que somente ganham inteligibilidade quando comparadas com as críticas fortes e sintéticas. Sem desconsiderar esse cuidado, este trabalho parte de uma necessidade de se concentrar em uma crítica aos críticos, para resgatar a complexidade do pensamento de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur*.

O pensamento político desses intelectuais não pode ser reduzido a qualquer posicionamento tomado pelas revistas com as quais colaboraram, mesmo porque costumavam escrever para mais de uma publicação. Alguns dos jovens de esquerda da *Contorno* já tinham publicado na *Sur* ou se formaram lendo seus colaboradores, tanto que ficaram conhecidos como parricidas ao criticá-los. Vale lembrar, inclusive, que Jean-Paul Sartre, intelectual modelo da *Contorno*, foi publicado em mais de uma ocasião pela *Sur*, tanto pela revista quanto pela editora. Se a defesa do engajamento político do intelectual era um ponto de divergência com Sartre, a desconfiança do marxismo, da política tradicional, partidária, lhe aproximava de Victoria Ocampo e de muitos colaboradores da *Sur*. Em tempo, essa desconfiança era a principal diferença de Sartre em relação a Gramsci, ligado ao Partido Comunista Italiano (PCI).

Além disso, a *Sur* nem sempre assume posições claras e conjuntas. Como qualquer grupo de intelectuais, sua trajetória é marcada por diferenças internas, pouco exploradas pelos críticos que tendem a colocá-la como uma publicação homogênea e fechada. Desse modo, Victoria Ocampo não deve ser vista como a *Sur* e, tampouco, a revista como Victoria Ocampo. Nesse sentido, cabe lembrar, também, das inúmeras e longas viagens empreendidas por Victoria Ocampo pela Argentina e pelo exterior. Não que, durante as viagens, Victoria Ocampo se desligasse completamente da revista. Pelo contrário, nas cartas, revela uma preocupação constante com os novos números. No entanto, nessas ocasiões, o poder do chefe de redação certamente crescia e, por mais que fosse da sua confiança, não era ela, obviamente. Além disso, o cargo de chefe de redação é revezado

inúmeras vezes pelos colaboradores da *Sur*<sup>27</sup>. O grupo e as individualidades coexistem e se chocam constantemente. Apesar de uma não poder ser reduzida à outra, Victoria Ocampo não deve ser pensada sem a *Sur* e, também, a revista sem Victoria Ocampo. Quem escreve na *Sur* também demonstra seu pensamento, seja pelo compartilhamento de idéias, seja pela abertura ao diálogo.

A *Contorno* demonstra, em comparação com a *Sur*, como diferentes grupos políticos usam apelos muito semelhantes e compartilham representações predominantemente negativas das massas. Isso vale, também, comparando-se ambas publicações com o discurso peronista. Cada um, ao se colocar como dono da verdade, demonstra essa semelhança, o autoritarismo inerente ao jogo político. Outro exemplo é a aproximação entre direita e esquerda contra o governo de Perón. Assim como Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur*, a esquerda fez oposição. Se Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* estiveram distantes e foram críticos das massas, a esquerda também esteve e foi. Parte dessa esquerda, como os jovens da *Contorno*, somente revê seu posicionamento depois da queda de Perón, quando se afasta do marxismo e passa a valorizar as medidas sociais do peronismo e, desta maneira, a compreender o apoio que recebeu das massas. Nesse sentido, é significativo o relato de 1964 de Rodolfo Ortega Peña, ainda um jovem estudante quando participou da concentração na Praça de Maio que comemorou a queda de Perón:

Decidí fijarme en quienes estaban en la plaza. No era difícil determinarlo. Estaban las señoras gordas, los amigos de mis padres, los estudiantes. Era inútil buscar a los “cabecitas”. Ellos no estaban. A la tarde, al alejarnos del centro, del “barrio norte”, y acercarnos a los conventillos de la gran ciudad, advertimos miradas hoscas, recelosas, indignadas. El pueblo, el auténtico pueblo, vivía su derrota<sup>28</sup>.

---

<sup>27</sup> José Bianco, ou simplesmente Pepe Bianco, ocupou o cargo por vinte e três anos, a partir de 1938. Eventualmente, era substituído por outros colaboradores. Sua renúncia é indicativa das tensões internas da revista. Convidado pela Cuba comunista, participa de atividades promovidas pela Casa das Américas. Victoria Ocampo escreve uma declaração, na qual coloca que a revista condenava a viagem. Bianco, então, renuncia.

<sup>28</sup> PEÑA, R. O. Prologo. In: HERNÁNDEZ ARREGUI, J. J. *Imperialismo y cultura*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1973. p. 7-8. Ortega Peña é um exemplo da aproximação dos estudantes do peronismo, mais exatamente da esquerda peronista. Na década de setenta, participa da Frente Antiimperialista y por el Socialismo (FAS). Deputado, é assassinado pelas forças de repressão em pleno centro de Buenos Aires.

Essa mudança era bastante oportuna politicamente, pois se desejava conquistar o apoio das massas peronistas que, com a queda e o exílio de Perón, teriam ficado sem uma liderança. Considerando-se o discurso como um palco privilegiado da política, a semelhança quanto aos apelos e ao conceito negativo das massas recoloca a questão das reais alternativas que a Argentina dispunha entre as décadas de trinta e cinquenta. Além disso, mostra que o elitismo de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* em relação às massas, ponto central das críticas, guiava outros grupos sociais, intelectuais e políticos, tanto peronistas como de esquerda, que se colocam como populares. A própria *Contorno*, ao revisar o peronismo, se pergunta sobre isso. “¿(...) no será que los hombres de elite, progresistas o conservadores, liberales o totalitarios, socialistas o católicos, terminan todos por parecerse? “Educar a las masas, espiritualizarlas”, piden (...)”<sup>29</sup>.

Enfim, este trabalho se insere em uma historiografia mais recente, que tem resgatado criticamente o pensamento político e nacional desses intelectuais. Essa historiografia começa a se consolidar na década de oitenta com o impacto provocado pelos falecimentos de Victoria Ocampo e Borges<sup>30</sup>. Na década de noventa, os centenários de ambos continuam estimulando os debates, nacional e internacionalmente. Victoria Ocampo, Borges e outros colaboradores da *Sur*, vistos como estrangeiros em seu próprio país por décadas, passam a ser considerados como os principais literatos e representantes da intelectualidade da Argentina.

### **A incapacidade de compreender e interpretar o peronismo.**

De acordo com parte da historiografia, em decorrência das perseguições que sofreram, Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* nem compreendem, nem souberam interpretar o peronismo e, principalmente, o apoio das massas a Perón. Esse pensamento revela a herança positivista do distanciamento emotivo e temporal em relação ao objeto como condição imprescindível para um verdadeiro conhecimento. Os acontecimentos, ainda recentes, teriam sido vistos por Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* de modo

---

<sup>29</sup> MASOTTA, op. cit., p. 44.

<sup>30</sup> A revista argentina *Punto de Vista*, dirigida desde o final da década de setenta por Beatriz Sarlo, é fundamental para o aumento das discussões sobre o meio intelectual argentino pela revisão do legado de Borges e da *Sur* para a cultura argentina.

emotivo e maniqueísta em razão dos ressentimentos provocados pelas perseguições. Ao desqualificar a interpretação do peronismo de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* por esses motivos, parte da historiografia acredita na existência de um conhecimento neutro e objetivo, totalmente livre da influência de preferências e sentimentos pessoais ou coletivos de qualquer espécie. Como defende Pierre Ansart, os ressentimentos não são incompatíveis com o trabalho do historiador. De acordo com Ansart, os historiadores precisam historicizar os ressentimentos, pois a sua rememoração está profundamente relacionada com tentativas de legitimação social<sup>31</sup>.

John King escreve sobre o número 237 da *Sur* que “(...) es profundamente revelador, en su incapacidad de comprender el peronismo”<sup>32</sup>. Oscar Terán reforça esse ponto de vista ao destacar que a revista “(...) demostró una marcada incapacidad para analizar la experiencia peronista (...)”<sup>33</sup>. Até mesmo Emir Rodríguez Monegal, em um texto no qual valoriza o pensamento político de Borges, destaca essa incapacidade:

Ahora resulta obvio que Borges (...) se equivocó al juzgar tan negativamente muchos aspectos de la obra de Perón. No advirtió que, a pesar de su demagogia y su falta de respeto por el proceso democrático, Perón puso al día a la Argentina en materia de legislación social y en la protección de los derechos de los trabajadores. Tampoco advirtió que en su política internacional y en su oposición al capitalismo anglo-norteamericano, Perón tenía razón, aunque sus razones pudieran estar corrompidas por una concupiscencia financiera que lo hizo amasar una fortuna personal enorme. Es decir: Borges veía al fascista Perón, al demagogo Perón, al torturador Perón, al cachador Perón. No veía los otros aspectos de una personalidad, verdaderamente carismática (...). Pero si Borges no podía reconocer los aspectos positivos de Perón, tampoco los advertían los liberales que lo rodeaban, ni los izquierdistas (tanto los jóvenes parricidas como los viejos *aparatchiks*) que militaban en otros bandos<sup>34</sup>.

Ao colocar que somente depois os aspectos positivos do peronismo apareceram com nitidez, Monegal mostra a herança positivista do distanciamento como condição para o conhecimento. Além disso, Monegal destaca um argumento bastante presente na historiografia para explicar a representação negativa das massas por Victoria Ocampo e

---

<sup>31</sup> ANSART, P. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, M. S. M.; NAXARA, M. (Org.). *Memória e (re)sentimento*: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

<sup>32</sup> KING, J. *Sur*: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970). Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1989. p. 188.

<sup>33</sup> TERÁN, O. *Nuestros años sesentas*: la formación de la nueva izquierda intelectual argentina (1956-1966). Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1993. p. 81.

<sup>34</sup> MONEGAL, E. R. Borges y la política. *Revista Iberoamericana*, n° 100-101, julho-dezembro de 1977. p. 287.

colaboradores da *Sur*: como não teriam visto o outro lado do peronismo, não teriam compreendido o porquê do apoio das massas a Perón. Nesse sentido, John King coloca que o número 237 da revista se esqueceu que o peronismo foi “(...) uno de los pocos regímenes verdaderamente democráticos de la historia argentina”<sup>35</sup>. Exagero compartilhado com Monegal, que coloca Perón como uma personalidade verdadeiramente carismática na passagem acima. O exagero dos dois autores somente pode ser explicado pelo terror que as ditaduras que sucederam o peronismo representaram para a sociedade argentina. Para se ter uma idéia desse terror, somente na ditadura de 1976 teriam desaparecido cerca de trinta mil pessoas<sup>36</sup>. Perante isso, o autoritarismo peronista parece brando e a oposição a Perón, absurda. Nesse ponto, o anacronismo se revela e a democracia liberal que se seguiu ao final da ditadura de 1976 aparece com o referencial da historiografia que condena o apoio inicial de Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* aos militares. O exagero de King e Monegal somente teria sentido se Victoria Ocampo, Borges e outros colaboradores da *Sur* tivessem apoiado incondicionalmente os militares.

King ainda destaca, desta vez corretamente, que no número 237 o “(...) término masas es contrapuesto al de “democracia”. El primero se refiere a la horda ciega y manipulada; el segundo a la conducta de los ciudadanos pensantes”<sup>37</sup>. Nesse ponto, aparece o medo liberal da tirania da maioria como um perigo para a democracia. No entanto, essa representação negativa das massas merece ser aprofundada em pelo menos três aspectos.

Em primeiro lugar, a representação negativa das massas por Victoria Ocampo e pelos colaboradores da *Sur* antecede o peronismo. Nesse sentido, basta lembrar da influência do pensamento de José Ortega y Gasset, autor de *A rebelião das massas*, publicado em 1926, sobre o meio intelectual argentino. A influência começa na década de dez, quando realiza conferências e dá cursos no país, para onde retorna nas décadas seguintes. A influência aumenta em meados da década de vinte, quando se torna colaborador regular do jornal liberal *La Nación*. De acordo com a versão oficial, o nome

---

<sup>35</sup> KING, op. cit., p. 187.

<sup>36</sup> Para efeitos comparativos, durante a ditadura militar brasileira (1964-1985) teriam desaparecido aproximadamente duas mil pessoas. Logo, na última ditadura militar argentina teriam desaparecido cerca de quinze vezes mais pessoas do que durante a ditadura brasileira. Vale frisar que a população argentina é aproximadamente um sexto da brasileira e que a ditadura de 1976 durou apenas oito anos, contra vinte e um da brasileira.

<sup>37</sup> KING, op. cit., p. 187.

*Sur* foi sugerido por Ortega y Gasset de Madri em um telefonema para Victoria Ocampo, que estava em Buenos Aires. Sua *Revista de Occidente* e sua editora de mesmo nome serviram de modelos para Victoria Ocampo, que já tinha sido publicada por ambas. Ortega y Gasset chegou, ainda, a configurar no conselho estrangeiro da *Sur*, apesar da sua participação na revista ter sido limitada e de ter tido desentendimentos com Victoria Ocampo, a ponto de ter pedido para que seu nome fosse excluído da publicação<sup>38</sup>.

Em *A rebelião das massas*, Ortega y Gasset condena o avanço do que chama homem massa ou médio na sociedade. No entanto, antes de discorrer sobre esse homem, coloca-se como apolítico, assim como costumou representar sua revista e editora. Essa representação é compartilhada com Victoria Ocampo que, com os anos, passa a frisar que suas preocupações e a *Sur* eram apenas culturais e não políticas. A representação como apolítica embasou muitas críticas feitas contra Victoria Ocampo e a *Sur*. Contudo, a representação, além de procurar deslegitimar críticas políticas que lhes eram feitas, era uma maneira de condenar as pressões pelo engajamento político dos intelectuais, que vinham tanto da direita quanto da esquerda naquele momento. Vale lembrar que, em 1926, quando *A rebelião das massas* foi publicada, os fascistas já estavam no poder na Itália e a Revolução Russa estava prestes a completar uma década. Segundo Ortega y Gasset, tanto a direita quanto a esquerda eram formas de imbecilidade e de falsificar a realidade, do mesmo modo que o nacionalismo. Exemplo disso seria que “(...) as direitas prometem revoluções e as esquerdas propõem tiranias”<sup>39</sup>, em uma clara referência aos Estados italiano e soviético, respectivamente.

De acordo com Ortega y Gasset, o homem das massas é homogêneo em pensamentos e atos, que seriam marcados por uma irracionalidade e violência que desprezariam o espírito e não aceitariam a pluralidade. A homogeneidade revelaria a ausência de identidade, personalidade, enfim, senso crítico, o que faria com que esse homem fosse facilmente influenciado e manipulado. Considera, ainda, que esse homem é acomodado e cínico, o que lhe tornaria merecedor de uma condição coadjuvante na

---

<sup>38</sup> A obra de Ortega y Gasset foi interpretada por grupos franquistas como um pensamento conservador de direita. A apropriação, somada ao silêncio do filósofo espanhol sobre o triunfo de Franco e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, provoca um gradual distanciamento dos republicanos. Hostilizado por alguns colaboradores da *Sur*, pede para seu nome ser excluído da revista, ainda que tenha mantido a amizade com Victoria Ocampo.

<sup>39</sup> ORTEGA Y GASSET, J. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1971. p. 35.

sociedade. Contra esse homem, principal base social dos totalitarismos de direita e esquerda, defende o homem das elites intelectuais que, com a cultura, esclareceria, não confundiria como os políticos e o homem massa, considerados torpes.

Dessa maneira, ao colocar-se como apolítico e condenar a direita e a esquerda, assim como o avanço das massas na sociedade, Ortega y Gasset defende a autonomia dos intelectuais, da arte e do pensamento perante a política crescentemente autoritária e a vulgaridade atribuída ao homem massa. Chega a defender uma espécie de sociedade aristocrática, na qual as diferenças estariam determinadas pelo saber. Apesar de reconhecer deficiências, considerava que o liberalismo era uma forma de se proteger o saber e a liberdade de expressão perante o Estado para se alcançar o progresso cultural da humanidade. Desse modo, o liberalismo de Ortega y Gasset é mais político do que econômico, não implica uma defesa do capitalismo e do imperialismo, assim como o de Victoria Ocampo e da *Sur*. Em poucas palavras, a crítica ao homem médio é uma crítica ao Estado totalitário de massas em ascensão, tendo em vista preservar a liberdade dos intelectuais:

(...) o caso é que o homem massa crê, com efeito, que ele é o Estado, e tenderá cada vez mais a fazê-lo funcionar a qualquer pretexto, a esmagar com ele toda minoria criadora que o perturbe – que o perturbe em qualquer ordem: em política, em idéias, em indústria<sup>40</sup>.

Dessa maneira, motivações pessoais e o contexto, talvez o instrumento mais tradicional de explicação histórica, não bastam para se compreender a representação negativa das massas durante o governo de Perón por Victoria Ocampo e pelos colaboradores da *Sur*. A representação deve ser compreendida, também, a partir de uma tradição interpretativa que encontra paralelos no peronismo e é reinterpretada<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> Ibid., p. 144.

<sup>41</sup> Evidentemente que não é Ortega y Gasset quem começa a tradição interpretativa sobre as massas. Tampouco essa tradição é homogênea. Existem inúmeras diferenças entre os autores, causadas pelo pertencimento a diferentes grupos políticos e por situações históricas específicas. No entanto, chama a atenção o elitismo em comum, o dirigismo sobre as massas, a desqualificação dos seus pensamentos e atitudes. Mais contemporaneamente, Gustave Le Bon é apontado como um dos pioneiros da interpretação das massas. Sua obra mais conhecida, *Psicologia das multidões*, é uma reação ao movimento popular representado pela Comuna de Paris (1871). “As multidões acumulam, não a inteligência, mas a mediocridade”. LE BON, G. *Psicologia das multidões*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia., 1954. p. 9.

Vale lembrar que Perón se colocava como o único e verdadeiro representante das massas e dos interesses nacionais e que, por isto, o engajamento dos intelectuais ao peronismo seria uma necessidade, uma atitude inevitável e irreversível. Em 13 de novembro de 1947, perante uma comissão de intelectuais, Perón declarou que estes deveriam “(...) agruparse en una sola organización para luchar por la obtención común a todos: el objetivo de la Nación”<sup>42</sup>.

Além disso, em meados da década de cinquenta, Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur* voltaram a sofrer fortes pressões da esquerda pelo engajamento político dos intelectuais, pressões com as quais conviviam desde a década de trinta. Segundo Juan José Sebreli, um dos jovens *Contorno*, a “(...) literatura fantástica que se había convertido en los años 40 y 50 en el género preferido de algunos miembros del grupo *Sur* (...) nos dejaba indiferentes a quienes éramos partidários del realismo”<sup>43</sup>. O engajamento deveria, assim, se manifestar na produção literária, que consideravam um meio eficiente de reflexão e ação sobre a sociedade, com o intuito de transformá-la de modo progressista, revolucionário. Em outras palavras, a Literatura era vista como um instrumento privilegiado de conscientização. Dessa maneira, as pressões que vinham da direita e esquerda sobre os intelectuais, denunciadas por Ortega y Gasset, também foram sentidas por Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur*.

Um segundo ponto a ser considerado sobre a incapacidade de Victoria Ocampo e dos colaboradores da *Sur* em compreender e interpretar o peronismo é que os aspectos positivos do governo de Perón também não são vistos pela esquerda, ponto lembrado por Emir Rodríguez Monegal. Apesar de parte da esquerda ter revisto sua oposição em 1955, como os jovens da *Contorno*, parte dela, a chamada esquerda liberal<sup>44</sup>, continuou anti-peronista e colaborou, inclusive, com o projeto de desperonização da sociedade argentina empreendido pelos presidentes que sucederam Perón. Dentre as medidas desperonizadoras, destacam-se a decretação da ilegalidade do peronismo, o afastamento de intelectuais peronistas das universidades, o fechamento da Fundação Eva Perón, o

---

<sup>42</sup> El presidente de la nación argentina, Gral. Juan Perón, se dirige a los intelectuales, escritores, artistas pintores y maestros. 1947. p. 19.

<sup>43</sup> SEBRELI, J. J. Borges: nihilismo y literatura. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madri, nº 565-566, julho-agosto de 1997. p. 95.

<sup>44</sup> O termo é empregado por alguns autores para se referir aos intelectuais de esquerda que discordavam do modelo soviético de revolução e sociedade.



seqüestro do cadáver de Evita<sup>45</sup> e a proibição de hinos e símbolos peronistas. Depois de 1955, o autoritarismo continua muito presente na sociedade argentina, apenas com vítimas diferentes. Pretendia-se acabar com o apoio das massas que Perón manteve mesmo depois da queda e do exílio. Exemplo de como parte da esquerda continua anti-peronista pode ser encontrado em Gino Germani, considerado o pai da Sociologia argentina. Italiano, chega à Argentina na década de trinta, depois de ficar um ano preso na Itália de Mussolini pelas suas ligações com o socialismo. Sobre a desperonização, Germani coloca o seguinte:

A chamada “desperonização” da massa das classes populares argentinas constitui um problema muito distinto. Por um lado, trata-se, inegavelmente, de uma questão de educação; por outro, só este aspecto seria insuficiente. O que se precisa a este respeito não está, de nenhum modo, numa *mudança de mentalidade*, mas em *oferecer à ação política dessas massas uma mudança de possibilidades que lhes permitam alcançar seus objetivos “reais”* (...) <sup>46</sup>.

A representação negativa das massas é inquestionável. Seu apoio a Perón é explicado como falta de educação, motivo pelo qual teriam sido enganadas pelo seu governo, que não teria atendido suas reais necessidades. Logo, apenas os anti-peronistas poderiam atendê-las. Germani mostra que a oposição entre massas e democracia não é uma particularidade de Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur*, assim como o apoio ao golpe militar de 1955. As massas sempre aparecem como equivocadas, a serem contidas ou educadas, seja no personalismo peronista, na defesa das elites intelectuais de Ortega y Gasset, Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur*, na Literatura engajada dos jovens da *Contorno* ou na política de desperonização apoiada por Germani.

Desse modo, ainda que tenha sido uma revista de elite, nas páginas da *Sur* encontram-se posicionamentos que eram compartilhados com outros grupos sociais e políticos. A *Sur* foi uma revista de elite, mas não estava isolada. Nesse sentido, o *La*

---

<sup>45</sup> Falecida em 1952 aos 33 anos, em decorrência de um câncer no útero, Eva Perón tem o corpo embalsamado. O velório dura duas semanas, mobiliza a Argentina inteira e é usado politicamente. Os militares que assumem em 1955, preocupados com o aumento da devoção popular em torno de Evita, resolvem desaparecer com o corpo, guardado na Confederação Geral do Trabalho (CGT). Após rodar misteriosamente por Buenos Aires, é enterrado com nome falso na Itália, até ser devolvido a Perón, na Espanha, em 1971, depois dos montoneros, guerrilha peronista de esquerda, seqüestrar e assassinar o ex-presidente e general Pedro Eugenio Aramburu (1955-1958), que autorizou o seqüestro do corpo. A Literatura oferece um dos relatos mais interessantes sobre a trajetória do corpo de Eva Perón, *Santa Evita*, do argentino Tomás Eloy Martínez.

<sup>46</sup> GERMANI, G. *Política e sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas*. São Paulo: Mestre Jou, 1973. p. 289.

*Nación*, que tem uma das maiores circulações na Argentina até os dias atuais, também apresentava uma postura bastante próxima em relação às massas e ao peronismo. A propósito, Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* publicaram, inúmeras vezes, no suplemento cultural do jornal. Seguramente, a influência da *Sur* ultrapassa os cinco mil exemplares em média por número, considerando-se que seu público era formado, principalmente, pelos chamados formadores de opinião<sup>47</sup>.

O terceiro ponto a ser ponderado a respeito da incapacidade interpretativa de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* perante o peronismo também pode ser desenvolvido através de Germani, considerado, até mesmo pelos críticos, base para qualquer estudo sobre o peronismo. Assim como Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur*, Germani também é perseguido durante o governo de Perón<sup>48</sup>. Se a interpretação do peronismo de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* é desconsiderada pelas perseguições, a interpretação de Germani também deveria ser, assim como toda a historiografia sobre o peronismo, sua herdeira em maior ou menor grau. Ampliando o raciocínio, todo conhecimento produzido nas universidades argentinas deveria ser desconsiderado. Antonio Emilio Castello lembra que toda a história da universidade argentina é marcada por intervenções, a primeira, já no século XVIII, com a expulsão dos jesuítas<sup>49</sup>.

Semelhante a Germani, segundo o qual o peronismo enganou, iludiu as massas, Borges intitula seu texto no número 237 da *Sur* como *L'illusion comique*, no qual o peronismo é colocado como uma ilusão cômica, como mostra o título. As semelhanças não

---

<sup>47</sup> Victoria Ocampo considerava a média de cinco mil exemplares bastante expressiva, considerando-se a população argentina. Como lembra Oscar Hermes Villordo, no balanço “(...) que realiza em 1961, en los treinta años, recuerda con orgullo que la tirada de la *Partisan Review* de los Estados Unidos es de unos cinco mil ejemplares, en un país de 182.000.000 de habitantes, y la de *Sur*, de cinco mil, en un país de 20.000.000”. VILLORDO, O. H. *El grupo Sur: una biografía colectiva*. Buenos Aires: Planeta, 1994. p. 240.

<sup>48</sup> Juntamente com outros professores, Germani renuncia ao cargo, logo depois de assumir a cadeira de professor assistente do Instituto de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Letras (FfeL) da Universidade de Buenos Aires (UBA). Nos anos seguintes, precisa retomar a atividade de contador – tinha estudado Administração na Itália – e trabalha em editoras como tradutor e escrevendo apresentações e prólogos. No entanto, também colabora com centros independentes de ensino e pesquisa como o Colégio Livre de Estudos Superiores (CLES), o que lhe ajudaria a sair de uma posição relativamente marginal para o centro da Sociologia argentina depois da queda de Perón, quando se torna chefe do Departamento de Sociologia da UBA.

<sup>49</sup> CASTELLO, A. E. De la universidad jesuítica a la universidad liberal. *Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 147, agosto de 1979. p. 9-20.

se esgotam nesse ponto e, tampouco, na representação negativa das massas<sup>50</sup>. Flavia Fiorucci indica, através de uma comparação com a historiografia, a capacidade interpretativa de Victoria Ocampo e da *Sur* em relação ao peronismo. Apesar de não explorar profundamente a questão, faz uma ressalva importante:

En principio, cabe aclarar que hay una diferencia sustancial: Germani se propone **teorizar** sobre el peronismo, objetivo que *Sur* no tiene, por lo que en niveles de profundidad y formalidad hay un abismo, aspecto que no es lícito criticar en tanto Germani y *Sur* tienen objetivos esencialmente diversos<sup>51</sup>.

Como se infere de Fiorucci, não se trata de igualar a *Sur* com a historiografia sobre o peronismo, mas as semelhanças entre uma e outra são um outro indício da inserção política da revista.

### **A revista *Sur* como pura e exclusivamente cultural.**

A *Sur* foi assim representada por Victoria Ocampo em inúmeras ocasiões e, mais exatamente, com essas palavras, no vigésimo aniversário da revista, em 1951, em pleno governo de Perón. O mesmo era feito constantemente por outros colaboradores. Essa representação não é frisada nos primeiros números e se torna mais comum na medida em que os totalitarismos de direita e esquerda se fortalecem na Europa e, principalmente, o peronismo na Argentina.

Um exemplo de como essa representação não visava caracterizar a revista, mas deslegitimar críticas de cunho político que lhe eram feitas e ignorar as pressões pelo engajamento político dos intelectuais, é dado por Maria Esther Vázquez, ex-colaboradora da *Sur*, em uma biografia de Victoria Ocampo de 2002. Vázquez coloca que Victoria

---

<sup>50</sup> Para mencionar apenas mais um exemplo, no conto *La fiesta del Monstruo*, relato da ida de um jovem peronista a um comício de Perón, o Monstro, na Praça de Maio, Borges e Adolfo Bioy Casares, como Germani, mostram, além da massificação provocada pelo peronismo, que sua base social residia especialmente no jovem proletariado do interior e da Grande Buenos Aires. “Todos éramos (...) de corta edad, todos del Sur y nos precipitábamos al encuentro de nuestros hermanos gemelos, que en camiones idénticos procedían de Fiorito y de Villa Domínico, de Ciudadela, de Villa Luro, de La Paternal (...)”. BIOY CASARES, A.; BORGES, J. L. *La fiesta del Monstruo*. In: OLGUÍN, S. (Org.). *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo*. Buenos Aires: Norma, 2000. p. 48. O conto, escrito em 1947, somente foi publicado em 1955, depois da queda de Perón.

<sup>51</sup> FIORUCCI, F. *La revista Sur y el peronismo (1945-1955)*. Trabajo de licenciatura – Departamento de Humanidades, Universidad de San Andrés. p. 73.

Ocampo, perante o aumento do autoritarismo e da repressão no segundo mandato de Perón, permaneceu tranqüila e, contra os conselhos de amigos e parentes, voltou de uma estadia na Europa, pois “(...) vivía bastante retirada de la vida social y mundana (...)”<sup>52</sup> e, além disto, “(...) la revista *Sur* era totalmente apolítica; sus artículos tenían como punto de partida y de llegada la literatura”<sup>53</sup>. Assim, não teria o que temer. Em seguida, Vázquez comenta a prisão de Victoria Ocampo em 1953. Desse modo, o peronismo aparece como um governo arbitrário, autoritário, desesperado, a ponto de ter prendido uma senhora idosa que não entenderia absolutamente nada de política. De acordo com Vázquez, na delegacia, Victoria Ocampo “(...) pidió que tuvieron en cuenta su edad; tenía sesenta y tres años. Se le rieron en la cara”<sup>54</sup> e, sem “(...) ninguna explicación, la internaron en la cárcel de El Buen Pastor: se la considero una presa política”<sup>55</sup>.

A acusação é inusitada e chega a ser cômica: Victoria Ocampo teria participado de um atentado à bomba contra Perón na Praça de Maio em abril de 1953. Apesar disso, naquele momento marcado pelo endurecimento do governo, Victoria Ocampo é um alvo consciente: seu anti-peronismo era público, ainda que aparecesse de forma velada em conferências e na *Sur* durante o governo de Perón. Nesse período, Victoria Ocampo e a revista realmente não publicaram nenhum texto específico sobre o peronismo. No entanto, não há como ler seus inúmeros textos defensores da democracia, críticos das ditaduras ou, ainda, insatisfeitos com a vida cultural argentina, sem considerar a presença de Perón na Casa Rosada.

Essa oposição velada fez com que seus colaboradores e simpatizantes representassem Victoria Ocampo como uma mártir inocente, mas corajosa. Segundo Vázquez, “Victoria aceptó la cárcel con mansedumbre, nunca se quejó. Ante su familia que iba a verla se mostraba de buen humor”<sup>56</sup>. Vale destacar que a aceitação do destino é um

---

<sup>52</sup> VÁZQUEZ, M. E. *Victoria Ocampo: el mundo como destino*. Buenos Aires: Seix Barral, 2002. p. 233. Essa biografia é uma versão ampliada da publicada em 1991 pela Editora Planeta para a *Coleção Mulheres Argentinas*, dirigida por Félix Luna. Segundo a autora, essa biografia não é uma nova edição, mas um novo livro.

<sup>53</sup> Ibid., p. 233.

<sup>54</sup> Ibid., p. 235.

<sup>55</sup> Ibid., p. 235.

<sup>56</sup> Ibid., p. 236. De maneira semelhante é relatada a prisão de Norah, irmã de Borges. Na página seguinte, Vázquez coloca que “Norah le escribió a su madre que no se afligiera, que la cárcel era un lugar muy lindo, con un patio muy simpático cuyo piso estaba hecho con baldosones blancos y negros como un tablero de ajedrez y que le recordaba el patio de la casa de la calle Serrano y que esse recuerdo la hacía muy feliz.

aspecto fundamental na representação de mártires. Alertada sobre o aumento do autoritarismo e da repressão, Victoria Ocampo teria retornado assim mesmo para a Argentina. Teria protestado, em vão, contra a detenção. Teria passado fome. Na cadeia, administrada por religiosas, teria lido apenas a Bíblia e livros de santos. Teria vivido de igual para igual com as demais detentas:

Entre Victoria Ocampo y las otras reclusas (había una pobre muchacha acusada de infanticidio y otra que había matado a un hombre) se inició una gran camaradería; no existía entre ellas diferencias de ningún tipo. Victoria las entretenía contándoles cuentos, sintetizando novelas, representando los diversos personajes de obras teatrales que sabía de memoria<sup>57</sup>.

Ao colocar que entre Victoria Ocampo e as demais detentas não existiram diferenças, Vázquez questiona a representação de Perón e Evita como os únicos que poderiam se aproximar das massas, representá-las. Mais especificamente, questiona Eva Perón como a legítima representante das mulheres argentinas, ao destacar o entrosamento de Victoria Ocampo com as outras presas. Vázquez questiona, ainda, a visão peronista segundo a qual a cultura é uma necessidade secundária das massas, pois Victoria Ocampo teria entretido as detentas com contos, romances e peças de teatro.

Essas leituras parecem exageradas para uma biografia de 2002. No entanto, o peronismo ainda é a principal força política da Argentina e Vázquez, além de ter colaborado com a *Sur*, se tornou uma espécie de porta-voz, representante dos seus colaboradores. Além de ter escrito biografias de Victoria Ocampo e Borges, Vázquez participa de associações que cuidam das propriedades de Victoria Ocampo que restaram e do patrimônio cultural, representado por uma vasta biblioteca, manuscritos, cartas e obras de arte. Nos seus textos, Vázquez apenas retoma, ainda que radicalize em alguns pontos, o discurso de Victoria Ocampo, Borges e outros colaboradores da *Sur*.

No relato de Vázquez sobre a prisão, há inclusive um traidor, o que reforça a representação de Victoria Ocampo como uma mártir. Trata-se do porteiro da casa de San Isidro, ao norte de Buenos Aires. Peronista, teria indicado aos policiais que Victoria Ocampo estava na casa de Mar del Plata, balneário localizado ao sul da Província de

---

Además, era un sitio donde se podía descansar realmente porque una no estaba obligada a ir a cócteles, que son la organización de la incomodidad”.

<sup>57</sup> Ibid., p. 235-236.

Buenos Aires. Arrependido como Judas, teria pedido perdão. Como Cristo, Victoria Ocampo teria lhe perdoado e mantido em seu emprego.

Dessa maneira, os apelos religiosos aparecem como um elemento do discurso político comum a diferentes movimentos, tendências e partidos. Isso porque os apelos religiosos também estão presentes no discurso peronista. Perón e Evita se colocavam constantemente como salvadores, messias, mártires, o que se perpetuou em uma parcela expressiva da população, principalmente depois das ditaduras e inúmeras crises econômicas. O apelo religioso, messiânico, também existe na esquerda: a Literatura engajada defendida pela *Contorno* e a Sociologia de Germani aparecem como reveladoras do melhor, do verdadeiro caminho a ser seguido pelas massas. No apelo religioso se encaixa, ainda, o uso da verdade como instrumento de legitimação por esses grupos.

A diferença é que, no peronismo, o apelo é mais explícito. A exposição da doença de Eva Perón até falecer com pouco mais de trinta quilos, ainda bastante jovem, exemplifica a representação como uma mártir. Além disso, Evita aproximava Perón de Cristo. Nas suas palavras, com o peronismo, repetiu-se, “(...) sem variantes, o caso de Belém, ocorrido um bimilênio atrás: os primeiros a acreditarem haviam sido os humildes, os desamparados; não os ricos, não os sábios, não os poderosos”<sup>58</sup>. Ao colocar os sábios como incrédulos, Eva Perón demonstra o anti-intelectualismo peronista.

Cabe comentar que, nas cartas de Victoria Ocampo a Caillois, a versão de Maria Esther Vázquez sobre a prisão é questionada, sobretudo no que se refere ao desejo de Victoria Ocampo retornar para a Argentina, mesmo consciente do aumento do autoritarismo e da repressão durante o segundo mandato de Perón. Em 26 de junho de 1951, comenta que peronistas pintaram cruzes na entrada de uma propriedade sua e manifesta desejo de sair do país. “Quisiera partir. Pero el peso no vale nada”<sup>59</sup>. Desse modo, ao lado da coragem defendida por Vázquez, questões financeiras aparecem como possíveis causas da volta. Como mostra a carta, a repressão já tinha aumentado antes da partida, ainda no primeiro mandato e a viagem ganha ares de fuga, o que não combina com sua representação como uma mártir feita por Vázquez.

---

<sup>58</sup> PERÓN, E. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos. p. 33-34.

<sup>59</sup> FELGINE, O. *Correspondencia Victoria Ocampo-Roger Caillois (1939-1978)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 221.

De volta à *Sur* como pura e exclusivamente cultural, sua definição como uma revista de literatura é a mais comum no que se refere ao conteúdo, mas é incompleta. Nesse sentido, John King destaca que a revista foi uma “(...) elegante fusión de literatura, poesía, filosofía, artes plásticas, historia y comentarios sociales”<sup>60</sup>. Por isso, Flavia Fiorucci coloca a *Sur* como uma revista cultural, sem que isto exclua a política da publicação. A relação entre cultura e política também é frisada por Nora Pasternac:

Las discusiones y posiciones políticas se desarrollan en el campo de la cultura y en el de los proyectos estéticos y críticos tanto como en el de la política. Y cada grupo de intelectuales representantes de cada tendencia tiene sus instancias de legitimación y consagración a partir de revistas, secciones culturales en los diarios, centros de debate y voceros conocidos en las universidades<sup>61</sup>.

Resumindo, a representação da *Sur* como uma revista pura e exclusivamente cultural, desinteressada pela política, não pode ser vista desconsiderando-se as pressões políticas que Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur* estavam sofrendo.

### **Victoria Ocampo, a revista *Sur* e o liberalismo argentino.**

Além de Ortega y Gasset, o liberalismo de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* deve ser pensado através da tradição liberal argentina iniciada no século XIX, que tem Domingo Faustino Sarmiento, presidente entre 1868 e 1874, como um dos principais expoentes.

No século XIX, Sarmiento considera que a Argentina é um país marcado pelo embate entre civilização e barbárie. Unitário, vê no federalismo uma encarnação da barbárie e se exila duas vezes no Chile, pois Juan Manuel de Rosas, governador da Província de Buenos Aires, exercia um controle muito grande sobre o restante do país. Félix Luna concorda que “(...) embora Rosas falasse da Federação e consagrasse seu lema

---

<sup>60</sup> KING, op. cit., p. 11. Uma discussão a respeito do conteúdo da *Sur* foi um dos episódios da profícuca, mas tensa amizade entre Borges e Victoria Ocampo. Em uma entrevista a Jean de Milleret, Borges declara que notas sobre cinema, teatro e concertos não interessavam a Victoria Ocampo, que preferiria assuntos relacionados à Literatura. Victoria Ocampo responde o seguinte. “Remito al lector al índice de SUR. Desde el comienzo de la revista hay pruebas de lo contrario, muchas firmadas por el mismo Borges”. OCAMPO, V. Fe de erratas: entrevistas Borges-Milleret. *Testimonios*: series sexta a décima. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 206.

<sup>61</sup> PASTERMAC, N. *Sur*: una revista en la tormenta. *Los años de formación (1931-1944)*. Buenos Aires: Paradiso, 2002. p. 17.

como federal, na prática encabeçou um regime absolutamente centralizador”<sup>62</sup>. Ainda segundo Sarmiento, a base social de Rosas estaria no campo, marcado pelo atraso, ignorância, enfim, barbárie, que contrastaria com o progresso, a cultura, enfim, a civilização de Buenos Aires, que estaria mais perto da Europa do que do próprio interior argentino<sup>63</sup>. Aliás, uma das soluções para o interior, para o país, seria a imigração de europeus.

Desse modo, Sarmiento representa para Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* um modelo de intelectual, democrata e preocupado com a cultura e o desenvolvimento do país. A valorização da Europa é vista como traço do caráter de um cosmopolita. Nos seus exílios vêem as perseguições que sofriam. Por esses motivos, sobretudo depois da ascensão de Perón, Sarmiento é considerado como um modelo de pensamento e conduta pelos anti-peronistas.

A herança de Sarmiento em Victoria Ocampo e na *Sur* é destacada consensualmente pela historiografia. No entanto, há divergências quanto ao grau dessa herança. Flavia Fiorucci coloca que o pensamento de Sarmiento se manifesta na *Sur* pela desconfiança das massas, pelo anti-personalismo, pelo ideal civilizatório calcado na Europa e por considerarem o liberalismo fundamental para o desenvolvimento econômico e o progresso material<sup>64</sup>. Os dois últimos pontos merecem ser ponderados, pois nem sempre a Europa aparece no pensamento de Victoria Ocampo e na *Sur* como um exemplo de ideal civilizatório. Além disso, seu liberalismo, semelhante ao de Ortega y Gasset, é mais político do que econômico. É um liberalismo preocupado fundamentalmente com a liberdade de expressão, com o intuito de garantir a autonomia do intelectual. Já em Sarmiento, essa preocupação divide espaço com a questão econômica. Também é questionável a visão de Ricardo Piglia. Apesar de colocar a retomada da tradição liberal argentina pela *Sur* como uma mostra de civismo, coloca que a revista saiu “(...) con cincuenta años de atraso. De allí que la revista conserve, todavía hoy, el prestigio, un poco

---

<sup>62</sup> LUNA, F. *Breve história dos argentinos*. Rio de Janeiro: Instituto Cultural Brasil-Argentina; Quartet, 1996. p. 55.

<sup>63</sup> “(...) os progressos da civilização se acumulam em Buenos Aires somente; o pampa é um péssimo condutor para levá-la e distribuí-la nas províncias (...)”. SARMIENTO, D. F. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 69. Obra mais conhecida de Sarmiento, é lançada em 1845 durante o exílio no Chile.

<sup>64</sup> FIORUCCI, op. cit., p. 7.



ingenuo, de su anacronismo”<sup>65</sup>. Nora Pasternac refuta tanto o liberalismo da *Sur* em termos econômicos quanto seu anacronismo e destaca os significados específicos que assume naquele momento:

(...) en la coyuntura de la década de los años treinta: se opone a una serie de ideas y movimientos de corte nacionalista, conservador y reaccionario que rompieron con una tradición de democratismo y alternancias electorales en Argentina que, por lo menos en el plano ideológico y social, había mostrado cierta dosis de funcionalidad, tradición que fue interrumpida por el golpe militar de derecha de Uriburu en 1930<sup>66</sup>.

É verdade que o liberalismo entra em crise na década de vinte e, sobretudo, em 1929, com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque. No terreno acadêmico, a crise se manifesta com o revisionismo histórico argentino, que lança uma crítica contundente a Sarmiento e à tradição liberal. Segundo os revisionistas, Rosas, justamente o maior adversário político de Sarmiento, é o grande governante do país pelo nacionalismo e luta contra o imperialismo<sup>67</sup>. Como destaca Maria Lígia Coelho Prado, “(...) a partir de uma ótica nacionalista, Rosas assumiu o papel do “verdadeiro” representante da “argentinidade” e o gaúcho do campo transformou-se na expressão da essência do ser nacional”<sup>68</sup>. No entanto, apesar da crise, algumas das alternativas ao liberalismo naquele momento resultam nos totalitarismos de direita e esquerda. Radicalizando, pode-se afirmar que o liberalismo de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* é tanto convicção quanto falta de opção. Afinal de contas, criticam as democracias liberais existentes e o capitalismo em mais de uma ocasião, pedem e propõem reformas.

A desconfiança das massas é uma das maiores influências do pensamento de Sarmiento em Victoria Ocampo e na *Sur*, ao lado do cosmopolitismo e da defesa da liberdade de expressão. Sarmiento coloca a base social de Rosas no campo, que via como bárbaro. “Rosas não inventou nada; seu talento consistiu apenas em plagiar seus antecessores e fazer dos instintos brutais das massas ignorantes um sistema meditado e

---

<sup>65</sup> In: BASTOS, M. L. Escrituras ajenas, expresion propia: *Sur* y los *Testimonios* de Victoria Ocampo. *Revista Ibero-americana*, nº 110-111, janeiro-junho de 1980. p. 126.

<sup>66</sup> PASTERNAK, op. cit., p. 27.

<sup>67</sup> De acordo com os revisionistas, enquanto Sarmiento defendia a imigração de europeus e o livre-cambismo, Rosas teria primado por medidas protecionistas, como demonstrariam os conflitos com a França e a Inglaterra, nações mais poderosas da época. Além disso, defendem que Buenos Aires nem sempre foi mais desenvolvida do que o interior, mas somente depois que a burguesia comercial impôs o seu domínio.

<sup>68</sup> PRADO, M. L. C. Prefácio à edição brasileira. In: SARMIENTO, op. cit., p. 30.

coordenado friamente”<sup>69</sup>. Sarmiento considera que as massas são presas ao presente, não conseguem estender seus olhares para o futuro. Com a ascensão de Perón, os anti-peronistas colocam sua base social nessas mesmas massas bárbaras e ignorantes. No conto *La fiesta del Monstruo* de Borges e Bioy Casares, isso aparece quando a massa peronista mata um judeu, símbolo de uma cultura cosmopolita:

Era un miserable de cuatro ojos, sin la musculatura del deportivo. El pelo era colorado; los libros, bajo el brazo y de estudio. Se registró como un distraído (...). Bonferraro (...) dijo que él no iba a tolerar que un impune desacatara el estandarte y foto del Monstruo. (...). Tonelada (...) le dijo al rusovita que mostrara un cachito más de respeto a la opinión ajena, señor, y saludara a la figura del Monstruo. El otro contestó con el despropósito que él también tenía su opinión. El Nene, que la explicaciones lo cansan, lo arrempujó con una mano (...). Lo empujó a un terreno baldío (...) y el punto vino a quedar contra los nueve pisos de una pared senza finestra ni ventana. (...) el pobre quimicointas acorralado que, vaya usted a saber, se irritaba. (...) nos abrimos como abanico dejando al descubierto una cancha del tamaño de un semi-círculo, pero sin orificio de salida, porque de muro a muro estaba la merza. Todos bramábamos como el pabellón de los osos y nos rechinaban los dientes (...). (...). El primer cascotazo lo acertó, de puro tarro, Tabacman, y le desparramó las encías, y la sangre era un chorro negro. Yo me calenté con la sangre y le arrimé otro viaje con un cascode que le aplasté la oreja y ya perdí la cuenta de los impactos, porque el bombardeo era masivo. (...). (...) se cayó, porque estaba muerto. Nosotros nos desfogamos un rato más, con pedradas que ya no le dolían. (...). Luego Morpurgo, para que los muchachos se rieran, me hizo clavar la cortaplumita en lo que hacía las veces de cara<sup>70</sup>.

Mais do que entrar em crise, o liberalismo de Sarmiento e da tradição liberal como um todo é reinterpretado e não somente por Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur*. Nesse sentido, Maria Lígia Coelho Prado lembra que até “(...) os socialistas, como o fundador do Partido, Juan B. Justo, colocava Sarmiento na galeria dos grandes homens argentinos, da qual Rosas, evidentemente, não fazia parte”<sup>71</sup>. O próprio Arturo Jauretche, ligado ao peronismo e um dos principais críticos de Victoria Ocampo, Borges e outros colaboradores da *Sur*, vê Sarmiento como nacional, ainda que não considere assim o sarmientismo, que vê como forâneo. “La “intelligentzia” es el fruto de una *colonización pedagógica* y esto es muy distinto a la espontánea incorporación de valores universales a

<sup>69</sup> SARMIENTO, op. cit., p. 116.

<sup>70</sup> BIOY CASARES; BORGES, op. cit., p. 56-58. Evidentemente, com a morte do judeu pelos peronistas, Borges e Bioy Casares também aproximam o peronismo do anti-semitismo nazi-fascista.

<sup>71</sup> PRADO, op. cit., p. 30.

una cultura nacional (...)”<sup>72</sup>, distingue Jauretche. Enfim, o liberalismo de Sarmiento, no século XX, está distante de ser anacrônico, pois é reinterpretado e usado politicamente, inclusive, por aqueles que não se apresentam como liberais. Ao retomarem Sarmiento, Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* disputam espaço com os grupos autoritários e nacionalistas em ascensão que reivindicam Rosas. É na reinterpretação de Sarmiento, assim como de Ortega y Gasset, que o liberalismo de Victoria Ocampo e da *Sur* ganha atualidade na Argentina do século XX.

Além disso, Sarmiento não representa para a Argentina, apenas, o bastião do seu pensamento liberal. Antes de ser presidente, Sarmiento é deputado (1824-1827), governador da Província de San Juan (1862-1864), onde nasceu e representante do país nos Estados Unidos (1864-1868). Nessas ocasiões, merece destaque a preocupação com a educação pública, que faz do seu nascimento e morte momentos de lembrança quase obrigatória nas escolas públicas e privadas, pelo menos até a década de cinquenta. Nessas datas, Sarmiento também é evocado por outras instituições e autoridades mais distintas. O *La Nación* de 14 de setembro de 1954 destaca que, além de escolas, o aniversário de falecimento de Sarmiento tinha sido lembrado por instituições como o Colégio Militar, a Escola Naval, a Liga Argentina de Cultura Laica e a Federação Universitária de Buenos Aires, dentre outras, o que indica sua atualidade na Argentina do século XX<sup>73</sup>. Nesse mesmo sentido, segue um trecho da apresentação de uma edição de 1939 de *Recuerdos de Provincia* de Sarmiento, texto de cunho autobiográfico:

Toda la obra de Sarmiento se debe a la necesidad de combatir a los enemigos de su patria, que entonces asolaban, en calidad de tiranos, a Buenos Aires y San Juan, y de exponer, con el calor de la pasión, pero sin asomo de bajeza sus ideas, siempre inspiradas en el bien público<sup>74</sup>.

Mais do que discutir autores, este capítulo pretendeu destacar algumas das principais idéias sobre Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur* que aparecem na historiografia. Essas idéias, construídas ao longo de intensas discussões políticas e acadêmicas, demonstram que a política está bastante presente no pensamento desses

---

<sup>72</sup> JAURETCHE, A. *Los profetas del odio y la YAPA*. Buenos Aires: Corregidor, 2002. p. 98.

<sup>73</sup> Sarmiento va a ser evocado en su aniversario. *La Nación*, Buenos Aires, 14 de setembro de 1954. p. 1.

<sup>74</sup> Domingo Faustino Sarmiento y su obra “Recuerdos de Provincia”. In: SARMIENTO, D. F. *Recuerdos de Provincia*. Buenos Aires: Tor, Buenos Aires, 1939. p. 6.

intelectuais, de modo complexo e nem sempre direto. Demonstram que a relação do seu discurso cosmopolita e cultural com a política é intensa. Relação de negação de políticas autoritárias e nacionalistas.

## **CAPÍTULO II: A FORMAÇÃO DE VICTORIA OCAMPO E DA REVISTA *SUR* E O IMPACTO DA GUERRA.**

(...) esta revista es (...) de todos los que me rodean y me rodearán en lo venidero. De los que han venido a América, de los que piensan en América y de los que son de América. De los que tienen la voluntad de comprendernos, y que nos ayudan tanto a comprendernos a nosotros mismos.

Lo que desde ya sabemos afirmar de América es que estamos enamorados extrañamente de ella.

Volver la espalda a Europa. ¿Siente el ridículo infinito de esa frase?

(...) nuestra América es un país por descubrir y nada nos incita más al descubrimiento, nada nos pone más seguramente en el rastro de nuestra verdad como la presencia, el interés y la curiosidad, las reacciones de nuestros amigos de Europa.

Victoria Ocampo<sup>1</sup>.

### **Victoria Ocampo: formação e contatos culturais de uma cosmopolita.**

María Esther Vázquez define Victoria Ocampo como uma argentina universalista em um texto de abril de 1979, ainda sob o impacto do seu falecimento, ocorrido em janeiro daquele ano<sup>2</sup>. Com a definição, Vázquez antecipa a revisão da obra de Victoria Ocampo que se seguiria nas décadas de oitenta e noventa, que passaria a enfatizar suas preocupações nacionais. Essa ênfase procura relacionar seu pensamento com a realidade argentina e, assim, refutá-lo como apolítico e nihilista, como defendem os críticos.

No entanto, a ênfase não deve ser superestimada. Ao superestimá-la, aceitam-se os critérios avaliativos dos críticos nacionalistas, segundo os quais o nacional, o argentino, seria melhor do que o estrangeiro, o cosmopolita, em um tipo de hierarquia condenada por Victoria Ocampo. Júlio Pimentel Pinto lembra que um cuidado semelhante é necessário com a obra de Borges. Nas suas palavras, o “(...) desocultamento das *amarras concretas*

---

<sup>1</sup> OCAMPO, V. Carta a Waldo Frank. *Sur*, Buenos Aires, nº 1, verão de 1931.

<sup>2</sup> VÁZQUEZ, M. E. Victoria Ocampo: una argentina universalista. *Revista Iberoamericana*, v. XLVI, nº 110-111, janeiro-junho de 1980. p. 167-175.

sugere, mas não é plenamente capaz, ainda, de conformar uma crítica em torno de Borges que substitua a imagem do escritor que paira no ar”<sup>3</sup>.

“Mis lecturas y mi educación me inclinaron decididamente hacia Francia e Inglaterra. Pero la tierra americana nos ancla de manera tenaz”<sup>4</sup>, escreve Victoria Ocampo sobre sua formação. A formação cosmopolita não diminui sua contribuição para a cultura argentina. Em um país e continente que são colonizados por europeus por mais de três séculos, que recebem uma forte imigração<sup>5</sup> e que têm suas principais matrizes intelectuais e políticas em pensadores estrangeiros, não há como não ser cosmopolita ou enxergar o nacional, ou mesmo o nacionalismo, sem uma formação universal. O nacional somente existe em uma relação de diferença com o estrangeiro que, para ser estabelecida, pressupõe o conhecimento de ambos. Logo, quanto maior o contato com o estrangeiro, melhor se delineia o nacional. Pensando o estrangeiro como um diferente, um outro, é possível se apropriar de Tzvetan Todorov, para quem “(...) cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu”<sup>6</sup>.

Victoria Ocampo nasce em Buenos Aires em 1890 na casa da rua Viamonte que, anos depois, abriga a editora e a revista *Sur*, assim como diversos intelectuais. A casa é demolida, mas a construída no lugar também abriga a editora e a revista, depois de funcionarem por alguns anos na rua Tucumán. Victoria Ocampo nasce em uma Buenos Aires que supera os quinhentos mil habitantes, dos quais os imigrantes já formam uma parcela expressiva. No final do século XIX, a Argentina conta com quatro milhões de habitantes, sendo que um milhão não tinham nascido no país. A Argentina cresce com a pecuária e apresenta traços de modernização como a ampliação das ferrovias e a modernização do porto de Buenos Aires. O país vive o auge do liberalismo. São os anos que alimentariam o nacionalismo argentino até os dias atuais.

O desenvolvimento não ameniza a ebulição política, muito pelo contrário. Os setores médios começam a questionar a política autoritária e restrita aos exportadores de

---

<sup>3</sup> PINTO, J. P. Borges, uma poética da memória. In: SCHWARTZ, J. (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP; Imprensa Oficial, 2001. p. 121.

<sup>4</sup> OCAMPO, V. Las noches de Ítaca. *Testimonios*: series sexta a décima. Selección, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 197.

<sup>5</sup> De acordo com dados apresentados por Maria Lígia Coelho Prado em *O populismo na América Latina*, 30% dos quase 8 milhões de habitantes da Argentina em 1914 não tinham nascido no país.

<sup>6</sup> TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 3.

matérias-primas, como demonstra a Revolução do Parque poucos meses depois do nascimento de Victoria Ocampo, que dá origem à União Cívica Radical (UCR) em 1891<sup>7</sup>. A política argentina não é mais um acordo feito apenas entre cavalheiros. Além disso, em virtude da intensa corrente imigratória, o país passa por uma tensa redefinição da identidade, entre a acentuação do nacionalismo e a defesa de uma interação com os imigrantes.

Não é apenas a casa da rua Viamonte que abriga intelectuais e não são poucas as personalidades, argentinas e estrangeiras, recebidas e hospedadas por Victoria Ocampo em suas propriedades. Albert Camus<sup>8</sup>, André Malraux<sup>9</sup>, Antoine de Saint Exupéry<sup>10</sup>, Gabriela Mistral<sup>11</sup>, Indira Gandhi<sup>12</sup>, Pablo Neruda<sup>13</sup>, Pierre Drieu La Rochelle<sup>14</sup>, Rabindranath

---

<sup>7</sup> A Revolução do Parque é um levante armado contra o governo de Juárez Celman (1886-1890) promovido pela União Cívica, grupo heterogêneo opositor liderado pelo general Bartolomé Mitre e Leandro N. Alem. A revolução estoura com a aproximação de Mitre do governo, com o que discorda Alem. Apesar da revolução ser sufocada, o presidente renuncia e é substituído pelo vice-presidente Carlos Pellegrini. Em 1905, os radicais fazem um novo levante armado, desta vez, em vários pontos do país, novamente sufocado. A moderação dos radicais somente ocorre com um sobrinho de Alem, Hipólito Yrigoyen, presidente entre 1916 e 1922 e entre 1928 e 1930.

<sup>8</sup> Nasce em 1913 em Mondovi, atual Drian, na Argélia, quando o país africano ainda é uma colônia francesa. Participa da resistência francesa à invasão da Alemanha nazista (1940-1944) no grupo *Combat*, que publica um periódico homônimo clandestino. Em 1957, ganha o Prêmio Nobel de Literatura. Falece em 1960.

<sup>9</sup> Nasce na França em 1901. Simpatizante do comunismo, luta na independência da Indochina. Como piloto, atua na Guerra Civil Espanhola (1936-1939) ao lado dos republicanos. Na França invadida pelos nazistas, participa da resistência, é preso e consegue escapar. Após a Segunda Guerra Mundial, é Ministro da Informação do governo provisório de Charles de Gaulle e secretário geral do partido fundado por este. Quando de Gaulle volta ao poder, em 1959, é Ministro da Cultura por dez anos. *A Condição Humana*, sua obra mais conhecida, é lançada em 1933 e traduzida pela editora *Sur* três anos depois. Falece em 1976.

<sup>10</sup> Nasce em 1900 na França. Escritor e aviador, voa constantemente para a África e América do Sul, onde se casa com a argentina Consuelo Suncin. Como aviador, se junta aos Aliados na Segunda Guerra Mundial, na qual falece. Imortaliza-se com *O Pequeno Príncipe*.

<sup>11</sup> Nasce em 1889 no Chile. Professora, poetisa, colaboradora da Liga das Nações e cônsul. No México, participa da conhecida reforma educacional empreendida pelo Ministro da Educação José Vasconcelos. Anti-fascista, doa a renda de *Tala*, livro publicado pela editora *Sur*, para as vítimas da Guerra Civil Espanhola. Em 1945, ganha o Prêmio Nobel de Literatura. Falece em Nova Iorque em 1957.

<sup>12</sup> Nasce em 1917 na Índia. Atua no movimento pela independência e é presa. Como Ministra da Informação, ameniza as políticas de censura. Como primeira-ministra, afasta a burocracia partidária, implanta um programa socialista e separa a Índia do Paquistão, na guerra que origina Bangladesh. Na década de setenta, é acusada de fraude e declara estado de emergência. Perde as eleições de 1977, mas ganha em 1980. Não consegue conter a violência e falece em 1984 em um atentado.

<sup>13</sup> Poeta, cônsul e político chileno, nasce em 1904. Cônsul na Espanha durante a Guerra Civil Espanhola, perde o cargo pelas posições republicanas. Na década de quarenta, se integra ao Partido Comunista Chileno (PCC) e se torna senador. Após denunciar corrupção e pedir reformas, vive clandestinamente e se exila. Em 1970, apresenta a candidatura para presidente, que retira em favor do amigo Salvador Allende, que se elege em 1973. Em 1971, recebe o Prêmio Nobel de Literatura. Falece em 1973, pouco depois do golpe liderado pelo general Augusto Pinochet contra o governo de Allende.

<sup>14</sup> Nasce em 1893 na França. Apesar de lutar contra os alemães na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), na década de vinte se aproxima do nacionalismo e da direita e colabora com os nazistas durante a invasão da França. Perante o avanço dos Aliados, se suicida em 1945, após saber que sua prisão tinha sido ordenada.

Tagore<sup>15</sup>, Waldo Frank<sup>16</sup>, José Ortega y Gasset, Maria de Maeztu<sup>17</sup>, Roger Caillois<sup>18</sup> e Julian Huxley<sup>19</sup> são apenas algumas das personalidades estrangeiras que passam por suas casas. Essa atitude, sinal claro do seu cosmopolitismo, colabora para que a Argentina fizesse parte de um roteiro intelectual internacional, no qual intelectuais davam conferências e divulgavam seus trabalhos. Evidentemente, também colabora para isso o espaço que os intelectuais estrangeiros sempre tiveram na *Sur* e as inúmeras traduções feitas pela editora<sup>20</sup>.

A extensa seqüência de curtas biografias iniciada nas notas da página anterior demonstra que Victoria Ocampo não pertencia a nenhum círculo intelectual e político estritamente fechado. Como se nota nas biografias, Victoria Ocampo se relaciona com representantes da direita e esquerda, assim como das culturas ocidental e oriental. Vale acrescentar que uma das melhores amigas de Victoria Ocampo, Maria Rosa Oliver<sup>21</sup>, era simpatizante do comunismo. Nota-se, ainda, que os intelectuais mencionados apresentam uma atuação política muito forte que extrapola seus textos, o pensamento e parte para a prática tradicionalmente dita. Nota-se que esses intelectuais se preocupam com a política e não somente com a cultura. Nota-se que Victoria Ocampo e os intelectuais ao redor de si não fazem distinção entre uma e outra. O fato de Victoria Ocampo não concordar com o pensamento e a atuação de alguns deles não impediu o diálogo.

Além da importância cultural, ao receber e hospedar intelectuais, Victoria Ocampo fez com que Buenos Aires se transformasse em um lugar seguro para muitos se protegerem

---

<sup>15</sup> Um dos poetas favoritos de Victoria Ocampo, nasce em 1861 na Índia. Filho de uma família de reformadores religiosos e sociais, ganha o Prêmio Nobel de Literatura em 1913. Amigo de Gandhi, também admirado por Victoria Ocampo, falece em 1941.

<sup>16</sup> Um dos pais da *Sur*, nasce em 1889 nos Estados Unidos. Simpatizante do comunismo, colabora com jornais como *The Liberator* e *New Masses* e defende reformas políticas e sociais em seus romances. Falece em 1967.

<sup>17</sup> Pedagoga e feminista espanhola fundadora do Colégio de Senhoritas de Madri, que tem as portas fechadas com a Guerra Civil Espanhola. Nessa época, é acolhida por Victoria Ocampo em Buenos Aires.

<sup>18</sup> Nasce em 1913 na França. Participa do grupo surrealista ao lado de André Breton, época na qual se define como marxista. Em meados da década de trinta, após romper com os surrealistas, torna-se colaborador da *Nouvelle Revue Française*, uma das revistas culturais francesas mais importantes do século XX. Depois da Segunda Guerra Mundial, torna-se funcionário cultural da UNESCO. Em 1971, é eleito para a Academia Francesa de Letras. Falece em 1978.

<sup>19</sup> Irmão do escritor inglês, Aldous, é o primeiro diretor da UNESCO.

<sup>20</sup> Segundo dados apresentados pela *Sur* no número comemorativo do vigésimo aniversário, a editora publica 92 livros de autores nacionais e estrangeiros entre 1933 e 1949.

<sup>21</sup> Nasce em 1898 em Buenos Aires. Simpatizante do comunismo e defensora dos direitos das mulheres, compunha o Comitê de Colaboração da *Sur*. Entre 1942 e 1946, colabora com o governo Roosevelt nos assuntos inter-americanos. Entre 1948 e 1962, participa do Conselho Mundial da Paz. Falece em 1977.



de ditaduras e guerras e protestarem contra elas, como ocorreu com Maria de Maeztu. Roger Caillois, por exemplo, fica em Buenos Aires de 1939 a 1945, ou seja, durante a Segunda Guerra Mundial inteira e, com recursos de Victoria Ocampo, organiza a revista *Lettres Françaises*, publicada entre 1941 e 1944, que defendia a liberdade da França perante a invasão da Alemanha nazista.

O exemplo de Roger Caillois ainda demonstra que o auxílio dado por Victoria Ocampo aos intelectuais estrangeiros é retribuído. Logo, a Argentina também tem sua cultura divulgada no exterior e não apenas o inverso, como destaca Arturo Jauretche, que vê nesta atitude de Victoria Ocampo um exemplo de colonialismo cultural, mental, pedagógico sofrido pelo país. Nas suas palavras, os intelectuais argentinos pensam que são europeus, mas “(...) no son de ninguna parte porque no tienen cotización en el cuadro de aquella inteligencia, cuyas aflicciones y esperanzas comparten sin reciprocidad alguna”<sup>22</sup>. Ao retornar à Europa, Caillois publica pela Gallimard, uma das principais editoras francesas, a coleção *La Croix du Sud*, com obras de argentinos, brasileiros, costarriquenhos, cubanos, equatorianos, guatemaltecos, mexicanos, paraguaios, peruanos e venezuelanos, cuja repercussão extrapola as fronteiras francesas. Dentre os traduzidos, estão desde Borges até Neruda, um dos maiores poetas de esquerda da América Latina. Em uma carta de 29 de agosto de 1952 para Victoria Ocampo, Caillois comenta sobre o êxito de Borges na Europa. “Sé (...) que hay una sesión Borges en el Institut Français. Supongo que este último estará contento de su éxito. En estos días aconsejé a un editor alemán y a uno italiano que lo tradujeran”<sup>23</sup>.

Victoria Ocampo nasce no seio de uma família já tradicional. Especula-se que os Ocampo seriam descendentes de um pajem da rainha Isabel da Espanha que, ao lado do rei Fernando, comanda o início da expansão espanhola no século XV. O pajem seria Sebastián José de don Sebastián Ocampo, navegador espanhol que teria sido um dos primeiros exploradores da ilha de São Domingo. O mesmo antepassado teria confirmado que Cuba era uma ilha e não um continente como se acreditava. Com mais certeza, acredita-se que um tataravô de Victoria Ocampo, Manuel José de Ocampo, chega do Peru no final do século XVIII. Os Aguirre, família da mãe, teriam uma ascendência igualmente nobre e

---

<sup>22</sup> JAURETCHE, op.cit., p. 110.

<sup>23</sup> FELGINE, op. cit., p. 228.

também seriam descendentes dos primeiros conquistadores. Os Aguirre descenderiam de uma família do Reino de Navarra que teria atuado no começo da expulsão dos árabes da Espanha, fundamental para sua expansão territorial e comercial. Manuel Casimiro de Aguirre, tataravô de Victoria Ocampo, pioneiro da família no país, foi regedor e alferes real em Buenos Aires.

Além de parentes, a família tem amigos ilustres. Manuel José de Ocampo y González, o Tata Ocampo, bisavô de Victoria Ocampo, foi amigo de Sarmiento. Aliás, os pais de Victoria Ocampo, Manuel Silvio Cecílio Ocampo e Ramona Máxima Aguirre teriam se conhecido no sepultamento de Sarmiento, em setembro de 1888. Em tempo, seu pai era um engenheiro especializado em pontes e estradas, com obras no interior do país.

Se os parentescos e amizades ilustres não existiram, ou se não existiram de acordo com os relatos, existiram nos confrontos intelectuais e políticos nos quais Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* se envolveram na Argentina do século XX, nos quais as origens e tradições tiveram um peso decisivo. Como lembra Michel Foucault, a “(...) origem está sempre antes da queda, antes do corpo, antes do mundo e do tempo; ela está do lado dos deuses, e para narrá-la se canta sempre uma teogonia”<sup>24</sup>.

Borges também frisa os parentescos e amizades ilustres. O avô paterno, o coronel Francisco Borges Lafinur, teria lutado na Batalha de Caseros (1852)<sup>25</sup>, na qual Rosas é derrotado. A lembrança demonstra a filiação de Borges com Sarmiento<sup>26</sup>. O avô teria participado, ainda, das lutas contra os índios no oeste e sul do país. Ao relacionarem a história das suas famílias com a história nacional, Victoria Ocampo e Borges demonstram muito mais do que o elitismo destacado pelos críticos. Ao fazerem a relação, se colocam como frutos da história nacional, o que lhes daria uma posição privilegiada em termos

---

<sup>24</sup> FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 18.

<sup>25</sup> Aliado de Rosas, o general Justo José de Urquiza torna-se governador da Província de Entre Ríos em 1841. No entanto, rompe com Rosas e, com o apoio de outras províncias, assim como de brasileiros, ingleses e uruguaios, organiza um exército e derrota o governador da Província de Buenos Aires. Após vencer Rosas, as Províncias argentinas, com exceção de Buenos Aires, formam uma confederação, semelhante aos Estados Unidos e presidida por Urquiza. Buenos Aires passa a compor a confederação somente em 1859, mas rompe novamente em 1861.

<sup>26</sup> É conhecida a frase de Borges na qual afirma que a Argentina seria um país melhor se lesse mais o *Facundo* de Sarmiento do que o *Martín Fierro* (1872) de José Hernández, poeta federalista que cantou o gaúcho, o homem do campo, do interior argentino como corajoso, estóico e maior representante da identidade nacional. Hernández atua como soldado nas guerras civis do século XIX e chega a se exilar no Brasil após participar de uma revolta fracassada contra o governo unitário de Sarmiento.

intelectuais e políticos. Se as lutas que marcam a história nacional marcam suas famílias, teriam condições de indicar o melhor caminho para o país. Como resume Victoria Ocampo, o “(...) país entero estaba poblado de ecos de fechas históricas con aire de cumpleaños (...) caseros (...)”<sup>27</sup>. Vale lembrar que um ponto usado frequentemente pelos anti-peronistas contra Perón e Evita é, justamente, a origem: o presidente não vinha de uma família tradicional e a primeira-dama era bastarda.

No começo da autobiografia, Victoria Ocampo já manifesta a filiação com a história nacional. Nas suas palavras, quando nasceu, fazia “(...) apenas ochenta años que la invasión de España por los soldados de Napoleón nos había proporcionado una buena ocasión para declararnos independientes”<sup>28</sup>. Essa filiação não é uma exclusividade de Victoria Ocampo e Borges. Sarmiento, em *Recuerdos de la Provincia*, frisa que nasceu no nono mês depois do 25 de maio, que concretiza a independência do antigo Vice-Reino do Rio da Prata em 1810. Como Victoria Ocampo e Borges, Sarmiento também destaca o parentesco com antepassados ilustres. “Huélgome de contar en mi familia dos historiadores, cuatro diputados a los Congresos de la República Argentina, y tres altos dignatarios de la iglesia, como otros tantos servidores de la patria que me muestran el noble camino que ellos siguieron”<sup>29</sup>, destaca em *Recuerdos de Provincia*. Os exemplos demonstram como os cosmopolitas não prescindem do nacional em meio às disputas políticas.

Entre os antepassados mais remotos, Victoria Ocampo não inclui apenas os conquistadores europeus. Afirma, inclusive, que uma índia guarani, Águeda, é sua antepassada. Com isso, legitima seu cosmopolitismo. A ponte entre América e Europa que pretende construir com a editora e a revista, aparece como natural, verdadeiro. Victoria Ocampo destaca até mesmo Rosas entre os antepassados. “Don Juan Manuel de Rosas, poco venerado por los Ocampo, era pariente nuestro por el lado materno”<sup>30</sup>. Ao destacá-lo entre seus antepassados e sua pouca ou nenhuma admiração pela família, Victoria Ocampo se coloca em um lugar privilegiado intelectual e politicamente. A oposição a Rosas, que seria personificado pelos anti-peronistas em Perón, seria fruto de convicção, não de relacionamentos e interesses particulares, assim como o apoio a Sarmiento, que não era

---

<sup>27</sup> OCAMPO, V. *Autobiografía: el archipiélago*. Buenos Aires: Sur, 1980. v. 1. p. 205-206.

<sup>28</sup> OCAMPO, *Autobiografía: el archipiélago*, v. 1, p. 7.

<sup>29</sup> SARMIENTO, *Recuerdos de Provincia*, p. 12.

<sup>30</sup> OCAMPO, V. Escrito para la UNESCO. *Testimonios: series sexta a décima*. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 163.

parente, mas apenas um amigo. No segundo volume dos *Testimonios*, destaca uma foto de Sarmiento dedicada à senhorita Victoria Ocampo, nome verdadeiro da tia-avó Vitola. Ao destacar a foto, Victoria Ocampo subverte o tempo, troca de lugar com a tia, coloca-se como destinatária da foto e atualiza Sarmiento na Argentina do século XX.

Victoria Ocampo teve cinco irmãs. Angélica, com a qual parece ter tido mais afinidade, talvez pela idade mais próxima, nasce um ano depois, em 1891. Pancha, em 1894, Rosa, em 1896, Clara, que morre ainda jovem, em 1898 e Silvina, a escritora e poetisa que se casou com Bioy Casares, em 1903. Tanto Silvina Ocampo quanto Bioy Casares, amigos e parceiros de Borges em alguns textos, foram colaboradores da *Sur*. Provavelmente, a condição de primogênita ajuda Victoria Ocampo a ser a sobrinha favorita da tia-avó e madrinha Pancha Ocampo de Ocampo. A casa de San Isidro, ao norte de Buenos Aires, era dela e foi deixada para os pais de Victoria Ocampo com a condição que passassem para ela quando morressem.

De acordo com os relatos de Victoria Ocampo, a tia-avó Vitola influencia bastante a educação das meninas. Vitola conheceu Sarmiento e teria lhe admirado pela defesa da educação das mulheres, o que seria compartilhado com Victoria Ocampo. Vitola teria dado a palavra final sobre as professoras nativas de francês e inglês das meninas, línguas nas quais também aprendiam Literatura, História, Religião e Matemática. Com uma dinamarquesa, escolhida pela mãe, Victoria Ocampo tem aulas de música. O gosto pela música teria aumentado com tia Mercedes, que teria lhe apresentado Chopin. As leituras preferidas da infância confirmam a formação cosmopolita. Depois dos tradicionais contos de fadas, Victoria Ocampo relata que leu Dickens, Julio Verne, Conan Doyle, Maupassant, Poe, Madame de Ségur e Daniel Defoe.

No entanto, antes das professoras, já tinha estado com a família na Europa, onde tem o primeiro contato com o francês e o inglês. Partem em 1896 e ficam lá por pouco mais de um ano, a maior parte do tempo na França. Além de Paris, também visitam Londres, Genebra e Roma. A permanência mais prolongada na França, somada às aulas que teria, faz com que Victoria Ocampo domine melhor o francês do que o espanhol na juventude, alvo de críticas dos nacionalistas. Victoria Ocampo relata que se aproxima do espanhol pela admiração provocada pela escrita e fala de Ortega y Gasset e pela insatisfação com a

tradução dos seus textos, o que demonstra uma preocupação com a língua materna. “Tomé entonces la resolución de aprender a traducirme”<sup>31</sup>.

Em 1908, volta com a família à Europa, onde, desta vez, ficam por dois anos. Novamente permanecem a maior parte do tempo em Paris, onde Victoria Ocampo, com apenas dezoito anos, assiste aulas na Sorbonne e no Collège de France. Na Sorbonne, estuda Literatura, história do Oriente e Nietzsche. Nas aulas de Literatura, estuda da literatura grega clássica ao romantismo, passando pela literatura inglesa e Dante. No Collège de France, assiste aulas de Filosofia de Henri Bergson. Na França, ainda acompanha aulas de Faguet, Croisset, Audler, Heanry, Hauvette e Monceaux. Com Monceaux, conhece Santo Agostinho, que lhe conquista pela defesa da igualdade entre homens e mulheres. Viajar para a Europa seria uma constante na sua vida, assim como para os Estados Unidos. Nessas viagens, novos contatos intelectuais são feitos e consolida os antigos.

### **Uma carta, uma cara.**

A *Carta a Waldo Frank* que abre o primeiro número e a longa e controvertida história da *Sur* não lembra um manifesto literário tradicional, sempre marcados pela exaltação nas suas convicções e críticas. Apesar do tom ameno, a *Carta a Waldo Frank* pode ser considerada como o manifesto da *Sur*, pois nela se encontram princípios que seriam constantemente retomados, ainda que nem sempre tenham sido seguidos pelos seus colaboradores. Com a retomada constante desses princípios, a revista procurava se apresentar como coerente e fiel com os seus propósitos iniciais, o que daria legitimidade aos seus colaboradores. Conforme lembrado por Michel Foucault, a origem é pura, verdadeira. Resumindo, apesar do tom ameno, na *Carta a Waldo Frank* também se notam as convicções e críticas típicas de qualquer manifesto literário e que norteariam a *Sur* em maior ou menor medida.

O cosmopolitismo é a primeira característica que aparece na *Carta a Waldo Frank* e a que mais se destaca. A opção de Victoria Ocampo por uma carta, símbolo de uma

---

<sup>31</sup> OCAMPO, V. Malandanzas de una autodidacta. *Testimonios*: series primera a quinta. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 245.

comunicação sem fronteiras, sem limites, já é um indício do cosmopolitismo que marcaria a *Sur*. Na carta, Victoria Ocampo conta que a idéia da revista partiu de Frank durante um passeio em Buenos Aires em 1929. Relata, também, o episódio do batismo da *Sur* por José Ortega y Gasset. Assim, a *Sur* aparece como uma revista argentina idealizada por um norte-americano e batizada por um espanhol e o cosmopolitismo como uma característica primeira, fundacional, intrínseca da revista, seu programa principal.

Inicialmente, o cosmopolitismo da *Sur* é bastante marcado pelo americanismo. Descobrir nossa América, a Latina e a Anglo-Saxônica, destaca Victoria Ocampo na *Carta a Waldo Frank*. No entanto, trata-se de um americanismo profundamente calcado na Europa, no pensamento europeu. Ora esse descobrimento da América se daria em uma relação de alteridade com o europeu, ora se daria tendo a Europa como um modelo a ser seguido e a ser salvo do nazi-fascismo.

No primeiro caso, podem ser enquadradas as críticas de Victoria Ocampo ao desconhecimento da América pelos europeus. Na *Carta a Waldo Frank*, a juventude da América não aparece como atraso, mas como pureza nada inocente que permitiria aos americanos reescrever a História. O americanismo volta com força após os horrores provocados pela Primeira Guerra Mundial, que fizeram com que a Europa deixasse de ser o referencial impecável de outrora, ainda que não tenha perdido a centralidade da cultura ocidental:

Yo pensaba que si América es joven, el mundo no lo es y que nuestro continente se parece a esos niños cuya infancia se marchita de vivir siempre entre adultos. América no cree ya en los cuentos de hadas, pero lleva en sí la eterna necesidad que los hizo nacer. Como necesita creer en ellos acabará por inventarlos de nuevo. Y ese será su milagro<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> OCAMPO, Carta a Waldo Frank. Carlos Alberto Floria e César A. García Belsunce demonstram como, na Argentina como um todo, o americanismo não prescinde da Europa, resistindo, assim, ao controle do panamericanismo pelos Estados Unidos, o que não era a preocupação de Victoria Ocampo e da *Sur*. “(...) la formulación de una nueva política panamericanista que se conciliara con la intención norteamericana de intervenir allí donde su prestigio, poder o seguridad – e incluso intereses económicos de sus nacionalidades se hizo difícil. “*Los recelos más vivos fueron los de Argentina* – interpreta el propio Renouvin – porque los dirigentes medios de la vida económica, conservaban allí una *orientación europea*, y también porque los inmigrantes italianos no eran sensibles a las excelencias de la civilización norteamericana...” La observación es parcial, (...) pero en todo caso es justa, si a ella se añade el propósito norteamericano de mantener apartadas del continente americano a las potencias europeas e incluso a la propia Sociedad de Naciones”. BELSUNCE, C. A. G.; FLORIA, C. A. *Historia de los argentinos*. Buenos Aires: Larousse, 1996. v. 2. p. 263-264.

No segundo caso, pode ser inserida a sensação de deslocamento transmitida por Victoria Ocampo e pelos colaboradores da *Sur*, especialmente depois da eclosão da Segunda Guerra Mundial, quando as atenções da revista se voltam quase totalmente para a Europa. Conforme mencionado no primeiro capítulo, essa sensação de deslocamento, fruto da importância referencial da Europa, não se restringe a Victoria Ocampo e aos colaboradores da *Sur* e extrapola historicidades e tendências políticas e intelectuais na América Latina. Durante a Segunda Guerra Mundial, pensar a América na *Sur* é pensar a Europa, garantir a segurança da América é garantir a segurança da Europa, o que é bastante nítido durante o avanço das tropas do Eixo. Em suma, o americanismo, o contato entre as Américas reivindicado na *Carta a Waldo Frank* perde espaço para o diálogo e a solidariedade com a Europa, o que não apaga o caráter cosmopolita da revista<sup>33</sup>.

Já na *Carta a Waldo Frank*, o cosmopolitismo da *Sur* não prescinde da origem sul-americana, argentina. Nesse sentido, o nome da revista dispensa comentários. Além disso, a flecha que simboliza a *Sur* é cosmopolita ao vir do norte e sul-americana, argentina, ao apontar para o sul, para a Argentina. Na carta, Victoria Ocampo fala com Frank em nossa América e em Europa, mas fala também em minha América.

Americanista ou não, o cosmopolitismo da *Sur* não é gratuito. A lembrança dos horrores da Primeira Guerra Mundial estava viva no início da década de trinta com o nacionalismo e a xenofobia do fascismo e nazismo, no poder na Itália desde o começo da década anterior e em expansão na Alemanha, respectivamente. Tampouco o cosmopolitismo da *Sur* ignora a política nacional. O seu programa cosmopolita lançado pela *Carta a Waldo Frank* é um contraponto ao crescimento da direita autoritária e nacionalista no país, principalmente depois do aumento das tensões sociais provocado pela crise internacional de 1929. Essa direita autoritária e nacionalista chega ao poder no ano seguinte, quando o general José Félix Uriburu lidera um golpe de Estado contra o governo constitucional de Yrigoyen. Dessa maneira, a *Sur* nasce inserida nos embates políticos

---

<sup>33</sup> O aumento do espaço dedicado à Europa na *Sur* provoca um desentendimento entre Victoria Ocampo e Waldo Frank, que preferia a temática americanista. “Leemos en las *Memorias* de Waldo Frank que no quedó del todo satisfecho con el rumbo de la revista nacida de su inspiración; no respondía a lo que él había imaginado, deseado. (...). Mis preferencias literarias no eran las suyas. Según él, le daba demasiada importancia a escritores como Tagore, Virginia Woolf o T. E. Lawrence. Subestimaba a gentes de nuestro continente”. OCAMPO, V. They are fighting in the center: contesto a *La Opinión*. *Testimonios*: series sexta a décima. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 235.

argentinos. Se por um lado Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* não apoiavam as medidas populares do radicalismo, por outro, nunca concordaram com a política que marcou a chamada década infame (1930-1943)<sup>34</sup>.

Apesar dessa inserção política não ser explícita na *Carta a Waldo Frank* e na maioria dos textos publicados pela *Sur*, especialmente quando se tratava da política nacional, como demonstram os anos do governo de Perón, em várias ocasiões o envolvimento político não é contido e se evidencia. Isso pode ser notado em alguns números especiais e nas características de algumas seções, que colaboram para que suas posições políticas se explicitem quando se encontram apenas nas entrelinhas. Como frisa Nora Pasternac, “(...) todo proyecto en el campo de la cultura implica una “política”; la implica de un modo mediato y no obligatoriamente directo”<sup>35</sup>.

Quanto aos números especiais, além do mencionado número 237 sobre o peronismo, foram publicados, dentre outros, o número 46, *Defensa de la inteligencia*, o número 61, sobre a eclosão da Segunda Guerra Mundial, o número 87, *La guerra en América*, o número 129, *Declaraciones sobre la paz* e o número 190-191, sobre os direitos universais do homem. A publicação de números especiais para a discussão desses temas poderia indicar que a política é um tema excepcional para a *Sur*, que não deveria compor os números normais. No entanto, o conjunto da revista indica outro caminho e os números especiais aparecem como momentos de aprofundar temas já discutidos.

A respeito das seções que se destacam pelo enfoque de acontecimentos políticos, nacionais e estrangeiros, podem ser destacadas *Calendario*<sup>36</sup>, *Debates sobre temas sociológicos*, *Documentos* e *Realidad argentina*, dentre outras. Essas seções nem sempre são contínuas e coexistem. No entanto, os nomes das seções já demonstram como a *Sur*

---

<sup>34</sup> O termo é cunhado pelos nacionalistas, apesar de terem apoiado o golpe de 1930. Após o golpe, são afastados das esferas de poder e discordam do aumento da influência inglesa sobre o país. De acordo com José Luís Bendicho Beired, os nacionalistas somente são tolerados “(...) pelo fato se servirem de anteparo ao comunismo e por seus membros terem boas relações com militares e vínculos familiares de prestígio”. BEIRED, J. L. B. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: História Social USP; Loyola, 1999. p. 47. O termo década infame seria bastante usado pelo golpe de 1943 e pelo peronismo para demonstrar ruptura, mudança em relação ao período anterior.

<sup>35</sup> PASTERNAK, op. cit., p. 237.

<sup>36</sup> Oscar Hermes Villordo coloca que a seção se destaca “(...) por su enfoque en presente y por la brevedad de la noticia (...)”. Além disso, coloca que não precisava evidenciar suas posições, “(...) ella surge de la noticia brevemente enunciada”. VILLORDO, op. cit., p. 257 e 258.



também é uma revista datada, voltada para o presente e não apenas preocupada com os valores eternos de uma cultura cosmopolita, como destacam Victoria Ocampo e seus colaboradores com o aumento das pressões sobre os intelectuais. Além de revelar o interesse de Victoria Ocampo e da revista pela política, a criação das seções indica o interesse dos seus leitores em garantir uma discussão mais aberta, profunda e freqüente de temas políticos na *Sur*. Esse interesse não surge do nada, nem a *Sur* criaria as seções se não estivessem de acordo com seus propósitos. Isso é muito claro na abertura do primeiro *Debates sobre temas sociológicos*:

Con el propósito de ampliar el contenido de sus investigaciones, debates y crónicas, la revista *SUR* se dirigió a un grupo de intelectuales calificados del país para pedirles que formularan algunos de los temas que en los órdenes sociológico, político y literario les parecieran revestir más urgente interés dentro de lo nacional y de lo universal<sup>37</sup>.

A revista fala em ampliar os temas sociológicos e políticos, inclusive os nacionais, o que indica uma existência anterior destes temas na *Sur*. Em seguida, a revista destaca os temas mais sugeridos pelos participantes do primeiro debate. Três temas de interesse nacional são elencados: o problema governamental na Argentina, necessidade de uma reforma na educação secundária e superior e missão de *Sur*. Quanto aos temas de interesse geral, são elencados o problema religioso no mundo contemporâneo, relações entre arte e idéias sociais, estado de direito e estado totalitário e formas primitivas de mentalidade na sociedade moderna. Vale destacar que os temas de interesse nacional antecedem os temas de interesse geral, o que demonstra o nacional como um elemento central do cosmopolitismo de Victoria Ocampo e da *Sur*.

Enfim, direta ou indiretamente, a política, argentina e internacional, perpassa a *Sur* desde o primeiro número e contribuiu para dinamizá-la, como assinalam a criação das seções comentadas. Sobre o envolvimento da revista com a política, Victoria Ocampo confessa em 1975 que “(...) no éramos figuras de cera en un museo, representando a tal o cual personaje (...). (...). Y ésa fue la vida de SUR”<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 81, junho de 1941. Debates sobre temas sociológicos, p. 85.

<sup>38</sup> OCAMPO, They are fighting in the center: contesto a *La Opinión*, p. 236.

## O americanismo.

Apesar do americanismo perder espaço na *Sur* com o nazi-fascismo e a Segunda Guerra Mundial, a visão da Europa como modelo a ser seguido pela América não é hegemônica na revista e convive com uma América pensada em termos de alteridade e igualdade com a Europa, com potencialidades próprias.

Um exemplo que questiona a visão da *Sur* como um palco privilegiado do pensamento anti-americano e anti-argentino é a resenha crítica de Bernardo Canal Feijóo sobre *Radiografía de la pampa* de Ezequiel Martínez Estrada, vencedor do Prêmio Nacional de Letras de 1937. Somente em meados da década de quarenta é que Martínez Estrada passaria a gravitar em torno de Victoria Ocampo e da *Sur*. Basicamente, Feijóo condena o pessimismo do livro com a América e a Argentina. Coloca que o livro nega o ímpeto do Renascimento que originou a América, ao defender que o continente foi descoberto por um erro. Condena, ainda, o psicologismo do livro, que coloca a condição americana e argentina como fatal, inata, irreversível. “¿De dónde ha brotado, de qué complejos ha nacido este extraño libro sin piedad ni esperanza para el destino argentino?”<sup>39</sup>. A resposta é encontrada pelo autor em Alberdi e Sarmiento, na tradição liberal argentina, com a diferença da falta de perspectivas<sup>40</sup>. De acordo com Feijóo, Martínez Estrada desconsidera o passado colonial e a dependência econômica ao destacar os problemas americanos e argentinos:

Hemos dejado que se explotaran nuestras riquezas no para nuestro enriquecimiento, sino para el ajeno; hemos vivido durante mucho tiempo creyendo que lo principal, lo único respetable y “sagrado”, era “el capital de explotación”. Y hemos vendido por algunas volátiles moneadas, bienes que

---

<sup>39</sup> FEIJÓO, B. C. Radiografías fatídicas. *Sur*, Buenos Aires, nº 37, outubro de 1937. p. 73. Advogado, Bernardo Canal Feijóo participa do grupo *Martín Fierro*, do qual a *Sur* é considerada continuadora. Pertencente à universidade, é diretor de relações culturais da UBA e interventor da Faculdade de La Plata após a queda de Perón.

<sup>40</sup> “Éramos antigüedad y fuimos poblados por una nación de tipo antiguo, que era ya arcaica en la Europa de 1500”. MARTÍNEZ ESTRADA, E. *Radiografía de la pampa*. Buenos Aires: Losada, 2001. p. 76. Martínez Estrada acredita que o dilema de Sarmiento civilização e barbárie é falso, pois ambas fariam parte de uma mesma realidade. Desse modo, também vê o elemento europeu na Argentina com desconfiança, pelo seu contato com as figuras do guapo, compadre e guarango, pela transculturação em curso entre imigrantes e argentinos. Martínez Estrada revisa, mas não nega Sarmiento, tanto que também vê na solidão um dos principais traços argentinos.

tenían raíz de siglos. En los últimos cincuenta años hemos sido acaso por momentos mucho más colonia que antes de nuestra independencia<sup>41</sup>.

Uma posição bastante semelhante à de Martínez Estrada aparece no primeiro número da *Sur*. Em *Un paso de América*, Alfonso Reyes também relaciona a condição americana ao atraso dos espanhóis e dos índios. Reyes coloca a América como uma sucursal do mundo. No entanto, as semelhanças com Martínez Estrada terminam no final. Reyes conclui confiante no futuro da América, na sua entrada no mundo da cultura universal<sup>42</sup>.

A América também causa um desentendimento entre Victoria Ocampo e José Ortega y Gasset. Em dezembro de 1929, ainda antes da revista, em uma crítica a *El espectador* de Ortega y Gasset, no qual discorre sobre a Argentina em dois ensaios, Victoria Ocampo critica o etnocentrismo europeu. Contra a premissa de Ortega y Gasset, a verdade do viajante é seu erro, Victoria Ocampo defende que o erro do viajante é sua verdade, denunciaria seu etnocentrismo. De acordo com Victoria Ocampo, em *El Espectador*, a Argentina é descrita como um país apenas de promessas e possibilidades e o pampa não teria forma:

Es claro que, si me quejo de la falta de magnificencia del Támesis porque no se parece a nuestro río, o si Mlle. X no reconoce la grandeza de la Pampa porque no está cortada a la medida de l'Ile de France, la verdad de cada uno de nosotros se convertirá en nuestro error. (Verdad significa aquí noción de belleza)<sup>43</sup>.

A crítica ao desconhecimento da Argentina e da América pelos europeus é uma constante no pensamento de Victoria Ocampo. Em *Domingos en Hyde Park* (1936), conta que, na Inglaterra, lhe falaram sobre um romance que se passava na América do Sul. Ao indagar onde exatamente ocorria o romance, teria escutado Buenos Aires somente após minutos de indecisão. Apresentada ao autor, este confessa que nunca tinha estado na América do Sul. “Esta respuesta no me sorprendió. ¡La había presentido!... Cuanto más me

---

<sup>41</sup> FEIJÓO, op. cit., p. 74.

<sup>42</sup> REYES, A. Un paso de América. *Sur*, Buenos Aires, n° 1, verão de 1931. p. 149-158.

<sup>43</sup> OCAMPO, V. Quiromancia de la pampa. *Testimonios*: series primera a quinta. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 32.

familiarizo con Europa (yo también voy a pensar en continentes), más asediada me veo por este género de presentimientos”<sup>44</sup>.

Victoria Ocampo afirma que riu e chorou com o romance, com seus termos desconhecidos na Argentina e com seus argentinos repletos de títulos de nobreza. Victoria Ocampo responsabiliza por esse desconhecimento, em parte, o descaso com o qual o intelectual é geralmente tratado na América. “Las cosas del espíritu bien merecen que se las tome en serio... por lo menos tan serio como los tratados comerciales. Pero aquí se hunden en la indiferencia”<sup>45</sup>. Para mudar esse quadro, sugere o envio de jovens intelectuais como agregados culturais para a Europa e elogia a presença dos chilenos Neruda e Gabriela Mistral na Espanha. No entanto, também responsabiliza os europeus, que não teriam interesse em conhecer a Argentina e as Américas. “He frecuentado bastante los ambientes literarios de Francia, de Inglaterra, de Italia, de España, para poder darme cuenta de la opinión que allí tienen de nosotros (cuando se toman la molestia de tenerla)”<sup>46</sup>.

Já durante a Segunda Guerra Mundial, o etnocentrismo europeu provocaria um desentendimento entre Victoria Ocampo e Yvette, esposa de Roger Caillois, que teria discordado de uma crítica aos exilados franceses em Nova Iorque. Nas cartas, são conhecidas as críticas de Victoria Ocampo ao temperamento dos franceses, à pobreza franciscana no que se refere às cortesias do coração, como escreve para sua irmã Angélica em janeiro de 1930. Em resposta a Yvette, escreve em 26 de junho de 1943 para Caillois:

(...) pensar que aquello que no se parece a Europa o a Francia es inferior, es el error de los europeos en general y de los franceses en particular (por ejemplo, Paul Valéry).

En América (...) hay nuevas cualidades y nuevos defectos. Seamos severos con los defectos, pero también entusiastas con las cualidades, que son grandes.

(...). Y es gracias a las Américas que los europeos respiran en este momento. Algunos europeos (entre ellos Maritain, Saint-Léger, Gropius) lo saben muy bien<sup>47</sup>.

Outra discussão dessa natureza, ainda que menos tensa, ocorre com Conde Keyserling. Convidado por Victoria Ocampo, dá uma série de conferências no país e

---

<sup>44</sup> OCAMPO, V. South-America: ¿merecemos la ignorancia de Europa? *Domingos en Hyde Park*. Buenos Aires: Sur, 1936. p. 30.

<sup>45</sup> Ibid., p. 48.

<sup>46</sup> Ibid., p. 48.

<sup>47</sup> FELGINE, op. cit., p. 141-142. Não é demais lembrar que, na mesma condição de exilado, viviam Caillois e sua esposa.

escreve sobre suas impressões argentinas e americanas em *Meditaciones suramericanas* (1932). De acordo com o conde, a América do Sul é primitiva, pois aqui ainda haveria elementos pré-históricos na fauna, paisagem e nos homens que, desse modo, seriam telúricos, pouco ou nada desenvolvidos espiritualmente. Uma versão resumida do livro aparece no número 2 da *Sur*, publicado no outono de 1931. Apesar de, como Reyes, Keyserling se mostrar confiante no futuro do continente, no número 8 da *Sur*, de setembro de 1933, Homero M. Guglielmini e Jose Luis Romero criticam os exageros do livro. “Abusos de interpretación, deducciones gratuitas, divagaciones *sine liminis* se deben a cierta falta de escrupulosidad intelectual (...)”<sup>48</sup>, critica Guglielmini. Victoria Ocampo apenas se pronuncia em 1951, mas também destaca os exageros do conde.

O melhor representante do americanismo na *Sur* é Waldo Frank. Assim como o americanismo ganha força com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, quando a crença nos valores europeus é abalada, Frank vê na eclosão do nazi-fascismo e da Segunda Guerra Mundial o momento oportuno para a América assumir o papel que a História lhe teria reservado. Em *Inventario Americano*, publicado no número 71, de agosto de 1940, Frank destaca que França e Inglaterra, apesar da importância cultural, não souberam conter o avanço do nazi-fascismo, teriam perdido a oportunidade de salvar a liberdade, a humanidade, o que, então, caberia aos americanos. “Aquéllas dos grandes naciones han creado mundos en los tiempos pasados. Ahora nos toca a nosotros”<sup>49</sup>. Em *El judío en el futuro de América*, publicado no número 77, de fevereiro de 1941, deixa ainda mais evidente que a salvação do mundo estaria somente nas mãos da América. Além da Europa estar em guerra, Frank crê que o poderio dos três grandes povos da cultura oriental, os russos, os chineses e os hindus, estaria comprometido pelos seus problemas internos. Em *La guerra simple y la guerra profunda*, publicado no número 89, de fevereiro de 1942, Frank considera que a contribuição da América naquele momento poderia se dar de duas maneiras: contribuição bélica e técnica, da qual se encarregaria os Estados Unidos, resolveria a guerra simples e a contribuição intuitiva e visionária, da qual ficaria responsável a América Latina, solucionaria a guerra profunda. Frank considera o

---

<sup>48</sup> GUGLIELMINI, H. M. Crítica de las “Meditaciones suramericanas”. *Sur*, Buenos Aires, n° 8, setembro de 1933. p. 123.

<sup>49</sup> FRANK, W. *Inventario americano*. *Sur*, Buenos Aires, n° 71, agosto de 1940. p. 21.

americanismo possível, justamente, pela possibilidade da América do Norte e do Sul se completarem com suas características tão particulares, mas igualmente necessárias.

De uma certa maneira, em *América y las tres direcciones del ideal histórico*, publicado no número 98, de novembro de 1942, Francisco Romero supera Waldo Frank e defende que, desde o seu nascer, a América apresenta um potencial maior do que o apresentado pela Europa. Além da juventude do continente, destacada por Victoria Ocampo na *Carta a Waldo Frank*, Romero destaca que a “(...) amplitud permite una relación más cómoda y holgada entre los hombres (...)”<sup>50</sup>.

A cultura indígena tem pouco espaço na *Sur*, quando não é desconsiderada. Destaca-se uma visão da cultura indígena como incompleta pelo contato muito próximo com a natureza. A cultura européia potencializaria a indígena e, juntas, dariam à América um caminho próprio. Isso tampouco implica a hegemonia de um pensamento anti-americano e anti-argentino na revista, visto que este posicionamento leva ao erro oposto de desconsiderar os europeus como elementos constituintes da América e da Argentina. Apesar de predominante, a desvalorização do mundo indígena não ecoa na *Sur* sem nenhum questionamento. No *Debates sobre temas sociológicos* do número 86, de novembro de 1941, a desvalorização da cultura indígena encontra seu maior representante em Carlos Cossio. Cossio condena os movimentos indígenas, desvaloriza a cultura dos índios, cujo valor seria apenas arqueológico e não reconhece seus conhecimentos físicos, químicos e matemáticos como científicos. Contudo, Pedro Henríquez Ureña, que no *Debates sobre temas sociológicos* do número 72, de setembro de 1940, já tinha defendido o indigenismo como uma forma de se fazer algo pelos índios, lembra que a própria cultura européia, tão valorizada por Cossio, preza pela cultura indígena. “Hay (...) obras de arquitectura y de escultura, hechas por los índios, que hoy están en los museos de arte más selectos del mundo, junto a las obras griegas y egipcias”<sup>51</sup>. No mesmo debate, Germán Arciniegas coloca que a explicação e o destino da América deveriam ser buscados na América mesma e não na Europa. Caso contrário, “(...) desde ya entramos en un principio

---

<sup>50</sup> ROMERO, F. América y las tres direcciones del ideal histórico. *Sur*, Buenos Aires, nº 98, novembro de 1942. p. 9. Filósofo argentino, nasce em 1891. É catedrático de Filosofia na UBA e na Universidade de La Plata. Falece em 1962.

<sup>51</sup> *Sur*, Buenos Aires, nº 86, novembro de 1941. Debates sobre temas sociológicos, p. 98. Dominicano, o poeta, ensaísta, crítico literário e lingüista Pedro Henríquez Ureña nasce em 1884. Falece em 1946 na Argentina.

de vencimiento, nos colocamos en un plano de inferioridad, que sería fatal para nuestra existencia”<sup>52</sup>.

Enfim, o americanismo da *Sur* oscila entre duas vertentes, chamadas por Nora Pasternac de otimista e pessimista. No primeiro caso, poderiam ser enquadrados Waldo Frank e a própria Victoria Ocampo. No segundo, Alfonso Reyes e Keyserling. Essa oscilação faz com que Pasternac considere que o “(...) americanismo es en *Sur* una idea que termina convirtiéndose en algo abstracto (...)”<sup>53</sup>. De qualquer maneira, ao contrário do que sugerem as críticas, não há propriamente uma negação da América, das suas potencialidades na *Sur*. Entre os otimistas, reivindica-se a alteridade e os elementos europeus são considerados necessários para completar e não dominar a América, o que, naquele contexto marcado pela forte imigração, abre as portas para os imigrantes participarem da redefinição da identidade argentina e latino-americana. Como defende Borges na década de cinquenta, “(...) o verdadeiramente nativo sói (e pode) prescindir da cor local”<sup>54</sup>. Já em 1926, Ricardo Güiraldes indica na mesma direção com *Dom Segundo Sombra*, ao mostrar a educação européia recebida pelo protegido do protagonista e seu apego ao passado de gaúcho. Para encerrar, na *Sur* não se nota nem sequer entre os pessimistas uma descrença plena na América.

### O papel dos intelectuais.

Descobrir a América, frisa Victoria Ocampo na *Carta a Waldo Frank*. Descobrir que caberia apenas aos intelectuais e com o qual tentariam caber naquela sociedade marcada pelo avanço das massas. Conforme elencado nos temas de interesse nacional do

---

<sup>52</sup> Ibid., p. 94. Advogado colombiano, nasce em 1900. Militante, preocupado com as questões sociais, Arciniegas funda várias revistas. Falece em 1999.

<sup>53</sup> PASTERMAC, op. cit., p. 83. Exemplo da dificuldade em se captar o americanismo da *Sur* é Eduardo Mallea. Em busca da essência argentina, vê com desconfiança os imigrantes, a modernização segundo o modelo de Sarmiento. Considera que a identidade nacional está na Argentina que chama de invisível, no campo, no gaúcho, no homem do interior. Mesmo sendo uma figura central da *Sur*, especialmente nos primeiros anos, o posicionamento sobre os imigrantes e Sarmiento não se nota em outros colaboradores. Apesar da posição sobre os imigrantes, Mallea não se identifica com os grupos nacionalistas autoritários em ascensão.

<sup>54</sup> BORGES, J. L. O escritor argentino e a tradição. *Discussão*. Difel: 1985. p. 120. Borges defende que o *Martín Fierro*, a literatura gauchesca em geral, vista pelos nacionalistas como uma das principais representantes da identidade nacional, era de autoria de escritores e poetas educados à européia.

primeiro *Debates sobre temas sociológicos*, um descobrir colocado como uma missão da *Sur*, algo divino, inquestionável e intransferível.

Um momento no qual a visão do papel do intelectual aparece na *Sur* é em *Al margen de Gide* de Victoria Ocampo, publicado no número 10, de julho de 1935. Trata-se de uma defesa de hierarquias na sociedade, assim como há na natureza e na religião. Semelhante a Ortega y Gasset, Victoria Ocampo distingue essa hierarquia de quaisquer privilégios econômicos e políticos, contra os quais se coloca. Daí a representação da *Sur* como uma missão, como se não fosse fruto da sua vontade e dos seus interesses. Nesse sentido, na *Carta a Waldo Frank*, coloca que existe “(...) la angustia de los que, en plena inactividad, esperan que una tarea, que un deber les sea impuesto por las circunstancias. Tal vez había usted, generoso amigo, leído en mi semblante esta última angustia, tal vez decidió así ser la circunstancia”<sup>55</sup>. Como Ortega y Gasset, Victoria Ocampo defende uma hierarquia da cultura, do saber, chamada por alguns de meritocracia. As hierarquias aparecem como naturais. Portanto, seu restabelecimento seria uma necessidade para se solucionar a crise daquele momento:

Es difícil vivir y trabajar intelectualmente en un país en que las jerarquías están falseadas; (...) en un país en que, por consiguiente, nadie está en su lugar. Es lo que hoy ocurre hasta en los países más civilizados (¿o tendría que decir cultos?). Y el terrible estado de náusea del mundo actual ¿no proviene de la intoxicación que ese extremo desorden produce?<sup>56</sup>

Na passagem acima, aparece claramente o avanço das massas, assim como a necessidade do intelectual se distinguir delas para se legitimar. Na comemoração do aniversário de dez anos da *Sur* em 1941, no auge do nazi-fascismo e da Segunda Guerra Mundial, a revista já não aparece aberta como na *Carta a Waldo Frank* do primeiro número, na qual Victoria Ocampo coloca a *Sur* como uma revista dos que vieram à América, dos que pensam na América e dos que são da América. Em uma nova *Carta a Waldo Frank*, a *Sur* aparece como uma elite de escritores:

---

<sup>55</sup> OCAMPO, Carta a Waldo Frank. Nota-se a influência do pensamento de Ortega y Gasset. Segundo o filósofo espanhol, o homem deve ser entendido no cruzamento do eu com suas circunstâncias. “É (...) falso dizer que na vida decidem as circunstâncias. Pelo contrário: as circunstâncias são o dilema, sempre novo, ante o qual temos de nos decidir. Mas quem decide é o nosso caráter”. ORTEGA Y GASSET, op. cit., p. 82.

<sup>56</sup> OCAMPO, V. *Al margen de Gide*. *Sur*, Buenos Aires, nº 10, julho de 1935. p. 13.



Cuando usted y yo hablamos de *Sur* por primera vez (...) nos inquietaba (...) el problema de un continente entero cuya unión deseábamos. Esta unión existía para nosotros a través de lo que de hecho, y obedeciendo a una ley espiritual, está siempre ligado: una *élite* de escritores. Aristocracia cuyos miembros tienen siempre estrecho parentesco, como en otro tiempo las familias reinantes<sup>57</sup>.

Dez anos antes, já no número 2 da *Sur*, de outubro de 1931, uma resenha de Francisco Romero sobre *A rebelião das massas* demonstra essa visão do papel do intelectual, assim como da sua relação com as massas. Após destacar positivamente a influência do pensamento de Ortega y Gasset na Argentina, Romero concorda com a tese central de *A rebelião das massas*. Nas suas palavras, o homem-massa avançou “(...) sin esforzarse en corregir su natural vulgaridad al ocupar los puestos de goce y comando”<sup>58</sup>. Assim, Romero também defende as hierarquias do saber e afirma que as elites não souberam inculcá-la nas massas. Para isso, Romero propõe uma reforma anti-liberal do liberalismo. “El liberalismo, para realizarse, exige (...) una tarea de educación de las masas que violenta sus instintos y comporta la imposición de normas y disciplinas; violencia e imposición que, por muy atenuadas que las imaginemos, no son de índole estrictamente liberal”<sup>59</sup>. Mais uma vez, a diminuição da liberdade para conter a tirania da maioria.

A diminuição seria legítima considerando-se a massificação empreendida pelos regimes totalitários, que teria acabado com a opinião pública, um dos principais pressupostos liberais. No número 74 da *Sur*, de dezembro de 1940, Francisco Ayala defende que a opinião pública somente se forma com liberdade de reunião, discurso e imprensa, de tal forma que a opinião da maioria não corresponderia necessariamente à opinião pública:

Lo que propiamente califica de opinión pública un determinado contenido no es que cuente con la adhesión y corresponda a la voluntad de la mayoría de los individuos participantes en la comunidad, o de un porcentaje más o menos elevado de ellos. Podría, teóricamente, contar con la adhesión de su totalidad, y no alcanzaría la calidad de opinión pública si no encontraba la vía de acceso mediante una formulación susceptible de hacerse valer como expresión de un querer público<sup>60</sup>.

<sup>57</sup> OCAMPO, V. Carta a Waldo Frank. *Sur*, Buenos Aires, nº 75, dezembro de 1940. p. 13.

<sup>58</sup> ROMERO, F. Al margen de “La rebelión de las masas”. *Sur*, Buenos Aires, nº 2, outubro de 1931. p. 193.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 202.

<sup>60</sup> AYALA, F. Sobre la opinión pública. *Sur*, Buenos Aires, nº 74, novembro de 1940. p. 25. Espanhol, Francisco Ayala nasce em Granada em 1906. Com a Guerra Civil Española, se exila na Argentina.

A questão também aparece com profundidade em julho de 1938, no número 46, *Defensa de la inteligencia*. Adolf Hitler já está no poder na Alemanha e a Guerra Civil Espanhola prepara o terreno para a Segunda Guerra Mundial ao caminhar para a vitória de Franco. Victoria Ocampo abre o número *Con Sarmiento*, o que demonstra a filiação da revista com a tradição liberal argentina. Victoria Ocampo retoma palavras de Sarmiento que afirmam que a liberdade de expressão é a maior conquista das revoluções européias e que os escritores não temiam mais ninguém, pois as fogueiras tinham sido apagadas. Em seguida, acrescenta que existem “(...) cosas que Sarmiento no podría escribir hoy día. Las hogueras han vuelto a encenderse”<sup>61</sup>. De acordo com Victoria Ocampo, a defesa da liberdade de expressão é indissociável do cosmopolitismo, que prima pela ausência de fronteiras. Novamente lembrando palavras de Sarmiento, destaca que o “(...) escritor no es (...) hombre de una nación”<sup>62</sup>. Assim, descarta a possibilidade de existir liberdade de expressão em regimes nacionalistas, como o nazismo e o franquismo.

No mesmo número, uma reforma do liberalismo como a proposta por Francisco Romero é defendida pelo inglês John Middleton Murry, o que demonstra que os antagonismos entre democracia e autoritarismo não são peculiaridades do liberalismo latino-americano, especialmente no século XIX, como defende parte da historiografia<sup>63</sup>:

La libertad de intercambio y de crítica que parece necesaria al desarrollo sano de la inteligencia no implica, es claro, libertad para que cada miembro de la sociedad exhiba y propague sus opiniones. Semejante libertad se convertiría fácilmente en licencia y resultaría subversiva para la existencia social ordenada, de la cual no menos que de la misma libertad de discusión, depende la inteligencia para su funcionamiento<sup>64</sup>.

---

<sup>61</sup> OCAMPO, V. Con Sarmiento. *Sur*, Buenos Aires, n° 46, julho de 1938, p. 7.

<sup>62</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>63</sup> Exemplo dessa historiografia pode ser encontrada no artigo de Frank Safford na coleção *História da América Latina*, publicada originalmente pela editora Cambridge. De acordo com Safford, depois da independência da América Latina, os “(...) princípios constitucionais liberais, entre eles, com ênfase especial, a separação entre os poderes e os controles constitucionais do poder do executivo, foram engolfados pelas tradições políticas espanholas, nas quais a autoridade se concentrava nas mãos da coroa, e pelas realidades da América espanhola da época”. SAFFORD, F. Política, ideologia e sociedade na América espanhola do pós-independência. In: BETHEL, L. (Org.). *História da América Latina: da independência até 1870*. São Paulo: Editora da USP, 2001. v. 3. p. 341.

<sup>64</sup> MURRY, J. M. El futuro de la inteligencia. *Sur*, Buenos Aires, n° 46, julho de 1946, p. 59-60. John Middleton Murry nasce em 1889 em Londres. Jornalista e crítico literário, falece em 1957.

De acordo com Nora Pasternac, a visão do intelectual e da sua relação com as massas, ostentada pela *Sur*, “(...) parece tratarse de una reacción (...) al peligro que la actividad intelectual corria ante los asaltos de lo irracional”<sup>65</sup>. Isso pode ser notado no comentário sobre o fim da revista cultural inglesa *The Criterion* de T. S. Eliot, no qual a cultura é colocada como um patrimônio a ser defendido por poucos. O comentário, publicado no número 53, de fevereiro de 1939, na seção *Calendario*, transcreve as seguintes palavras de Eliot:

En este nada brillante futuro inmediato, y quizá durante mucho tiempo, la continuidad de la cultura habrá de ser mantenida por un muy pequeño de personas (...). (...) serán (...) los pequeños y oscuros diarios y revistas (aquellos que son leídos casi exclusivamente por sus propios colaboradores) quienes conserven vivo el pensamiento crítico y alienten a los autores con talento original<sup>66</sup>.

A reforma do liberalismo defendida por Romero e Murry se casa com a hierarquia do saber presente no pensamento de Ortega y Gasset e Victoria Ocampo, já que colocam limites às massas e às suas idéias. Apesar disso, acreditam que as hierarquias não excluiriam a liberdade e a felicidade. As hierarquias fariam com que os intelectuais pudessem cumprir seu dever, o progresso cultural da humanidade, o que não poderia ser feito pelas massas, que não teriam cultura. Nesse sentido, em *Al margen de Gide*, Victoria Ocampo destaca o seguinte:

En el prefacio a “Vuelo nocturno”, Gide agradece al autor de ese libro por haber echado luz sobre una verdad que él califica de paradójica: a saber, “*que la felicidad del hombre no está en la libertad, sino en la aceptación de un deber*”. Gide cuenta que cantidad de críticos le reprocharon por calificar así una verdad reconocida como tal desde hace mucho (...)<sup>67</sup>.

Paradoxalmente, sem as massas não se governa, não se alcança nenhuma legitimidade. A massa mais deslegitimada e que precisa ser mais controlada é sempre aquela que está com o outro. Nesse sentido, nos relatos da prisão, Victoria Ocampo não demonstra qualquer desconforto com as demais detentas. Além disso, após a queda de

---

<sup>65</sup> PASTERMAC, op. cit., p. 23.

<sup>66</sup> *The Criterion*. *Sur*, Buenos Aires, n° 53, fevereiro de 1939. *Calendario*, p. 8. T. S. Eliot (1888-1965) é poeta, crítico e dramaturgo norte-americano naturalizado inglês.

<sup>67</sup> OCAMPO, *Al margen de Gide*, p. 18.

Perón, o número 237 da *Sur* condena o modo como seu governo implantou as medidas sociais, mas não as medidas em si. Afinal de contas, os anti-peronistas precisavam conquistar o apoio das massas peronistas. Logo, a vulgaridade das massas é uma representação do jogo político e não uma condição natural. Nesse sentido, são pertinentes as seguintes palavras de Foucault:

(...) o que os intelectuais descobriram recentemente é que as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. (...). Os próprios intelectuais fazem parte deste sistema de poder, a idéia de que eles são agentes da “consciência” e do discurso também faz parte desse sistema<sup>68</sup>.

A visão do intelectual e da sua relação com as massas defendida pela *Sur* apresenta dois desdobramentos bastante claros e um tanto incongruentes entre seus colaboradores. Se a função do intelectual é exclusivamente preservar e desenvolver a cultura, este não seria responsável pela crise política daquele momento, mais exatamente pela emergência e consolidação do nazi-fascismo, cuja responsabilidade caberia ao pensamento e comportamento vulgar das massas. Com isso, o intelectual se apresenta com as mãos limpas, capacitado para apontar e conduzir soluções para a crise. No entanto, se o intelectual pode solucionar a crise, por que não fez isso antes? Assim, ao lado da representação da *Sur* como uma revista cultural sem nenhuma preocupação política, aparece o envolvimento político, com a necessidade de se reconhecer a culpa dos intelectuais pela vulgaridade que viam nas massas, sobre a qual o nazi-fascismo teria surgido e se fortalecido. Se as massas são vulgares, os intelectuais teriam falhado na sua tarefa de preservação e desenvolvimento da cultura.

Nesse sentido, em *Nuestra culpa en el fascismo*, publicado no número 69 da *Sur*, de junho de 1940, Waldo Frank coloca os intelectuais como os maiores culpados pelo nazi-fascismo pela sua ignorância da ignorância, parafraseando Reinhold Niebuhr. No entanto, a crítica de Frank não deve ser superestimada. Ao defender que o intelectual ignorou a ignorância, frisa que apenas o intelectual pode colaborar com o saber, não as massas. Nesse reconhecimento de culpa, aparece uma visão paternalista do intelectual.

---

<sup>68</sup> FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003. p. 71.

Frank coloca que uma relação orgânica e harmônica entre o intelectual e as massas seria a essência da democracia:

(...) nuestro deber es *condicionar* el trabajo detallado e intrincado del pueblo – desde la política y la ciencia hasta la paternidad y la preparación del pan; condicionar todo esto a través de la experiencia de nuestra obra, con el conocimiento orgánico de la naturaleza y destino del hombre, que es lo único que puede convertir en armonía y salud el caos de sus acciones. De esa experiencia resulta la integración que es el núcleo de la democracia<sup>69</sup>.

Apesar de Frank não ser um intelectual de esquerda identificado com o marxismo ortodoxo, é interessante destacar sua semelhança com os demais colaboradores da revista, no que se refere ao intelectual como único portador da cultura, como aquele que educa e conduz as massas. Como coloca Antonio Carlos Maximo, o intelectual de esquerda se trai ao tratar a massa como massa. “(...) apesar de uma certa boa vontade, o intelectual de esquerda se curva com dificuldade às exigências da multidão (...)”<sup>70</sup>.

A questão da culpa dos intelectuais também aparece nos *Debates sobre temas sociológicos* do número 83 da *Sur*, publicado em agosto de 1941. No debate, Germán Arciniegas lembra que as ditaduras são apoiadas e convenientes para muitos intelectuais. No entanto, como no texto de Frank, predomina uma crítica amena quanto às responsabilidades dos intelectuais pelos acontecimentos daqueles anos. Nesse sentido, Carlos Alberto Erro considera que os intelectuais não fizeram o suficiente, mas que não ficaram indiferentes. Francisco Ayala cobra uma atitude mais efetiva não apenas dos intelectuais, como também dos homens comuns de consciência limpa. Sem questionar a necessidade de uma ação do intelectual, Carlos Cossio tira a responsabilidade dos intelectuais e se pergunta “(...) ¿qué instrumento de acción da nuestra sociedad al escritor?”<sup>71</sup>. De um modo semelhante, Eduardo González Lanuza coloca que é o mundo quem vive às custas do intelectual e não o inverso. “(...) el mundo (...) se nutre de nuestras ideas y nos niega, después de haberse alimentado con lo que tenemos nosotros de vivificante para él”<sup>72</sup>. As palavras de Cossio e Lanuza mostram como a preservação e o

<sup>69</sup> FRANK, W. Nuestra culpa en el fascismo. *Sur*, Buenos Aires, n° 69, junho de 1940. p. 20-21.

<sup>70</sup> MAXIMO, A. C. *Os intelectuais e a educação das massas: o retrato de uma tormenta*. Campinas; Autores Associados, 2000. p. 58-59.

<sup>71</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 83, agosto de 1941. Debates sobre temas sociológicos, p. 107. Argentino, Carlos Cossio (1903-1987) era jurista e filósofo.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 111. Argentino, Eduardo González Lanuza (1900-1984) era poeta, ensaísta e dramaturgo.

desenvolvimento da cultura caberia apenas aos intelectuais, pois o restante da sociedade não teria condições, ou mesmo interesse, em fazer isto.

Apesar de tímida, a auto-avaliação dos intelectuais encontra respaldo em correntes católicas progressistas, marcadamente o personalismo. Essas correntes propunham uma participação dos intelectuais católicos nas questões políticas mais relevantes. De acordo com essas correntes, essa participação deveria ser ativa, gerar projetos e soluções, mas nunca resultar em um envolvimento excessivo, sectário, como a entrada em um partido político. O personalismo não recusa a política, mas a política tradicional, partidária. Ao concentrar sua atenção no indivíduo, na pessoa, o personalismo aparece como um contraponto às pretensões onipresentes dos Estados totalitários e seu regime de massas, assim como à visão classista que rege o marxismo. O personalismo também critica as desigualdades sociais promovidas pelo sistema capitalista, o que é desconsiderado pelos críticos que colocam a *Sur* como uma trincheira do capitalismo e do imperialismo.

O personalismo na revista pode ser notado já no número 16, de janeiro de 1936, quando publica *La revolución del orden* de Louis Ollivier, francês identificado com o personalismo e integrante do grupo Ordem Nova. Ollivier começa com uma crítica ao maquinismo, comum na crise do capitalismo e do liberalismo iniciada em 1929. “(...) el maquinismo no está produciendo sino el envilecimiento del hombre y la desocupación, la llaga más dolorosa de nuestra civilización”<sup>73</sup>. Apesar das críticas ao capitalismo e ao liberalismo, descarta igualmente o comunismo, pois defende uma reconstrução, uma evolução sem revolução. Defende uma organização social baseada em corporações, que fortaleceriam os trabalhadores como indivíduos, o que teria desaparecido com os mitos coletivos:

Existe el hábito de considerar el Estado, la Nación, la Clase, la Raza como realidades autónomas, que poseyeran su destino propio, que cumplieran su evolución fatal fuera de nuestras vidas individuales.

Al separarlas de sí mismo, el hombre ha creado frente a sí fuerzas que ya no puede dominar. Para darles así una vida extraña a la suya, tenía que abandonar su propio yo para fundirlo en el destino de esas nuevas realidades (...) <sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> OLLIVIER, L. La revolución del orden. *Sur*, Buenos Aires, n° 16, janeiro de 1936. p. 62.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 64.

Em maio do mesmo ano, no número 20, a revista promove seu primeiro debate, justamente, com Ollivier. No debate, nota-se que o caminho proposto pelo personalismo não é radical como pode sugerir o nome do grupo ao qual pertence Ollivier. Apesar das críticas, o personalismo concilia elementos capitalistas e comunistas. Nesse sentido, Ollivier crê que as corporações de trabalhadores que propõe poderiam ser auxiliadas por sindicatos e até mesmo pelo Estado. Além do Estado, Ollivier também não nega a propriedade privada. “El hombre de nuestra revolución no busca su felicidad en la destrucción de las riquezas” e “(...) no somos en absoluto comunistas”<sup>75</sup>, ressalta aos colaboradores da *Sur*. A organização social proposta por Ollivier conviveria com a existente e somente se expandiria pelo convencimento, em uma atitude conciliatória característica do personalismo.

De qualquer modo, o personalismo aparece na *Sur* como um pensamento que permitiria aos intelectuais manterem sua liberdade e independência sem serem acusados de indiferença, omissão perante os problemas da humanidade. Sobre o número *Defensa de la inteligencia*, Nora Pasternac destaca que a *Sur* lamenta duas atitudes igualmente condenáveis da inteligência, “(...) el desentendimiento de toda responsabilidad hacia la sociedad, o la adhesión al fascismo de algunos de sus representantes y de otros, al comunismo”<sup>76</sup>. O personalismo se apresenta como uma alternativa a esse dilema, ao defender uma atuação política independente. Nesse sentido discorre Jacques Maritain na *Carta sobre la independencia*, publicada no número 22 da *Sur*, de julho de 1936:

La independencia del cristiano atestigua la libertad de la fe frente al mundo. Es todo lo contrario de una retirada o de una evasión; todo lo contrario de una defección ante el drama de la existencia y de la vida, de un atrincheramiento en una curiosidad *espectacular*. Es un compromiso tanto más real y tanto más profundo cuanto que la libertad interior sigue intacta<sup>77</sup>.

A atuação dos personalistas na *Sur* se manifesta com força durante a Guerra Civil Espanhola. Esses intelectuais condenam a justificativa do conflito como uma cruzada

---

<sup>75</sup> *Sur*, Buenos Aires, nº 20, maio de 1936. Primer debate de *Sur*. Louis Ollivier: *misión o demisión del hombre*. p. 40 e 41.

<sup>76</sup> PASTERMAC, op. cit., p. 25.

<sup>77</sup> MARITAIN, J. Carta sobre la independencia. *Sur*, Buenos Aires, nº 22, julho de 1936. p. 56-57. No número 27, de dezembro de 1936, a revista publica uma conferência com Jacques Maritain a respeito da sua *Carta sobre la independencia*. Francês, Jacques Maritain (1882-1973) era filósofo.

contra o ateísmo comunista, com o que concorda os setores mais conservadores e nacionalistas da Igreja Católica. No *Calendario* do número 33, publicado em junho de 1937, a *Sur* publica um manifesto de intelectuais personalistas franceses contra o bombardeio de cidades como Durango e Guernica, dentre outras na Espanha. O manifesto, assinado, dentre outros, por Jacques Maritain, conclama que “(...) todos los católicos, sin distinción de partidos, están en la obligación de levantar su voz los primeros, para evitar que el mundo sufra la masacre sin piedad de un pueblo cristiano”<sup>78</sup>. A causa cristã é colocada acima de causas políticas, partidárias. A solidariedade dos intelectuais católicos franceses com o povo espanhol, presente no manifesto, também insere o personalismo dentro do programa cosmopolita da *Sur*.

O espaço dado aos personalistas na *Sur* e seu apoio aos republicanos, dentre os quais estavam os comunistas, na Guerra Civil Espanhola, provoca uma polêmica entre a revista e *Criterio*, publicação católica argentina conservadora e pró-Franco. No número 493, de agosto de 1937, a *Criterio* publica uma carta de Jacques Maritain, na qual critica um artigo de Julio Meinvielle. Segundo Maritain, Meinville o chama de comunista, mas trabalharia há trinta anos por Jesus Cristo e pela verdade. Após a carta, *Criterio* publica outra, agora do seu diretor, na qual Maritain é novamente ligado ao comunismo por publicar em revistas de esquerda, dentre as quais destaca a *Sur*:

(...) ud. admitió que se supiera en Buenos Aires su posición, y escogió para ello una revista como “Sur”, cuyo valor literario no pongo en duda, pero cuya orientación es francamente de izquierda. Desde entonces no hay periódico extremista, comenzando por “Crítica” o “Señales”, sin contar los oficialmente comunistas, no hay hoja de col provinciana de tinte rojizo, que no se valga de la autoridad de ud. para atacar a los católicos que defienden a sus correligionarios de España<sup>79</sup>.

*Sur* responde no mesmo mês. No número 35, publica *Posición de Sur*, na qual afirma desconhecer o que é ser uma revista de esquerda. Além disso, coloca-se como defensora unicamente da cultura e da tradição democrática argentina. Condena o envolvimento do clero com a política e evidencia a influência do personalismo ao destacar que apenas se interessa pela política quando relacionada com o espiritual. “Cuando los

---

<sup>78</sup> Un manifiesto de los escritores católicos franceses. *Sur*, Buenos Aires, n° 33, junho de 1937. *Calendario*, p. 112.

<sup>79</sup> *Criterio*, Buenos Aires, n° 493, agosto de 1937. *Posiciones*, p. 350.



principios cristianos, los fundamentos mismos del espíritu aparecen amenazados por una política, entonces levantamos nuestra voz”<sup>80</sup>.

Os privilégios econômicos de Victoria Ocampo e de colaboradores da *Sur* não bastam para se compreender a visão do intelectual e da sua relação com as massas ostentada pela revista. Em primeiro lugar, a proximidade com outros grupos políticos remete a questão aos fundamentos da política moderna. Além disso, não basta analisar o liberalismo da *Sur* através daquele que emerge no pós-guerra e, principalmente, do que sucede as últimas ditaduras militares na América Latina. As reformas que propõem no liberalismo, para conter as massas e impedir a tirania da maioria, demonstra como o nazi-fascismo e a Segunda Guerra Mundial reforçam os traços conservadores que o liberalismo carrega consigo. Finalmente, a influência do personalismo na *Sur* demonstra que Victoria Ocampo e seus colaboradores não defendiam um intelectual apolítico, mas descomprometido com a política em voga, marcada pela intervenção nas artes e no pensamento e pela massificação.

### **O nazi-fascismo e a Segunda Guerra Mundial.**

Uma das primeiras denúncias da revista contra o nazi-fascismo é publicada no número 9 da *Sur*, de julho de 1934, em *¿Por que ha de sobrevivir el judio?* de Waldo Frank, que tem origem judaica. Frank alerta que o anti-semitismo não se restringia às fronteiras alemãs e que já estava fincado nas Américas. O entrelaçamento entre acontecimentos europeus e americanos seria freqüente na *Sur* e influenciaria na sua oposição ao peronismo, visto na maioria das vezes a partir das semelhanças com o nazi-fascismo e do apoio que recebe de setores autoritários e nacionalistas da sociedade argentina. Surpreendentemente, Frank considera que, na perseguição, estaria a sobrevivência do judaísmo, pois com o avanço do capitalismo, muitos judeus teriam se esquecido dos verdadeiros valores judaicos e passado a viver como seus perseguidores. “(...) cuando un pueblo está dispuesto a ser perseguido y a morir por una buena causa, esa

---

<sup>80</sup> Posición de *Sur*. *Sur*, Buenos Aires, n° 35, agosto de 1937. p. 7.

causa vive – y ese pueblo también”<sup>81</sup>. Uma vitória do nazi-fascismo nunca foi cogitada pela *Sur*, inclusive no seu período de expansão.

A denúncia contra o anti-semitismo seria tão comum na *Sur* como a denúncia contra as perseguições sofridas pelos intelectuais nos países nazi-fascistas. Mais do que solidariedade, se apreende da revista uma identificação dos intelectuais com as perseguições sofridas pelos judeus. A perseguição aos judeus também é vista como uma perseguição às minorias reivindicadas pela *Sur* e, como povo sem pátria, à cultura cosmopolita defendida pela revista.

A perseguição do nazi-fascismo aos intelectuais aparece no número 26 da *Sur*, de novembro de 1936, com a publicação póstuma de trechos do diário de Leo Ferrero (1903-1933), ensaísta, dramaturgo e poeta italiano, sob o título *Diario de un privilegiado bajo el fascismo*. Leo é filho do historiador Guglielmo Ferrero e a parte do diário que é publicada demonstra as perseguições sofridas pelo pai na Itália de Mussolini. Dessa maneira, o título dado ao diário ironiza o fascismo, colocando-o como uma inversão de valores, uma quebra da meritocracia defendida por Victoria Ocampo e pela *Sur*. “En este país se trata a los verdaderamente grandes como charlatanes y bufones y a los bufones como grandes”<sup>82</sup>, resume Leo Ferrero. O diário relata o estado de tensão criado pelo fascismo, o desrespeito ao direito de ir e vir, a inexistência de liberdade de expressão, os espiões dentro da própria casa, o terror psicológico, enfim, a situação à qual estava submetida os intelectuais e a oposição em geral.

Em um primeiro momento, perante o aumento da tensão na Europa, a revista assume uma postura marcada pelo pacifismo, uma das principais características do pensamento de Victoria Ocampo, admiradora de Gandhi. Nesse sentido, no número 22 da *Sur*, de julho de 1936, é publicado um texto pacifista de Aldous Huxley, no qual desqualifica uma série de argumentos que procuram justificar a existência de guerras. Huxley questiona, inclusive, a tradicional argumentação da guerra como uma lei da natureza:

El conflicto es ciertamente cosa común en el reino animal. Pero, salvo raras excepciones, el conflicto se produce entre individuos aislados. La guerra, en el

---

<sup>81</sup> FRANK, W. ¿Por que ha de sobrevivir el judío? *Sur*, Buenos Aires, n° 9, julho de 1934. p. 170.

<sup>82</sup> FERRERO, L. *Diario de un privilegiado bajo el fascismo*. *Sur*, Buenos Aires, n° 26, novembro de 1936. p. 42.

sentido de conflicto entre ejércitos, existe entre ciertas especies de insectos (...); pero es significativo que estos insectos no hacen guerra contra miembros de su propia especie (...). El hombre es probablemente el único que hace la guerra contra su propia especie<sup>83</sup>.

No entanto, a eclosão e evolução da Segunda Guerra Mundial, assim como o crescimento dos simpatizantes do Eixo na Argentina, fizeram com que o pacifismo perdesse espaço na *Sur*. O apoio aos Aliados e ao fim da neutralidade argentina é tão intenso que a revista comemora o fim da neutralidade brasileira e a entrada do país no conflito, sem mencionar que, internamente, vivia-se a ditadura do Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas, como será explorado no próximo capítulo. Durante a Primeira Guerra Mundial, a Argentina permanece neutra e, na segunda, os grupos autoritários e nacionalistas do país evocam esta neutralidade como uma tradição e uma forma de defender a soberania nacional, o que mascarava a simpatia pelo Eixo e resistia às pressões dos Estados Unidos pela entrada dos países na guerra ao lado dos Aliados. Exemplo de como a política nacional é tão decisiva quanto os acontecimentos na Europa para a *Sur* abandonar o pacifismo pode ser encontrado no número 69, de junho de 1940, no qual Federico Pinedo defende o fim da neutralidade argentina. Dirigindo-se ao governo, lembra que o Eixo não respeitou a neutralidade da Bélgica, Dinamarca, Holanda e Noruega e que uma embarcação argentina já tinha sido afundada. “(...) un diplomático alemán, con todo su séquito, cuida en nuestra tierra de los intereses del Reich y testimonia a nuestras autoridades en diversas circunstancias la amistad y la buena voluntad alemana”<sup>84</sup>, condena Pinedo.

Em meio ao engajamento da *Sur* no fim da neutralidade argentina, verifica-se a defesa de um maior alinhamento com os Estados Unidos. Pinedo, além de lembrar dos interesses comerciais com os norte-americanos, coloca que a Argentina, unida “(...) de manera especial a la poderosa república del Norte, habrá de tener fuerza suficiente para que deba considerarse aventura peligrosa cualquier tentativa de invasión armada en esta parte de la tierra”<sup>85</sup>. No entanto, é com Archibald Macleish que a defesa de um maior

---

<sup>83</sup> HUXLEY, A. ¿Como lo resuelve ud.? El problema de la paz constructiva. *Sur*, Buenos Aires, n° 22, julho de 1936. p. 8.

<sup>84</sup> De un ensayo de Federico Pinedo sobre “soberanía argentina y neutralidad argentina”. *Sur*, n° 69, junho de 1940. p. 108. Argentino, Pinedo (1895-1971) era político e historiador.

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 108.

alinhamento da América Latina inteira com os Estados Unidos se radicaliza, como antecipa o título *El arte de la buena vecindad*, publicado no número 73 da *Sur*, de outubro de 1940. O anti-americanismo latino-americano é ligado ao nazi-fascismo e as atitudes dos Estados Unidos com a região seriam, então, puramente defensivas e não imperialistas. Mais do que isso, o autor coloca que se tratava da defesa de uma cultura superior contra uma inferior, o que indica o impacto da guerra sobre o americanismo proposto inicialmente pela revista:

El movimiento para fomentar las relaciones culturales entre este país y la América Latina no es, ni mucho menos, el movimiento hipócrita y misionario que parecería sugerir la historia. Es exactamente lo contrario de un movimiento misionario. No pretende hacer extensivos a un pueblo atrasado, más allá de Río Grande, los beneficios de nuestra cultura superior. Antes, por el contrario, pretende defender nuestra cultura atacada en aquellos parajes donde más se halla en peligro<sup>86</sup>.

O nazi-fascismo seria uma ameaça à cultura européia, considerada universal. É colocado como um perigo, inclusive, para as culturas alemã e italiana. Assim, o nazi-fascismo seria um acidente que não combinaria com o patrimônio cultural da Alemanha e da Itália. Não seria algo enraizado e, portanto, poderia ser derrotado. Nesse sentido, em *Ensayo de imparcialidad*, publicado no número 61 da *Sur*, de outubro de 1939, Borges coloca que aqueles que “(...) abominan de Hitler, suelen abominar también de Alemania. Yo he admirado siempre a Alemania”<sup>87</sup>. Em seguida, no final, completa. “Espero que los años nos traerán la venturosa aniquilación de Adolf Hitler, hijo atroz de Versalles”<sup>88</sup>.

No entanto, a preocupação com as culturas alemã e italiana parece irrelevante quando comparada com a comunhão com a Inglaterra e, sobretudo, com a França, manifestada pela *Sur*. No primeiro caso, Borges é o melhor exemplo. “Yo pienso en Inglaterra como se piensa en una persona querida, en algo irremplazable e individual”<sup>89</sup>. Por detrás disso está, certamente, a sua admiração pela avó paterna Fanny Haslam de

---

<sup>86</sup> MACLEISH, A. El arte de la buena vecindad. *Sur*, Buenos Aires, n° 73, outubro de 1940. p. 71. Norte-americano, Macleish (1892-1982) era poeta.

<sup>87</sup> BORGES, J. L. Ensayo de imparcialidad. *Sur*, Buenos Aires, n° 61, outubro de 1939. In: CARRIL, S. L. de; SOCHHI, M. R. de (Org.). *Jorge Luis Borges en Sur (1931-1980)*. Buenos Aires: Emecé, 1999. p. 29.

<sup>88</sup> Ibid., p. 30.

<sup>89</sup> BORGES, J. L. Nota sobre la paz. *Sur*, Buenos Aires, n° 87, dezembro de 1941. In: CARRIL; SOCHI, op. cit., p. 34.

Borges, nascida na Inglaterra. Victoria Ocampo, por sua vez, demonstra exemplarmente a comunhão da revista com a França:

Francia: nosotros los que en el mundo entero hemos recibido las riquezas con que nos has colmado no tenemos más mérito que el haber sabido recibirlas. Esas riquezas se han vuelto parte de nuestro ser, y nuestra fidelidad para contigo no es más que una fidelidad con nosotros mismos<sup>90</sup>.

Apesar do alinhamento com os Estados Unidos defendido na *Sur*, assim como da comunhão cultural com a Inglaterra e a França demonstrada pela revista, é fraca a associação entre Victoria Ocampo e seus colaboradores com o imperialismo. A esquerda também estava ao lado dos Aliados, compunha a frente com a União Soviética. Além de anti-liberal, o nazi-fascismo também se colocava como anti-comunista.

Além das críticas comuns ao desconhecimento da Argentina e das Américas pelos estrangeiros, durante a Segunda Guerra Mundial, apesar do apoio incondicional aos Aliados, Victoria Ocampo não deixa de tecer críticas às potências européias e aos Estados Unidos. Suas cartas para Caillois mostram como, em meio ao conflito, descarta o pacifismo como método de luta e defende a guerra contra o Eixo. Em uma carta de 15 de agosto de 1940, certamente descontente com o isolacionismo que até então marcava a posição dos Estados Unidos perante o conflito, Victoria Ocampo escreve para Caillois que os “(...) norteamericanos se parecen un poco a los alemanes (...) en la falta de rapidez y flexibilidad”<sup>91</sup>. Antes, em uma carta de 12 de abril de 1940, além de criticar os alemães, condena a apatia e petulância da França e Inglaterra no conflito:

Por la radio escuché Londres, París, Berlín. Los alemanes son niños malos llenos de vitalidad, de intención y de mentiras. Los otros, los viejos chochos que repiten: “Ved cómo somos justos, razonables y cómo un día castigaremos a los niños malos”. Pero los niños malos no obran más que a su antojo y los viejos chochos (que para colmo mienten ellos también toman al mundo de testigo: ¡Ved qué malos son! Quieren ser tan ricos como nosotros” (...) <sup>92</sup>.

Em 15 de agosto do mesmo ano, Victoria Ocampo reclama mais uma vez da apatia dos franceses e ingleses, agora, perante a invasão da Holanda pelos alemães. Em uma carta

---

<sup>90</sup> OCAMPO, V. Carta a Francia. *Sur*, Buenos Aires, n° 69, junho de 1940.

<sup>91</sup> FELGINE, op. cit., p. 60.

<sup>92</sup> Ibid., p. 58.

do dia seguinte, mostra-se impressionada com a apatia e futilidade dos franceses perante a iminente invasão de Paris pelos alemães:

La víspera de la entrada de los nazis en París, se discute sobre los siguientes temas: a cuántos centímetros del cielo raso de deben colgar las cortinas, cuáles son las diez mujeres mejor vestidas de París (“jamás encontraremos diez”), cómo se iba a decorar el ascensor de X. que iba a costarle 50.000 francos...<sup>93</sup>

Além disso, críticas aos Aliados também estiveram presentes na *Sur*, como demonstra Borges em *Ensayo de imparcialidad*. Ao ver Hitler como um filho atroz de Versalhes, Borges lembra da responsabilidade das potências aliadas no avanço do nazi-fascismo. Com a eclosão da guerra, no número 60 da *Sur*, de setembro de 1939, a revista publica *Nuestra actitud*, quando reconhece as deficiências dos regimes democráticos, apesar de colocá-las como inerentes ao humano e preferíveis aos abusos totalitários. É interessante notar como os aspectos positivos do liberalismo emergem pela comparação com os totalitarismos e não dele mesmo:

Conocíamos, sí, las deficiencias de los regímenes democráticos – deficiencias inherentes a todo lo humano. Pensábamos que podían corregirse y que eran, de cualquier modo, preferibles al sistema de bárbaros atropellos y al ordenado desorden de los totalitarismos<sup>94</sup>.

Posição semelhante adota Caillois em *Defensa de la república*, publicado no número no número 70 da *Sur*, de julho de 1940. No entanto, intensifica a crítica ao considerar que, naquele momento, não existiria nenhuma democracia de fato, mas apenas regimes embrionários do totalitarismo. “Más que una democracia corregida, la dictadura es una demagogia organizada”<sup>95</sup>.

No número seguinte, o norte-americano Waldo Frank intensifica as críticas, concentrando-se nos Estados Unidos. Frank coloca o fascismo como uma consequência, uma amarga justiça da debilidade e podridão das democracias, marcadas pelas desigualdades sociais:

---

<sup>93</sup> Ibid., p. 63.

<sup>94</sup> Nuestra actitud. *Sur*, Buenos Aires, n° 60, setembro de 1939. p. 7.

<sup>95</sup> CAILLOIS, R. Defensa de la república. *Sur*, Buenos Aires, n° 70, julho de 1940. p. 51.

(...) los hombres que tomaron sobre sí la tarea de librar a este mundo de Hitler, eran los mismos que le habían ayudado a encumbrarse; y (...) los actuales paladines de la Democracia, como Churchill y Roosevelt (...), son unos caballeros arcaicos tras cuya retórica continúa gobernando el financiero (...). (...) la presente destrucción es de la misma esencia del gran ídolo mecánico que también aquí, en los Estados Unidos, se adora. La pompa militar, encubriendo la esclavitud, que es la ley del Fascismo, ¿no es también, se preguntan, la lógica de nuestra propia cultura pintada al duco? Si a (...) Mr. Ford dijese su verdadera palabra, ¿a qué sonaría más: a Abraham Lincoln, o a una versión inglesa adecentada de Goebbels?<sup>96</sup>

Apesar da crítica, Frank assume a posição de *Nuestra actitud* e defende que a democracia se recuperaria, desde que fosse empreendida uma distribuição de renda mais justa. A questão da posição do intelectual perante o liberalismo e o totalitarismo também aparece no *Debates sobre temas sociológicos* do número 83 da *Sur*, de agosto de 1941. Carlos Cossio defende que, apesar da crise do Estado liberal, “(...) el intelectual que no defiende el liberalismo, está forzosamente acercándose al nazismo”<sup>97</sup>. Angélica Mendoza recusa a opção por um mal menor e duvida que no liberalismo estivesse a salvação do mundo. Mendoza defende que os intelectuais deveriam buscar um outro caminho, mas não esclarece como este seria, em uma mostra dos dilemas da intelectualidade entre um liberalismo em crise e a avalanche totalitária.

Se a *Sur* transmite incertezas quanto ao liberalismo, o mesmo não ocorre com o nazi-fascismo, repulsado plenamente pela revista<sup>98</sup>. Em *Nuestra actitud*, a *Sur* deixa claro que, apesar das críticas, estava do lado dos Aliados. “En semejantes circunstancias nadie puede permanecer moralmente neutral. Nosotros no somos neutrales. No lo éramos en agosto de 1937. Defendíamos entonces lo que seguimos defendiendo hoy”<sup>99</sup>. O

<sup>96</sup> FRANK, W. Inventario americano. *Sur*, Buenos Aires, n° 71, agosto de 1940, p. 8-9.

<sup>97</sup> Debates sobre temas sociológicos. *Sur*, Buenos Aires, n° 83, agosto de 1941, p. 118.

<sup>98</sup> Victoria Ocampo é acusada de ter tido amigos nazi-fascistas como Pierre Drieu La Rochelle e de ter admirado, ainda que brevemente, a Mussolini. Antes da guerra, Victoria Ocampo é convidada pelo governo italiano para eventos culturais e se encontra com Mussolini, a quem chama de *La historia viva* em *Domingos en Hyde Park*. Apesar de demonstrar certo fascínio por Mussolini, condena a visão conservadora do fascismo em relação às mulheres. Além disso, acrescenta uma nota, na qual condena a invasão da Abissínia, na África, pela Itália. Quanto a Drieu La Rochelle, Victoria Ocampo nunca escondeu que discordava das suas posições, apesar de compreender seu apoio ao nazi-fascismo. Defendia que Drieu La Rochelle via a Europa decadente desde que tinha lutado na Primeira Guerra Mundial, muito antes do nazi-fascismo. Assim, teria se aproximado do projeto de regeneração proposto pela direita autoritária e nacionalista sem interesses pessoais.

<sup>99</sup> *Nuestra actitud*, p. 8. Exemplo do envolvimento de Victoria Ocampo e dos colaboradores da *Sur* com os Aliados é a formação do grupo Ação Argentina, com o objetivo de defender os valores democráticos e denunciar a presença nazi-fascista no país. Além de Victoria Ocampo, participam do grupo Jorge Luis Borges, Eduardo Mallea e Adolfo Bioy Casares, dentre outros.

nazi-fascismo é colocado como um regime cujo autoritarismo representaria uma ameaça para a cultura e o progresso da humanidade. Também são destacadas as arbitrariedades cometidas pelo nazi-fascismo, o que faria com que qualquer um pudesse ser alvo da sua violência. O nazi-fascismo é colocado, ainda, como contraditório, o que demonstraria, ao lado da arbitrariedade, a falta de compromissos. Sem compromissos, o nazi-fascismo se sustentaria somente na demagogia, na irracionalidade, enfim, na irreabilidade. O ódio ao judeu e outras minorias seria o mascaramento de uma ascensão inexistente das massas. Da esfera do irracional, do irreal, o nazi-fascismo flertaria com a loucura, seus seguidores perderiam o seu senso crítico, a individualidade, enfim, a identidade, para a qual colaboraria a padronização intrínseca aos totalitarismos. Nesse sentido, em *Escritores presos en París ocupado*, publicado no número 121 da *Sur*, de novembro de 1944, Jean Paulhan descreve o nazista que lhe interrogou:

El segundo interrogador era capitán y estaba furioso. Continuamente furioso. Iba y venía. Gritaba. Hasta gruñía, o gemía, o rechinaba los dientes. Casi ladraba. Todo para mí solo. Yo estaba muy sorprendido. Él iba y venía, agitaba los brazos, gritaba preguntas que yo entendía mal<sup>100</sup>.

As mentiras do nazi-fascismo, mais cedo ou mais tarde, se revelariam, acreditam Victoria Ocampo e a *Sur* desde o começo. No entanto, isso somente deixa de ser uma esperança e se torna uma possibilidade concreta nas páginas da *Sur* com a liberação de Paris em 23 de agosto de 1944. Se a França era a mãe da cultura ocidental, sua libertação seria a salvação do Ocidente inteiro e, como uma epopéia, a liberação da capital francesa aparece na revista. Ao comemorar a libertação de Paris, Victoria Ocampo retoma outra representação muito comum do totalitarismo na *Sur*: o nazi-fascismo como o mau. “Recordemos que si los pueblos buscaran su inspiración en las más generosas lecciones de sus héroes, sus genios y sus santos se negarían a seguir a los impostores, los tiranos, los inquisidores y los fantoches”<sup>101</sup>. O relato de Jean Paulhan destacado anteriormente vai além e associa ao nazista três símbolos demoníacos: o porco, o ranger de dentes e o cão. Em um caminho parecido segue Borges:

---

<sup>100</sup> PAULHAN, J. *Escritores presos en París ocupado*. *Sur*, Buenos Aires, n° 121, novembro de 1944. p. 56. Francês, Jean Paulhan (1884-1968) participou da revista surrealista *Littérature*, colaborou com a *Nouvelle Revue Française* e foi membro da Academia Francesa de Letras.

<sup>101</sup> OCAMPO, V. 23 de agosto de 1944. *Sur*, Buenos Aires, n° 120, outubro de 1944. p. 17.



Ser nazi (jugar a la barbarie enérgica, jugar a ser un viking, un tártaro, un conquistador del siglo XVI, un guacho, un piel roja) es, a la larga, una imposibilidad mental y moral. El nazismo adolece de irrealidad (...). Es inhabitable; los hombres sólo pueden morir por él, mentir por él, matar y ensangrentar por él<sup>102</sup>.

Como mostra Eliana Dutra, o maniqueísmo, as imagens do bem e do mal são recorrentes nos embates entre comunistas e anti-comunistas no Brasil durante a década de trinta. A *Sur* demonstra como o maniqueísmo é um recurso também usado pelos anti-fascistas, assim como seria pelos anti-peronistas. Enfim, demonstra que o apelo às imagens do bem e do mal marca a política do período como um todo. De acordo com Dutra, isto “(...) significa a impossibilidade de uma abertura para a visão da sociedade enquanto um mundo “dividido contra si mesmo”, sulcado pela alteridade, dilacerado pelas contradições (...)”<sup>103</sup>.

Apesar da evidente emoção desencadeada pela liberação de Paris, a revista não deixa de lembrar da cumplicidade de muitos franceses com os nazistas e da responsabilidade das outras democracias pelo avanço do nazi-fascismo, como destaca Ezequiel Martínez Estrada em *Francia en la salvación* e Eduardo Gonzáles Lanuza em *Francia liberada*. A presença dessas críticas, em um momento catártico como esse, refuta ainda mais a visão da *Sur* como uma revista subserviente às potências estrangeiras.

*Anotación al 23 de agosto de 1944* de Borges merece ainda ser explorado em um ponto. O texto reforça como os embates políticos europeus se reproduziram e se mantiveram na Argentina, o que guiaria os passos da *Sur* em relação ao peronismo. Como destaca John King, o “(...) temor de que el fascismo hubiese echado raíces en Argentina pareció confirmado por el ascenso de Perón”<sup>104</sup>. Ao comemorar a liberação de Paris, Borges mostra-se intrigado com a comemoração dos partidários do Eixo no país:

Esa jornada populosa me deparó tres heterogéneos asombros: el grado físico de mi felicidad cuando me dijeron la liberación de París; el descubrimiento de que una emoción colectiva puede no ser innoble; el enigmático y notorio entusiasmo de muchos partidarios de Hitler. Sé que indagar ese entusiasmo es correr el albur de parecerme a los vanos hidrógrafos que indagaban por qué basta un solo rubí para detener el curso de un río; muchos me acusarán de investigar un hecho

<sup>102</sup> BORGES, J. L. Anotación al 23 de agosto de 1944. *Sur*, Buenos Aires, nº 120, outubro de 1944. p. 25-26.

<sup>103</sup> DUTRA, E. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1997. p. 89.

<sup>104</sup> KING, op. cit., p. 121.

quimérico. Este, sin embargo, ocurrió y miles de personas en Buenos Aires pueden atestiguarlo<sup>105</sup>.

Para terminar, um outro ponto que ainda merece ser explorado é a relação da *Sur* com a igreja durante o nazi-fascismo e a Segunda Guerra Mundial. No período, a *Sur* mantém uma postura de vigilância e esperança com a igreja. De vigilância com os setores mais conservadores, que simpatizam com o autoritarismo, o anti-comunismo e o nacionalismo nazi-fascista. De esperança, pois a igreja, instituição cosmopolita, poderia fornecer o caminho novo, almejado pela *Sur*, para a reconstrução, a reorganização do mundo, como acreditam os personalistas. Daí a defesa do papa na revista durante o nazi-fascismo e a Segunda Guerra Mundial.

Exemplo da postura vigilante e esperançosa da *Sur* com a igreja é dado na seção *Calendario* do número 49, de outubro de 1938. Em *Los católicos – proclama el Papa – son espiritualmente semitas*, a *Sur* coloca a Igreja como solidária com os judeus, mas, na mesma nota, adverte que existem católicos mais fiéis a Mussolini do que ao Papa:

¿Están los católicos falangistas a favor de Mussolini y en contra del Papa? (...) el diario “Arriba España” (...) declara que debe aplaudirse la campaña racista italiana, “*pues la guerra civil española es también un combate contra el judaísmo internacional. Los judíos han sido siempre los enemigos de la civilización*”<sup>106</sup>.

Logo em seguida, sob o título *De los arrepentidos se sirve Dios*, a *Sur* destaca o arrependimento do cardeal Innitzer, que inicialmente apóia o nazismo em nome da providência. “*Los católicos lo hemos perdido todo en estos últimos seis meses*”<sup>107</sup>, lamenta o cardeal. Assim, a *Sur* destaca a infiltração do nazi-fascismo na igreja e suas conseqüências, mas também a possibilidade de se mudar e seguir por outro caminho, no qual a *Sur* considera estar o papa. Nesse sentido, no número 50 da *Sur*, de dezembro de 1938, *Calendario* coloca que *Mussolini continúa despreciando al Papa*, sobre a proibição, condenada pela Igreja, de casamentos inter-raciais na Itália fascista. Para citar mais um exemplo, no número 52 da *Sur*, de janeiro de 1939, *Calendario* destaca que *El Papa elige la noche de Navidad para atacar al fascismo*. Na mesma nota, a *Sur* coloca, ainda, que os

<sup>105</sup> BORGES, Anotación al 23 de agosto de 1944, p. 24.

<sup>106</sup> Los católicos – declara el Papa – son espiritualmente semitas. *Sur*, Buenos Aires, n° 49, outubro de 1938. *Calendario*, p. 90.

<sup>107</sup> De los arrepentidos se sirve Dios. *Sur*, Buena Aires, n° 49, outubro de 1938. *Calendario*, p. 91.

discursos e as atitudes do Papa contra o fascismo não são divulgados pela censura sofrida pela imprensa italiana. “La prensa italiana, como único comentario, publicó tres líneas diciendo que el Papa aprovechó Navidad para saludar amistosamente al Rey e a su ministro”<sup>108</sup>.

Em suma, o nazi-fascismo e a Segunda Guerra Mundial fizeram com que o pacifismo e o americanismo perdessem espaço na *Sur*. No entanto, não se nota uma posição acrítica quanto às potências européias e aos Estados Unidos e tampouco aos regimes democráticos existentes. Entre os totalitarismos de direita e esquerda e as democracias liberais ineficientes, o pensamento cristão personalista aparece na *Sur* como uma possibilidade para a superação da crise daquele momento.

### **O comunismo.**

Antes o liberalismo com suas imperfeições do que o totalitarismo. O comunismo, nem pensar. Angélica Mendoza, que refuta tanto o liberalismo como o totalitarismo no *Debates sobre temas sociológicos* comentado anteriormente, nem chega a cogitá-lo. Isso porque a União Soviética é predominantemente vista por Victoria Ocampo e pela revista como um exemplo de totalitarismo de esquerda, com muitas afinidades com o nazi-fascismo no que se refere ao autoritarismo, massificação, abusos contra a liberdade de expressão e perseguição aos intelectuais. No entanto, a posição de Victoria Ocampo e da revista perante o comunismo não é assim tão simples, apresenta variações e o espaço dado ao assunto e a intelectuais de esquerda na *Sur* atesta isto.

No mesmo momento no qual Victoria Ocampo e a revista operam uma estreita identificação entre o comunismo e o nazi-fascismo, a emergência deste coloca ambos do mesmo lado em virtude das características tanto anti-liberais quanto anti-comunistas que o nazi-fascismo carrega consigo. Isso pode ser notado já na Guerra Civil Espanhola. No *Calendario* do número 33 da *Sur*, de junho de 1933, dos dezesseis tópicos, cinco têm a Guerra Civil Espanhola como tema e se solidarizam com os republicanos, dentre os quais se encontram os comunistas. Exemplo da solidariedade é dado com a publicação de uma

---

<sup>108</sup> El Papa elige la noche de Navidad para atacar el fascismo. *Sur*, Buenos Aires, nº 52, janeiro de 1939. *Calendario*, p. 85.

passagem da *Carta a David Vigodsky* de Antonio Machado, publicado integral e originalmente em *Hora de España*. “En España lo mejor es el pueblo. Por eso la heroica y abnegada defensa de Madrid, que ha sombreado al mundo, a mí me conmueve, pero no me sorprende”<sup>109</sup>. Machado não é propriamente um intelectual de esquerda. Além disso, no mesmo *Calendario*, a *Sur* parece esclarecer que o apoio aos republicanos não implica necessariamente apoio ao comunismo. Em *Los jacobinos de camisa parda*, publicado integral e originalmente na revista francesa *L’Ordre Nouveau*, Denis de Rougemont aproxima Stálin de Hitler.

Além disso, na resposta à *Criterio*, que condena seu apoio aos republicanos, a *Sur* afirma desconhecer o que significa ser uma revista de esquerda e coloca-se como uma defensora da democracia, de uma cultura mais autêntica, de uma sociedade menos contaminada e mais justa e de uma verdade menos confinada. Coloca-se, ainda, como perseguidora do fim de todas as formas de perseguição. Em outras palavras, a revista não identifica esses valores com a esquerda, assim como não os identifica com o nazi-fascismo. “(...) si la publicación llamada *Criterio* designa todas esas cosas con el nombre general de izquierdismo, esto es tal vez lo que nosotros somos – por fortuna (...)”<sup>110</sup>.

Para Paul Claudel em *Une saison en enfer*, publicado pela *Nouvelle Revue Française* e reproduzido parcialmente pela *Sur* no número 48, de setembro de 1938, o totalitarismo soviético seria mais forte do que o alemão e o italiano, pois ao contrário dos alemães e italianos, os russos não teriam oferecido nenhuma resistência pela falta de tradição democrática. “(...) en Rusia, una vez planteado el principio de la dictadura, una vez constituídos los instrumentos militares y policiales que la hacían efectiva, podía obtenerse lo que se quisiera”<sup>111</sup>.

No número seguinte, Augusto José Durelli, em um comentário sobre os noventa anos do *Manifesto Comunista*, se ocupa em destacar contradições no comunismo, como a *Sur* costuma fazer com o nazi-fascismo. Durelli destaca que os próprios Marx e Engels

---

<sup>109</sup> Adhesión ao pueblo. *Sur*, Buenos Aires, nº 33, junho de 1933. *Calendario*, p. 106. Espanhol, Antonio Machado (1875-1939) é poeta, prosista, dramaturgo e professor de francês. Em 1929, é eleito para a Academia Real Espanhola. Com a Guerra Civil Espanhola escreve poemas de cunho político, como demonstra *La guerra* (1937). Falece exilado na França.

<sup>110</sup> Posición de *Sur*, p. 9.

<sup>111</sup> *Une saison en enfer*. *Sur*, Buenos Aires, nº 48, setembro de 1938. *Calendario*, p. 83. Francês, Paul Claudel (1868-1955) é diplomata.

alertaram na edição de 1872 do *Manifiesto Comunista* que o texto tinha envelhecido e era incompleto. Em outras palavras, considera o texto como datado. “¿Cómo explicar que siga siendo un documento básico del comunismo internacional?”<sup>112</sup>. Um segundo aspecto questionado pelo autor é o peso da classe na ação tanto do proletariado quanto da burguesia. Novamente a partir do próprio Marx, Durelli crê que a classe é somente mais um fator de influência sobre os homens. Conclui que, se assim não fosse, o comunismo não daria tanta importância à propaganda.

Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, a posição de Victoria Ocampo e da revista perante o comunismo se mantém. No mencionado *Nuestra actitud*, de setembro de 1939, a *Sur* coloca que tanto os totalitarismos de direita quanto os de esquerda eram marcados pela farsa, indignidade, traição e vileza. No número seguinte, mais do que destacar semelhanças entre o comunismo e o nazi-fascismo, Caillois coloca-os como aliados e ameaças igualmente preocupantes para a humanidade:

El resto del mundo queda amenazado indistintamente: a veces la ideología exige por aquí una barrera contra el bolchevismo, a veces la nación reclama por allá un espacio vital (que conquista con el auxilio del bolchevismo), de suerte que nadie puede jactarse de no interesar algún día la voluntad de la cruzada o el deseo de conquista<sup>113</sup>.

Ora as críticas ao comunismo recaem na *Sur* sobre a sua ideologia, ora sobre os países comunistas, mas também apareceu na revista, ainda que de maneira menos freqüente, uma crítica aos países comunistas como traidores da ideologia comunista, o que, em outras palavras, não invalida o comunismo como um sistema de pensamento e ação sobre a sociedade. Em *Rusia en peligro*, a seção *Calendario* do número 62 da *Sur*, de novembro de 1939, alerta que o mundo assiste paulatinamente a União Soviética “(...) traicionar el comunismo, aburguesar la sociedad soviética, sustituir la dictadura del proletariado por la dictadura de una burocracia sobre el proletariado (...)”<sup>114</sup>.

Com a entrada da União Soviética na Segunda Guerra Mundial ao lado das democracias liberais aliadas, a posição de Victoria Ocampo e da revista em relação ao

---

<sup>112</sup> DURELLI, A. J. Noventa años después del “Manifiesto Comunista”. *Sur*, Buenos Aires, nº 49, outubro de 1938. p. 47.

<sup>113</sup> CAILLOIS, R. Naturaleza del hitlerismo. *Sur*, Buenos Aires, nº 61, outubro de 1939. p. 102-103.

<sup>114</sup> Rusia en peligro. *Sur*, Buenos Aires, nº 62, novembro de 1939. *Calendario*, p. 95.

comunismo não muda substancialmente. Nesse sentido, Carlos Alberto Erro passa a questionar a Segunda Guerra Mundial como um conflito entre as democracias e os totalitarismos. Para isso, coloca que “(...) habrá que olvidarse del papel fundamental que está desempeñando en la lucha (...) un país totalitário como es Rusia, cuyos planes para el futuro del mundo serán lógicamente diferentes de los de Gran Bretaña y Estados Unidos”<sup>115</sup>. No entanto, também se nota entusiasmo com a União Soviética, como Julian Huxley na revista norte-americana *The New Republic*, em um artigo com trechos reproduzidos pela *Sur* no número 87, de dezembro de 1941, na seção *Las revistas*. De acordo com a *Sur*, “Huxley considera que la entrada de la U.R.S.S. en la guerra debe ser mirada como su incorporación en el mundo de la democracia”<sup>116</sup>. Nesse mesmo sentido, em *La guerra simple y la guerra profunda*, publicado no número 89 da *Sur*, de fevereiro de 1942, Waldo Frank chega a defender o pacto de não-agressão entre União Soviética e Alemanha, assim como a invasão da Finlândia pelos soviéticos, como uma forma dos russos se defenderem da indiferença da França e Inglaterra e de salvarem os ideais da revolução de 1917. Como Huxley, Frank expressa como a entrada da União Soviética na Segunda Guerra Mundial ao lado das democracias liberais aliadas modifica a visão predominante que se tinha dela até então. “Los ejércitos rusos han combatido tan magníficamente que los mismos que veían a Rusia toda negra la pintan ahora toda blanca”<sup>117</sup>. Como será explorado no próximo capítulo, essa aproximação entre liberais e comunistas, ainda que tímida, também se nota internamente, com o crescimento dos partidários do Eixo no país e, posteriormente, com o peronismo.

Três meses depois do falecimento de Victoria Ocampo, Ernesto Sábato declara no suplemento cultural do *La Prensa* que na *Sur* nunca houve nenhum filtro ideológico ou social, mas apenas literário. Apesar do exagero, causado pela circunstância na qual dá o depoimento, os exemplos a seguir demonstram como, mesmo durante a Guerra Fria, a *Sur* não mantém nem uma política rigidamente anti-comunista, nem plenamente norte-americana, apesar da preferência pela segunda.

---

<sup>115</sup> ERRO, C. A. 1917 y 1941. *Sur*, Buenos Aires, nº 87, dezembro de 1941. p. 15. Argentino, Carlos Alberto Erro (1903-1968) é filósofo.

<sup>116</sup> The New Republic. *Sur*, Buenos Aires, nº 87, dezembro de 1941. Las revistas, p. 78.

<sup>117</sup> FRANK, W. La guerra simple y la guerra profunda. *Sur*, Buenos Aires, nº 89, fevereiro de 1942. p. 12.

No número 175 da *Sur*, de maio de 1949, H. A. Murena critica na seção *Calendario* a interferência norte-americana na América Latina. De acordo com Murena, “(...) Washington está pronto a calificar de imperialismo a todo lo que se opone a su imperialismo, y, con honestidad, no se puede estar de acuerdo con sus puntos de vista, ni siquiera en el caso de que ellos sirvieran para contribuir a liberar cualquier país del peor de los regímenes”<sup>118</sup>. Culturalmente, o embate entre Estados Unidos e União Soviética também está presente na *Sur*.

No número 178 da *Sur*, de agosto de 1949, Guillermo de Torre critica o cinema norte-americano, questiona sua condição de arte pela sua mediocridade, padronização e caráter industrial. Além disso, condena o cinema como um instrumento de imposição da civilização que chama literalmente de Coca-Cola. Nas suas palavras, “(...) lo ofensivo no reside en su vulgaridad, sino en la jactanciosa seguridad con que ese tipo de cine pretende imponernos ciertos modos vitales, haciendo indirectamente un proselitismo inaceptable”<sup>119</sup>. No número 182 da *Sur*, de dezembro de 1949, aparece uma crítica de Victoria Ocampo ao texto. Victoria Ocampo afirma que existem bons filmes norte-americanos como os de Chaplin, assim como os de Eisenstein na União Soviética. Além disso, defende que a propaganda criticada por de Torre também está presente no cinema soviético, inclusive nas produções de Eisenstein:

En cuanto a *Alejandro Newsky* (que admiro mucho) e *Iván el Terrible* (que no me gusta), ése es otro cantar. Nos encontramos con ellos en plena exaltación nacionalista. Se necesita todo el genio de un Eisenstein para que esos films, admirables como ballets, resulten soportables a quienes no creemos fanáticamente en los “chirimbolos mecánicos” de los Soviets. ¿Y acaso los otros films de Eisenstein estaban desprovistos de espíritu de propaganda política? ¿*La línea general*, el *Acorazado Potemkin*?...<sup>120</sup>

No número 186 da *Sur*, de abril de 1950, de Torre escreve uma *Contrarréplica a Victoria Ocampo*. Defende que não critica o cinema norte-americano na sua totalidade e

---

<sup>118</sup> Abril 26. *Sur*, Buenos Aires, nº 175, maio de 1949. *Calendario*, p. 68. Argentino, H. A. Murena (1923-1975), pseudônimo de Héctor Alberto Álvarez é escritor, ensaísta, poeta e dramaturgo. Formado em Letras, colabora com *Sur* e *La Nación*.

<sup>119</sup> DE TORRE, G. El teléfono, nuevo tótem del cine. *Sur*, Buenos Aires, nº 178, agosto de 1949. p. 79. Espanhol, Guillermo de Torre (1900-1971) é crítico literário. Casado com Norah Borges, era cunhado de Borges. Além da *Sur*, colabora com *Revista de Occidente* e funda revistas. Com queda de Perón, se torna catedrático da UBA. Falece na Argentina.

<sup>120</sup> OCAMPO, V. Contestación a un diálogo polémico. *Sur*, Buenos Aires, nº 182, dezembro de 1949. p. 99.

que os próprios críticos norte-americanos têm um pensamento semelhante. Além disso, critica a leitura do seu texto através da Guerra Fria, como faz Victoria Ocampo, pois também aponta os mesmos defeitos no cinema soviético. “(...) tal como se plantean las cosas, ni con USA, ni con URSS”<sup>121</sup>, frisa de Torre. Apesar das divergências, elogia a abertura de Victoria Ocampo e da *Sur* para a discussão de idéias, o que seria um contraponto à crescente fanatização política e ideológica do momento.

Resumindo a polêmica, nem de Torre elogia o cinema soviético com a crítica ao norte-americano, nem Victoria Ocampo elogia o norte-americano com a crítica ao soviético, o que também indica a posição relativamente independente da *Sur* durante a Guerra Fria.

Outro exemplo disso é a discussão *Norteamérica, la hermosa*, travada a partir do número 192-194 da *Sur*, de outubro-dezembro de 1950. O ponto de partida é *America the beautiful*, de Mary McCarthy, publicada no número. Apesar de defender o cinema norte-americano na polêmica com de Torre, Victoria Ocampo inicia a discussão discordando da autora e considera que tanto na Europa, alvo das críticas de McCarthy, quanto nos Estados Unidos, existem apego ao dinheiro, corrupção e Literatura ruim<sup>122</sup>. Ezequiel Martinez Estrada acrescenta o preconceito contra judeus, negros, católicos e homossexuais nos Estados Unidos e critica o emprego da bomba atômica contra os japoneses no final da Segunda Guerra Mundial. No número seguinte, o 195-196, de janeiro-fevereiro de 1951, a discussão continua e novas críticas são feitas por Ernesto Sábato, Álvaro Fernández Suárez, Alicia Jurado de Tiscornia, S. S. B. e Vicente Fatone. Em setembro de 1951, no número 203, é publicada a última parte da discussão e novas críticas a McCarthy são feitas por Federico Rayces, Norberto A. Frontini, J. A. Mahieu, David Viñas e Mirta Arlt. Evidentemente que nem todos discordam plenamente de McCarthy, mas é significativo que dos quinze participantes do debate, apenas três, Luis Emilio Soto na primeira parte, Silvina Bullrich na segunda e Adolfo Obieta na terceira, mais concordam do que discordam de McCarthy.

---

<sup>121</sup> DE TORRE, G. Contrarréplica a Victoria Ocampo. *Sur*, Buenos Aires, n° 186, abril de 1950. p. 98.

<sup>122</sup> Em uma carta para sua irmã Angélica de 29 de novembro de 1963, Victoria Ocampo mostra-se entusiasmada com o desenvolvimento científico e técnico dos Estados Unidos, mas também demonstra descontentamento ao comentar o assassinato do presidente Kennedy. “El hecho es que Kennedy estaba muy por encima del nivel de USA (...). El adelanto de USA (increíble) es ante todo técnico (...)”. OCAMPO, V. *Cartas a Angélica y otros*. Buenos Aires: Sudamericana, 1997. p. 162.



Em meio ao debate, a União Soviética não é poupada. No número 197 da *Sur*, de março de 1951, Octavio Paz reproduz e comenta um documento publicado por David Rousset que denuncia a existência de campos de concentração na União Soviética com opositores do governo, cuja mão-de-obra estaria sendo aproveitada. Paz afirma que os russos deturpam o comunismo e usam os campos para sua acumulação primitiva de capitais. “Los crímenes del régimen burocrático son suyos y bien suyos, no del socialismo”<sup>123</sup>. Aqui, mais um exemplo da separação entre comunismo e países comunistas na *Sur*.

Apesar da distinção feita por Paz, três meses após o fim da discussão sobre os Estados Unidos, Caillois publica *Descripción del marxismo*, que se estende por dois números da *Sur*, o 206, de dezembro de 1951 e o 207-208, de janeiro-fevereiro de 1952. Caillois critica tanto a doutrina comunista, colocada como ambígua entre a ciência e a política, quanto os países, que transformariam a doutrina em dogma.

Uma outra polêmica da *Sur* com *Criterio* fornece indícios da posição da revista durante a Guerra Fria. No número 195-196 da *Sur*, de janeiro-fevereiro de 1951, Maria Rosa Oliver reproduz a conclusão de um artigo publicado no número 1131 de *Criterio*. A publicação católica coloca que luta pela cultura e liberdade do espírito desde uma posição definida, a católico-romana. Destaca que a revista de Victoria Ocampo afirma ter as mesmas lutas, mas, no entanto, não teria uma posição definida, visto que abriga tanto anti-comunistas quanto comunistas, como demonstraria Maria Rosa Oliver no Conselho de Redação. *Criterio* coloca-se como intransigente “(...) contra el fascismo y el comunismo, cerrando nuestras puertas a hombres de aquellas tendencias porque entendemos que en estos momentos no puede haber medias tintas”<sup>124</sup>. Em outras palavras, *Criterio* duvida da luta da *Sur* pela cultura e liberdade do espírito, já que relaciona a luta a uma posição definida.

---

<sup>123</sup> PAZ, O. David Rousset y los campos de concentración soviéticos. *Sur*, Buenos Aires, nº 197, março de 1951. Documentos, p. 76. Mexicano, Octavio Paz (1914-1998) é ensaísta, poeta e diplomata. Em 1937, durante a Guerra Civil Espanhola, participa em Valência, na Espanha, do Congresso de Escritores Anti-Fascistas e se aproxima de intelectuais republicanos como Pablo Neruda. Em 1963, ganha o Grande Prêmio Internacional de Poesia. Em 1968, renuncia ao cargo de embaixador na Índia pela matança do 2 de outubro, que vitima principalmente jovens estudantes. Em 1970, funda a revista *Plural*.

<sup>124</sup> OLIVER, M. R. Contestación a “Criterio”. *Sur*, Buenos Aires, nº 195-196, janeiro-fevereiro de 1951. p. 79.

Maria Rosa Oliver responde lembrando do apoio aos totalitarismos manifestado muitas vezes na *Criterio*. Além disso, destaca que nunca usou a *Sur* politicamente e que tampouco concorda com todas as opiniões que aparecem em suas páginas, em uma provável menção aos colaboradores anti-comunistas. Afirma que a *Sur* é, apenas, uma publicação marcada pela boa-fé.

Apesar das divergências, *Criterio* e Maria Rosa Oliver concordam em um ponto, a inexistência de um posicionamento político rígido na *Sur*, inclusive durante a Guerra Fria, como demonstram as críticas tanto aos Estados Unidos quanto à União Soviética. John King e a historiografia em geral tendem a colocar o acentuado anti-peronismo como a principal causa do crescente isolamento de Victoria Ocampo e da revista depois de 1955. No entanto, em meio à bipolarização mundial, a posição relativamente independente durante a Guerra Fria certamente é um outro fator do isolamento de Victoria Ocampo e da *Sur* a partir de meados da década de cinquenta.

Neste capítulo, se apreende de Victoria Ocampo e da *Sur* um pensamento americanista e europeu, anti-fascista e crítico aos Aliados, anti-comunista, mas com comunistas entre os colaboradores, além de críticas aos norte-americanos, inclusive, durante a Guerra Fria. Um pensamento que se diz apolítico, mas profundamente preocupado com o papel dos intelectuais na sociedade. Apesar das claras preferências e exclusões que marcam o pensamento de Victoria Ocampo e da revista, a oscilação é indicativa do cumprimento do propósito cosmopolita e da abertura do diálogo de ambas.

### CAPÍTULO III: VICTORIA OCAMPO, A REVISTA *SUR* E O PERONISMO.

En nuestro país aplaudimos con cierto estridor la bandera cada vez que nos pasa ante los ojos. Es una costumbre nuestra muy singular, que causa sorpresa a los extranjeros. Y está bien claro, además, que ello no significa que esta tierra sea una patria de muy encendidos patriotas, sino, por el contrario, que los que habitan aquí sienten que falta lo que en verdad merece ser llamado patria, patriotismo.

H. A. Murena<sup>1</sup>.

Podemos señalar el ejemplo de San Martín como una enseñanza, a fin de que las generaciones actuales comprendan que jamás tendrán validez y eficacia los derechos del hombre si no se consigue para ellos el respeto sincero y efectivo de los poderosos, que hoy, más que nunca, parecen tener en sus manos la suerte de sus semejantes; hasta que llegue el día en que los pueblos cobren inequívoca conciencia de sus derechos, sin entregarlos a cambio de ningún beneficio material.

Carlos Sánchez Viamonte<sup>2</sup>.

Toda esa gente tiene derecho a sentarse cómodamente en un paseo público para gozar del sol y del aire, ¿no? Para eso vivimos en una perfecta democracia. ¿O en qué quedamos?<sup>3</sup>

(...) ¡qué mal huelen las radios! No hablemos ya de las que se oyen al pasar delante de las casitas, o los ranchitos. Uno las puede evitar más o menos si no le placen. Hablemos de las que se le meten a uno en el cuarto desde tempranito. Ésa, por ejemplo, de un colegio de la localidad, y que nos atropella diariamente. La mañana es, para muchos, la hora del trabajo, de la soledad, la hora en que se encuentra uno mejor dispuesto para acometer una faena. Pues a esta bendita hora lo sobresaltan a uno de repente, en estos pagos, marchas estrepitosas que a veces se interrumpen para dar cabida a voces infrahumanas (deformadas por el altoparlante) cuyos estallidos tarzanescos resultan ininteligibles<sup>4</sup>.

Victoria Ocampo.

---

<sup>1</sup> MURENA, H. A. Condenación de una poesía. *Sur*, Buenos Aires, n° 164-165, junho-julho de 1948. p. 69.

<sup>2</sup> VIAMONTE, C. S. La declaración universal de derechos del hombre y el pensamiento tradicional argentino. *Sur*, n° 190-191, agosto-setembro de 1950. p. 58. Argentino, Carlos Sánchez Viamonte (1892-1972) era advogado e ligado à universidade. Com a ascensão de Perón, é desligado da universidade, para onde volta somente em 1955. Socialista, foi legislador e constituinte.

<sup>3</sup> OCAMPO, V. Sobre pérzolas, bancos, faroles y otras hiervas. *Sur*, Buenos Aires, n° 163, maio de 1948. Realidad Argentina, p. 99.

<sup>4</sup> OCAMPO, V. La cárcel del ruido en el siglo XX. *Sur*, Buenos Aires, n°164-165, junho-julho de 1948. Realidad Argentina, p. 90.

## **A Argentina e Perón antes do peronismo.**

Ao contrário do defendido pela esquerda mais ortodoxa, o peronismo não é um acidente na história argentina, um obstáculo para a afirmação do proletariado e da democracia. A idéia do peronismo como uma lacuna, sobretudo cultural, também está presente no pensamento de Victoria Ocampo e dos colaboradores da *Sur*. Também é questionável a visão do peronismo como uma transição, de uma sociedade arcaica e autoritária para outra moderna e democrática, como se antes e depois de Perón uma não existisse na outra. Essa visão tem seu principal expoente em Gino Germani. A História é uma eterna transição, às vezes mais, às vezes menos clara, mas uma eterna transição. Assim, ser transição não é uma particularidade do peronismo, nem de qualquer outro governo, regime ou período da História. Como defende Marc Bloch, o tempo histórico “(...) é, por natureza, contínuo. É também perpétua mudança”<sup>5</sup>. Perón e os fundamentos do peronismo não surgem do nada. Nem a paternidade dos princípios peronistas pertence totalmente a Perón, cuja habilidade foi reelaborá-los, atribuí-los para si e aplicá-los no momento correto e de modo oportuno, sem prejudicar os interesses do governo e dos aliados.

Perón entra no cenário político argentino em 1930, com o golpe que derruba Yrigoyen, abalado pelas divisões do radicalismo e pelo aumento da tensão social, especialmente após a crise de 1929. Logo depois de 1930, Perón se distancia do general Uriburu, que liderou o golpe e assumiu provisoriamente a presidência. Aproxima-se do general Agustín P. Justo, do grupo legalista das Forças Armadas que, ao contrário de Uriburu, defende uma intervenção temporária dos militares e o retorno imediato à democracia.

Perón se engaja na campanha de Justo para presidente e, em duas cartas enviadas ao tenente coronel José Maria Sarobe em 1931, antes da eleição, alerta sobre a importância política das mulheres e da Igreja, duas marcas que teria seu governo. “(...) según me informan mis órganos informativos en ese sentido (señora, cuñadas, etc. que van a misa) en algunos sermones ya los sacerdotes han aconsejado a los fieles que no voten por los

---

<sup>5</sup> BLOCH, op. cit., p. 30.

partidos enemigos de la religión (...)”<sup>6</sup>. As cartas a Sarobe demonstram que não se trata de uma percepção exclusiva de Perón, mas compartilhada com outros membros das Forças Armadas e, mais amplamente, com outros setores sociais.

O general Justo sai vitorioso das eleições, governa até 1938 e Perón, de simples capitão e professor da Escola Superior de Guerra em 1930, no decorrer da década é promovido a coronel, colabora com o Ministério da Guerra, atua como agregado militar no Chile e, durante o governo de Roberto M. Ortiz (1938-1940), é enviado para a Itália de Mussolini para observar as tropas de montanha, oportunidade na qual se admira com o fascismo e a partir da qual se alia ao setor nacionalista das Forças Armadas. Durante a presidência de Ramón S. Castillo (1940-1943), o setor nacionalista passa a comandar o serviço de inteligência com o tenente coronel Urbano de la Vega e o Exército com o general Pedro Pablo Ramírez, de quem Perón se aproxima. Ramírez seria central no golpe de 1943 que derrubaria Castillo e governaria a Argentina entre junho de 1943 e março de 1944.

O nacionalismo, outra marca do peronismo, já está, então, fincado na Argentina muito antes de Perón assumir a presidência. No golpe de 1930, os nacionalistas visam barrar o avanço do comunismo soviético, considerado responsável pelo aumento da tensão social. Em nome desse nacionalismo, durante a década de trinta, a repressão ao movimento operário é violenta e pratica-se a fraude eleitoral. Trata-se, assim, de um nacionalismo de direita e anti-liberal que, acima da democracia, defende a ordem. Dessa maneira, o legalismo defendido por grupos das Forças Armadas, vitorioso com a eleição de Justo em 1931, pouco ou nada representa de efetivo.

Além disso, apesar do apoio dos nacionalistas, em 1933, a Argentina firma com a Inglaterra um dos acordos comerciais mais lesivos da sua história, o Roca-Runciman<sup>7</sup>. Nesse sentido é que Beired coloca que os nacionalistas apóiam o governo, mas não governam. Na década de trinta, são os agro-exportadores que dominam a política, fenômeno inverso do ocorrido na maioria da América Latina. Na Argentina, os

---

<sup>6</sup> In: FRAGA, R. Perón, el yrigoyenismo y la revolución de 1930. *Todo es História*, Buenos Aires, n° 385, agosto de 1939. p. 32.

<sup>7</sup> O nome se refere ao vice-presidente argentino Julio Argentino Roca e ao ministro britânico Walter Runciman. Com o acordo, a Argentina se compromete a exportar 85% da carne através de frigoríficos estrangeiros, a abolir os impostos de importação de determinados produtos, a não reduzir as tarifas ferroviárias e a manter equilibrada a balança comercial com a Inglaterra.

agro-exportadores perdem espaço na década de dez, com a moderação e as medidas populares do radicalismo e, deste modo, não são prejudicados, pelo menos politicamente, pela crise de 1929 que, ao enfraquecer os radicais, permitiu-lhes o retorno ao poder.

Em 1943, quando ocorre o outro golpe, a situação tinha mudado a favor dos nacionalistas. Com a Segunda Guerra Mundial ainda indefinida, a tensão entre simpatizantes dos Aliados e do Eixo é constante e crescente no país. O avanço inicial das tropas do Eixo fez os setores nacionalistas crescerem nas Forças Armadas e na sociedade em geral. Nas Forças Armadas, o avanço dos nacionalistas pode ser demonstrado pela formação do Grupo de Oficiais Unidos (GOU), pró-Eixo, em março 1943, a partir da iniciativa de Urbano de la Vega e do também tenente coronel Miguel A. Montes. No entanto, é com Perón e outros oficiais, em sua maioria remanescentes do golpe de 1930, que o grupo define seu sentido e suas ações. Agora, além do combate ao comunismo, a pressão dos Estados Unidos para que a América Latina rompesse com o Eixo e lhe declarasse guerra é vista por esses militares como igualmente nefasta para a soberania argentina.

Para equilibrar a opinião pública e as relações diplomáticas, perante a Segunda Guerra Mundial o governo argentino opta inicialmente pela neutralidade, evocada como uma tradição desde a Primeira Guerra Mundial. No entanto, os Estados Unidos não concordam com a neutralidade, considerada uma forma de mascarar uma simpatia pelo Eixo. Em virtude disso, vários diplomatas são retirados do país e a Argentina tem dificuldades, por exemplo, para comprar armamentos. Com o agravamento do estado de saúde do presidente Ortiz, que era diabético, o vice-presidente Castillo assume a presidência. Apesar da influência dos nacionalistas, como demonstra a manutenção da neutralidade, Ortiz monta um governo de coalizão, com a participação de nomes pró-Aliados. Em 1943, com a proximidade das eleições, a sorte do Eixo não é mais a mesma e Castillo apóia para sua sucessão ao senador pró-Aliados Robustiano Patrón Costas, poderoso político e industrial açucareiro da Província de Salta. Os nacionalistas e a oposição como um todo, sem a máquina eleitoral e lideranças nacionais populares, criticam o apoio.

Além disso, dois rumores antecedem o golpe de 1943. Chega aos ouvidos de Castillo que um golpe estaria sendo tramado pelos radicais, com a liderança do general

Arturo Rawson. Chega, ainda, a informação que o general Ramírez, comandante do Exército, seria o candidato dos radicais para presidente. Apesar de negar os rumores, Ramírez é demitido e a hostilidade entre governo e Forças Armadas é deflagrada. Com o apoio da Marinha, o Exército, liderado por Rawson, derruba Castillo em 4 de junho de 1943. Como colocam Flórida e Belsunce, um manifesto escrito por Miguel A. Montes e Perón coloca que o golpe “(...) denunciaba el sistema de venalidad, fraude, peculado y corrupción del gobierno derrocado; que el movimiento era “esencialmente constitucional” y que lucharía para mantener una real y total soberanía de la Nación”<sup>8</sup>. Em outras palavras, tentam demonstrar ruptura com a chamada década infame.

Rawson assume a presidência, mas cai apenas dois dias depois em virtude de desentendimentos sobre o seu gabinete, no qual inclui, surpreendentemente, um pró-Aliados como Horacio Calderón para o Ministério da Justiça. No lugar de Rawson assume Ramírez, de quem Perón era próximo.

No governo de Rawson, o comando do Exército é entregue ao general Edelmiro J. Farrell, que seria seu sucessor e Perón, ao ser designado chefe da Secretaria do Ministério da Guerra, se torna o segundo homem do ministério, apenas abaixo de Farrell. Ramírez, apesar da ligação com os setores nacionalistas das Forças Armadas, procura manter boas relações diplomáticas com os Aliados, assim como com os grupos pró-Aliados da sociedade argentina. Nesse sentido, com o aumento das pressões dos Estados Unidos, Ramírez cede e rompe com o Eixo em 26 de janeiro de 1944. Além da dificuldade em comprar armamentos e da retirada de diplomatas do país, os Estados Unidos ameaçavam intensificar esse embargo econômico e político e apresentar documentos que provariam uma tentativa de compra de armas alemãs pela Argentina. A mudança de atitude desagradou os setores nacionalistas das Forças Armadas e, quase um mês depois, em 25 de fevereiro, Ramírez renuncia a favor de Farrell, que tinha sido designado vice-presidente em 12 de outubro de 1943.

A renúncia de Ramírez demonstra que o rompimento com o Eixo e as derrotas cada vez mais frequentes sofridas pela Alemanha, Itália e Japão nos campos de batalha não representam, internamente, um enfraquecimento das forças anti-liberais, autoritárias e nacionalistas. Os partidos políticos estavam extintos, o ensino religioso era dado nas

---

<sup>8</sup> BELSUNCE; FLÓRIDA, op. cit., p. 374.

escolas públicas e os meios de comunicação eram controlados, práticas que convergiam com a homogeneidade cultural e política buscada pelos países totalitários do Eixo.

Na presidência, Farrell entrega a Perón o Departamento Nacional do Trabalho, encarregado dos planos sociais do governo e da sua relação com os sindicatos, área até então relativamente secundária. No entanto, durante o governo de Farrell, Perón também assume o cobiçado Ministério da Guerra e é designado vice-presidente. Em meados da década de quarenta, abaixo de Farrell, ninguém no governo desfruta de tantos poderes como Perón.

As medidas de Perón no Ministério da Guerra são menos conhecidas, mas igualmente importantes para sua consolidação política quanto as leis trabalhistas que implanta como Secretário do Trabalho. Como Ministro da Guerra, Perón, dentre outras medidas, reforma os estatutos profissionais, aumenta o número de oficiais, incentiva as promoções, investe na Aeronáutica, o setor mais novo das Forças Armadas e é decisivo para a liberação de recursos do Banco de Crédito Industrial, criado em 1944, para a Direção Geral de Fabricações Militares. Com essas medidas, conquista as baixas patentes, faz alianças nas altas hierarquias e agrada aos outros setores nacionalistas da sociedade argentina.

Como Secretário do Trabalho, Perón aumenta os salários, remunera as férias, institui o *aguinaldo*, o nosso 13º salário, estabelece indenizações perante acidentes de trabalho e demissões, amplia o sistema de aposentadoria, regulamenta associações profissionais e cria os Tribunais do Trabalho, dentre outras medidas. O Estatuto do Peão contempla o homem do campo, apesar das conquistas para os camponeses serem mais tímidas. Além dessas medidas, a relação do governo com os trabalhadores sofre uma evolução expressiva: a relação tensa da década anterior é seguida por uma relação mais negociadora, ainda que os conflitos, obviamente, não desapareçam. Esse conjunto de medidas começa a criar entre os trabalhadores o que Deborah L. Behró chama de identidade social positiva.

Os recursos para essas medidas, assim como as tomadas como Ministro da Guerra, vieram das divisas acumuladas pela Argentina durante a Segunda Guerra Mundial, basicamente pelo fornecimento de produtos como carne e trigo aos países em guerra. Para se ter uma idéia, somente com a Inglaterra a Argentina tinha um crédito de



aproximadamente 1 bilhão e 700 milhões de dólares. A subordinação da década anterior, representada pelo pacto Roca-Runciman, tinha se invertido. Maria Lígia Coelho Prado lembra de uma outra conjuntura que ajudou economicamente o país:

(...) nos anos imediatamente posteriores à guerra, a América Latina em geral foi um alvo bastante secundário dos interesses do capitalismo internacional, preocupados fundamentalmente com a reconstrução da Europa Ocidental e do Extremo Oriente. Nessa medida, as indústrias latino-americanas, ainda que de pequeno porte, pareciam ter uma longa vida sem percalços e sem o enfrentamento da concorrência estrangeira<sup>9</sup>.

Além das boas condições financeiras do país, as medidas de Perón estão relacionadas com o revés sofrido pelas tropas do Eixo, que faz a Argentina lhe declarar guerra em 27 de março de 1945. Com isso, os setores pró-Aliados se fortaleceram e aumentou o desejo de se retornar à democracia, inclusive entre grupos que viam o liberalismo com ressalvas. Como colocam Belsunce e Flórida, “(...) ciertos valores del liberalismo político subsistían a través de ideas y de creencias – vinculado o no con el liberalismo económico – entre la mayoría de los argentinos”<sup>10</sup>. Exemplo disso é dado em agosto do ano anterior, quando a libertação de Paris pelos Aliados é comemorada por milhares de pessoas nas ruas portenhas, o primeiro grande protesto contra a ditadura instaurada em 1943. Como destaca Tulio Halperin Donghi, a “(...) atonía política parecía tocar a su fin, las muchedumbres largamente ausentes (...) volvían a hacer sentir su peso en el desarrollo de la crisis”<sup>11</sup>. Além disso, o eleitorado tinha crescido sensivelmente com os filhos dos imigrantes que, ao nascerem no país, passaram a desfrutar dos direitos políticos que seus pais não tinham. Com as medidas, Perón parece se preparar e garantir um lugar para o iminente retorno à democracia.

Perón, que já tem a oposição dos liberais pró-Aliados, começa a despertar a desconfiança de antigos aliados do GOU, descontentes com seu acúmulo de poderes, sua popularidade entre as patentes mais baixas e seu apoio à declaração de guerra contra o Eixo. Para os pró-Aliados, a declaração de guerra nada muda em relação a Perón e tampouco em relação ao governo pela situação interna autoritária. Além disso, tinham

---

<sup>9</sup> PRADO, M. L. C. *O populismo na América Latina: Argentina e México*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 49.

<sup>10</sup> BELSUNCE; FLÓRIDA, op. cit., p. 382.

<sup>11</sup> HALPERIN DONGHI, T. *La democracia de masas*. Buenos Aires: Paidós, 2000. p. 50.

consciência que a declaração de guerra era somente um ato inevitável e oportuno, pois o Eixo já estava virtualmente derrotado, os Estados Unidos diminuiriam as pressões e a Argentina entraria para a Organização das Nações Unidas (ONU). Para compor a “harmonia” anti-peronista, os setores mais organizados e combativos do movimento operário, como os comunistas e socialistas, são perseguidos por discordarem do cunho reformista e oficialista, não revolucionário, das medidas de Perón, tendência que, aliás, remonta ao início da década de trinta, como demonstra a fundação da Confederação Geral do Trabalho (CGT) em 1930<sup>12</sup>. Assim, o anti-peronismo forma uma aliança insólita, inimaginável antes da ascensão do nazi-fascismo e de Perón. Como coloca John King, no começo “(...) de los cuarenta aún eran pertinentes términos como “izquierda” y “derecha”. Sin embargo, el advenimiento de Perón haría superfluas todas esas clasificaciones (...)”<sup>13</sup>.

A pressão dos anti-peronistas sobre o presidente Farrell é crescente. Militares descontentes, como o ex-presidente Rawson, tentam golpes de Estado. No início de setembro de 1945, uma manifestação pedindo Constituição e liberdade leva às ruas de Buenos Aires entre 65 e 500 mil pessoas, de acordo com as estatísticas menos e mais otimistas. No dia 26, o governo decreta estado de sítio e fecha temporariamente as universidades, um dos principais focos da oposição, que não se intimida com o estado de sítio.

Em 9 de outubro, as pressões parecem surtir efeito com a renúncia de Perón. No entanto, Perón se despede em cadeia de rádio, oportunidade na qual convoca os trabalhadores a defenderem as medidas sociais que lhe deviam, o que demonstra o uso político do rádio antes da sua presidência. Dóris Fagundes Haussen destaca que a “(...) percepção das possibilidades políticas do rádio já era sentida pelo governo que assumiu o país logo após a revolução de 1943”<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> O *Programa Mínimo de la CGT*, publicado em 25 de abril de 1932 na página 2 do quarto número do *Boletín de la Confederación General del Trabajo*, reivindica, dentre outras medidas, o reconhecimento dos sindicatos, a jornada de trabalho de oito horas, a “semana” de cinco dias, férias anuais remuneradas e indenização para desempregados, doentes, viúvas e grávidas. Chama a atenção, também, a defesa da negociação entre patrões e empregados para os reajustes do salário mínimo, assim como o pedido de participação dos trabalhadores em organismos do Estado, apesar da importante participação de anarquistas nos primórdios da CGT. Essas reivindicações demonstram como alguns dos fundamentos do peronismo estavam presentes na Argentina muito antes da ascensão de Perón. A crise de 1929 e a intensa repressão foram duas causas dessa guinada reformista do movimento operário argentino.

<sup>13</sup> KING, op. cit., p. 161.

<sup>14</sup> HAUSSEN, D. F. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. p. 69.

A oposição comemora a renúncia de Perón, mas isto não basta para acalmá-la, tampouco o estado de sítio. No dia 12, a oposição sai novamente às ruas e, ao pedir que a Corte Suprema de Justiça assumisse o controle do país, demonstra que seu descontentamento não era apenas com Perón, mas com todo o governo. No dia 13, a oposição comemora a prisão de Perón, após a queda, na véspera, do gabinete que lhe era favorável.

No entanto, nos dias seguintes, manifestações e greves em apoio a Perón começaram a estourar pelo país até que, em 17 de outubro, uma surpreendente concentração popular na Praça de Maio pede sua liberdade. Os trabalhadores pareciam atender ao pedido de Perón quando se despediu pelo rádio. Muitos manifestantes são da Grande Buenos Aires que, naqueles anos, cresce aceleradamente com a chegada de milhares de migrantes que abandonam o campo e as pequenas cidades para ocuparem na capital os postos de trabalho da indústria em ascensão<sup>15</sup>. Não há consenso se o 17 de outubro de 1945 é um movimento espontâneo ou estimulado por sindicalistas e demais lideranças próximas a Perón. A julgar pelas atas da CGT, o movimento pode ter sido marcado tanto pelo dirigismo quanto pela espontaneidade. Os sindicalistas estavam divididos e somente se decidiram pela greve geral em solidariedade a Perón nos últimos minutos do dia 16 de outubro, quando o país já tinha inúmeros focos de agitação e por apenas 16 votos contra 11<sup>16</sup>. Espontâneo ou não, o 17 de outubro impressiona o governo, que cede e solta Perón. No mesmo dia, à noite, Perón, nos balcões da Casa Rosada, é saudado pela multidão e o retorno para a democracia seria inevitável:

Esse acontecimento, amparado pelo Exército (ou, pelo menos, pela sua passividade), deu lugar a um esquema político novo, que regeu durante os dez anos seguintes: o movimento sindical que respaldava um governo cujo apoio era sustentado pelas Forças Armadas. E o ingresso à vida política argentina das massas não vinculadas a nenhum partido tradicional, mas leais a um homem que lhes propiciara várias conquistas. O dia 17 de outubro marcou o fim de uma velha política. Isso devia ter uma seqüela eleitoral<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> De acordo com dados apresentados por Belsunce e Floria, em 1895, a área metropolitana de Buenos Aires conta com 800 mil habitantes, dos quais 8% são migrantes. Em 1947, a população aumenta para 4 milhões e 700 mil e a participação dos migrantes para 29%.

<sup>16</sup> Atas da Confederação Geral do Trabalho (CGT). 06-11-1938 a 09-11-1946. p. 159-193.

<sup>17</sup> LUNA, op. cit., p. 141.

Na campanha eleitoral que se segue ao 17 de outubro de 1945, a tensão continua a dar o tom. De um lado, liderando a União Democrática, os radicais Tamborini e Mosca contam com o apoio de comunistas, socialistas e democratas progressistas. Os conservadores, ainda que vetados pelo radicais, tenderam a apoiar a União Democrática e, assim, também compuseram a “harmonia” anti-peronista. Protestam contra o aumento de salários e a obrigatoriedade do *aguinaldo* determinados no final daquele ano, que favoreciam, claramente, a chapa Perón-Quijano, apoiada por trabalhistas, nacionalistas e dissidentes conservadores e radicais. Em contrapartida, comemoram a publicação pelos Estados Unidos de um documento, que fica conhecido como Livro Azul, no qual Perón é denunciado como um agente do Eixo. Além disso, o embaixador norte-americano na Argentina, Spruille Braden, declara publicamente o seu apoio a Tamborini e Mosca. O Livro Azul é bastante vinculado pela imprensa identificada com os setores liberais. O *La Nación* dá amplo destaque e publica integralmente o documento em 13 de fevereiro de 1946, poucos dias antes das eleições:

En octubre de 1945, cuando los Estados Unidos requirieron consultas sobre la situación argentina, tenían razones substanciales para creer, ante la evidencia disponible entonces, que el presente gobierno argentino y muchos de sus altos funcionarios estaban tan seriamente comprometidos en sus relaciones con el enemigo que no era posible depositar fe y confianza en dicho gobierno<sup>18</sup>.

No entanto, o tiro sai pela culatra. A campanha de Perón, nacionalista, usa o Livro Azul e o apoio de Braden para relacionar Tamborini e Mosca ao imperialismo norte-americano através do lema “Braden ou Perón”. Apesar do fim da Segunda Guerra Mundial, a campanha eleitoral mantém os ânimos e as divergências entre pró-Aliados e pró-Eixo, como demonstra uma reportagem do *La Nación* sobre um comício da União Democrática:

Para afirmar la unión democrática y proclamar su voluntad de oponerse al establecimiento de cualquier tipo de totalitarismo en el país, muchos miles de personas – hombres y mujeres de todas las edades y de todas las condiciones sociales – acudieron al llamamiento formulado por la Unión Cívica Radical y los partidos Socialista, Demócrata Progresista y Comunista (...)<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> ECHAGÜE, F. O. El “libro azul” ilustrara al país sobre la propaganda nazi. *La Nación*, Buenos Aires, 13 de fevereiro de 1946. p. 1. Fernando Ortiz Echagüe era correspondente do jornal nos Estados Unidos.

<sup>19</sup> Densa muchemdubre reunio el mitin de ayer. *La Nación*, Buenos Aires, 9 de dezembro de 1945. p. 1.

A mesma reportagem indica a tensão que marca a campanha. Segundo o jornal, as milhares de pessoas presentes “(...) volcaran sin tregua su entusiasmo y, en el instante dramático, en que las amenazas de agresión, latentes unas y ensayadas otras, derivaron en hechos agravantes para la argentinidad, se mantuvieron firmemente en sus puestos”<sup>20</sup>. As ameaças de agressão e os fatos agravantes se referem a um tiroteio que teria vitimado quatro pessoas e ferido vinte e oito. A relação entre Perón e nazi-fascismo não é feita apenas pelos liberais, como também pelos comunistas. Durante a campanha, Victorio Codovilla (1894-1970), na Conferência Nacional do Partido Comunista realizada no final de 1945 em Buenos Aires, afirma que “(...) estamos librando con *retraso* nuestra batalla contra el fascismo, y su variante nacional, el peronismo”<sup>21</sup>. É provável que Victoria Ocampo, os colaboradores da *Sur* e a esquerda não considerassem o peronismo como uma cópia idêntica do nazi-fascismo, mas insistiram nas semelhanças com o intuito de enfraquecê-lo politicamente, sobretudo depois da derrota de Hitler e Mussolini na Europa.

É possível imaginar o resultado bem sucedido da relação estabelecida pela campanha de Perón entre o Livro Azul e o embaixador Braden com o imperialismo norte-americano, em um país que, durante a Segunda Guerra Mundial, sofre inúmeras pressões e represálias dos Estados Unidos e que, em boa condição financeira, confiava, como nunca, em si mesmo. Além disso, durante a campanha, Perón reforça a imagem de líder dos descamisados ao aparecer com as mangas da camisa arregaçadas e ao se casar com a então atriz Eva Duarte, de origem popular e em ascensão no meio artístico. Como costuma dizer Félix Luna, apesar dos pesares, era o país da felicidade para as classes mais pobres. Sobre a campanha de Perón, Luna destaca o seguinte:

Reunia uma série de idéias que estavam na atmosfera da época: a idéia de que o Estado deve ter uma maior ingerência na vida econômica, a idéia do compromisso do Estado com os humildes, a idéia de injustiça social, a idéia da soberania; um homem que podia citar, entre outros, tanto Leão XIII quanto Lênin ou Yrigoyen, e que tinha a versatilidade própria da juventude, pois contava apenas cinquenta anos<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Ibid., p. 1.

<sup>21</sup> CODOVILLA, V. *Cómo ganar las elecciones*. In: PEÑA, M. *El peronismo: selección de documentos para la historia*. Buenos Aires: Fichas, 1973. p. 11.

<sup>22</sup> LUNA, op. cit., p. 142.

Se pesava sobre Perón a sombra das suas ligações com o nazi-fascismo, sobre a União Democrática pesava o apoio de nomes ligados com a década infame. Com essas opções, os argentinos vão às urnas em 24 de fevereiro de 1946 e, após duas semanas de contagem de votos, Perón vence oficialmente com 1.527.231 votos, contra 1.207.155 de Tamborini, segundo números apresentados por Halperin Donghi. A vitória apertada demonstra a divisão e tensão da Argentina em meados da década de quarenta, que continuariam existindo durante o governo de Perón inteiro.

### **Victoria Ocampo e a revista *Sur* às vésperas do peronismo.**

A defesa do fim da neutralidade argentina perante a Segunda Guerra Mundial feita por Federico Pinedo, destacada no capítulo anterior, é somente um exemplo do envolvimento de Victoria Ocampo e da revista no debate que marca a Argentina na primeira metade da década de quarenta.

Em 1942, contra todas as expectativas suscitadas por *El jardín de senderos que se bifurcan*, Borges não recebe o principal prêmio da Comissão Nacional de Cultura. Em contrapartida, no número 94, publicado em julho de 1942, a *Sur* homenageia Borges. Dentre os motivos apresentados pelos colaboradores do número para a exclusão de Borges, destaca-se sua crítica ao nacionalismo. Naquele momento, o nacionalismo divide a sociedade argentina ao ser evocado, especialmente, pelos partidários do Eixo. Adolfo Bioy Casares sintetiza a opinião dos colaboradores do número ao lamentar que, naquele momento, “(...) solamente la hospitalidad con temas o paisajes nacionales puede aspirar al reconocimiento en masa y a la recompensa oficial (...)”<sup>23</sup>. O depoimento de Bioy Casares e dos demais colaboradores do número indicam o fortalecimento do nacionalismo nas instituições argentinas.

Crítica semelhante aos concursos oficiais é feita por Ernesto Sábato na coluna *Espectáculos* da seção *Calendario* do número 98 da *Sur*, publicado em novembro de 1942. Sábato critica um concurso de teatros independentes organizado pela mesma Comissão Nacional de Cultura em parceria com o Instituto Nacional de Estudos de Teatro, no qual

---

<sup>23</sup> BIOY CASARES, A. Desagravio a Borges. *Sur*, Buenos Aires, n° 94, julho de 1942. p. 22

somente obras nacionais poderiam participar. Sábato destaca a contradição e que o resultado da exigência foi “(...) el retiro de los verdaderos teatros independientes”<sup>24</sup>.

No número 99 da *Sur*, de dezembro de 1942, um artigo de Raul A. Monsegur demonstra que o descontentamento da revista com os rumos da arte argentina não se limitava à Literatura. Em *Pintura y Nacionalismo*, Monsegur lamenta que o isolamento do país, representado pela neutralidade, tenha fortalecido os defensores de uma pintura autóctone. Além disso, questiona a possibilidade de existir uma arte genuinamente nacional pelas influências inevitáveis de artistas estrangeiros, contemporâneos ou não, sobretudo com a crescente difusão das obras de arte. “Sólo Dios no debe nada a nadie”<sup>25</sup>, sintetiza Monsegur.

Em setembro de 1942, o número 96 da revista, dedicado quase que integralmente ao Brasil, demonstra uma estratégia para pressionar o governo de Castillo pelo fim da neutralidade. A *Sur* publica uma mensagem lida em um ato realizado em Buenos Aires, no Luna Park, em 19 de setembro de 1942. O ato era de solidariedade com o Brasil pela declaração de guerra ao Eixo feita por Getúlio Vargas. São desejados ao presidente brasileiro “(...) los más fervidos votos por el triunfo de la causa que junto a las naciones unidas vuestra gran nación defiende (...)”<sup>26</sup>. Para pressionar o presidente argentino a seguir os passos do brasileiro, os participantes do ato apelam ao pan-americanismo. “Indisolublemente unidas, como siempre lo estuvieron en el pasado, nuestras patrias americanas se sienten, en estos días sombríos y amargos para el mundo, más estrechamente vinculadas en un común ideal de dignidad humana (...)”<sup>27</sup>.

O ato do Luna Park e a *Sur* silenciam sobre a ditadura na qual o Brasil vivia. O rompimento de Vargas com o Eixo foi muito mais estratégico do que ideológico e decorreu, basicamente, do aumento das pressões dos Estados Unidos que, em troca, liberaram vultosos créditos ao país. O silêncio sobre a ditadura brasileira visava, obviamente, fortalecer os partidários do fim da neutralidade argentina e enfraquecer os setores anti-liberais, autoritários, nacionalistas e pró-Eixo, especialmente dentro das Forças Armadas. Isso porque os militares que fundariam o GOU no ano seguinte tinham como

---

<sup>24</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 98, novembro de 1942. Calendario, p. 102.

<sup>25</sup> MONSEGUR, R. A. *Pintura y nacionalismo*. *Sur*, Buenos Aires, n° 99, dezembro de 1942. p. 94. Argentino, Monsegur nasce em 1913 e estuda pintura na Europa.

<sup>26</sup> Mensaje de los argentinos al presidente del Brasil. *Sur*, Buenos Aires, n° 96, setembro de 1942. p. 94.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 94.

uma das suas prioridades a contenção da influência brasileira sobre a América do Sul e, no número 96, além da mensagem lida no Luna Park, a *Sur* publica um discurso de Vargas, pronunciado no 7 de setembro de 1942, no qual defende e justifica o fim da neutralidade. “Aislarse equivale a exponerse más fácilmente a la codicia de los conquistadores”<sup>28</sup>. Além disso, Vargas defende que o Brasil, “(...) como país joven, de estructura social plástica, rico en posibilidades y con una formación equilibrada adaptable a todas las transformaciones, está naturalmente proyectado hacia el futuro (...)”<sup>29</sup> e que, por isto, teria “(...) el derecho de colaborar en las renovaciones de orden político y económico que resulten de ese tremendo choque de potencias, mentalidades y culturas”<sup>30</sup>, justamente o que era temido pelos futuros fundadores do GOU. A oposição da revista a esses militares também pode ser percebida quando, no mesmo número, Álvaro de Silva escreve que, no Brasil, ouviu dizer que “(...) Justo es también un general brasileño”<sup>31</sup>. O ex-presidente Augustín P. Justo, da ala legalista das Forças Armadas, era favorável aos Aliados.

Álvaro de Silva coloca, ainda, os brasileiros como um povo anti-fascista e democrático. Relata que, no Rio de Janeiro, viu em um tronco de palmeira um aviso que “(...) fué celebrado con risas y con palmoteos a su autor. *Se ha perdido un perro con bigote. Muy corredor. Responde al nombre de Hitler. Quien lo encuentre podrá matarlo. Buena gratificación*”<sup>32</sup>. Dessa maneira, ao declarar guerra ao Eixo, Vargas teria escutado seu povo. “Al declarar la guerra a los agresores, Getulio no hizo más que obedecer al pueblo”<sup>33</sup>, frisa Álvaro de Silva. Para se criar uma situação parecida e fazer com que o governo argentino também escutasse seu povo, no ato do Luna Park, os participantes se colocam como a totalidade do povo argentino, que expressava “(...) al pueblo brasileño su inequívoca solidaridad”<sup>34</sup>. Por detrás disso, nota-se a disputa sobre a opinião pública, sobre qual seria a vontade da maioria, conceitos caros aos liberais.

No mesmo número, na coluna *Noticiario* da seção *Calendario*, Sábado destaca sobre o ato do Luna Park que “(...) la policía agredió a mano armada al público asistente, hiriendo

---

<sup>28</sup> Palabras del presidente del Brasil. *Sur*, Buenos Aires, n° 96, setembro de 1942. p. 93-94.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 93.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 93.

<sup>31</sup> SILVA, A. de. Luz y black-out en Río. *Sur*, Buenos Aires, n° 96, setembro de 1942. p. 97.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 97.

<sup>34</sup> Mensaje de los argentinos al presidente del Brasil, p. 94.



a varias personas y deteniendo a ochenta y ocho. Éstas serán juzgadas por desacato a las autoridades”<sup>35</sup>. A repressão demonstraria a influência dos partidários do Eixo sobre o governo. Além da repressão policial, Sábato noticia, no mesmo número, que os simpatizantes do nazismo na Argentina estavam desenvolvendo, literalmente, uma série de provocações terroristas:

(...) colocaran una bomba en el local de *La Prensa*, irrumpieron con cachiporras en las facultades de Derecho y Ciencias Económicas, colaboraron con entusiasmo en la agresión del Luna Park, arrasaron un centro de estudiantes secundarios, profirieron insultos en las facultades de Ingeniería y Derecho de La Plata. En todos los casos sufrieron la violenta reacción de la población<sup>36</sup>.

Em outubro de 1942, no *Noticiario* do número 97, o descontentamento da *Sur* com Castillo aparece de forma mais explícita, quando Sábato lamenta que o “(...) Poder Ejecutivo declaró que se ha limitado a tomar nota de la resolución que sobre ruptura de relaciones con el Eje produjo la Cámara de Diputados”<sup>37</sup>. No *Noticiario* do número 100 da *Sur*, de janeiro de 1943, é a vez do rompimento do Chile com os países do Eixo ser saudado. A comemoração de Gabriela Mistral, destacada no *Noticiario* do número seguinte, publicado em fevereiro, demonstra um novo apelo da *Sur* ao pan-americanismo para que o governo argentino tomasse a mesma atitude. “Me siento aliviada al saber que Chile no aparecerá separada de América como nación evadida de la prueba del sacrificio común de las Américas”<sup>38</sup>.

Outras notícias de Sábato merecem destaque ao darem uma dimensão mais exata do descontentamento da *Sur* com o crescimento do anti-liberalismo, autoritarismo e nacionalismo nas instituições argentinas, inclusive nas universidades e na justiça. No *Noticiario* do número 100, Sábato destaca que, apesar das pressões noticiadas em números anteriores da *Sur*, o “(...) Consejo Académico de la Facultad de Filosofía y Letras resolvió archivar las actuaciones referentes al profesor nazi Carlos Astrada”<sup>39</sup>. Além disso, encerra a

<sup>35</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 96, setembro de 1942. Calendario, p. 111-112.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 113. *La Prensa* é um jornal liberal argentino que seria tomado pelo governo de Perón.

<sup>37</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 97, outubro de 1942. Calendario, p. 134.

<sup>38</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 101, fevereiro de 1943. Calendario, p. 91.

<sup>39</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 100, janeiro de 1943. Calendario, p. 125.

coluna destacando que a “(...) Suprema Corte resolvió archivar las actuaciones sobre el espionaje nazi en la República”<sup>40</sup>.

Outro episódio que indica a tensão entre pró-Aliados e pró-Eixo na Argentina é o ataque sofrido por Waldo Frank em Buenos Aires em 1942. Além de comunista, Frank, norte-americano, era favorável aos Aliados e sua visita ao país não era bem vista pelos partidários do Eixo. A *Sur* abre espaço para o ocorrido e sua repercussão internacional. No *Noticiario* do número dedicado ao Brasil, Sábato destaca que “Waldo Frank declaró que el atentado a su persona fué recomendado y organizado por la embajada alemana. No cree que se detenga a los ejecutantes”<sup>41</sup>. Dois números depois, as expectativas de Frank parecem se confirmar e Sábato, em uma nova crítica às instituições argentinas, relata que “(...) Jorge Fernández Murray, uno de los agresores de Waldo Frank, se presentó ante el juez, pero fué puesto inmediatamente en libertad. Se consideró que no había motivo para detenerlo”<sup>42</sup>.

No mesmo número, o 98, de novembro de 1942, o *Debates sobre temas sociológicos* demonstra como o engajamento da revista pelo fim da neutralidade faz Victoria Ocampo e seus colaboradores repensarem o pacifismo, um dos principais pressupostos da *Sur* até então. De uma maneira geral, apesar de não desconsiderarem o valor do pensamento de Gandhi, a maioria dos participantes do debate concordam que, naquele momento, seus métodos eram difíceis de serem aplicados com sucesso fora da Índia. Nesse sentido, Vicente Fatone coloca que “Gandhi, naturalmente, vive de acuerdo con las exigencias de su ambiente”<sup>43</sup>. De um modo parecido, Eduardo Krapf defende “(...) que en este momento existe una guerra justa de los espíritus que quieren suprimir la libertad”<sup>44</sup>. Em seguida, Fatone retoma a palavra e defende que o pacifismo de Gandhi não descartaria totalmente o uso da violência. “Gandhi utiliza la no violencia porque cree que es el sistema más eficaz; pero no es para el una doctrina, sino un instrumento al cual podría renunciar, en un dado momento, para aconsejar la violencia”<sup>45</sup>. Nas palavras de Ricardo

---

<sup>40</sup> Ibid., p. 126.

<sup>41</sup> *Sur*, Buenos Aires, n°96, setembro de 1942. Calendario, p. 112.

<sup>42</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 98, novembro de 1942. Calendario, p. 103.

<sup>43</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 98, novembro de 1942. Debates sobre temas sociológicos, p. 84. Argentino, Vicente Fatone (1903-1962) é filósofo. Na década de vinte, começa a atuar como docente na Universidade Nacional de Buenos Aires. Participa da organização da Universidade Nacional del Sur. Em 1957, representa a Argentina na IX Conferência Geral da UNESCO.

<sup>44</sup> Ibid., p. 86.

<sup>45</sup> Ibid., p. 88.

Baeza, a relação entre a promoção do debate, a revisão do pacifismo e a Segunda Guerra Mundial fica mais evidente. “Evidentemente, todos los que estamos aquí deseamos ardientemente el triunfo de los aliados (...)”<sup>46</sup>.

Sobre o envolvimento político de Victoria Ocampo e da *Sur* pelo fim da neutralidade, cabe lembrar do financiamento da revista *Lettres Françaises* que, sob a direção de Caillois, servia aos Aliados. Além disso, a adesão aos Aliados pode ser sentida quando a *Sur* publica, em março e abril de 1944, um número duplo, o 113-114, sobre a literatura norte-americana.

Outro aspecto que pode ser apreendido na *Sur* ainda em 1942, portanto, antes do fortalecimento político de Perón com o golpe de 1943, é uma aproximação, ainda que tímida, dos que formariam a “harmonia” anti-peronista. Nesse momento, a aproximação é provocada pela luta da União Soviética ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, no *Noticiario* do número 99 da *Sur*, de dezembro de 1942, Sábato relata que a “(...) policía, en el Homenaje a las Democracias celebrado en el Luna Park, hace retirar del escenario el retrato de Stalin. La comisión organizadora, en un gesto de solidaridad, retira los de Roosevelt y Churchill”<sup>47</sup>. No número 106 da *Sur*, publicado em agosto de 1943, já com os militares do GOU no poder, uma resenha de Arturo Monfort sobre uma biografia de Juan B. Justo, fundador do Partido Socialista na Argentina, dá um novo indício da aproximação entre comunistas, socialistas e liberais. Nas palavras de Monfort, com Justo, o parlamento argentino deixou de ser um lugar de reuniões de oligarcas e se purificou “(...) con debates sobre la defensa de la mujer y del niño, sobre la protección del obrero, sobre la higienización de los lugares de trabajo”<sup>48</sup>. Apesar de manifestar descrença no socialismo, uma carta de Caillois para Victoria Ocampo, escrita em 1º de maio de 1941, também demonstra a aproximação entre socialistas e liberais no país em meio à Segunda Guerra Mundial. A respeito do desfile do Partido Socialista em comemoração ao Dia do Trabalho daquele ano, Caillois escreve o seguinte:

Automóviles, provistos de altavoces, pasaban discos: *La Marsellesa* y *La Internacional* sobre todo. En el momento en que me topé con el desfile, los

---

<sup>46</sup> Ibid., p. 94.

<sup>47</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 99, dezembro de 1942. Calendario, p. 104.

<sup>48</sup> MONFORT, A. Dardo Cúneo: *Juan B. Justo* (Editorial Americalee, Buenos Aires, 1943). *Sur*, Buenos Aires, n° 106, agosto de 1943. p. 106.

(manifestantes) silbaban y gritaban “Asesinos”. Me preguntaba a quiénes aludían: al volverme vi que estaba delante de la casa Siemens”<sup>49</sup>.

A propósito, a correspondência de Victoria Ocampo, especialmente com Caillois, reforça seu envolvimento político e da *Sur* nos anos anteriores ao peronismo. No mês seguinte ao golpe do GOU, mais exatamente em 23 de agosto de 1943, Victoria Ocampo escreve de Nova Iorque para Caillois que não tem boas notícias da Argentina e que a palavra nacionalismo deveria sempre ser escrita “(...) con una Z: nazionalista”<sup>50</sup>, em mais um exemplo da estreita relação que traçou, assim como a *Sur*, entre os acontecimentos europeus e os nacionais, entre o nazi-fascismo e o crescimento do nacionalismo no país. Em uma carta de 28 de abril de 1944, ironiza o hino nacional argentino depois de assistir as comemorações dos vinte e cinco anos do Colégio Nacional de Mar del Plata. “¡Coronados de gloria vivamos o juremos con gloria morir!, ¡ah, si esto fuera cierto!”<sup>51</sup>. Em 27 de agosto, conta que comemorou a liberação de Paris na Plaza Francia de Buenos Aires, onde o povo teria cantado impecavelmente o hino nacional francês e onde teria, inclusive, se desentendido com uma simpatizante do nazi-fascismo, a ponto de tê-la expulsado da praça. “No puedo soportar la comedia y la pestilencia moral de estas arpías que se mezclan en lo que no les concierne (...)”<sup>52</sup>.

Victoria Ocampo tampouco fica indiferente em relação aos acontecimentos de outubro de 1945. Em uma carta do dia 4, conta para Caillois sobre o fechamento das universidades que, em seguida, teriam sido tomadas por centenas de estudantes, apesar de estarem sem água e eletricidade. Conta, ainda, que enviou dinheiro para uma das universidades, para que fossem comprados alimentos e bebidas para os estudantes. Também menciona a censura sobre os meios de comunicação. “Toda la ciudad está revuelta y los diarios no dicen ni mu de los acontecimientos más importantes”<sup>53</sup>. Por fim, comemora as denúncias dos Estados Unidos sobre o envolvimento do governo e, mais especificamente, de Perón, com o nazi-fascismo. “Teníamos razón, los que pensábamos que

---

<sup>49</sup> FELGINE, op. cit., p. 111.

<sup>50</sup> Ibid., p. 147.

<sup>51</sup> Ibid., p. 149.

<sup>52</sup> Ibid., p. 153.

<sup>53</sup> Ibid., p. 169.

los nazis habían puesto copiosamente manos a la obra en la Argentina”<sup>54</sup>, se vangloria Victoria Ocampo.

No dia seguinte, em uma nova carta para Caillois, conta que foi à Faculdade de Direito, onde teria presenciado a repressão policial aos estudantes. A exaltação dos ânimos naquele momento também pode ser sentida na carta. “Los estudiantes (...) gritaban *Muera Perón* (...)”<sup>55</sup>. “Todos los agentes de policía (...) eran saludados con el grito: *Asesinos*”<sup>56</sup>. “Odio al gobierno”<sup>57</sup>, conclama a própria Victoria Ocampo. Elogia a coragem dos estudantes, nas suas palavras, dignos da pátria e dá um novo exemplo da disputa sobre a opinião pública. “Toda la población está indignada (...) de ver lo que sucede”<sup>58</sup>, destaca Victoria Ocampo para deslegitimar o governo Farrell e o ascendente Perón.

No dia 6, escreve para Caillois que, na véspera, participaria de um protesto de mulheres na Praça de Maio, mas que, quando ali chegou, o ato começou a ser reprimido pela polícia. “Simplemente pensaban cantar el himno nacional e ir a *La Prensa* y *La Nación* para pedirles que tengan un poco más de... *cojones* (...)”<sup>59</sup>. Essas palavras demonstram o contato entre as publicações liberais do país, o que questiona a imagem da *Sur* como uma revista de elite isolada, indiferente em relação aos acontecimentos nacionais. Victoria Ocampo ainda relata que voltou à Faculdade de Direito, onde teria presenciado uma nova repressão aos estudantes.

Em março de 1946, no número 137, a revista publica o poema *12 de octubre de 1945* do brasileiro Augusto Frederico Schmidt, data na qual a Argentina e a América Hispânica comemoram a chegada de Cristóvão Colombo em 1492 e o Dia da Raça. Em 1945, a oposição tem um motivo a mais para comemorar, a prisão de Perón. O dia é cantado no poema como o triunfo da liberdade, conseguida com a atuação decisiva dos intelectuais e dos estudantes. Ao publicar o poema no mês seguinte ao triunfo eleitoral de Perón, a *Sur* frisa a sua oposição e demonstra a disputa com o peronismo sobre quais seriam as verdadeiras massas argentinas:

---

<sup>54</sup> Ibid., p. 169.

<sup>55</sup> Ibid., p. 170.

<sup>56</sup> Ibid., p. 170.

<sup>57</sup> Ibid., p. 171.

<sup>58</sup> Ibid., p. 170.

<sup>59</sup> Ibid., p. 171.

Vi a Victoria Ocampo, espléndida en el tiempo  
Mezclada a las masas  
Y tan lejos de *La Jeune Parque*  
Como lo estaban los pájaros y los árboles  
De nuestras inquietudes políticas.  
(...).  
Vi a los poetas, a los artistas de todas las artes,  
A los exilados rojos y purpúreos,  
A todos los que piensan y sienten,  
A todos los vivientes de la ciudad encendida  
Junto al río oscuro.  
Yo vi a la Argentina crecer,  
Crecer en su aspiración a la libertad,  
En el amor viril a la libertad<sup>60</sup>.

Na publicação organizada por Odile Felgine há um salto de vinte dias na correspondência entre Victoria Ocampo e Caillois. No dia 26, uma carta de Caillois demonstra a surpresa causada pelo 17 de outubro ao fazer uma série de perguntas para Victoria Ocampo. A década peronista que se seguiria responderia algumas delas e colocaria outras tantas:

Me pregunto siempre qué sucedió. ¿Cómo ha llegado al poder nuestro coronel? ¿Fue por medio del ejército o de los obreros? ¿Por intrigas o por un movimiento popular? No he podido sacar una conclusión a través de los recortes de mis escasos diarios. ¿Y qué papel juega actualmente en el gobierno? Se dice que no ocupa ningún cargo oficial<sup>61</sup>.

### **A década peronista.**

Perón assume a presidência em 1946. O clima agressivo, otimista e ousado da campanha, quando chega a apelar ao sangue juvenil dos trabalhadores, continua nos primeiros anos do governo, impulsionado pela confortável situação econômica do país. Naqueles anos, a Argentina chega a quitar sua dívida externa. A saúde financeira do país faz com que Perón também consolide o apoio dos trabalhadores, outro fato que dá segurança à agressividade, otimismo e ousadia do governo nos seus primórdios. A

---

<sup>60</sup> SCHMIDT, A. F. 12 de octubre de 1945. *Sur*, Buenos Aires, nº 137, março de 1946. p. 74-75. Augusto Federico Schmidt (1906-1965) nasce e morre no Rio de Janeiro. Convive com modernistas como Mário e Oswald de Andrade. Em 1931, funda a editora Schmidt, que publica clássicos como *Caetés* e *Casa grande e senzala*. Schmidt ainda representa o Brasil na Operação Pan-Americana, na ONU e na Comunidade Econômica Européia.

<sup>61</sup> FELGINE, op. cit., p. 172.

manutenção das conquistas sociais de quando era Secretário do Trabalho, a Fundação Eva Perón<sup>62</sup> e o voto para as mulheres também são fundamentais para a consolidação do apoio dos trabalhadores. Para aumentar a euforia, o governo passa a controlar os transportes aéreo, ferroviário e fluvial, assim como o fornecimento de gás e energia para a maior parte do país, serviços antes controlados por empresas estrangeiras.

Exemplo da confiança peronista pode ser sentida quando Eva Perón considera o fanatismo como uma força espiritual do peronismo. Nas suas palavras, no caso do peronismo, o fanatismo é o direito “(...) legítimo del pueblo a defender y difundir – hasta con la vida – la ciudadanía en marcha”<sup>63</sup>. Os mais pobres, até então, bastante marginalizados política e economicamente, têm motivos reais para acreditarem no otimismo peronista e dão, conscientemente, um voto de confiança a Perón que, astutamente, procura colar sua imagem àquela nova Argentina e àquelas massas fortalecidas. Como coloca Félix Luna, “Perón estava vinculado a momentos felizes como os que vivia o povo, com total ocupação, altos salários, ausência de inflação e uma série de bens sociais e culturais aos quais somente então tinha acesso”<sup>64</sup>. No entanto, para a oposição, o otimismo se reverteria em autoritarismo e perseguições.

No discurso peronista, a representação de uma Argentina antes e depois do peronismo demonstra como Perón se coloca como o único responsável pelo desenvolvimento econômico do país e pelo fortalecimento das massas. Nesse sentido, de acordo com Evita, antes de Perón, o “(...) povo gemia, privado de justiça, oprimido, negado. Países estranhos e forças internacionais jungiam-no a um domínio em nada dissemelhante à opressão colonial”<sup>65</sup>. Nessa passagem, ao criticar tanto o comunismo quanto o imperialismo capitalista, outrora inglês e, mais recentemente, norte-americano, Eva Perón demonstra as bases sobre as quais se forma parte da “harmonia” anti-peronista.

---

<sup>62</sup> Um depoimento da cantora Mercedes Sosa à revista *Radar* de 10 de agosto de 1996 demonstra a importância da Fundação Eva Perón para a consolidação do peronismo. “Minha família era peronista. Quando Evita esteve em Tucumán, inaugurando um hospital, vê-la com aquela beleza foi uma emoção muito forte. Alguns vão rir de mim pelo que vou dizer, mas ela foi muito importante para as pessoas. Quando morreu, o sofrimento foi enorme. Minha família havia escrito uma carta para ela pedindo uns óculos para a minha irmã Chocha. Pouco depois chegaram dois pares. Para meus pais, esse gesto foi inesquecível”. In: GARCÍA, F. D.; LABADO, A.; VÁZQUEZ, E. C. (Org.). *Evita: imagens de uma paixão*. Texto de Matilde Sánchez. São Paulo: Melhoramentos; DBA Artes Gráficas, 1997. p. 110.

<sup>63</sup> PERÓN, Por qué soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo, p. XXXVIII.

<sup>64</sup> LUNA, op. cit., p. 142.

<sup>65</sup> PERÓN, A razão de minha vida, p. 52-53.

Na mesma linha de Evita, Perón comemora que, no seu governo, se “(...) come más, viste mejor, vive más feliz y los capitalistas ganan más (...)”<sup>66</sup>. Assim, segundo o discurso peronista, a Argentina e as massas somente teriam avançado econômica, social e politicamente e conhecido a independência e a felicidade com o peronismo ou, para ser mais exato, com Perón e Evita. “La masa va adonde la conducen sus dirigentes (...)”<sup>67</sup>, confia Perón. “Não reputo verdadeira a velha sentença que afirma transitar um fluido magnético da multidão para o condutor e deste para a multidão”<sup>68</sup>, completa Evita. O personalismo político ainda é uma das principais marcas do peronismo.

O personalismo está profundamente relacionado com o abalo sofrido pelo liberalismo na década de trinta. Em meio à crise econômica e o aumento das tensões sociais, o Estado aumenta sua intervenção na política e economia. Em circunstâncias parecidas se desenvolvem o fascismo e o nazismo. Mais do que regular a economia, o Estado torna-se investidor e fonte de créditos e subsídios. Além disso, negocia com as classes sociais a redução das tensões, a partir de concessões de ambas as partes e dando-lhes garantias, motivo pelo qual o peronismo se coloca, ao mesmo tempo, como representante dos trabalhadores e adversário dos setores mais combativos e radicais do movimento operário. Na Argentina, os recursos acumulados durante a Segunda Guerra Mundial e nos anos seguintes fazem com que esse papel seja desempenhado pelo Estado com um sucesso expressivo.

Apesar de ser anti-liberal, é interessante notar como o medo da tirania das massas também está presente no discurso peronista. É um discurso que se coloca como representante das massas, justamente, para contê-las. Enquanto que para os liberais como Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* a contenção das massas estaria na cultura, no saber, enfim, na educação, para os peronistas estaria na justiça social. Nesse sentido, Eva Perón afirma sobre as necessidades populares que era preciso atender todos os pedidos “(...) se não queríamos que o povo deixasse de ver em Perón o seu condutor”<sup>69</sup>. Perón demonstra um receio parecido. Destaca que o condutor, quando abusa do seu poder e despreza o povo, “(...) comienza a firmar su sentencia de muerte”<sup>70</sup>.

---

<sup>66</sup> PERÓN, J. D. *Conducción política*. Buenos Aires: Freeland, 1971. p. 75.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 104.

<sup>68</sup> PERÓN, A razão de minha vida, p. 149.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 142.

<sup>70</sup> PERÓN, *Conducción política*, p. 35.



O apelo do peronismo à religião está profundamente relacionado com seu personalismo, que coloca Perón e Evita como deuses, mártires, messias, salvadores da pátria. Evita chega a ser designada Líder Espiritual da Nação. A relação entre líder e massas é tratada como uma religião:

El prestigio asegura la libertad de acción del conductor mediante la subordinación voluntaria de todos los hombres que lo siguen y creen en él.  
Creyendo en él, él tiene su gente detrás y no necesita darse vuelta para comprobar si lo siguen o no; él sabe que lo siguen y que lo van a seguir<sup>71</sup>.

O apelo à religião seria uma das formas mais eficientes de se alcançar e manter a paz social abalada pela crise do liberalismo. O discurso peronista coloca a conciliação e colaboração entre as classes sociais como um princípio cristão. Para Evita, Perón falava “(...) dos valores do espírito. Ao invés de pregar o combate entre o capital e o trabalho, vinha exumar os velhos princípios esquecidos do cristianismo”<sup>72</sup>. Com essas palavras, é reforçado o tradicional ateísmo atribuído aos comunistas e socialistas, colocado pelo peronismo como um dos principais motivos do seu fracasso junto às massas. Além da representação de Perón e Evita como messias, o peronismo se colocava como um movimento e governo sem nenhum tipo de discriminação, redentor de todos que lhe procuravam. “Não ignoro que, vez por outra, tem-se infiltrado um comunista nas filas de meus visitantes peronistas. Mas mentiria se dissesse ter sido destrutado com uma só palavra”<sup>73</sup>, afirma Evita. Ainda no sentido de equilibrar as classes sociais, Eva Perón defendia que todo operário era um descamisado, definido como aquele que se sente povo, mas que nem todos os descamisados eram necessariamente operários. Segundo Evita, bastava se sentir povo para ser descamisado. Com isso, procura ampliar a base social peronista para além das massas, assim como justificar sua liderança e de Perón. Mais direto, Perón resume que com “(...) sectarismo no hay conducción”<sup>74</sup>.

O nacionalismo é um dos elementos mais importantes do discurso peronista em busca da paz social. Uma idéia de “argentinidade” permeia as massas buscadas pelo peronismo como base social. A oligarquia agro-exportadora, os comunistas e socialistas

---

<sup>71</sup> Ibid., p. 264.

<sup>72</sup> PERÓN, A razão de minha vida, p. 112.

<sup>73</sup> Ibid., p. 127.

<sup>74</sup> PERÓN, Conducción política, p. 45.

estariam condenados ao fracasso por não possuírem essa “argentinidade”, por dependerem ideológica e financeiramente de outros países. Evita chega a representar os comunistas e socialistas como membros da oligarquia. “(...) quando falo em oligarquia abranjo a todos os que, em 1946, se opuseram a Perón: conservadores, radicais, socialistas e comunistas. Todos votaram na Argentina do velho regime oligárquico, entreguista e vendilhão”<sup>75</sup>. Com o nacionalismo, há uma tentativa de se criar uma identificação entre Perón, massas e Argentina, como se nota nas seguintes palavras de Evita. “(...) quando afirmo nos meus discursos e nas minhas conversações que a causa de Perón é a causa do povo e que Perón é a Pátria e é o povo, nada mais faço do que dar uma prova irrecorrível de que tudo na minha vida está selado por um único amor”<sup>76</sup>. No entanto, no mesmo momento no qual tenta-se criar uma identificação entre Perón e as massas, sua liderança é frisada. O discurso peronista representa Perón como o primeiro trabalhador argentino. Desse modo, não é qualquer trabalhador, mas o principal, discurso característico da crise do liberalismo. De um lado, aparece a tentativa de se aproximar das massas ao se representar como trabalhador, mas também a necessidade de se controlar as tensões sociais ao se colocar como o primeiro. Silvia Sigal e Eliseo Verón colocam nos seguintes termos a tentativa de identificação entre massas, Perón e Argentina pelo discurso peronista:

*Bajo la mirada de Perón, los trabajadores se descubren como argentinos. Al observar, a su vez, las acciones de Perón, los trabajadores argentinos reconocen en él a uno de los suyos: es la mirada de los trabajadores la que transforma a Perón en el primer trabajador. En el punto imaginario de contacto entre las dos miradas se produce al mismo tiempo la doble transmutación cuyo soporte, cuyo operador, es el cuerpo del líder: materialización de la conjunción así obtenida entre Patria, Nación, pueblo y trabajadores*<sup>77</sup>.

Enfim, segundo o discurso peronista, as massas devem e podem ser conduzidas. Nesse sentido, Perón afirma que se trata “(...) primero, de ORGANIZAR; segundo, de EDUCAR; tercero, de ENSEÑAR; cuarto, de CAPACITAR, y quinto, de CONDUCIR”<sup>78</sup>. Esse processo seria facilitado pela homogeneidade das massas. “Muitos homens reunidos

---

<sup>75</sup> PERÓN, A razão de minha vida, p. 308.

<sup>76</sup> Ibid., p. 64.

<sup>77</sup> SIGAL, S.; VERÓN, E. *Perón o muerte*: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista. Buenos Aires: Legasa, 1986. p. 47.

<sup>78</sup> PERÓN, Conducción política, p. 32.

são menos um complexo de almas individuais e separadas, do que uma só e única alma”<sup>79</sup>, explica Evita. Essa idéia, apoiada na psicologia social, considera que os indivíduos nas massas perdem a individualidade e o senso crítico, pois ficariam vulneráveis à opinião da maioria e de uma liderança. Assim, falar com as massas seria como falar com uma única pessoa. Na segunda metade do século XIX, Gustave Le Bon, considerado o pai da psicologia social, escreve que “o indivíduo na coletividade é um grão de areia no meio de outros grãos de areia, que o vento levanta segundo o seu capricho”<sup>80</sup>. Le Bon é um dos inspiradores do nazi-fascismo, mas também são inegáveis as semelhanças com *A rebelião das massas* de Ortega y Gasset, que tanta influência exerce sobre Victoria Ocampo e a *Sur*.

Exemplo da crença na condução das massas é a formação da Escola Superior Peronista para a difusão do peronismo, através da formação de novas lideranças que atuariam em escolas, associações de bairro, igrejas, sindicatos e partidos políticos aliados. Segundo Perón, desejava-se o fim da condução amadora realizada por caudilhos e consolidar uma de caráter científico, que garantisse governabilidade ao país. *Conducción política*, por exemplo, é uma reunião de aulas dadas por Perón em 1951.

Para se conquistar as massas, seria preciso, ainda, se apresentar junto delas com determinação, vontade. As massas se sentiriam bem representadas e não se mobilizariam contra o governo. Sobre esse ponto, Perón considera que “(...) el conductor debe sentirse apoyado por una fuerza superior, vale decir, que debe tener una fe en sí mismo y un optimismo muy grande”<sup>81</sup>. Essa necessidade lembrada por Perón está relacionada ao pressuposto que as massas seriam bastante visuais e suscetíveis. Em outras palavras, seriam mais movidas pela emoção do que por uma racionalidade. Nesse sentido, segundo Perón, “las masas no piensan, sienten”<sup>82</sup>.

Nesse clima, o governo de Perón incentiva e comanda a sindicalização dos trabalhadores na CGT, sua aliada. De acordo com dados apresentados por Maria Lígia Coelho Prado, 1 milhão e 500 mil trabalhadores são abrigados pela central sindical em

---

<sup>79</sup> PERÓN, A razão de minha vida, p. 149.

<sup>80</sup> LE BON, op. cit., p. 11. A psicologia social se desenvolveu no século XIX após o impacto provocado pela Comuna de Paris (1871) nas elites e governos da Europa. Nas palavras de Le Bon, a psicologia social “constitui o recurso do estadista que quer, não governar as turbas – isso se tornou hoje muito difícil – porém, pelo menos, não ser completamente governado por elas” (p. XI).

<sup>81</sup> PERÓN, *Conducción política*, p. 180.

<sup>82</sup> Ibid., p. 284.

1947, número que dobra em apenas quatro anos. O uso da CGT pelo governo pode ser apontado no fortalecimento do moderado José Espejo, que se torna secretário geral da entidade. Com uma trajetória sindical modesta, Espejo tem pouca influência entre os trabalhadores se comparado aos antecessores, o veterano Luis Gay e o ex-comunista Aurelio Hernández, motivo pelo qual é considerado pelo governo como um nome mais confiável. A força da CGT ainda está presente no parlamento e ministérios. Além disso, sindicatos e sindicalistas mais combativos e radicais, como os comunistas e socialistas, continuam a ser perseguidos. A conduta austera com as lideranças sindicais também se manifesta durante a formação do *Partido Peronista* em 1949, que tenta nuclear as forças que apóiam Perón. Cipriano Reyes, sindicalista do *Partido Laborista*, que participou ativamente do 17 de outubro de 1945, protesta contra a dissolução do seu partido em 1946, absorvido pelo *Partido Único de la Revolución*. Reyes é cassado em 1948 e, em seguida, preso e torturado. Além do nome, o personalismo do novo partido se manifesta nos dirigentes, escolhidos por Perón. No Partido Peronista Feminino não é diferente. Até 1952, quando falece, Eva Perón é a presidente incontestável do partido e centraliza em si a conquista do sufrágio feminino. Por falar em Evita, os recursos da sua fundação de assistência social não vêm somente de pressões sobre fazendeiros e empresários, como também de um desconto obrigatório no pagamento dos trabalhadores.

O rolo compressor peronista também atinge a Corte Suprema de Justiça, a universidade e os meios de comunicação, em particular a imprensa. No caso do Poder Judiciário, dos seis juízes que compõem a Corte Suprema, somente um é mantido, Tomás D. Casares, incorporado durante o governo de Farrell. Os outros cinco, acusados de trabalharem para a oposição, são destituídos sob a alegação de terem legitimado governos inconstitucionais, argumento surpreendente, considerando-se que Perón se fortalece politicamente durante a ditadura militar de 1943.

Nas universidades, a ascensão política de Perón provoca a renúncia de vários professores opositores como Germani. Esses professores são substituídos por adictos do governo. Como frisa Federico Neiburg, os substitutos eliminam “(...) toda prática de pesquisa empírica na universidade, fortalecendo a tradicional “Sociologia de cátedra”, que, nos novos tempos, se misturava a uma atividade laudatória do regime peronista”<sup>83</sup>, assim

---

<sup>83</sup> NEIBURG, op. cit., p. 168.

como de promoção de um pensamento profundamente nacionalista. Essa situação caracteriza a educação como um todo durante o governo de Perón<sup>84</sup>.

Nas artes, a pressão é muito parecida, como demonstram os prêmios oficiais. O Teatro Colón, até então um dos principais símbolos da cultura europeia no país, é constantemente usado para apresentações nacionalistas e, inclusive, para reuniões partidárias e políticas durante o governo de Perón. No encontro com artistas e intelectuais ocorrido em novembro de 1947, Perón demonstra claramente a intervenção do governo e sua tônica nacionalista na área cultural:

(...) hemos de orientar, uniforme y racionalmente, desde la enseñanza primaria a la secundaria, a la especial, a la técnica y a la universitaria, con una unidad absoluta en la concepción de lo que debe ser nuestra cultura, la cultura argentina. Yo no creo, señores, que a esta altura de la marcha de la Nación nosotros podamos volver por otros fueros que no sean los de nuestra raza y que no sean los de nuestra propia cultura<sup>85</sup>.

Quanto aos meios de comunicação, logo após assumir o governo, Perón fecha o jornal *La Vanguardia*. O argumento é o barulho que suas máquinas fariam na vizinhança. Em 1951, o *La Prensa* é fechado e suas dependências e máquinas são entregues à CGT, cujo jornal faz uma apologia indiscriminada do peronismo. Para mencionar mais um exemplo, o *Democracia* é um outro importante jornal tomado pelo governo. Os jornais também sofrem com a diminuição da importação de papel determinada por Perón. Em virtude do alto custo, o governo defende a medida como uma forma de se equilibrar a balança comercial e estimular a produção nacional do produto. No entanto, o papel encarece e os anunciantes se afastam dos jornais que, para sobreviverem, reduzem a dimensão e periodicidade. Em 1948, os jornais *La Nación* e *La Prensa* são obrigados a reduzir seu tamanho para dezesseis páginas e para apenas doze no ano seguinte. A diminuição da importação de papel também prejudica a *Sur* e é uma das causas da periodicidade passar de mensal para bimestral durante o governo de Perón.

No rádio, o fechamento e a apropriação de emissoras pelo governo também é comum, assim como a vigilância austera sobre o conteúdo da programação. No trecho

---

<sup>84</sup> Em *Multidões em cena*, Maria Helena Rolim Capelato mostra como até mesmo as cartilhas infantis são usadas pelo peronismo como instrumentos de propaganda política.

<sup>85</sup> El presidente de la nación argentina, Gral. Juan Perón, se dirige a los intelectuales, escritores, artistas pintores y maestros. p. 18.

destacado no começo do capítulo, Victoria Ocampo critica a qualidade das rádios argentinas e seu uso pelo governo ao reclamar das “marchas estrepitosas” que vinham da rádio da escola perto da sua casa. Na mesma passagem, Victoria Ocampo demonstra a sensação de interferência na esfera privada vivida pela oposição durante o governo de Perón, ao colocar que “vozes infra-humanas” vindas da escola lhe atropelavam todas as manhãs.

Esses dados sobre a relação do governo de Perón com sindicalistas, partidos aliados, demais poderes, artistas e intelectuais e meios de comunicação são importantes para se questionar a posição de Emir Rodriguez Monegal e John King, quando colocam, respectivamente, Perón como carismático e o peronismo como democrático, o que desqualifica a oposição feita por Victoria Ocampo e pela revista.

O equívoco de King e Monegal fica mais evidente quando a Argentina entra na década de cinquenta. A economia internacional começa a se recuperar após a desestruturação provocada pela Segunda Guerra Mundial. A política econômica nacionalista levada a cabo por Perón é revista e a Argentina se abre ao capital externo, como mostra o acordo com a *Standard Oil* para a exploração de petróleo. Contribui para isso o esgotamento das divisas acumuladas durante a guerra, especialmente pela desenfreada nacionalização de empresas e serviços. Se inicialmente a nacionalização é um dos símbolos da prosperidade argentina, a falta de recursos para manter e desenvolver as empresas e os serviços demonstra como a felicidade tinha sido superestimada. As contradições se explicitam, a oposição ganha fôlego, a repressão aumenta e as tensões voltam aos níveis da primeira campanha presidencial de Perón.

Primeira campanha, pois existe a segunda, em 1951. Em 1949, com maioria absoluta no Poder Legislativo e com o Judiciário sob controle, Perón reforma a Constituição, que passa a garantir o direito de reeleição ao presidente. A reforma tem pontos positivos como a nacionalização dos recursos naturais, a institucionalização dos direitos trabalhistas e sociais e o sufrágio feminino. No entanto, a aprovação da lei que permite a reeleição do presidente demonstra a unilateralidade da política peronista e, o acordo com a *Standard Oil*, a fragilidade da nacionalização dos recursos naturais determinada pela reforma constitucional.

Apesar da crise econômica ter obrigado o peronismo a revisar alguns dos seus pressupostos, a radicalização política continua. Em 1951, após um levante militar, Eva Perón teria tentado formar uma milícia de trabalhadores para defender o governo. A propósito, em 1952, Perón perde um dos seus principais trunfos com o falecimento de Evita. No entanto, a suposta milícia demonstra que a crise já tinha sido deflagrada antes da sua morte. No falecimento de Eva Perón, o autoritarismo peronista também se manifesta com a obrigatoriedade do luto e o uso político do velório, assim como do corpo embalsamado, guardado, não por acaso, na CGT.

A suposta milícia de trabalhadores desagrada as Forças Armadas. A formação de uma força armada paralela, ainda mais pela primeira dama, anima os militares anti-peronistas a agirem contra o governo, apesar da derrota no levante de 1951. O relacionamento entre Evita e as Forças Armadas era tenso desde seu namoro com Perón, pela origem plebéia e por ser atriz. Aumenta com o casamento e seu fortalecimento político. A primeira dama chega a ser impedida de entrar no Campo de Maio, uma das principais bases militares argentinas. Além do câncer, os militares teriam sido um dos principais responsáveis pela renúncia de Eva Perón à candidatura de vice-presidente em 1951.

Além das Forças Armadas, o peronismo estremece suas relações com a Igreja. Apesar dos rumores sobre o ateísmo de Perón, os clérigos comemoram a manutenção da união entre Estado e Igreja, assim como do ensino religioso nas escolas públicas, determinado pela ditadura de 1943. No entanto, gera descontentamento a extinção da Sociedade de Beneficência quando a Fundação Eva Perón é fundada, apesar do grande alcance ter contido os ânimos. De qualquer maneira, os clérigos perderam espaço na assistência social, o que desagrada os setores mais conservadores da Igreja. Além disso, apesar das várias manifestações de fé da primeira dama, que chega a se encontrar com o Papa, esses setores criticam sua condição de bastarda, seu passado de atriz e algumas atitudes, como a de se apresentar junto a religiosos com roupas consideradas ousadas. O que até então são desentendimentos pontuais, tornam-se generalizados quando o governo assume um discurso anti-clerical agressivo a partir de 1954, possivelmente, para abafar a crise econômica e reunir os aliados. O governo propõe o divórcio, a igualdade para os filhos bastardos, a legalização dos prostíbulos, a extinção do ensino religioso, o fim de

subsídios para a Igreja e o Estado laico. Perón parece ter se esquecido da carta enviada a Sarobe em 1931, durante a campanha presidencial de Justo. Além da crise econômica não ter sido esquecida, a crise política aumenta.

Na procissão de Corpus Christi de junho de 1955, a oposição demonstra seu descontentamento com o tom anti-clerical assumido pelo governo. Cinco dias depois, a procissão parece encorajar as Forças Armadas a agirem contra Perón. Em 16 de junho, o centro de Buenos Aires e a Praça de Maio são bombardeados pela Aeronáutica, mas também existem vários focos de rebelião no Exército e na Marinha que resultam em dezenas de mortes. No mesmo dia, os peronistas respondem incendiando igrejas. Os incêndios políticos não são novos. Em 1953, depois do atentado a bomba sofrido por Perón, as sedes dos partidos opositores são incendiadas, assim como o Jockey Club, um dos símbolos da elite portenha.

Depois desses acontecimentos, Perón recua, assume um discurso conciliador, dialoga com a oposição, altera o gabinete, mas já era tarde. As tensões já tinham se manifestado, o desgaste de Perón é incontestável e a oposição não perderia esta oportunidade. Em 16 de setembro, em Córdoba, o general Lonardi começa um levante militar que derrubaria Perón. Em 19 de setembro, depois de bombardear Mar del Plata e com adesões na Argentina inteira, o levante consegue a rendição dos militares fiéis ao governo, após ameaçar um novo bombardeio à capital. O otimismo e a agressividade peronista terminam com um Perón silencioso que, depois de renunciar, se refugia na embaixada do Paraguai, que lhe envia para uma canhoneira do país em reparos, com a qual partiria para o exílio.

### **O “silêncio” de Victoria Ocampo e da revista *Sur* na década peronista.**

Perante o rolo compressor peronista, a *Sur* assume a postura que lhe seria constantemente atribuída pela historiografia, a de uma revista pura e exclusivamente cultural, sem nenhum interesse político, o que, segundo os críticos, demonstraria seu elitismo. No entanto, os exemplos citados, assim como os que se seguem, mostram a ingenuidade dessa leitura. De fato, praticamente não existem referências diretas ao peronismo na *Sur* durante a década peronista, ao contrário dos anos anteriores, quando o



fascismo e nazismo são discutidos abertamente. No entanto, por detrás da postura aparentemente indiferente, a *Sur* consegue desafiar as fortes pressões de Perón pelo engajamento político dos intelectuais e criticar pontos centrais do governo, tanto que, apesar das perseguições, é publicada durante a década peronista inteira, enquanto que muitas publicações de oposição são fechadas e tomadas pelo governo. Como destaca Maria Helena Rolim Capelato, a “(...) revista *Sur* é até hoje apontada com símbolo da resistência ao peronismo”<sup>86</sup>.

Um primeiro ponto que merece ser destacado na oposição silenciosa de Victoria Ocampo e da *Sur* ao peronismo é o modo como acompanham intensamente a derrota do nazi-fascismo e as duras conseqüências da Segunda Guerra Mundial para a Europa. A aproximação entre Perón e o nazi-fascismo feita pelos anti-peronistas na campanha presidencial é, então, mantida por Victoria Ocampo e pelos colaboradores da revista. A situação precária da Europa no pós-guerra pode ser acompanhada, por exemplo, em *Itinerário de postguerra*, seção criada logo depois do conflito.

Nesse sentido, no número 138, de abril de 1946, a *Sur* publica *Retrato del antisemita* de Sartre. O anti-semitismo é colocado um pensamento irracional, passional, maniqueísta, sem nenhum respaldo na História, que apenas finca raízes em uma mente covarde e invejosa, que “(...) no se atreve a matar sino en efigie o en el anonimato de una multitud (...)”<sup>87</sup>. No número 144 da *Sur*, de outubro de 1946, Paul Bodin escreve sobre o julgamento de Goering, pertencente ao alto escalão nazista, condenado à morte. Bodin coloca que o nazismo já tinha sido superado pela Alemanha. “Es significativo que el caso de Goering no provoque ningún comentario apasionado entre los alemanes, nítidamente orientados ahora hacia los problemas del porvenir”<sup>88</sup>. Teria o peronismo o mesmo fim? Certamente, essa é a crença predominante na *Sur*, pelo menos no começo do governo de Perón.

Por falar no julgamento de Goering, Victoria Ocampo, convidada pelo governo britânico, assiste em 1946 aos julgamentos de nazistas em Nuremberg, na Alemanha. Semelhante a Bodin, Victoria Ocampo frisa a queda, a derrota nazista. “Ahí está el

---

<sup>86</sup> CAPELATO, M. H. R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998. p. 125.

<sup>87</sup> SARTRE, J. P. *Retrato del antisemita*. *Sur*, Buenos Aires, n° 138, abril de 1946. p. 41.

<sup>88</sup> BODIN, P. *El proceso del número dos*. *Sur*, Buenos Aires, n° 144, outubro de 1946. p. 60.

poderoso, temible, temido, duro, feroz, lujoso mariscal nazi (...)”<sup>89</sup>, escreve sobre Goering. Quanto aos julgamentos dos nazistas pertencentes aos escalões mais baixos, não aceita a defesa de que apenas cumpriam ordens e desconheciam a real gravidade dos acontecimentos. Posição parecida tomaria com a queda de Perón e o apoio à desperonização. No entanto, em Nuremberg, nota a dificuldade de se reconstruir um país marcado pelos rancores, o que marcaria crescentemente a relação entre peronistas e anti-peronistas na Argentina. “Sólo los vencedores pueden hacerse una gloria de una ruina. Entre los vencidos, ruina es sinónimo de humillación”<sup>90</sup>.

Antes de Nuremberg, Victoria Ocampo tinha estado nos Estados Unidos, onde acompanha as primeiras conferências da ONU, um dos símbolos da derrota do nazi-fascismo e da tentativa de se consolidar um mundo marcado pela democracia, assim como pelo diálogo, solidariedade e paz entre os povos. A revista abre espaço para a formação da ONU e, sobretudo, da UNESCO.

Além de mostrar incessantemente a derrota do nazi-fascismo e suas trágicas conseqüências para a Europa, a pressão do governo de Perón para que os artistas e intelectuais produzissem uma arte e um pensamento profundamente nacionalistas é devolvida por Victoria Ocampo e pela revista como uma crítica incessante ao estado artístico e intelectual do país, colocado como monótono e entediante. No número 169 da *Sur*, publicado em novembro de 1948, Victoria Ocampo comemora o Prêmio Nobel conquistado por T. S. Eliot, mas volta a lamentar o fim da sua revista cultural *The Criterion*. Eliot é colocado como um poeta que não sacrifica a qualidade por nada, entenda-se fins políticos e o desaparecimento da revista demonstraria como a literatura realmente criadora não é imediatamente popular. Victoria Ocampo prevê o mesmo destino para a *Sur*:

(...) lo que podía aplicarse a una revista de minorías como *The Criterion*, publicada en un país de antiquísima tradición y cultura, no podía dejar de aplicarse (con mayor razón) a SUR. La situación de nuestra revista, publicada en un país de nivel cultural deficiente, con posibilidades literarias muy inferiores (amén de la inferioridad patente de su directora), tenía que ser trágica (...)”<sup>91</sup>.

<sup>89</sup> OCAMPO, V. Impresiones de Nuremberg. *Testimonios*: series primera a quinta. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 157.

<sup>90</sup> Ibid., p. 162.

<sup>91</sup> OCAMPO, V. T. S. Eliot. *Sur*, Buenos Aires, n° 169, novembro de 1948. p. 7-8.

Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur* também criticam a política cultural peronista criando e apoiando prêmios paralelos como um contraponto aos oficiais, que premiavam principalmente artistas e intelectuais identificados com uma estética nacionalista. Em 1945, quando Perón ainda era o homem forte do governo Farrell, a Sociedade Argentina de Escritores (SADE) premia Borges, esquecido pela Comissão Nacional de Cultura no ano anterior, com o Grande Prêmio de Honra por *Ficciones*, publicado pela editora *Sur* em 1944. Ao receber o prêmio, Borges defende a Literatura fantástica. “Hay quienes juzgan que la literatura fantástica es un género lateral; sé que es el más antiguo, sé que, bajo cualquier latitud, la cosmogonía y la mitología son anteriores a la novela de costumbres”<sup>92</sup>.

Com a “transferência” da biblioteca e seu pedido de demissão, Borges é mais uma vez homenageado por artistas e intelectuais de oposição e a *Sur* publica seu pronunciamento na ocasião. “(...) las dictaduras fomentan la opresión, las dictaduras fomentan el servillismo, las dictaduras fomentan la crueldad; más abominable es el hecho de que fomentan la idiotez”<sup>93</sup>. Borges ainda defende que o escritor deve combater a monotonia, em uma possível referência à massificação peronista.

Outro exemplo da pobreza cultural do país poderia ser encontrado no cinema nacional. No número 176 da *Sur*, de dezembro de 1949, Estela Canto critica o sentimentalismo exagerado e a previsibilidade das produções argentinas, que não refletiriam o país. Apesar de alguns elogios, coloca que *Se llamaba Carlos Gardel* é somente mais “(...) una de las numerosas producciones de la pantalla local, llenas de anticipada y ruidosa propaganda (una propaganda que, en su misma ruidosidad, parece llevar la certeza del fracaso)”<sup>94</sup>. No número 185, publicado em março de 1950, Canto critica o tom nacionalista dos filmes nacionais ao escrever sobre *Almafuerte*. “*Almafuerte* ha sido considerado el mejor film argentino del año. Sospecho que el criterio para juzgar los films nacionales está determinado por la dosis de patriotismo – iba a decir – de

---

<sup>92</sup> BORGES, J. L. Agradecimiento a la Sociedad Argentina de Escritores. *Sur*, buenos Aires, nº 129, julho de 1945.

<sup>93</sup> BORGES, J. L. Palabras pronunciadas por Jorge Luis Borges en la comida que le ofrecieron los escritores. *Sur*, Buenos Aires, nº 142, agosto de 1946.

<sup>94</sup> CANTO, E. Se llamaba Carlos Gardel. *Sur*, Buenos Aires, nº 176, junho de 1949. Crónica de cine, p. 93. Argentina, Estela Canto (1919-1995) era escritora e teve um romance com Borges.

patrioterismo – que contienen”<sup>95</sup>. No número 215-216, de setembro e outubro de 1952, desafia a censura, colocando-a como ineficiente e contraditória. Canto coloca que a censura, ao liberar a produção francesa *Manon*, que aborda a prostituição, somente dois anos depois do lançamento, apenas aumentou o interesse do público pelo filme que, ao invés de ser desprestigiado, ganha repercussão<sup>96</sup>.

Sobre o cinema argentino durante o governo de Perón, Maria Helena Rolim Capelato lembra que a lei 12900 de 1947 obrigava os cinemas a exibirem produções nacionais e que “*Sucesos argentinos* era o nome do documentário informativo que antecedia a exibição dos filmes: nele apareciam não só notícias sobre realizações do governo, mas também comentários esportivos, inventos, etc”<sup>97</sup>. Além disso, Capelato lembra que os filmes nacionais eram proibidos de criticar o país e mostrar pessoas com problemas. Recomendava-se mostrar uma Argentina feliz e próspera.

Descontentamento com a cultura do país também aparece no comentário de Félix Della Paolera sobre uma exposição do pintor argentino Juan Batlle Planas, publicado no número 183 da *Sur*, de janeiro de 1950. A obra do pintor é colocada como renovadora em meio à anacrônica, repetitiva e previsível pintura argentina, “(...) acumulación de carretas, chiripás, coyas, ranchos, mates, aljibes, guitarreros, domas, pericones o carreras de sortija”<sup>98</sup>. Em poucas palavras, Paolera condena a vinculação da pintura nacional exclusivamente com o folclore, o que também aconteceria com a música e Literatura do país. No mesmo sentido, no número 207-208, de janeiro-fevereiro de 1952, Romualdo Brughetti lamenta que se busque “(...) la raíz de lo nacional (...) en la contemplación de nuestro río o de nuestra llanura (...)”<sup>99</sup>. Além disso, denuncia que o artista argentino “(...) vive en el más alarmante abandono de sus naturales potencias creativas y en el olvido de que su obra tiene un significado funcional operante”<sup>100</sup>.

---

<sup>95</sup> CANTO, E. Almafuerte. *Sur*, Buenos Aires, nº 185, março de 1950. Crónica de cine, p. 71.

<sup>96</sup> CANTO, E. *Manon*. *Sur*, Buenos Aires, nº 215-216, setembro-outubro de 1952. Cinematógrafo, p. 152-155.

<sup>97</sup> CAPELATO, op. cit., p. 110.

<sup>98</sup> PAOLERA, F. D. Exposición de Juan Batlle Planas. *Sur*, Buenos Aires, nº 183, janeiro de 1950. Crítica de arte, p. 68.

<sup>99</sup> BRUGHETTI, R. El problema actual de nuestra pintura. *Sur*, Buenos Aires, nº 207-208, janeiro-fevereiro de 1952. p. 130. Argentino, Romualdo Brughetti (1912-2003) era filho do pintor Faustino Brughetti. Foi crítico de arte, historiador, poeta e secretário da SADE enquanto Borges foi o presidente.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p. 132.

O descontentamento da *Sur* com o nível artístico e intelectual argentino também atinge o teatro. Ao recomendar *Las Furias* no número 187, de maio de 1950, Miguel Alfredo Olivera menciona a dificuldade de se fazer uma crítica construtiva no país, confundida quase sempre com “(...) aplauso incondicional (...)”<sup>101</sup>. No número 215-216, de setembro e outubro de 1952, Olivera volta a manifestar descontentamento com o teatro argentino. Ao elogiar *Le Bourgeois Gentilhomme*, Olivera coloca que, dada “(...) la indigencia espiritual de nuestra ciudad, todo conjunto teatral de jerarquía debe ser muy bienvenido”<sup>102</sup>.

Quanto à Literatura, nos anos do governo de Perón, Victoria Ocampo e a *Sur* reafirmam o cosmopolitismo contra o nacionalismo incentivado pelo peronismo. Em abril de 1946, a *Sur* publica *Literatura gratuita y Literatura comprometida*, debate no qual é criticada a substituição da arte pela moral, a substituição da estética pelo chamado compromisso do intelectual perante a sociedade. Contudo, o debate demonstra como o discurso “apolítico” de Victoria Ocampo e da *Sur* consiste em um discurso de oposição. Nesse sentido, Jean Guéhenno afirma que não há Literatura gratuita e Wladimir D’Ormesson que não se comprometer é uma forma de compromisso. Guéhenno ainda considera que não é um problema a Literatura tratar de política, mas ser dominada por ela. De um modo semelhante, Vera Macarov defende a Literatura gratuita como um contraponto ao autoritarismo do Estado:

Hay cierto compromiso en la gratuidad. Durante los últimos tiempos el Estado há tomado parte tan activa en la vida privada que la gratuidad es, a veces, la afirmación reiterada de la libertad individual<sup>103</sup>.

Em setembro de 1951, no número 203, Francisco Ayala publica uma crítica semelhante. Acredita que o escritor é um sacerdote do crescimento espiritual, razão pela qual seria perseguido pelos regimes de massas e nacionalistas. Nesse sentido, critica o estadismo argentino, que dificultaria o acesso a bens culturais estrangeiros. Ayala ainda

---

<sup>101</sup> OLIVERA, M. O. *Las Furias*. *Sur*, Buenos Aires, n° 187, maio de 1950. Teatro, p. 105. Miguel Alfredo Olivera era romancista e ensaísta.

<sup>102</sup> OLIVERA, M. O. *La Comédie Française*. *Sur*, Buenos Aires, n° 215-216, setembro de 1952. Teatro, p. 147.

<sup>103</sup> *Literatura gratuita y literatura comprometida*. *Sur*, Buenos Aires, n° 138, abril de 1946. Debates de *Sur*, p. 118.

demonstra, mais uma vez, a estreita ligação do discurso cultural da *Sur* com a política. “(...) la capacidad creadora en el orden espiritual se da en una correlación, no rígida ciertamente, pero bastante perceptible, con la iniciativa histórica”<sup>104</sup>. No número 222, de maio-junho de 1953, ano no qual foi presa, Victoria Ocampo traduz um texto de Albert Camus sobre a influência da prisão na vida e obra de Oscar Wilde. Camus coloca que prisão uniu a vida e a obra de Wilde e que “(...) la verdad del esclavo vale más que la mentira del señor”<sup>105</sup>. Ao traduzir o texto, Victoria Ocampo se coloca no lugar de Wilde, dos escravos, enfim, da verdade, contra as mentiras de Perón, o senhor.

Como destaca Flavia Fiorucci, “(...) *Sur* logró a través de la cultura expresar de un modo bastante sistemático y tajante su desacuerdo en términos políticos e ideológicos con el peronismo”<sup>106</sup>. Isso também pode ser notado em *Homenaje a Francisco Almeyra*, publicado no número 229, de julho-agosto de 1954. Adolfo Bioy Casares critica o peronismo através da homenagem ao poeta que viveu sob o domínio de Rosas. A resistência ao engajamento político do intelectual e ao nacionalismo é latente em um diálogo entre Almeyra e um general anti-rosista:

– Me pregunto si nosotros – dijo Almeyra – (...) no estamos más interesados en Voltaire, en Diderot, en Destutt de Tracy, que en derrocar a Rosas. Si no estamos más interesados en la filosofía y en la literatura de Francia que en la política argentina (...).

– Nosotros luchamos para salvar la civilización (...). Rosas, en pleno siglo XIX, es un paso atrás, un accidente. Entregarse de todo a la obsesión de combatirlo es contribuir a su pasajero triunfo; mantener íntegro el interés en lo bello, en lo armónico, en lo razonable, es contribuir a derrotarlo<sup>107</sup>.

O uso do passado para criticar o peronismo também se percebe quando o ex-presidente Carlos Pellegrini é lembrado pela *Sur*. No número 198, de abril de 1951, Norberto Rodríguez Bustamante defende que Pellegrini, educado à européia, é um dos maiores construtores da nacionalidade argentina. Em outras palavras, ao contrário do discurso peronista, casa o cosmopolita com o nacional. Contra o personalismo e o autoritarismo, o ex-presidente teria governado a Argentina acima dos partidos, tendo em

---

<sup>104</sup> AYALA, F. El escritor. *Sur*, Buenos Aires, n° 203, setembro de 1951. p. 17.

<sup>105</sup> CAMUS, A. El artista preso. *Sur*, Buenos Aires, n° 222, maio-junho de 1953. p. 6.

<sup>106</sup> FIORUCCI, op. cit., p. 21.

<sup>107</sup> BIOY CASARES, A. Homenaje a Francisco Almeyra. *Sur*, Buenos Aires, n° 229, julho-agosto de 1954. p. 10.

vista a defesa da ordem. Já em 1869, Pellegrini teria defendido o sufrágio feminino. Inúmeras vezes, o discurso peronista colocava o sufrágio feminino como uma bandeira inédita na política argentina. Uma outra crítica ao peronismo aparece quando Pellegrini, realista, não teria se empolgado com o desenvolvimento econômico. Em 1951, o modelo econômico peronista já mostra sinais de esgotamento. “(...) se dice de él que carecía de jactancia, insólita virtud en un país al que no le faltan (...) políticos atacados de delirio de grandeza”<sup>108</sup>. Pellegrini ainda seria um exemplo pelo modo austero com o qual se relacionou com as massas. “(...) nunca halagó multitudes (...)”, elogia Bustamente. Nesse ponto, aparece novamente o medo da tirania da maioria e a defesa da restrição da democracia para salvar a liberdade. Bustamente coloca que o ex-presidente defendia o sufrágio universal, mas não “(...) en casos de incapacidad manifiesta, concediendo el derecho al voto a los ciudadanos que, al menos, acreditaran saber leer y escribir”<sup>109</sup>.

No número 226 da *Sur*, de janeiro-fevereiro de 1954, é Borges quem evoca uma figura histórica em uma clara referência a Perón. Em *Página para recordar al coronel Suárez, vencedor en Junín*, Borges canta que absolutamente todas as dificuldades são válidas quando se está em luta. Canta, ainda, que a luta é eterna e pode ser silenciosa, um bom exemplo da oposição feita por Victoria Ocampo e pela *Sur* durante o governo de Perón:

La batalla es eterna y puede prescindir de la pompa  
de visibles ejércitos con clarines;  
Junín son dos civiles que en una esquina maldicen a un tirano,  
o un hombre oscuro que se muere en la cárcel<sup>110</sup>.

Mais uma vez, as cartas de Victoria Ocampo demonstram suas preocupações políticas e como a revista deve ser lida nas entrelinhas durante o governo de Perón. Exemplo disso é a maneira irônica e jocosa com a qual Perón e Evita, a “Péronelle”, são constantemente mencionados por Victoria Ocampo nas cartas. Em uma carta de 24 de junho de 1948 para Caillois, ao lamentar a qualidade dos lançamentos das editoras

---

<sup>108</sup> BUSTAMANTE, N. R. Carlos Pellegrini y la democracia argentina. *Sur*, Buenos Aires, n° 198, abril de 1951. p. 42.

<sup>109</sup> Ibid., p. 39.

<sup>110</sup> BORGES, J. L. Página para recordar al coronel Suárez, vencedor en Junín. *Sur*, Buenos Aires, n° 229, julho-agosto de 1954. p. 10.

argentinas, mostra-se descontente com a pobreza artística e intelectual do país. “Sudamericana se mantiene a fuerza de publicar libros del tipo de “Adelgazar comiendo”, “El arte de cocinar sin carne, huevos, verdura, manteca y aceite”, “El arte de enamorar a las mujeres”, “Cómo viajar sin dinero”, etc”<sup>111</sup>. Contra essa tendência, em uma carta de 11 de junho de 1949 para Angélica, escreve que, na véspera, tinha dado uma conferência sobre Hamlet no Colégio Livre de Estudos Superiores (CLES), fundado em 1930. Um dos redutos do pensamento liberal argentino, o CLES é um dos principais críticos da política artística e intelectual do governo de Perón e abriga inúmeros opositores que são perseguidos durante a década peronista. “Créase o no, estaba lleno de bote en bote, hasta en el pasillo del medio”<sup>112</sup>, comemora Victoria Ocampo sobre sua conferência.

No número 137 e 138 da *Sur*, de março e abril de 1946, *Calígula*, de Camus, é publicado. Na história do autoritário e louco imperador romano que nomeia o seu cavalo como cônsul há uma clara intenção de se criticar o recém eleito Perón, ainda mais que, perante a morte, Calígula percebe sua finitude, o que convergia com a visão inicial da oposição, que acreditava que o peronismo seria passageiro. Nesse sentido, em uma carta para Caillois de 27 de julho de 1950, na qual comenta a idéia de se encenar o texto de Camus em Buenos Aires, Victoria Ocampo escreve que “(...) *Calígula* es una muy buena pieza teatral para esta época y este continente”<sup>113</sup>.

Em uma outra carta, de 23 de novembro de 1950, fica evidente que Victoria Ocampo, ao definir a *Sur* como uma publicação pura e exclusivamente cultural no seu vigésimo aniversário, não pretende caracterizá-la, mas resistir ao peronismo. Victoria Ocampo escreve que Caillois discorda dos testemunhos simpáticos incluídos no número comemorativo por desconhecer as circunstâncias argentinas. Afirma para Caillois que os testemunhos não são um gesto de complacência como acredita, mas absolutamente necessários para demonstrar “(...) que alguien en el mundo (en el mundo desdichado que vivimos) se preocupa por nosotros y por nuestros problemas”<sup>114</sup>.

Duas causas da pobreza artística e intelectual do país seriam o autoritarismo e a censura com os meios de comunicação, crescentes durante o peronismo. Nas cartas, o

---

<sup>111</sup> FELGINE, op. cit., p. 202.

<sup>112</sup> OCAMPO, Carta a Angélica y otros, p. 86.

<sup>113</sup> FELGINE, op. cit., p. 212.

<sup>114</sup> Ibid., p. 213.



fechamento do *La Prensa* é duramente criticado por Victoria Ocampo, assim como a ameaça sobre os demais jornais como o *La Nación*. “(...) no se puede escribir libremente en este país”<sup>115</sup>, resume para Caillois em uma carta de 5 de março de 1951. A censura é igualmente sentida no âmbito privado. Em mais de uma ocasião, Victoria Ocampo pede para Caillois ser prudente nas cartas e passar algumas informações apenas pessoalmente. “Sé prudente en tus cartas. No me miran con buenos ojos”<sup>116</sup>, alerta em 26 de junho de 1951.

As cartas demonstram, ainda, que Victoria Ocampo não tem apenas a liberdade de expressão vigiada durante o governo de Perón, como também o direito de ir e vir. No começo da carta de 26 de junho de 1951 para Caillois, conta que está esperando, há um mês, permissão para sair do país. “El país, para nosotros los argentinos de vieja cepa, se vuelve cada vez más inhabitable”<sup>117</sup>, lamenta Victoria Ocampo.

Na correspondência de Victoria Ocampo também aparece o contato entre os grupos e as publicações liberais do país durante o governo de Perón. Também na carta de 26 de junho de 1951 para Caillois, escreve que o número da revista dedicado aos direitos universais do homem tinha sido comentado por *La Prensa* e *La Nación*. A propósito, esse número, o 190-191, no qual é publicado o texto de Carlos Sánchez Viamonte destacado no começo do capítulo, é mais um exemplo da oposição silenciosa de Victoria Ocampo e da *Sur* ao peronismo.

O número, de agosto e setembro de 1950, é lançado em meio às comemorações do Ano do Libertador General San Martín, determinado pelo governo. Perón gostava de se colocar como continuador de San Martín, pois teria realizado a independência econômica do país. Com o número especial, Victoria Ocampo traz para a oposição a figura do libertador argentino, ao colocar que seus ideais, convergentes com a declaração universal dos direitos do homem, não eram aplicados. Nas suas palavras, os direitos do homem “(...) han sido y son abundantemente violados en la práctica y (...) nuestro mundo “civilizado” le sigue dando la razón al más fuerte”<sup>118</sup>. A acusação ao peronismo por essa violação também aparece quando Viamonte coloca que os direitos universais do homem

---

<sup>115</sup> Ibid., p. 217.

<sup>116</sup> Ibid., p. 222.

<sup>117</sup> Ibid., p. 220.

<sup>118</sup> OCAMPO, V. Introducción. *Sur*, Buenos Aires, n° 190-191, agosto-setembro de 1950. p. 8.

convergem com a tradição argentina. “(...) nuestro país concurre con no escaso aporte a los principios consagrados por la reciente Declaración Universal”<sup>119</sup>. Logo, o peronismo, autoritário, não teria raízes e, portanto, estaria condenado ao desaparecimento. Na passagem destacada no começo do capítulo, Viamonte também critica as massas, que teriam vendido os direitos universais do homem em troca de benefícios materiais ou, em outras palavras, das medidas sociais peronistas.

Novamente nas cartas, os contratempos provocados pelo peronismo são compensados pelo reconhecimento internacional, especialmente de Borges. Nota-se nas cartas uma mágoa com o país. Ao comemorar o sucesso de Borges na Europa, em uma carta de 5 de abril de 1952 para Caillois, Victoria Ocampo escreve que “(...) aquí las personas de su talento están arrumbadas... escandalosamente”<sup>120</sup>. Dessa maneira, após a queda de Perón, a lembrança constante dos contratempos é uma forma de legitimarem sua oposição no decorrer da década peronista e se qualificarem para o período seguinte. Em uma carta de 26 de setembro de 1955 para Victoria Ocampo, Caillois dá uma mostra das expectativas criadas para os anti-peronistas com a queda de Perón. “Espero que ahora no tardarás mucho en venir a París. (...). A no ser que te nombren ministra de Bellas Artes... Aun así, preferiría que te designaran embajadora en París”<sup>121</sup>. Caillois refere-se ao governo de Perón como um pesadelo e que ficou sabendo da sua queda, justamente, em um congresso pela liberdade realizado em Milão.

### **Victoria Ocampo e o feminismo.**

A vida e o pensamento de Victoria Ocampo também são marcados pela defesa de direitos para as mulheres, o que colabora para questionar sua própria representação como apolítica. Os biógrafos e Victoria Ocampo mesma destacam as origens dessa defesa na infância. Nesse sentido, Victoria Ocampo escreve o seguinte sobre o jubileu da rainha Vitória que acompanha em Londres quando tinha apenas seis anos. “Estamos esperando, esperando que pase la reina. Ya estoy cansada y aburrida. Por fin llega un coche muy lindo.

---

<sup>119</sup> VIAMONTE, op. cit., p. 54.

<sup>120</sup> FELGINE, op. cit., p. 224.

<sup>121</sup> Ibid., p. 235. Victoria Ocampo é convidada para ser embaixadora na Índia, cargo que recusa. Segundo Borges, Victoria Ocampo foi fundamental para sua escolha para a direção da Biblioteca Nacional.

Adentro, una señora vieja y gorda. Nada más. A esto le llaman Jubileo”<sup>122</sup>. Certamente, o descaso com a rainha não decorre, apenas, do cansaço da menina, mas da mulher e intelectual que escreve ciente da oposição vitoriana ao sufrágio feminino e outros direitos reivindicados pelas mulheres.

Victoria Ocampo e os biógrafos colocam que seu feminismo nasce ligado a uma experiência pessoal, na qual teria enfrentado preconceitos contra as mulheres dentro da própria família. “A veces ciertos prejuicios que no respetamos se hacen carne en los que respetamos o amamos, y por eso resulta tan duro pasar por encima de ellos”<sup>123</sup>. Como defende Pierre Ansart, a rememoração dos ressentimentos demonstra estratégias de legitimação social que, neste caso, está relacionada à disputa com Eva Perón pela maternidade do feminismo na Argentina. Nas palavras de Beatriz Sarlo, ao lembrar dos limites impostos às mulheres, “(...) Victoria Ocampo construye su lugar de enunciación y su estilo de intervención intelectual”<sup>124</sup>.

Fundar e dirigir uma das mais importantes revistas culturais do século XX é somente uma das contribuições de Victoria Ocampo para a afirmação das mulheres argentinas. Nesse sentido, aos quinze anos, os pais permitem que Victoria Ocampo faça aulas com a atriz francesa Marguerite Moreno, cuja companhia estava de passagem por Buenos Aires, desde que estivesse sempre acompanhada e não alimentasse nenhuma esperança de seguir a carreira. As condições não diminuem a abertura que as aulas representam para a época, considerando-se que as atrizes eram taxadas como prostitutas. Apesar de não seguir a carreira, como temiam os pais, Victoria Ocampo saboreia o gosto dela mais de uma vez. Em 1925, participa de *O rei David*, de Arthur Honegger, no Politeama, teatro de Buenos Aires.

Na década de vinte, Victoria Ocampo também vê suas primeiras publicações. A primeira, *Babel*, um comentário da *Divina Comédia*, aparece no *La Nación* em 1920. Nesses anos, também organiza conferências e exposições na Argentina e no exterior, como das obras plásticas de Tagore em Paris em 1930.

---

<sup>122</sup> In: VÁZQUEZ, Victoria Ocampo: el mundo como destino, p. 33.

<sup>123</sup> OCAMPO, Malandanzas de una autodidacta, p. 242.

<sup>124</sup> SARLO, B. *Una modernidad periférica*: Buenos Aires, 1920 y 1930. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999. p. 86.

Na década de trinta, retorna aos palcos com *Perséphone*, de André Gide, com música de Strawinsky e apresentações na Argentina e no exterior. Nessa época, também atua na direção do Teatro Colón. A paixão pelo teatro surge dentro da própria família. Alexandrine Bonnemaison, a professora de francês, pediu que Victoria Ocampo, aos dez anos, memorizasse e recitasse versos de *Fedra*, de Racine. Na mesma época, a tia-avó Vitola leva Victoria Ocampo ao teatro pela primeira vez, gesto que repetiria em outras ocasiões.

Em meados dos anos dez, Victoria Ocampo escreve, em francês, *De Francesca a Beatrice*, sobre a *Divina Comédia*, e entrega o texto a Paul Groussac, escritor, crítico e historiador de origem francesa, então diretor da Biblioteca Nacional da Argentina. A recepção não é das melhores e Groussac aconselha Victoria Ocampo a seguir o gênero epistolar, que seria mais adequado para mulheres. A distinção entre os sexos é profundamente condenada por Victoria Ocampo. O texto é publicado apenas na década seguinte pela *Revista de Occidente* com um prólogo do amigo e proprietário Ortega y Gasset que, no entanto, concorda com Groussac, para dissabor de Victoria Ocampo. Outros dissabores dessa natureza tem com T. E. Lawrence, Pierre Drieu La Rochelle e Ernesto Sábato<sup>125</sup>. Ortega y Gasset defende que o gênero epistolar seria mais apropriado para a mulher pelo cunho íntimo, pois, ao contrário do homem, pertenceria ao privado e não ao público:

(...) Mme. de Sevigné, ¿no cometió muchas veces ese pecado? ¿Ignoraba que a menudo sus cartas se comentaban, se transmitían, se copiaban? ¿No convertía en público a Mme. de Grignan cuando se le antojaba? Esta idea, ¿malograba sus escritos? Si se malograban, ¿era por ese motivo? Y, por último, ¿supone acaso Ortega que las cartas de Marie de Rabutin-Chantal sobre el casamiento de Mademoiselle o la muerte de Turena fueron redactadas con menos atención al público que los poemas de Anna de Noailles o las novelas de Virginia Woolf? (...) creo que los escritores de raza, cualquiera sea su sexo o su modo de expresión, escriben ante todo para sí mismos, para librarse de sí mismos, para

---

<sup>125</sup> No número 209-210 da *Sur*, de março e abril de 1952, Sábato escreve sobre as mulheres em *Sobre la metafísica del sexo*. Dentre as diferenças que elenca entre os homens e as mulheres, Sábato crê que as mulheres não têm abstração, motivo pelo qual nunca teriam se destacado na Filosofia. Defende que as mulheres são apegadas ao casamento, aos filhos, enfim, ao lar. No número seguinte, o 211-212, de maio e junho de 1952, Victoria Ocampo critica as generalizações sobre homens e mulheres e lembra da condição de seres humanos de ambos, mas defende que os homens primariam pela guerra. No número seguinte, o 213-214, de julho-agosto de 1952, a *Sur* ainda publica uma defesa de Sábato, na qual afirma condenar o feminismo, não as mulheres. Apesar de concordar com Victoria Ocampo sobre a exploração das mulheres, afirma que não são poucas as vozes que se levantam para defendê-las.

llegar a una clarificación de sí mismos, para comunicarse consigo mismos. Pues sólo se comunica con los demás quien se ha comunicado antes consigo mismo<sup>126</sup>.

*De Francesca a Beatrice* representa um passo importante para a afirmação das mulheres no campo intelectual argentino. Como destaca Beatriz Sarlo, ao escrever em francês sobre Dante, um expoente da cultura ocidental, Victoria Ocampo subverte o uso da cultura e das línguas pelas mulheres. “Lo que su medio social pensaba como adorno, Victoria Ocampo lo convierte en instrumento”<sup>127</sup>. Isso sem contar que a passagem da *Divina Comédia* tratada por Victoria Ocampo, o canto V do Inferno, se refere aos amantes condenados por adultério, tema ousado para a época, ainda mais quando desenvolvido por uma mulher.

Outro exemplo da crítica de Victoria Ocampo à distinção entre os sexos é o texto anônimo *La selva* que recebe e resolve publicar na *Sur* no número 177, de julho de 1949. Apesar de frisar que não concorda necessariamente com o texto inteiro, Victoria Ocampo coloca seu nome ao lado do autor anônimo Equis. Trata-se de um relato sobre a ofensa sofrida por uma mulher no trânsito de Buenos Aires. Multada, é destratada pelo guarda, para quem as mulheres serviriam somente para lavar pratos. Esse preconceito seria típico dos homens latino-americanos, pois os anglo-saxões ajudariam suas esposas nas tarefas domésticas. No Fórum, a mulher percebe como os homens somente consideram as mulheres iguais quando lhes convém. “Muchos hombres estaban allí sentados. Nadie me ofreció su asiento (...)”<sup>128</sup>.

Os relacionamentos amorosos também demonstram a transgressão de Victoria Ocampo contra as convenções impostas às mulheres. Em 1938, conhece Caillois ao acompanhar algumas conferências no *Collège de Sociologie* de Paris. Victoria Ocampo tem quase cinquenta anos e Caillois um pouco mais da metade. O envolvimento entre ambos já se manifesta no início de 1939. Em uma carta de março para Victoria Ocampo, Caillois pede desculpas por um desentendimento ocorrido na véspera e se declara. “Quizás

---

<sup>126</sup> OCAMPO, V. Anna de Noailles y su poesía. *Testimonios*: series primera a quinta. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 21-22.

<sup>127</sup> SARLO, op. cit., p. 91.

<sup>128</sup> EQUIS; OCAMPO, V. En la selva. *Sur*, Buenos Aires, nº 177, julho de 1949. Realidad argentina, p. 92.

piense que todo se ha arruinado. Entonces le pido perdón. Ni por un instante olvido su rostro”<sup>129</sup>.

O relacionamento continua entre momentos de mais e menos cumplicidade, apesar da oposição da mãe de Caillois. “Reduzco mi escritura para no alarmar a su madre. Teniendo en cuenta este peligro, ya no le escribiré más”<sup>130</sup>, escreve Victoria Ocampo em 23 de maio de 1939. No entanto, o fim do relacionamento não estaria na mãe de Caillois e, tampouco, na acentuada diferença de idade. Caillois tinha uma filha com Ivette Billod e, com o desenrolar da Segunda Guerra Mundial, revela o caso e pede ajuda para Victoria Ocampo tirá-las da França. Victoria Ocampo rompe o relacionamento com Caillois, mas não a amizade. Traz as duas para Buenos Aires, estimula Caillois a reconhecer a filha, torna-se amiga de Ivette, com quem Caillois se casa e monta um apartamento para os três.

Muito antes disso, em 8 de novembro de 1912, após um breve e convencional namoro, Victoria Ocampo se casa com Luis Bernardo de Estrada, um amigo da família. Teria visto no futuro marido atrativos físicos, intelectuais e a oportunidade de sair de casa. No entanto, ambos teriam rompido ainda na lua de mel. O motivo teria sido o conservadorismo quanto às mulheres. Quando voltam para Buenos Aires, apenas se comportam como casal em público. Logo depois, se envolve com Julián Martínez, um primo do marido. Teria sido para se encontrar com o amante que Victoria Ocampo aprendeu a dirigir, uma raridade entre as mulheres da época. O casamento mantém as aparências por dez anos, tanto que assina o primeiro texto, publicado no *La Nación* em 1920, como Victoria Ocampo de Estrada. Entretanto, em 1922, vai morar sozinha e consegue a separação legal.

Victoria Ocampo foi uma transgressora em vários aspectos. No entanto, a representação como transgressora é construída sobre a disputa com Evita e sofre a influência das conquistas posteriores do feminismo ao colocá-la sempre como uma pioneira na defesa dos direitos das mulheres argentinas. Por outro lado, o silêncio sobre essa característica da sua biografia também está profundamente relacionado a interesses políticos. Os críticos não tocam na sua contribuição para a afirmação das mulheres

---

<sup>129</sup> FELGINE, O. (Org.). *Correspondencia Victoria Ocampo-Roger Caillois (1939-1978)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 20.

<sup>130</sup> Ibid., p. 42.

argentinas ou diminuem sua importância. Nesse sentido, Juan José Sebreli destaca que Victoria Ocampo foi rebelde “(...) apenas contra los que imponen la sociedad masculina sobre la mujer”<sup>131</sup>, enquanto que Eva Perón teria se preocupado com todas as formas de opressão. Victoria Ocampo defendia que a opressão das mulheres era mais antiga do que a sofrida pelo proletariado, mas não recebia a mesma atenção da esquerda. Desse modo, o silêncio sobre a importância de Victoria Ocampo para as mulheres argentinas vem tanto do peronismo quanto da esquerda.

As divergências entre Victoria Ocampo e Eva Perón ainda ecoam no imaginário político argentino. Dois exemplos, um tanto contrastantes, que demonstram essa permanência, são dados em 2002, nos cinquenta anos do falecimento de Eva Perón. O primeiro, no Museu Evita, inaugurado no mesmo ano, parece buscar uma certa reconciliação entre ambas, enquanto que o segundo, um quadro do argentino Daniel Santoro, indica exatamente o contrário.

Em uma das paredes do Museu Evita, que resgata e valoriza a herança política de Eva Perón, o nome de Victoria Ocampo é associado ao reconhecimento dos direitos cívicos das mulheres argentinas, particularmente o sufrágio feminino:

En Argentina, el reconocimiento de los derechos cívicos de las mujeres fue el resultado de un largo camino iniciado a comienzos del siglo XX. Los nombres de Cecilia Grierson, Alicia Moreau, Elvira Rawson, Julieta Lanteri, Carmela Horne y Victoria Ocampo, entre otras, se hallan justa e indisolublemente ligados a esta causa.

Apesar de Victoria Ocampo ter sido colocada ao lado de outras, igualmente importantes, Eva Perón aparece como a redentora, como aquela que concretiza o que as demais não teriam conseguido. Isso é reforçado pela maneira como Evita centraliza a aprovação do voto feminino e pela criação do Partido Peronista Feminino, sob sua direção. A capa de uma publicação de 1999 da *Fundación de Investigaciones Históricas Evita Perón*, fundada em Buenos Aires em 1995 a partir de uma iniciativa da sua família, demonstra sua representação como a redentora das mulheres argentinas:

La mujer argentina estaba madura para eso – para eso que le negó la oligarquía durante tanto años – y se enroló detrás de Eva Perón.

---

<sup>131</sup> SEBRELI, J. J. *Eva Perón, ¿aventurera o militante?* Buenos Aires: La Pleyade, 1971. p. 27.

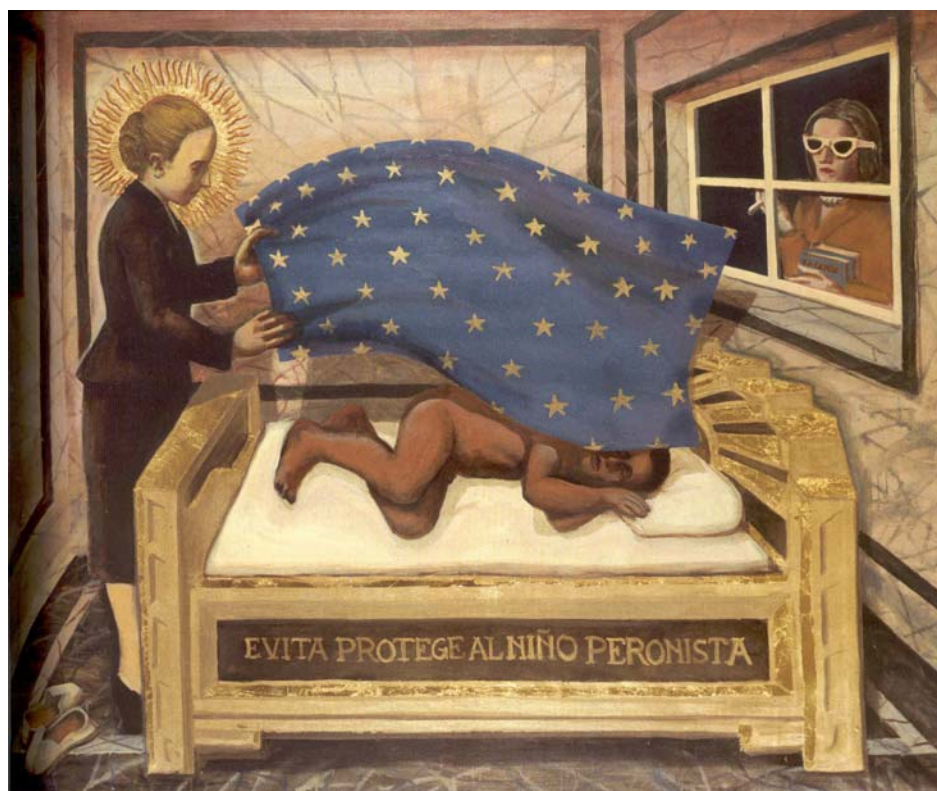
Con su nombre como estandarte ganaron la batalla y conquistaron el derecho ciudadano.

Han elegido y han sido electas: síntesis de la auténtica democracia, como la entendemos nosotros, los Justicialistas.

¡Eso le debe a Eva Perón la mujer argentina!

¡Y también se lo debe la Patria!<sup>132</sup>

A obra de Daniel Santoro, por sua vez, é marcada por uma visão extremamente positiva dos anos do governo de Perón, o que também aparece nos trabalhos de outros artistas argentinos contemporâneos, especialmente depois da grave crise econômica enfrentada pelo país desde o final da década de noventa. Nessas obras, a Argentina durante a presidência de Perón aparece como um paraíso perdido. No quadro a seguir não é diferente:



*Evita protege al niño peronista* remete à lei 14.367, sancionada em 30 de setembro de 1954 e promulgada em 11 de outubro do mesmo ano, que garante direitos aos filhos

<sup>132</sup> In: BARRY, C. *Partido Peronista Femenino: la organización total (1949-1955)*. Buenos Aires: Fundación de Investigaciones Históricas Evita Perón, 1999. Justicialistas é sinônimo de peronistas.



nascidos fora do casamento<sup>133</sup>, justamente um dos pontos da polêmica de Perón com a Igreja. A lei é comemorada por Victoria Ocampo na *Sur* como um ato de justiça, mas também se coloca como uma precursora ao comentar sua oposição à reforma do código civil na década de trinta. De fato, na ocasião, Victoria Ocampo defende que a reforma estava “(...) lejos de (...) proteger a la institución de la familia y a la moral – como parecen creer los señores juristas –, propende a rebajar y envilecer las relaciones entre ambos sexos”<sup>134</sup>. Além disso, o elogio à lei não é estendido ao peronismo:

No tengo motivos especiales para estar personalmente agradecida al partido político del que parte el proyecto de reforma. Lo cual no me impide regocijarme por un hecho que desde hace más de treinta años deseo de todo corazón<sup>135</sup>.

Quando a lei foi promulgada, Eva Perón já tinha falecido há pouco mais de dois anos. No quadro, sua representação como santa é sugerida pela cabeça iluminada e pelo manto azul estrelado com o qual cobre o menino peronista. Os filhos ilegítimos, sem direitos, excluídos, como sugere a nudez do menino, seriam naturalmente peronistas. O quadro reforça o discurso peronista, segundo o qual Perón e Evita são os legítimos representantes das massas. Enquanto Evita é representada jovem e saudável, Victoria Ocampo é representada no fim da vida, quando passa a usar os óculos de armação branca. A uma Evita jovem, saudável e iluminada é contraposta uma Victoria Ocampo velha, distante e isolada sob um céu negro sem estrelas, sem rumo, uma Victoria Ocampo condenada ao desaparecimento, como o peronismo via a chamada oligarquia. Se Victoria Ocampo aparece no quadro é porque a luz de Evita a ilumina. No entanto, uma aproximação efetiva de Victoria Ocampo com Eva Perón, com o peronismo, nunca aconteceria, como sugerem a parede e os elementos classistas usados na representação de Victoria Ocampo. Victoria Ocampo segura um livro e, ainda por cima, de Tagore, intelectual estrangeiro. Além disso, segura um cigarro, freqüentemente representado como um símbolo de elitismo<sup>136</sup>.

<sup>133</sup> Leyes nacionales. Año 1954. Números 14.298 a 14.400. Buenos Aires: Imprensa del Congreso de la Nación, 1955.

<sup>134</sup> Los derechos civiles de la mujer en la legislación argentina. *Sur*, Buenos Aires, n° 33, junho de 1937. Calendario, p. 111.

<sup>135</sup> OCAMPO, V. Una nueva ley. *Sur*, Buenos Aires, n° 231, novembro e dezembro de 1954.

<sup>136</sup> Victoria Ocampo não fumava e criticava o hábito, como demonstra o relato sobre o jantar no qual conhece Pierre Drieu La Rochelle. “Cuando nos sentamos a almorzar el cigarrillo fue apagado, a Dios gracias, y el

O quadro de Daniel Santoro é um exemplo da atualidade da disputa pela maternidade do feminismo argentino e como alguns aspectos da biografia de Victoria Ocampo são silenciados pela esquerda e pelo peronismo. Daniel Santoro parece desconhecer ou, o que é mais possível, ignorar o apoio de Victoria Ocampo à lei dos filhos nascidos fora do casamento, coerente com a posição tomada sobre a filha de Caillois anos antes.

A transgressão acompanha Victoria Ocampo até o fim da vida. Em 1977, aproximadamente dois anos antes de falecer, aceita ser a primeira mulher da Academia Argentina de Letras, depois de recusar um primeiro convite. Apesar de exaltar o convite, lembrando que a Academia Francesa ainda não tinha uma mulher, Victoria Ocampo não deixa de considerar que, até então, a exclusão das mulheres decorria de um preconceito da instituição. Na ocasião, se representa, mais uma vez, como uma pioneira e alimenta o mito. “¿Por qué entonces, dirán ustedes, he aceptado lo que no acepté hace unos años? Porque me convencieron de que mi negativa podía bloquearles, momentáneamente, la entrada a la Academia a quienes considero aptas para el cargo”<sup>137</sup>.

Neste capítulo, nota-se como a ascensão do peronismo, o crescimento do nacionalismo e o aumento das tensões internas fazem Victoria Ocampo e a *Sur* radicalizarem o discurso apolítico, cosmopolita e cultural como uma forma de oposição. Considerar essa opção como menos eficiente ou desejável do que uma atuação na esfera pública é desconsiderar o autoritarismo e as perseguições sofridas pelos artistas e intelectuais durante o governo de Perón. Além disso, trata-se de um posicionamento perigoso, pois leva a uma aproximação com o engajamento político defendido pelo peronismo e outros regimes autoritários como o nazi-fascismo.

---

fumador se puso a comer y a hablar de política (...).” OCAMPO, V. El caso de Drieu La Rochelle. *Testimonios*: series primera a quinta. Edição, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1999. p. 125.

<sup>137</sup> OCAMPO, V. Mujeres en la Academia. *Testimonios*: series sexta a décima. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 214-215.

## CAPÍTULO IV: VICTORIA OCAMPO, A REVISTA *SUR* E O FIM DA “HARMONIA” ANTI-PERONISTA.

¡Durante cuánto tiempo nos persiguió el terror  
con sus caras obscenas, el impune opresor!

Silvina Ocampo<sup>1</sup>.

El grupo **Sur** se caracteriza por los siguientes rasgos: 1º) Una actitud pretendidamente independiente con respecto a la creación artística, la creación pura para el arte puro. 2º) Una sobrestimación de las influencias extranjeras con un contrapuesto sentimiento de desdén frente a lo autóctono. 3º) Una concepción de la Cultura como patrimonio de “élites” y el correlativo sentimiento de apartamiento de las masas. 4º) Un predominio de la forma sobre el contenido en la obra literaria y una tendencia a la explicación espiritualista de los procesos materiales del país. 5º) Una tendencia a plegarse a las modas europeas como signo de prestigio espiritual. 6º) Un espíritu de cuerpo cerrado que unifica a sus miembros contra toda tendencia o grupo que tienda a desplazarlos de la función social asignada.

Juan José Hernández Arregui<sup>2</sup>.

(...) si juzgamos a Victoria Ocampo desde un punto de vista de izquierda, o sindical, o revolucionario, como quiera decirse, ella aparecerá como lo que no es: y al menos quedará consecuente consigo misma ya que ella nunca se ha dicho revolucionaria. Pero si ella no está *con* el proletariado ni *por* el proletariado, ella está de seguro *con* y *por* la burguesía (...).

Oscar Masotta<sup>3</sup>.

Es refrescante leer, en una época en que está de moda (en literatura) la indiferencia o cierto desprecio hacia los padres, este libro que no se avergüenza de proclamar lo contrario.

Victoria Ocampo<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> OCAMPO, S. Testimonio para Marta. *Sur*, Buenos Aires, n° 237, novembro e dezembro de 1955. p. 46.

<sup>2</sup> HERNÁNDEZ ARREGUI, J. J. *Imperialismo y cultura*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1973. p. 145.

<sup>3</sup> MASOTTA, O. “Sur” o el antiperonismo colonialista. *Contorno*, Buenos Aires, n°s 7-8, julho de 1956. p. 41.

<sup>4</sup> OCAMPO, V. Recuerdos sobre recuerdos. *Testimonios*: series sexta a décima. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 2000. p. 74. O livro ao qual se refere Victoria Ocampo é *Mundo, mi casa*, memórias de Maria Rosa Oliver publicadas em 1965.

## Pela reconstrução nacional.

“Soy escritor. No puedo vivir sino en un país libre”. Com essas palavras de Voltaire, ainda em meio às páginas iniciais de publicidade, a *Sur* inicia seu número 237, de novembro e dezembro de 1955, no qual é celebrada a queda de Perón em setembro. O número especial é sugestivamente intitulado *Por la reconstrucción nacional*. Assim, a reconstrução nacional seria uma reconstrução da liberdade, perdida durante a década peronista. A liberdade seria a essência dos escritores e intelectuais em geral. O apoio ao golpe predomina no número e Jorge A. Paita, como os militares, chega a se referir à queda de Perón como a Revolução Libertadora, ainda que nem todos os colaboradores demonstrem o mesmo entusiasmo com os novos governantes. O número demonstra, exemplarmente, como a redução da liberdade era vista pelos liberais e também por representantes da esquerda como uma necessidade, em determinados momentos, para salvar a democracia.

Em *La hora de la verdad*, um dos primeiros textos do número 237, Victoria Ocampo associa o peronismo com a mentira. Retoma os manifestos da *Sur* de 1937 e 1939 contra o rótulo de esquerdista colocada pela *Criterio* e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, respectivamente, e coloca a queda de Perón como um dos resultados dessa história, que teria sido marcada por uma defesa incessante da tradição democrática argentina. “Nuestro derecho a exponer nuestro punto de vista, hoy, se basa en ese ayer (...)”<sup>5</sup>. O “silêncio” de Victoria Ocampo e da *Sur* na década peronista é, enfim, colocado abertamente em termos políticos, não apenas pela queda do autoritarismo peronista, como também pela necessidade de se legitimarem perante o Estado e as instituições anti-peronistas que se seguiriam. Por isso Victoria Ocampo lembra constantemente no pós-1955 das perseguições que sofreu:

En lo que me concierne personalmente – y hubiera podido pasarlo peor – en 1953 estuve presa 27 días sin que me explicaran claramente a qué respondía ese castigo. En dos ocasiones habían allanado mi casa (y una vez la revista); registraron mis armarios, mis cajones; leyeron mis papeles, mis cartas (...)”<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> OCAMPO, *La hora de la verdad*, p. 2.

<sup>6</sup> Ibid., p. 3. Flavia Fiorucci chama a atenção para a necessidade de ler a *Sur* perante o peronismo de duas maneiras, uma durante e a outra antes e depois do governo de Perón, “(...) cuando la censura y la autocensura constituían rasgos importantes del discurso (...)”. FIORUCCI, op. cit., p. 12. Outro depoimento de Victoria

Victoria Ocampo conta que a prisão foi uma experiência reveladora, pois nela a verdadeira face do peronismo teria se revelado totalmente. Federico Neiburg destaca que a eficácia do gênero testemunhal usado por Victoria Ocampo está no fato de que “(...) a própria vida da autora era a prova e o argumento”<sup>7</sup>. Com o testemunho, Victoria Ocampo procura se legitimar para a tarefa de extirpar a mentira “(...) de los corazones ingenuos donde han anclado, convirtiéndose en creencias”<sup>8</sup>, dever que seria “(...) de los intelectuales, de los educadores”<sup>9</sup>. Semelhante ao discurso peronista e ao apoio da esquerda liberal, mais exatamente de Germani, ao processo de desperonização, as massas aparecem como crédulas, ingênuas e sempre precisariam de um protetor que mostrasse o melhor, o verdadeiro caminho, um protetor dotado de cultura. Nesse ponto, vale destacar o tom profundamente religioso adotado por Victoria Ocampo. Nas suas palavras, o restabelecimento da verdade seria uma missão sagrada e temia ter pecado ao silenciar. “(...) hubiéramos debido hacernos matar gritando la verdad”<sup>10</sup>, a exemplo de heróis e santos, resume. Os apelos religiosos fazem com que a oposição entre a verdade e a mentira que permeia o número 237 inteiro, não somente o texto de Victoria Ocampo, se transforme em uma disputa entre bem e mal, em um maniqueísmo típico do discurso peronista.

O apoio ao golpe é claro. O presidente interino, o general Eduardo Lonardi, que participou de uma tentativa de golpe contra Perón em 1951, propõe uma política sem vencedores nem vencidos. Apesar da queda de Perón, a maioria das massas permanecia peronista e era necessário conquistar seu apoio ou, pelo menos, sua indiferença ou tolerância. Nesse sentido, Victoria Ocampo defende que a reconstrução nacional deveria estar acima dos interesses classistas e partidários. Apesar da convergência com Lonardi, que caiu no começo de novembro, quando o número 237 tinha acabado de sair, Victoria Ocampo, ao contrário de Borges em *A ilusão cômica*,

---

Ocampo sobre a prisão pode ser encontrado em *El hombre del látigo*, publicado no quinto volume dos *Testimonios*. Esse texto foi pronunciado em 9 de novembro de 1955 no Conselho de Mulheres para a Comissão Pró-Abolição das Torturas. Com o título, Victoria Ocampo faz uma referência ao livro de Mary Main sobre Eva Perón, *La mujer del látigo*, publicado nos Estados Unidos em 1952 e na Argentina somente depois da queda de Perón pelo seu acentuado anti-peronismo.

<sup>7</sup> NEIBURG, op. cit., p. 68.

<sup>8</sup> OCAMPO, La hora de la verdad, p. 7.

<sup>9</sup> Ibid., p. 8.

<sup>10</sup> Ibid., p. 7.

demonstra um entusiasmo mais contido em relação aos novos governantes<sup>11</sup>. “No imaginemos que esos hombres puedan, por medio de nuevos milagros, resolver nuestros problemas, infinitamente complejos, en un lapso de tiempo tan corto como el de la interminable semana de la revolución”<sup>12</sup>. O mesmo se nota no poema de Alberto Girri:

Hemos sido hecho salvos  
¿y ahora qué?  
tras el breve gusto de la euforia  
el pasado retomará su marcha<sup>13</sup>.

Bernardo Canal-Feijóo e Jorge A. Paita também parecem esperar por uma marcha do passado. O primeiro enaltece 1955 como a terceira revolução constitucional argentina, ao lado de Maio e 1852. No entanto, considera 1955 “(...) tan susceptible como ellas de escamoteos, próximos y lejanos, por los mismos intereses parciales que ahora parecen apuntarla (...)”<sup>14</sup>. Nesse sentido, Paita acredita que, apesar do heroísmo militar e civil que derruba Perón, “(...) la realidad argentina se configura donde Tradición y Revolución se encuentran”<sup>15</sup>.

Evidentemente que a espera por uma marcha do passado não se refere somente a uma desconfiança em relação aos novos governantes, como também à perspectiva de um retorno de Perón. Retomando Juan Bautista Alberdi, um dos principais nomes da tradição liberal argentina do século XIX, Aldo Prior acredita que a barbárie não se mata, quando muito se cura. Exemplo disso é uma nova aproximação entre Perón e Rosas que volta a ser feita pela *Sur* no número 237. Além de Rosas, Carlos Mastronardi coloca que “(...) al ex mandatario podemos encontrarle numerosos

---

<sup>11</sup> Seguindo a proposta sem vencedores, nem vencidos, Lonardi monta um gabinete heterogêneo, composto por liberais e nacionalistas. No entanto, o acordo entre anti-peronistas e peronistas se mostra inviável e Lonardi não completa dois meses de governo. Como colocam Belsunce e Floria, “(...) en 1955 (...) hubo vencedores y hubo vencidos (...)”. BELSUNCE; FLORIA, op. cit., p. 432.

<sup>12</sup> OCAMPO, La hora de la verdad, p. 8.

<sup>13</sup> GIRRI, A. Acto de fe. *Sur*, Buenos Aires, nº 237, novembro e dezembro de 1955. p. 49. Argentino, Alberto Girri (1919-1991) foi poeta, prosista e tradutor. Além da *Sur*, foi colaborador do suplemento cultural do *La Nación*.

<sup>14</sup> CANAL FEIJÓO, B. ¿Qué hacer? *Sur*, Buenos Aires, nº 237, novembro e dezembro de 1955. p. 74.

<sup>15</sup> PAITA, J. A. Aproximación a ciertos problemas. *Sur*, Buenos Aires, nº 237, novembro e dezembro de 1955. p. 89.

antecedentes y entronques en la Roma imperial”<sup>16</sup>. Uma aproximação entre o peronismo e o rosismo também é feita por Manuel Río e Silvina Ocampo<sup>17</sup>.

Um apoio contido ao golpe ainda é demonstrado por Norberto Rodríguez Bustamente e Carlos Peralta. Bustamente coloca que o país não precisa de “(...) nuevos hombres únicos – hombres-gobiernos (...)”<sup>18</sup>. Peralta reforça a crítica ao personalismo político no que parece um aviso aos militares ao destacar que “(...) nos gusta abreviar la historia con algunos pocos nombres adorados o execrados, pero la historia somos nosotros mismos y nada se hace sin nuestro consentimiento”<sup>19</sup>.

O apoio contido de Victoria Ocampo e outros colaboradores da *Sur* ao golpe demonstra que consideravam os militares como a única alternativa possível, não necessariamente a melhor, no instante imediatamente posterior à queda de Perón, com o que concorda a esquerda de uma maneira geral, até a revisão do peronismo feita pelos jovens da *Contorno*. Apesar do descontentamento com a experiência democrática que conduz o peronismo ao poder e do apoio ao golpe, a crença na democracia persiste entre Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur*. Jorge Paita coloca que se o liberalismo econômico, atacado pelo peronismo, estava caduco, o liberalismo político, de valores eternos, não estaria. No entanto, também crê que o voto universal e obrigatório foi um equívoco e propõe que o desfrute da cidadania fosse determinado por um exame. “Democracia sin aristocracia es demagogia (...)”<sup>20</sup>, resume. Ainda que a proposta do exame não tenha sido compartilhada com outros colaboradores, a educação das massas para o civismo é vista como uma necessidade por praticamente todos. Assim, democracia e controle da cidadania e da liberdade são faces da mesma moeda para esses intelectuais marcados pelo nazi-fascismo e, na Argentina, pelo peronismo. Defender a democracia sem apoiar o golpe, naquele

---

<sup>16</sup> MASTRONARDI, C. El periodismo laudatorio de ayer. *Sur*, Buenos Aires, nº 237, novembro e dezembro de 1955. p. 59. Argentino, Carlos Mastronardi (1901-1978) era poeta e ensaísta.

<sup>17</sup> O historiador Tulio Halperín Donghi discorre no mesmo número sobre essa aproximação. Defende que o peronismo e o revisionismo, que critica a tradição liberal e exalta Rosas, não são indissociáveis. Apesar do peronismo ter procurado se apoiar no revisionismo, destaca que muitos revisionistas não concordavam com o sectarismo peronista, que ameaçaria a unidade nacional e a organicidade entre as massas e as elites.

<sup>18</sup> BUSTAMANTE, N. R. Crónica del desastre. *Sur*, Buenos Aires, nº 237, novembro e dezembro de 1955. p. 112.

<sup>19</sup> PERALTA, C. La rosa negra. *Sur*, Buenos Aires, nº 237, novembro e dezembro de 1955. p. 113.

<sup>20</sup> PAITA, op. cit., p. 98. Ortega y Gasset tem uma posição muito semelhante sobre o voto universal. “O Poder público acha-se em mãos de um representante de massas. Estas são tão poderosas, que aniquilaram toda possível oposição”. ORTEGA Y GASSET, op. cit., p. 82.

momento, seria o mesmo que pedir a permanência de Perón no poder, algo inimaginável para a oposição. Como colocam Belsunce e Floria, os anti-peronistas viram 1955 “(...) como la consecuencia natural de la opresión ejercida por el gobierno y la de la fatiga interna del régimen”<sup>21</sup>.

Apesar das ressalvas aos novos governantes, a associação do peronismo com a mentira e o mau feita por Victoria Ocampo e Borges se sobressai no número 237. Paul Valéry coloca os peronistas como adoradores de ídolos e inimigos por terem praticado o terror. Vicente Fatone, um dos colaboradores da *Sur* presos durante o governo de Perón, coloca que o peronismo, movido à irracionalidade, medo e ódio, prejudicou toda atividade criadora, que somente poderia ser realizada no amor. Silvina Ocampo é mais direta e radical. Coloca o peronismo como uma peste e, semelhante a Victoria Ocampo, que conclamou ódio ao governo nas jornadas de outubro de 1945, escreve em um dos seus versos que já era tempo de morrer “esa raza maldita, esa estirpe rastrera”<sup>22</sup>, referindo-se aos ditadores e, mais especificamente, a Perón. Se Evita costumava aproximar Perón de Cristo, Silvina o aproxima do demônio e a Argentina peronista do inferno:

El infierno no es más proficuo en desventuras  
ni el diablo más sagaz en inventar torturas<sup>23</sup>.

No outro poema do número, *Acto de fe*, Alberto Girri menciona que a única liberdade existente na década peronista foi “ofrecer al mal la incompresión del mal”<sup>24</sup>. Assim como coloca Victoria Ocampo, no número predomina a defesa do intelectual, anti-peronista, como aquele que eliminaria esse mal e mostraria às massas o quanto teriam se equivocado em relação a Perón. Em *A ilusão cômica*, em um claro distanciamento das massas, Borges coloca que as arbitrariedades do peronismo “(...) no podían ser creídas y eran creídas”<sup>25</sup>.

Chama a atenção, no número, a importância dada à universidade na reeducação do país, das massas, para ser mais preciso. Vicente Fatone defende que “(...) somos nosotros, los que integramos la universidad, quienes debemos (...) ofrecer

---

<sup>21</sup> BELSUNCE; FLORIA, op. cit., p. 432.

<sup>22</sup> OCAMPO, Testimonio para Marta, p. 47.

<sup>23</sup> Ibid., p. 46.

<sup>24</sup> GIRRI, op. cit., p. 49.



a la nación el paradigma urgente, mostrándole que el pasado no es irredimible”<sup>26</sup>. No mesmo sentido, Francisco Romero propõe a construção de cidades universitárias para unir o meio acadêmico e a extensão universitária para aproximá-lo da sociedade. Hugo W. Cowes antecipa a desperonização que se seguiria na universidade e coloca como uma necessidade para sua modernização a oposição dos professores ao peronismo. Como denuncia Paul Valéry, o peronismo se preocupou “(...) en favorecer, hasta en las cátedras o en los laboratorios, a los adoradores del ídolo en detrimento de los creadores independientes de riqueza espiritual (...)”<sup>27</sup>.

Dessa maneira, a convergência com a proposta política de Lonardi, sem vencedores, nem vencidos, não exclui a culpa dos responsáveis pelas arbitrariedades da década peronista, que teriam colocado em perigo a unidade nacional. Além da universidade, ações mais amplas contra as lideranças peronistas de outras instituições são defendidas por Eduardo González Lanuza, Norberto Rodríguez Bustamante e Victor Massuh. Nesse sentido, Lanuza destaca que “(...) la prudencia aconseja sentirnos solidariamente responsables aunque, como es lógico, con las naturales diferencias de grado”<sup>28</sup>. Na edição 237 da *Sur*, o autoritarismo peronista é destacado em detrimento das medidas sociais. Norberto Rodríguez Bustamante coloca Perón como um aprendiz de ditador nos moldes do fascismo italiano. Logo, a aproximação entre peronismo e nazi-fascismo feita pela oposição continua, dez anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Bustamante ainda coloca que a Argentina durante a década peronista viveu sob um estado de loucura coletiva. Nessas circunstâncias, como destaca Héctor Pozzi, a identidade, a personalidade e o senso crítico seriam ameaçados e sua manutenção “(...) es una lucha en la que cada cual es a la vez guerrero y campo de batalla”<sup>29</sup>. Desse modo, as massas teriam sido enganadas pela propaganda peronista, torpe, mas eficaz, nas palavras de Pozzi.

As medidas sociais não teriam, então, a importância imaginada. Verifica-se uma tentativa de dissociá-las do peronismo, colocando a sua origem antes da

---

<sup>25</sup> BORGES, L'illusion comique.

<sup>26</sup> FATONE, op. cit., p. 17.

<sup>27</sup> VALÉRY, P. Por la reconstrucción nacional. *Sur*, Buenos Aires, nº 237, novembro e dezembro de 1955. p. 1. Na ocasião, Paul Valéry já era falecido e o texto foi retirado de *Miradas al mundo actual*. Francês, Valéry (1871-1945) era poeta e prosista.

<sup>28</sup> LANUZA, op. cit., p. 53.

presidência de Perón ou diminuindo seu impacto na sociedade. Eduardo González Lanuza coloca que é uma evidência a importância das medidas sociais e não uma descoberta peronista, “(...) como si antes de su advenimiento al poder, en nuestro país se hubiese asesinado a los viejos y comidos crudos a los niños”<sup>30</sup>. Além disso, em virtude do autoritarismo, as medidas sociais são vistas como uma simples troca, uma forma de silenciar as massas perante a ausência de liberdades políticas. Guillermo de Torre, em uma nova defesa do liberalismo, defende que, se este proporciona apenas um simulacro de liberdade e não oferece a igualdade econômica, o inverso não seria verdadeiro, “(...) esto es, que la supresión de la libertad política proporciona magicamente la libertad económica”<sup>31</sup>. Vale lembrar que, já em 1950, no número dedicado a San Martín, Carlos Sánchez Viamonte defende que as massas venderam os direitos universais do homem em troca dos benefícios sociais e trabalhistas conquistados durante o governo de Perón.

Não é apenas Eduardo González Lanuza que destaca a importância das medidas sociais. Pelo contrário, a injustiça social é apontada por Carlos Peralta, Jorge A. Paíta, Norberto Rodríguez Bustamante e outros colaboradores do número 237 como uma das principais responsáveis pela ascensão da demagogia peronista ao poder. A propósito, nesse ponto reside uma das maiores preocupações dos governos que sucedem Perón para conquistar o apoio das massas peronistas e, por isto, as mudanças na questão social são tímidas no pós-1955. A popularidade de Perón entre as massas faz com que o governo, assim como Victoria Ocampo e seus colaboradores, questionem as medidas sociais como instrumentos de demagogia e de troca pela liberdade perdida, mas não as medidas em si. “Deshacer el aparato totalitario no era (...) una consigna tan sencilla como podía parecerlo a primera vista (...)”<sup>32</sup>. De qualquer modo, com as críticas à justiça social empreendida pelo peronismo, Victoria Ocampo e os colaboradores da revista procuram minar um dos principais instrumentos de legitimação do governo de Perón. As críticas à sua desinformação, falta de cultura, nota-se um questionamento do poder da maioria. Ao contrário do discurso

---

<sup>29</sup> POZZI, H. Sobre las defensas del espíritu. *Sur*, Buenos Aires, n° 237, novembro e dezembro de 1955. p. 43.

<sup>30</sup> LANUZA, E. G. Rescate de la cordura. *Sur*, Buenos Aires, n° 237, novembro e dezembro de 1955. p. 50.

<sup>31</sup> DE TORRE, G. La planificación de las masas por la propaganda. *Sur*, Buenos Aires, n° 237, novembro e dezembro de 1955. p. 69.

peronista, as massas são separadas do país, do Estado. Eduardo González Lanuza coloca que “(...) una multitud no siempre es el Pueblo”<sup>33</sup>. As massas não são consideradas como parte do povo, soberano, detentor da opinião pública, um dos principais pressupostos liberais, não valem como maioria, justamente, por não terem informação, cultura, daí as críticas ao voto universal. Héctor Oscar Ciarlo esclarece ainda mais esse posicionamento. Nas suas palavras, as revoluções “(...) jamás son hechas por el pueblo. Cuando se trata de atacar o defender una idea, el pueblo es dirigido, su actividad es subalterna”<sup>34</sup>.

Na crítica aos instrumentos de legitimação do peronismo, a *Sur* não poupa nem a Praça de Maio, usada, como as praças de um modo geral, para se criar uma sensação de proximidade, de um contato direto entre Perón e as massas. Jorge A. Paita comenta que nela participou da comemoração pela queda de Perón e que teria cantado o hino nacional em meio à “(...) muchedumbre cuya sola presencia reconquistaba para la historia patria la plaza de Mayo”<sup>35</sup>. Vale lembrar, no começo do capítulo anterior, a passagem na qual Victoria Ocampo critica o estado das praças argentinas e ironiza se o país vivia ou não em um regime democrático.

O número 237 evidencia no pensamento de Victoria Ocampo e dos colaboradores da *Sur* o que até então é somente insinuado, sugerido durante o governo de Perón. O número parece ter sido a referência para os críticos analisarem a trajetória anterior de Victoria Ocampo e dos seus colaboradores, desconsiderando-se a especificidade do momento, no qual dez anos de perseguições são denunciados abertamente pela primeira vez. Apesar das críticas ao número, King destaca que é um momento marcado por grande alívio e euforia.

A posição do número 237, assumidamente anti-peronista, costuma ser desconsiderada em termos interpretativos, como se houvesse um conhecimento neutro e objetivo. Além disso, as semelhanças discursivas com o peronismo e a esquerda demonstram o uso, por Victoria Ocampo e pela *Sur*, de apelos recorrentes na política argentina, o que valida sua posição ou deve levar ao igual questionamento das demais.

---

<sup>32</sup> HALPERÍN DONGHI, op. cit., p. 97.

<sup>33</sup> LANUZA, op. cit., p. 53.

<sup>34</sup> CIARLO, H. O. Sindicalismo y Estado. *Sur*, Buenos Aires, n° 237, novembro e dezembro de 1955. p. 126.

<sup>35</sup> PAITA, op. cit., p. 88.

Segundo Flavia Fiorucci, “(...) no significa de ningún modo soslayar los excesos de maniqueísmo, y los comentarios reaccionarios que sí hubo en la revista, pero no parece lícito derivar de ellos la incomprensión total del fenómeno peronista”<sup>36</sup>. Nesse sentido, comparando o número 237 com os estudos clássicos de Germani, Fiorucci assinala como pontos em comum a tentativa de se dar uma dimensão histórica nacional ao peronismo, uma crítica ao modo como as massas são integradas politicamente e uma visão autoritária do governo de Perón. Apesar disso, logo em seguida, o acentuado anti-peronismo do número romperia a “harmonia” opositora, não somente com a esquerda, mas dentro da própria revista.

Além de novas idéias nas esferas cultural e política, King destaca como causa do crescente isolamento de Victoria Ocampo e da *Sur* no pós-1955 o inevitável desgaste provocado por quase três décadas de existência. “(...) la tradición dejaría de parecer un valor positivo”<sup>37</sup>. Tradição, aqui, não deve ser considerada como apoio incondicional ao anti-peronismo governante. O autoritarismo e as perseguições sofridas durante a presidência de Perón não impediram Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur* de protestarem quando a liberdade de expressão se viu ameaçada no pós-1955. Exemplo disso é o manifesto publicado em 1959, assinado por mais de setenta intelectuais, contra a proibição de *Lolita* de Vladimir Nabokov, considerada imoral pela Prefeitura de Buenos Aires. “El “proteccionismo” y el “paternalismo” morales han sido siempre características de los regímenes políticos despóticos que mayor inmoralidad han alentado en los pueblos que rigieron”<sup>38</sup>. Além do manifesto, a *Sur* promove um debate com Victoria Ocampo, Borges, Juan Adolfo Vázquez, Eduardo González Lanuza, Carlos Mastronardi, Silvina Ocampo, Carmen Gándara e Virgílio Piñera.

### **Sábato e Martínez Estrada: a revisão do peronismo entre os colaboradores da revista *Sur*.**

A revisão do legado do governo de Perón não se limita aos colaboradores da *Contorno* e também é realizada por dois expoentes da *Sur*, Ernesto Sábato em *El otro*

---

<sup>36</sup> FIORUCCI, op. cit., p. 74.

<sup>37</sup> KING, op. cit., p. 200.

<sup>38</sup> Declaración de un grupo de intelectuales. *Sur*, Buena Aires, n° 260, setembro e outubro de 1959.

*rostro del peronismo* e Ezequiel Martínez Estrada em *¿Qué es esto?* O crescente afastamento de ambos da revista a partir de 1955 demonstra a permanência na *Sur* do acentuado anti-peronismo do número 237, assim como do anti-comunismo, pois Martínez Estrada se aproxima do comunismo a partir de 1959, quando estoura a Revolução Cubana. De acordo com King, a manutenção dessa postura rígida em relação ao peronismo e ao comunismo, apesar das mudanças em curso na Argentina e no exterior, é um dos motivos que fazem Victoria Ocampo e a *Sur* perderem a centralidade no meio cultural argentino, nos anos que considera marcados por uma incapacidade de reconstrução.

Sábato participa do número 237 com *Aquella patria de nuestra infancia*, que inclui em *El otro rostro del peronismo*. Como no restante do número, o peronismo é colocado como uma longa noite, um pesadelo, um barco conduzido por um louco em meio a uma tempestade. O descontentamento com a vida cultural aparece quando lamenta o nacionalismo que tinha tomado conta da Literatura do país. Como outros colaboradores do número, também fala em culpa de todos pelo peronismo, mas neste ponto começam as diferenças.

Sábato não fala em mais e menos culpados, tampouco em culpa por omissão, como aparece no texto de Victoria Ocampo. Defende que dentro de cada argentino existia um Perón. Com isso, Sábato quebra a oposição entre verdade e mentira, bem e mal que caracteriza o número 237. “(...) los sueños platónicos que los niños (y los grandes) gustan soñar, en que hay Héroes y Malvados, Justicia y Injusticia, Verdad y Mentira, son al fin nada más que sueños y que la áspera realidad está hecha de una mezcla triste e inexorable”<sup>39</sup>. Apesar dessas considerações, o anti-peronismo da década anterior leva Sábato à direção de *Mundo Argentino* em 1955. No entanto, logo depois, rompe com os militares e renuncia ao cargo ao denunciar, na publicação, as torturas contra os peronistas.

*El otro rostro del peronismo* aparece em 1956, em um diálogo com Mario Amadeo, autor de *Ayer, hoy y mañana*, publicado no mesmo ano, notadamente anti-peronista. Ernesto Sábato centra a sua explicação do peronismo menos no autoritarismo e na demagogia de Perón e mais no ressentimento das massas, que

---

<sup>39</sup> SÁBATO, E. *El otro rostro del peronismo*: carta abierta a Mario Amadeo. Buenos Aires: 1956. p. 37.

finalmente teriam participado politicamente. Para Sábato, essa redenção fez com que o peronismo se transformasse, inclusive, em um movimento espiritual para as massas. Dessa maneira, vê o apoio das massas a Perón como uma atitude consciente, racional e não como uma consequência de desinformação, falta de cultura ou vulgaridade natural. Nesse sentido, acredita que as massas não tinham outra opção além de Perón, pois tanto a oligarquia como a esquerda teriam uma visão igualmente elitista das massas, tanto que estiveram juntas contra Perón em 1946. Assim como Victoria Ocampo, Sábato recorre ao gênero testemunhal. Para Sábato, a experiência reveladora em relação ao peronismo acontece na casa de uma tradicional família tucumana na noite da queda de Perón. Se a prisão reforça o anti-peronismo de Victoria Ocampo, aquela noite teria modificado a trajetória de Sábato:

(...) mientras los doctores, hacendados y escritores festejábamos ruidosamente en la sala la caída del tirano, en un rincón de la antecocina vi cómo las dos indias que allí trabajaban tenían los ojos empapados de lágrimas. Y aunque en todos aquellos años yo había meditado en la trágica dualidad que escindía al pueblo argentino, en ese momento se me apareció en su forma más conmovedora. Pues ¿qué más nítida caracterizadora del drama de nuestra patria que aquella doble escena casi ejemplar?<sup>40</sup>

Sábato não era um intelectual nacionalista. Nesse sentido, é indicativa a seção *Calendario* entre julho de 1942 e 1943, período no qual esteve sob sua redação, quando predomina a crítica ao nazi-fascismo e à neutralidade argentina. Outro exemplo é seu afastamento da universidade já no primeiro mandato de Perón por fazer críticas ao seu governo. Em *El otro rostro del peronismo*, relata que participou do Colégio Livre de Estudos Superiores (CLES), o reduto liberal de muitos anti-peronistas. Para arriscar uma definição, Sábato seria um liberal de esquerda, que no pós-1955 se aproxima do nacionalismo. A aproximação pode ser percebida pelo uso de símbolos nacionalistas tradicionais para explicar o peronismo. Vê o *Martín Fierro* de José Hernández, que enaltece o campo e o gaúcho em detrimento da cidade e da cultura européia, como um exemplo do ressentimento das massas. Valoriza o tango como expressão artística e cultural e traça um paralelo entre o índio e o trabalhador moderno. Sábato evoca, inclusive, Yrigoyen, nas suas palavras, o último dos caudilhos

---

<sup>40</sup> Ibid., p. 40.

que era capaz de compreender e entrar no coração das massas. Essa mudança também marcaria seus textos literários. *Sobre heróis e tumbas*, considerada a obra-prima de Sábato, publicada em 1961, apresenta uma série de passagens que indicam seu rompimento com os círculos liberais argentinos e sua aproximação do nacionalismo. A entrevista de emprego do jovem Martín é uma dessas passagens, na qual parece se refletir a cisão nacional entre os doutores, fazendeiros e escritores e as índias que teria presenciado na noite da queda de Perón:

Veja como tudo isso é inestimável: o senhor, um rapaz humilde, e eu, presidente de uma grande empresa, e no entanto agimos em igualdade de condições diante dessa lei da oferta e da demanda. (...) toda vez que este homem (apontou a fotografia com dedicatória de Perón), toda vez que este senhor se mete na engrenagem da livre empresa é só para nos prejudicar, e em suma para prejudicar o país.

(...).

Mal cruzou a porta do escritório, até onde o senhor Molinari e o senhor Pérez Moretti o acompanharam segurando em seu braço, mal ficou fora de seus olhares, correu com as forças que lhe restavam. (...). Então precipitou-se para o espaço livre entre os automóveis e vomitou<sup>41</sup>.

O rompimento de Sábato com os setores liberais adentraria na década de setenta. Em *La cultura en la encrucijada nacional*, polemiza com Borges sobre a relação entre a língua e a consciência nacional, da importância da primeira para a consolidação da segunda. Borges teria qualificado a questão como mínima e Sábato considera esse pensamento uma mostra da sua falta de paixão pelo país. Muito diferente de *Los relatos de Jorge Luis Borges* publicado no número 125 da *Sur*, de março de 1945, no qual Sábato, apesar das críticas, coloca Borges como um grande poeta. Apesar da aproximação com o nacionalismo, Sábato defende, como a *Sur*, o julgamento dos responsáveis pelas arbitrariedades da década peronista, mas alerta que julgar não é vingar. No entanto, ao discordar da intervenção nos sindicatos, parece condenar a política de desperonização, apoiada pela *Sur*. Além disso, ao contrário de Victoria Ocampo e outros colaboradores da revista, não apóia os militares, não considera que sua intervenção tenha sido necessária para salvar a democracia, apesar de colocar os acontecimentos de setembro de 1955 como memoráveis, uma mostra da valentia das Forças Armadas. Sábato defende que as

---

<sup>41</sup> SÁBATO, E. *Sobre heróis e tumbas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 184-188.

eleições deveriam ser realizadas urgentemente, pois quanto mais demorasse “(...) la nación en tener gobernantes legales y reconocidos por la voluntad ciudadana en comicios libres, más graves y peligrosos serán los conflictos psicológicos que ya ahondan y dividen al país”<sup>42</sup>. Como argumento, Sábato defende que a desperonização e a ausência de eleições não acabariam, mas fortaleceriam o peronismo.

A crítica de Sábato em relação a Victoria Ocampo e aos seus colaboradores é bastante expressiva. Ao dedicar o texto aos jovens e condenar os escritores em torres de marfim parece comunicar Victoria Ocampo e a *Sur* da sua finitude, da perda do seu protagonismo no meio cultural argentino. No entanto, chama a atenção em seu texto os resquícios da visão conservadora e elitista em relação às massas, apesar de ver o apoio destas ao peronismo como uma atitude consciente. Nesse sentido, em uma passagem que lembra o conservador francês Le Bon, Sábato coloca que “(...) las masas, que son femeninas, se enamoran de un líder, y en ese amor no hay ni cálculo ni sensatez, como es propio de cualquier amor”<sup>43</sup>. Logo, não abandona completamente a visão das massas como sentimentais, pouco ou nada racionais. Isso aparece, também, quando clama pela colaboração de todos naquele momento de transição, pois seria “(...) deber de los mejores ayudar a los más débiles (...)”<sup>44</sup>, em uma divisão da sociedade típica das elites intelectuais, presente no pensamento de Ortega y Gasset, Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur*. Sábato é um exemplo de como o intelectual, por mais que tente se aproximar das massas, legitima esta aproximação em uma diferença cultural, o que não é diferente de Ezequiel Martínez Estrada aparece no mesmo ano, em 1956. Intelectual identificado com os setores liberais, sua análise do peronismo provoca uma ruptura nesta trajetória. No entanto, ao contrário de Sábato, não ocorre exatamente uma aproximação com os nacionalistas pelo tom mais polêmico, menos conciliatório do texto. Federico Neiburg destaca outras características de *¿Qué es esto?* que provocariam o gradual isolamento de Martínez Estrada no meio intelectual argentino,

---

<sup>42</sup> SÁBATO, El otro rostro del peronismo, p. 60.

<sup>43</sup> Ibid, p. 20.

<sup>44</sup> Ibid., p. 28.



um dos principais motivos da sua partida para Cuba na década de sessenta. “Ambigüidade; desordem; contradição; redundância (...)”<sup>45</sup>.

Como Sábato, Martínez Estrada procura compreender o apoio das massas ao peronismo. Considera que o governo de Perón deu às massas a noção de direitos, o que teria sido uma vanguarda no pensamento político e social do país. Também alerta para o ressentimento das massas. Por isso, desafia a direita e a esquerda para que declarassem os reais motivos da sua oposição a Perón. Assim, em um primeiro momento, não responsabiliza as massas pela ascensão de Perón, mas a falta de alternativas oferecidas pelos diferentes grupos políticos e condena as perseguições aos peronistas no pós-1955. “(...) si mi pueblo ha estado ciego es porque le han puesto una venda en los ojos, y si ahora no ve es porque le han cambiado la venda”<sup>46</sup>.

Martínez Estrada legitima a sua posição evocando a sua trajetória intelectual. Afirma que leu sua *Radiografía de la pampa*, publicado quase vinte e cinco anos antes e que não mudaria nem uma linha. “Se acabó para mí, afortunadamente, como una enfermedad nacional que he padecido, aquel cuarto de siglo en que fui perseguido, humillado, señalado con el dedo como antipatriota, tildado de pesimista”<sup>47</sup>. Sua trajetória lhe qualificaria para a tarefa de “(...) regeneración moral de mi pueblo, su fortalecimiento en la salud y su “puesta en forma” para un gran destino”<sup>48</sup>. Mais uma vez aparece a visão segundo a qual as massas, sozinhas, não escolheriam o melhor, o verdadeiro caminho. Nesse sentido, afirma que “(...) los pueblos no aprenden ni en cabeza ajena ni en la propia. Prefieren perderla antes que reformarla”<sup>49</sup>. Defende, ainda, que as massas constituem o grupo mais conservador e reacionário que existe. Por isso, como a maioria dos colaboradores do número 237 da *Sur*, acredita que a democracia plena seria um perigo. Evoca Aristóteles, Platão e Rosseau e afirma que “(...) es la democracia la que permite (...) la aparición del tirano”<sup>50</sup> que, no caso do peronismo, seria marcada pela demagogia nazi-fascista. Em uma outra semelhança com o número 237, aproxima Perón do mal. “(...) un ingrediente demoníaco hizo

---

<sup>45</sup> NEIBURG, op. cit., p. 72.

<sup>46</sup> MARTÍNEZ ESTRADA, E. *¿Qué es esto?* Buenos Aires: Lautau, 1956. p. 13.

<sup>47</sup> Ibid., p. 15.

<sup>48</sup> Ibid., p. 14.

<sup>49</sup> Ibid., p. 195.

<sup>50</sup> Ibid., p. 193.

posible el milagro peronista (...)”<sup>51</sup>. Martínez Estrada também é favorável a uma punição aos peronistas, por conspiração e atentado contra o país.

Martínez Estrada oscila, ora mais, ora menos próximo das massas. Critica os intelectuais pelas vendas nos olhos das massas, mas como um intelectual se coloca. Federico Neiburg fala em profecia desarticulada quando se refere ao texto. Exemplo da desarticulação pode ser percebida na crítica contundente que Martínez Estrada recebe, de um lado, de Borges e, de outro, do peronista Arturo Jauretche. No número 242 da *Sur*, de setembro e outubro de 1956, Borges se refere a Martínez Estrada como um sagrado inergúmeno, respondendo a uma declaração na qual é chamado de turiferario a soldo. Borges reafirma seu apoio a 1955 e afirma que acreditava na queda de Perón muito antes dela e que a felicidade que sentiu naquela manhã de setembro superava todas as honras e nomeações que tinha recebido. Borges ainda condena a visão do peronismo como um mal necessário e, aqui, afirma preferir o homem das ruas aos intelectuais. “A esos graves (graves, no serios) manipuladores de abstracciones prefiero el hombre de la calle, que habla de hijos de perra y de sinvergüenzas; ese hombre, en un lenguaje rudimental, está afirmando la realidad de la culpa”<sup>52</sup>. Por sua vez, coloca que o pensamento de Martínez Estrada é explicado pela condição de proprietário rural. Coloca que seu pensamento desconsidera dados concretos e a condição semi-colonial do país. Condena seu distanciamento e sua pureza perante os problemas que destaca no país. “Profetiza, abomina, injuria con ventilador y nos va llevando precipitadamente a la convicción de que esto es un estercolero y en el estercolero sólo hay una flor: Ezequiel Martínez Estrada”<sup>53</sup>. A revisão do peronismo feita por Sábato e Martínez Estrada demonstra a fissura existente entre intelectuais e massas. Fissura colocada pelos próprios intelectuais, sem a qual não se legitimam como tais. Demonstra, também, a fluidez do meio intelectual e político argentino do período, mais complexo do que o antagonismo peronismo e anti-peronismo pode sugerir.

---

<sup>51</sup> Ibid., p. 241.

<sup>52</sup> BORGES, J. L. Una efusión de Ezequiel Martínez Estrada. *Sur*, Buenos Aires, n° 242, setembro-outubro de 1956.

<sup>53</sup> JAURETCHE, op. cit., p. 27.

### **Jauretche e Hernández Arregui: Victoria Ocampo e a revista *Sur* segundo dois intelectuais peronistas.**

Uma das críticas mais contundentes contra Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur* no pós-1955 partiu de dois intelectuais identificados com o peronismo, Arturo Jauretche em *Los profetas del odio y la Yapa* e Juan José Hernández Arregui em *Imperialismo y cultura*, ambos de 1957.

*Los profetas del odio y la Yapa* teve duas edições no ano do seu lançamento, em Montevidéu, onde Jauretche se exilou logo depois da queda de Perón, assim como inúmeros peronistas. Em uma clara tentativa de se diferenciar de Victoria Ocampo e outros colaboradores da *Sur*, não se apresenta como um erudito, afirma ter uma linguagem simples, acessível, fruto dos conhecimentos adquiridos em anedotas, lembranças, no lar, café e trabalho.

Essa teria sido uma escolha pessoal. Pertencente a uma família de classe média de uma pequena localidade da Província de Buenos Aires, o pai de Jauretche era do Partido Conservador. A partir de 1920, com dezenove anos, vai a Buenos Aires para estudar, onde se aproxima da UCR, mais exatamente do nacionalismo yrigoyenista, contrário aos conservadores como o seu pai. Jauretche milita na FORJA (Força de Orientação Radical da Jovem Argentina), grupo que pretendia resgatar os verdadeiros valores nacionais do yrigoyenismo, que teriam sido deturpados pelos radicais anti-personalistas que apóiam o golpe de 1930 contra Yrigoyen<sup>54</sup>. Essa aproximação do nacionalismo, da realidade nacional, teria se consolidado com o falecimento do pai, os problemas financeiros que vieram, o adiamento dos estudos e a necessidade de trabalhar. Logo, Jauretche tenta se legitimar criando, a partir da sua trajetória, pontos de identificação com as massas. De acordo com Jauretche, o distanciamento das massas e do país era o maior problema dos intelectuais argentinos e a causa da oposição dos anti-peronistas. Desse modo, vê o peronismo como defensor das massas e dos interesses nacionais e o anti-peronismo como elitista e imperialista.

---

<sup>54</sup> Como sugere o termo, os anti-personalistas condenam o personalismo, o domínio exercido por Yrigoyen dentro do partido.

Ao contrário das interpretações psicológicas, de Ernesto Sábato em particular, Jauretche não fala em ressentimento, mas em esperança das massas ao apoiarem Perón. Segundo Jauretche, ressentidas eram as elites, desde que perderam seu protagonismo político. “Recuerde Ud. aquellas multitudes de octubre del 45, (...) que no rompieron una vidriera (...). Recuerde esas multitudes (...) y las recordará siempre cantando en coro (...)”, escreve para Sábato. O peronismo seria uma continuação do caudilhismo do século XIX e do yrigoyenismo, que teriam revelado a História ocultada pela historiografia liberal oficial, uma história de opressão das massas e submissão da Argentina aos interesses externos.

Nesse sentido, Borges é colocado como um intelectual quimicamente puro, pertencente a essa tradição liberal, indiferente, desumano, anti-argentino, artesão da beleza que, no entanto, “(...) ha descendido de su torre de marfil para decir sus palabras en el debate que agita a los hombres del común”<sup>55</sup>. Jauretche coloca que Borges desceu da sua torre de marfim movido pelo ódio, causado pela transferência para o cargo de inspetor de aves, coelhos e ovos das feiras de Buenos Aires. Além disso, ironiza sua defesa da liberdade de expressão. Nesse sentido, Jauretche menciona que Borges se esqueceu de citar um livro seu que prologou, em uma conferência sobre os gauchescos na Sociedade Argentina de Escritores (SADE). “Yo no puedo creer que haya sido por motivos políticos, porque sé que Borges es un amante de la libertad de pensamiento. Si no lo creyera dudaría de todo”<sup>56</sup>. Em outras palavras, inverte o autoritarismo e o ressentimento geralmente atribuído às massas para os intelectuais de um modo geral, pois Borges é tomado como o melhor exemplo, não o único. Desse modo, Jauretche questiona a intensidade do autoritarismo peronista, ainda que não o negue, destaca a perseguição aos peronistas no pós-1955 e chega a justificar as investidas de Perón contra a imprensa:

A mérito de la supuesta libertad de prensa el periódico es la única vidriera del país que no paga impuesto y además tiene papel, máquinas y tinta a precios especiales. Si usted pone un letrero en su lechería lo paga, pero no lo pagan los letreros que por millones salen a la calle todos los días en el papel impreso<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> JAURETCHE, op. cit., p. 71.

<sup>56</sup> Ibid., p. 78. O livro ao qual se refere é *El paso de los Libres* (1934).

<sup>57</sup> Ibid., p. 168-169.

Victoria Ocampo é analisada em termos bastante semelhantes aos de Borges. Jauretche é um dos críticos que colocam Victoria Ocampo como uma esnobe, o que seria responsável pelo distanciamento da sua revista em relação ao país e às massas. Nesse sentido, a revista é colocada como uma fuga das responsabilidades nacionais dos intelectuais, como uma simples criadora de figurões. Vale notar que Jauretche começa o prólogo da primeira edição com uma frase de Gandhi contra os intelectuais, justamente um dos maiores ídolos de Victoria Ocampo. “Temed la dureza de corazón de los hombres cultos”<sup>58</sup>.

Jauretche desenvolve a crítica sobre Borges, Victoria Ocampo e outros colaboradores da *Sur* a partir do medo que teria lhes provocado a afirmação nacional e popular representada pelo peronismo. Jauretche chega a explicar a posição de Borges e Victoria Ocampo pela infância e educação que tiveram. “(...) cuando recuerdo que (...) la empaquetaron y la mandaron a París por toda la adolescencia, ya no queda nada que decir sobre el desarraigo de doña Victoria, que le sea imputable”<sup>59</sup>. A respeito de Borges, coloca que foi “(...) también criado al margen de la vida real (...)”<sup>60</sup>. Ao explicar a posição de ambos perante o peronismo e as massas pela infância e educação que tiveram, Jauretche coloca-os como inflexíveis, parece descartar qualquer possibilidade de reflexão e mudança<sup>61</sup>.

No entanto, de acordo com Jauretche, a afirmação das massas não teria origem nelas, mas nos caudilhos. Dessa maneira, a derrota destes, no século XIX, teria sido a derrota das massas. “La plebe, que (...) sólo podía expresarse (...) a través de los caudillos, no tiene ya presencia desde que estos últimos a su vez son exterminados con la liquidación de sus puntos de apoyo”<sup>62</sup>. Resumindo, nas suas palavras o caudilho era o sindicato do gaúcho. Em outro momento, coloca que o proletariado tem dificuldades para a ação imediata. Assim, apesar de condenar os esforços dos intelectuais em reduzir as massas a sujeito passivo da História, aproximar a direita e a esquerda neste

---

<sup>58</sup> Ibid., p. 8.

<sup>59</sup> Ibid., p. 126.

<sup>60</sup> Ibid., p. 128.

<sup>61</sup> Em *El medio pelo en la sociedad argentina*, publicado na década de sessenta, Jauretche volta a escrever sobre Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur* e desenvolve um raciocínio bastante semelhante ao desenvolvido em *Los profetas del odio y la YAPA*. Em suma, Victoria Ocampo e seus colaboradores são novamente considerados como representantes de interesses econômicos hegemônicos.

<sup>62</sup> JAURETCHE, op. cit., p. 209.

aspecto e criticar o paternalismo peronista, apesar da sua ligação com o governo de Perón, Jauretche igualmente condiciona a afirmação das massas e do país a uma liderança. Nesse sentido, defende que liberação nacional somente ocorreria com uma aliança entre proletariado, classe média e burguesia, o que teria faltado ao governo de Perón. Sobre Jauretche, Federico Neiburg coloca que “(...) frente aos iniciados intelectuais, usava uma linguagem “popular” fundada na “experiência” de sua própria vida; frente ao povo, exercitava a capacidade de explicar que é prerrogativa dos iniciados”<sup>63</sup>.

Juan José Hernández Arregui se envolve ainda mais do que Jauretche com o peronismo. Enquanto Jauretche mantém uma certa independência em relação à universidade e ao Partido Peronista, apesar de ter sido diretor do Banco Provincial de Buenos Aires entre 1946 e 1952, Hernández Arregui desenvolve uma militância mais acentuada no partido e na universidade. No entanto, ambos têm uma trajetória pessoal marcada por dificuldades econômicas que levaram a um distanciamento dos círculos intelectuais e políticos tradicionais.

O pai deixa a família quando Hernández Arregui ainda é criança e, com o falecimento da mãe, precisa largar a Faculdade de Direito da Universidade de Buenos Aires, onde tinha se aproximado do radicalismo. Em seguida, muda-se para a casa de um tio militante da UCR, no interior da Província de Córdoba. Em 1936, com a eleição do radical Amadeo Sabattini para governador, Hernández Arregui torna-se secretário de uma universidade de formação de professores. Além disso, passa a dar aulas em uma escola noturna de orientação vocacional. Nesses anos, retoma os estudos, mas troca o Direito pela Filosofia.

Com a ascensão do peronismo, se distancia do radicalismo e vai para La Plata, capital da Província de Buenos Aires, onde participa do governo peronista do coronel Mercante, no cargo de diretor de estatísticas e censos. Além disso, assume a cadeira de História da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidade Nacional de La Plata, onde chega a assumir a direção do Instituto de História. Durante a década peronista, Hernández Arregui ainda dá aulas de Sociologia na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Buenos Aires e comanda um

---

<sup>63</sup> NEIBURG, op. cit., p. 56.

programa cultural na Rádio do Estado. Apesar da colaboração mais estreita com o governo e da linguagem mais acadêmica, como Jauretche, Hernández Arregui se coloca como portador da consciência nacional e popular, características que via no peronismo.

Hernández Arregui concorda com a relação estabelecida por Jauretche entre o material e a ideologia e desta com a Literatura e as artes em geral. Mostra-se satisfeito por essa relação ser retomada pela nova geração intelectual argentina. Dessa maneira, acredita que a *Sur* não é fundada por acaso na década de trinta, quando a oligarquia agro-exportadora retorna ao poder. “Se trata (...) de integrar un círculo superculto, que forme y oriente la mentalidad del público, en el sentido de una cultura de “élite” (...). Algo extrínseco a lo argentino y sus tendencias culturales propias”<sup>64</sup>. A *Sur* seria apenas um séquito, uma ostentação de luxo da classe proprietária que lhe daria legitimação. Além de Victoria Ocampo, Hernández Arregui centra sua crítica em Borges, Mallea e Martínez Estrada. Coloca que a estrela da *Sur* se apaga em 1945 e ressurgiu apenas com a queda de Perón. Nesse ponto, Hernández Arregui faz uma nova aproximação entre peronismo e as causas nacionais e populares.

Como Jauretche, Hernández Arregui crê que Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* não encontram no exterior o espaço e a importância que dão aos intelectuais estrangeiros. “André Gide, en los inicios del grupo, llamará a Victoria Ocampo “Querida amiga lejana”, y detrás de la frase galante se percibe la irónica distancia con que el europeo ve a estos círculos latinoamericanos (...)”<sup>65</sup>. Hernández Arregui questiona, assim, o nacional como um elemento do cosmopolitismo, o segundo como uma chave de compreensão do primeiro, como se apreende do pensamento de Victoria Ocampo e da revista. Ao relacionar a ideologia com o material, Hernández Arregui, assim como Jauretche, não pensa em ressentimento das massas. Contra as interpretações psicológicas, fala em opressão das classes altas para explicar a adesão das massas ao peronismo. Em virtude dessa opressão, Hernández Arregui questiona, como Jauretche, a defesa da democracia e da liberdade de expressão por Victoria Ocampo e pelos colaboradores da *Sur*.

---

<sup>64</sup> HERNÁNDEZ ARREGUI, op. cit., p. 131.

<sup>65</sup> Ibid., p. 131-132.

Apesar de destacar a opressão das classes altas, Hernández Arregui condiciona a afirmação das massas e do país a uma liderança, assim como Jauretche e o discurso peronista de um modo mais amplo. Defende que a morte de Yrigoyen decepcionou as massas, que não teriam tido outras opções. A situação somente teria mudado com Perón. “Su adhesión a un jefe no se fundó en artes demagógicas, sino en las condiciones históricas maduras que rompían con las antiguas relaciones económicas del régimen de la producción agropecuária y superaban los programas de los partidos (...)”<sup>66</sup>. Além disso, Hernández Arregui defende que “(...) la democracia es antes que nada, educación del pueblo”<sup>67</sup>. A democracia aparece como exterior às massas, não como uma conquista delas, mas como algo que somente aprenderiam e defenderiam depois do seu advento. Jauretche e Hernández Arregui a Victoria Ocampo e aos colaboradores da *Sur* demonstra a coroação do anti-peronismo no plano político e institucional da Argentina. Nesse sentido, é importante não se esquecer da “dança das cadeiras” nas instituições do país em 1955. Jauretche defende que o anti-peronismo de Borges é provocado pelo ódio que sentiu quando foi transferido, mas o que provocaria o ódio de Jauretche contra Victoria Ocampo e os colaboradores da revista senão a proscrição do peronismo do plano político e institucional argentino? O paternalismo de Jauretche e Hernández Arregui em relação às massas, por sua vez, convergente com o discurso peronista, visa manter sob controle o capital político conquistado na década anterior e conter a radicalização que toma conta do peronismo, assim como do anti-peronismo, em meados da década de cinquenta. Apesar disso, com suas análises marcadas pela determinação da ideologia pelo material, ambos inspirariam a radical esquerda peronista, que cresceria nas décadas de sessenta e setenta com a peronização dos estudantes.

### **Revista *Contorno*: parricídio intelectual e “alternativa” política<sup>68</sup>.**

A história da *Contorno* começa em três outras revistas. *Verbum*, publicação do Centro de Estudantes de Filosofia e Letras, deixa uma grande lacuna ao ser publicada

---

<sup>66</sup> Ibid., p. 199.

<sup>67</sup> Ibid., p. 243.

<sup>68</sup> Como a *Sur*, a *Contorno* é uma revista complexa e heterogênea. Aqui pretende-se explorar, unicamente, as suas relações com Victoria Ocampo, colaboradores da *Sur* e o peronismo.



pela última vez em 1948, depois de noventa números. A *Verbum* contava com inúmeros professores renomados entre seus colaboradores. A partir de 1951, *Centro* ocupa parte desse espaço.

Em junho de 1953 é lançado o primeiro e único número de *Las Ciento y Una*, revista dirigida por Héctor A. Murena, que também configura entre os colaboradores da *Sur*. A publicação apresenta um enfoque político e se propõe a analisar a realidade argentina e latino-americana.

Basicamente, a *Contorno* surge em novembro de 1953 com uma proposta que procura conciliar a preocupação acadêmica de *Centro* com o enfoque político de *Las Ciento y Una*. A *Contorno* seria publicada com periodicidade inconstante até 1959, ao longo de dez números, dos quais os três últimos seriam duplos. Além disso, lançariam dois cadernos especiais. No primeiro número, Ismael Viñas aparece como o diretor, tarefa que seria dividida nos números seguintes com seu irmão David, Noé Jitrik, Adelaida Gigli, Adolfo Prieto, León Rozitchner e Ramón Alcade.

O rompimento da *Contorno* com Victoria Ocampo e a *Sur* é evidente desde o primeiro número, rompimento literário que não tardaria em cair no plano político. Diferentemente da proposta cosmopolita e “apolítica” de Victoria Ocampo e da *Sur*, a *Contorno* se preocupa em indagar o passado e a realidade do país através da Literatura nacional. Desse modo, desenvolve uma crítica literária que relaciona o texto com seu contexto, a criação literária com as condições históricas e sociais. Daí teria vindo o nome da revista. Segundo Oscar L. Arias Gonzalez, “(...) cuando hablan de un “contorno” piensan en la “situación” sartreana”<sup>69</sup>. A influência de Sartre sobre o grupo se dá especialmente por *¿Qué es la literatura?*, livro publicado em 1950. A propósito, Sartre aparece como o denominador comum entre os colaboradores da *Contorno*, acima das tendências internas<sup>70</sup>.

---

<sup>69</sup> GONZALEZ, O. L. A. *Contorno: la coherencia de los hombres honestos. Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 406, maio de 2001. p. 23.

<sup>70</sup> De acordo com Carlos Mangone e Jorge Warley, mencionados por Gonzalez, três núcleos podem ser observados na *Contorno*. “1) El nucleado alrededor de los Viñas, de fuerte crítica al liberalismo en lo político e historiográfico, pero sin caer en la inversión revisionista. Están aquí Prieto (Adolfo), Gigli (Adelaida), Jitrik (Noé); 2) El formado por Rodolfo Kusch y Francisco J. Solero, quienes participarán hasta el número 4; inscriptos en la tradición Martínez Estrada-Murena, sobrevalorarán su lado más antihistoricista y la intuición como medio de acceso a lo real; 3) El que reunía a Juan José Sebreli, Oscar Masotta y Carlos Correas: Merleau-Ponty y, sobre todo, Jean Paul Sartre, darán el marco filosófico-ético en el cual este grupo inscriba

A principal influência de Sartre sobre a *Contorno* é a defesa do engajamento político do intelectual. Engajamento não em termos partidários e ideológicos, como demonstram as críticas ao marxismo ortodoxo, mas no sentido de um envolvimento com a realidade circundante com o intuito de transformá-la de um modo progressista, revolucionário. Nesse sentido, a Literatura seria um instrumento privilegiado. Esse engajamento aparece claramente no primeiro número da *Contorno* nas palavras de Ismael Viñas, assim como o rompimento com a geração intelectual de Victoria Ocampo e dos principais colaboradores da *Sur*:

Cuando empezamos a enterarnos del mundo a que pertenecíamos, nos encontramos con una constelación de nombres que parecían ocupar cumplidamente su tierra y su cielo: nuestros héroes, nuestros poetas, nuestros políticos, nuestros profesores, nuestros filósofos, nuestros maestros. Fuimos aprendiendo puntualmente que pocos de entre ellos poseían algo detrás de sus fachadas. No era el común rechazo juvenil por los antepasados. Era que, debajo de los renunciamentos con aires beatificables, se ocultaba la ineptitud o la cobardía (...) <sup>71</sup>.

Victoria Ocampo é criticada inúmeras vezes como uma intelectual fechada ao diálogo com outros grupos sociais, intelectuais e políticos. Apesar disso, um posicionamento parecido ao de Ismael Viñas no primeiro número da *Contorno* já aparece na *Sur* dois anos antes, no número 204, de outubro de 1951. Em *Martínez Estrada: la lección a los desposeídos*, Héctor A. Murena defende que Martínez Estrada, Mallea e Borges são profetas que, com as suas obras inquietantes, revelaram a América aos americanos, sua pobreza, inclusive cultural. “(...) los americanos somos los parias del mundo, (...) somos los más miserables (...), somos unos *desposeídos*. Somos unos desposeídos porque lo hemos dejado *todo* cuando nos vinimos de Europa o de Asia, y lo dejamos *todo* porque dejamos la *historia*”<sup>72</sup>, escreve Murena sobre a importância do pensamento dos três. No entanto, considera que a superação deles é uma necessidade. “Como hijos, debemos empezar por ver los defectos de nuestros

---

su visión del intelectual”. A esta lista habría que agregar los nombres de León Rozitchner y Ramón Alcalde, para cubrir el núcleo más importante de quienes participaron en la revista”. Ibid., p. 22-23.

<sup>71</sup> VIÑAS, I. La traición de los hombres honestos. *Contorno*, Buenos Aires, nº 1, novembro de 1953. p. 2. Borges chega a ser citado por Ismael como um desses homens.

<sup>72</sup> MURENA, H. A. Martínez Estrada: la lección a los desposeídos. *Sur*, Buenos Aires, nº 204, outubro de 1951. p. 6.

padres. Y agreguemos que también nos sentimos más allá de la lección”<sup>73</sup>. Provavelmente, nessa passagem está a origem da expressão parricidas para designar os colaboradores da *Contorno*, usada pela primeira vez por Emir Rodríguez Monegal em *El juicio de los parricidas* (1956). Murena jamais escreveu para a *Contorno*, mas era um jovem intelectual conhecido no meio universitário e sua efêmera revista, *Las Ciento y Una*, influenciou a *Contorno*. Como a maioria dos colaboradores da *Contorno*, Murena centra sua crítica aos três no distanciamento da realidade argentina. “El profeta marcha apoyándose en el cielo, (...) anda con inseguridad sobre su misma tierra y por eso no entiende del todo a los que siempre lo han rodeado”<sup>74</sup>. Se Martínez Estrada, Mallea e Borges têm o mérito de terem revelado a América aos americanos, já era momento de solucionar seus problemas. “Tenemos que vivir, tenemos que sobrepasar la enfermedad”<sup>75</sup>.

Murena não foi o único da nova geração intelectual a colaborar com a *Sur*. O próprio David Viñas escreve para a revista, ainda que esporadicamente. Nessa condição, ainda se encontram Juan José Sebreli e o historiador Tulio Halperín Donghi. Além disso, muito antes de *¿Qué es la literatura?*, Sartre já aparecia na *Sur*, tanto como colaborador quanto tema de discussões. Em outras palavras, não foi a *Contorno*, mas a *Sur*, a responsável pela divulgação do pensamento de Sartre no país, tanto a revista como a editora<sup>76</sup>. No número 162 da *Sur*, de abril de 1948, René Marill-Albérès elogia Sartre, destaca que sua obra é marcada pela liberdade e pelo desejo de enfrentar a fealdade do mundo, e não de destruí-lo para transformá-lo, como desejariam os dialéticos. “Su moral aspira a reemplazar el fariseísmo por el compromiso, la obediencia a un modelo fijo por la empresa”<sup>77</sup>.

Evidentemente que essa abertura não acontece sem tensões entre as diferentes visões do intelectual e da Literatura. No *Calendario* do número 166 da *Sur*, publicado

---

<sup>73</sup> Ibid., p. 14.

<sup>74</sup> Ibid., p. 15.

<sup>75</sup> Ibid., p. 18.

<sup>76</sup> Em 1947 a *Sur* publica *El existencialismo es un humanismo* e, em 1948, *Reflexiones sobre la cuestión judía*. Vale acrescentar que colaboradores da *Sur*, especialmente Borges, também são publicados por *Temps Modernes*, a revista de Sartre que tanto influencia a *Contorno*. A *Sur* somente assumiria uma postura mais rígida contra Sartre após algumas declarações nas quais daria a entender que apoiava as ações da União Soviética na Europa Oriental, o que também provocou seu rompimento com Camus.

<sup>77</sup> MARILL-ALBÉRÈS, R. Autenticidad y libertad en Jean-Paul Sartre. *Sur*, Buenos Aires, n° 162, abril de 1948. p. 94.

em agosto de 1948, é elogiado o engajamento político do intelectual proposto por Sartre, que não se enquadraria nos moldes comunistas autoritários. No entanto, sua crítica literária, ao se preocupar demasiadamente com o contexto, reduziria a Literatura, pois “(...) apunta menos a la obra que al escritor (...)”<sup>78</sup>.

Outro exemplo dessa tensão acontece entre Murena e Carlos Mastronardi. Nos números 164-165, de junho-julho de 1948, Murena critica o grupo *Martín Fierro* ao qual pertenceu Borges. Murena coloca que o nacionalismo proposto pelo grupo era forâneo, europeu, baseado nas suas correntes estéticas, o que teria resultado em uma literatura artificial, presa ao passado, pitoresca, criadora do nacional e não criada por ele. “Queremos volver a ser pasado porque sólo allí nos sentimos *ser*, y en verdad nos estamos impidiendo ser, porque únicamente somos en el presente”<sup>79</sup>. A defesa de um engajamento na realidade circundante é latente. Borges é tomado como o melhor exemplo do grupo. Segundo Murena, os primeiros trabalhos de Borges demonstram que era capaz de descrever alguns traços do nacional, mas não de senti-lo.

Quatro número depois, em novembro de 1948, Mastronardi responde a Murena. Coloca que Murena, ao desprezar o passado, se mostra favorável a uma “poesia de circunstância”. Além disso, defende que o grupo *Martín Fierro* e Borges em particular tinham preocupações estéticas e metafísicas, o que não teria lhes impedido de falar do e com o nacional. “No es forzoso ser homicida, autor de música típica o bailarín de la periferia para escribir con autoridad sobre el *chulo* rioplatense”<sup>80</sup>. Em poucas palavras, Mastronardi defende que não é preciso pertencer para escrever e sentir. Uma outra polêmica entre o cosmopolitismo e o nacional ocorre entre Victoria Ocampo e, mais uma vez, Murena, nos números 175 e 176 da *Sur*, de maio e junho de 1949, respectivamente. Ao propósito de Victoria Ocampo publicar um livro sobre T. E. Lawrence, Murena se pergunta por que não escreveria sobre Sarmiento. “Nos ignoramos tanto a los argentinos, los americanos. Necesitamos con tanta urgencia directas palabras sobre nosotros mismos”<sup>81</sup>, argumenta Murena. No número seguinte,

---

<sup>78</sup> Jean-Paul Sartre. *Sur*, Buenos Aires, n° 166, agosto de 1948. Calendario, p. 104.

<sup>79</sup> MURENA, H. A. Condenación de una poesía. *Sur*, Buenos Aires, n°s 164-165, junho-julho de 1948. p. 82.

<sup>80</sup> MASTRONARDI, C. Sobre una poesía condenada. *Sur*, Buenos Aires, n° 169, novembro de 1948. p. 55.

<sup>81</sup> *Sur*, Buenos Aires, n° 175, maio de 1949. Los penúltimos días, p. 65,

Victoria Ocampo coloca que a sugestão de escrever sobre Sarmiento é muito boa, mas que a recusa de Murena com o nome de Lawrence era um exemplo do nacionalismo sempre combatido pela *Sur*. Além disso, como Mastronardi, defende que não é preciso pertencer para escrever e sentir. Em outras palavras, acredita que o cosmopolitismo e o nacional não são incompatíveis. “Poco importa para un argentino – por muy argentino que sea – que un T. E. o un Mahatmaji no sean argentinos. Entramos, con ellos, en un orden ecuménico”<sup>82</sup>.

Enfim, os exemplos demonstram como o rompimento entre as duas gerações intelectuais nasce e se desenvolve dentro da própria *Sur* e não na *Contorno*. A revista da jovem intelectualidade de esquerda é mais consequência do que causa do seu rompimento com Victoria Ocampo e os colaboradores da *Sur*. No entanto, o rompimento da *Contorno* se explicita e radicaliza somente no número 7-8, de julho de 1956, dedicado inteiramente a uma discussão do peronismo. O número é lançado depois do fuzilamento de militantes peronistas liderados pelo general Valle, que participaram de um levante contra o governo. Com o título *Peronismo...¿y lo otro?*, a *Contorno* antecipa a tentativa de se compreender o apoio das massas a Perón, o que, somado ao silêncio da *Sur* sobre o assassinato dos peronistas, teria rompido definitivamente a “harmonia” anti-peronista. É interessante notar como Victoria Ocampo e a *Sur* são cobradas pelo silêncio, interpretado como apoio. Seguindo o raciocínio, por que a *Contorno* não se pronuncia, no número 5-6, de setembro de 1955, sobre a intensa crise política que já atinge o governo de Perón? Além disso, por que a *Contorno* demora nove meses para defender os pontos positivos do peronismo perante o golpe de 1955? Dois textos, publicados na *Sur*, um de Murena e o outro de Juan José Sebreli, membro da *Contorno*, demonstram como a jovem intelectualidade também era anti-peronista, como uma *Sur* harmonia oposta. 1948, Murena faz uma paródia da Argentina peronista, comparando-a a uma partida de futebol. Em *Fragmento de los anales secretos*, o futebol é uma força incontrollável que dominaria tudo e todos. Ao final da partida, essa força se manifesta com violência na torcida contra o juiz, que é enforcado pela multidão. O juiz parece encarnar a intelectualidade perseguida pelo governo de Perón e em confronto com as massas. “El juez, detenido en el centro de la

---

<sup>82</sup> OCAMPO, V. Antepenúltimos días. *Sur*, Buenos Aires, nº 176, junho de 1949. p. 99.

liza, los mira. (...). Entonces huye. Hacia cualquier parte, como un ciervo cogido en la trampa del bosque, despavorido, como un cristiano entre los leones”<sup>83</sup>. Aquí, Murena parece considerar as massas como naturalmente violentas, irrecuperáveis. “Y ellos huyeron hacia el laberinto de piedra para reanudar al otro día el trote circular, al parecer perpetuo, irredimible”<sup>84</sup>.

Em *Celeste y colorado*, publicado no número 217-218 da *Sur*, de novembro-dezembro de 1952, Juan José Sebreli lamenta que o atual momento político mantivesse a desunião nacional e parece comunicar a Perón que “(...) todo el que quiere construir en el terreno de lo político y lo social debe empezar por aceptar a conciencia el escándalo y el fracaso de la dictadura y la violencia”<sup>85</sup>.

De volta ao número da *Contorno* sobre o peronismo, existem indícios do passado anti-peronista dos colaboradores. Ainda no editorial, colocam que não foram peronistas, nem anti-peronistas. Colocam-se como peronistas de hoje, de modo que não compactuariam com Perón, já exilado, mas apenas com a conscientização dos oprimidos que teria sido provocada pelo peronismo. “(...) esto del peronismo, sí; esto del peronismo, no”<sup>86</sup>, distinguem. Nesse sentido, no mesmo número, Leon Rozitchner coloca o peronismo como uma louca, mas necessária aventura. Osiris Troiani, em um momento, coloca o peronismo como nacional e popular e, em outro, como uma cegueira e peste totalitária. Essa revisão faz com que Tulio Halperín Donghi não considere o peronismo como uma forma de fascismo, mas como “(...) una tentativa de reforma fascista de la vida política argentina”<sup>87</sup>, em uma distinção incomum na *Sur*, que tendia a aproximá-los. De qualquer modo, ainda que em graus diferentes, a influência do fascismo, totalitarismo sobre o peronismo é destacado tanto pela *Sur* como pela *Contorno*.

---

<sup>83</sup> MURENA, H. A. Fragmento de los anales secretos. *Sur*, Buenos Aires, nº 169, novembro de 1948. p. 50.

<sup>84</sup> Ibid., p. 51. Murena possivelmente se inspira em *La cabeza de Goliath* de Ezequiel Martínez Estrada. “El pueblo de la metrópoli tiene sus pasiones hondas e irrefrenables. Una de ellas, la más típica y vehemente, toma el aspecto externo del fútbol”. MARTÍNEZ ESTRADA, E. *La cabeza de Goliath*: microscopía de Buenos Aires. Buenos Aires: Clarín. p. 251.

<sup>85</sup> SEBRELI, J. J. Celeste y colorado. *Sur*, Buenos Aires, nº 217-218, novembro-dezembro de 1952. p. 79.

<sup>86</sup> Peronismo...¿y lo otro? *Contorno*, Buenos Aires, nº 7-8, julho de 1956. p. 2.

<sup>87</sup> HALPERÍN DONGHI, T. Del fascismo al peronismo. *Contorno*, Buenos Aires, nº 7-8, julho de 1956. p. 15.

Também se nota na *Contorno* o sentimento de culpa manifestado por Victoria Ocampo e colaboradores da *Sur* no número 237. Nesse ponto, também se nota a tentativa do intelectual se legitimar como guia das massas. Ora, se o peronismo tem traços fascistas, totalitários, de cegueira e loucura, em alguma medida os intelectuais teriam falhado, pois não teriam impedido a consolidação destes traços no cenário político argentino. Isso aparece bem nos textos de Rozitchner e Troiani publicados no número 7-8, nos quais lamentam o distanciamento das massas. “Debíamos renunciar a toda conquista que no lo fuera también de nuestro pueblo”<sup>88</sup>, clama Troiani. “Entre el proletariado y nosotros hay un abismo (...)”<sup>89</sup>, lamenta Rozitchner. A culpa da *Contorno*, tipicamente sartriana, é o pretexto da sua aproximação das massas.

Rozitchner coloca que o proletariado tem uma consciência vaga e contida. Sem a experiência da liberdade burguesa, o proletariado estaria habituado à dependência, de maneira que não sairia imediatamente da sugestão paternalista do peronismo. Nesse sentido, considera que a irracionalidade das massas durante o governo de Perón tinha sentido<sup>90</sup>. No entanto, defende que essa irracionalidade deveria ser superada. Defende uma aproximação dos intelectuais com as massas, para “(...) formar también el hombre para poder solicitar de el algo más que la rendición, la sumisión (...)”<sup>91</sup>. De um modo semelhante, Troiani escreve que o povo argentino deveria cumprir sua tarefa histórica e parece ver o caminho para isso na Literatura. “La literatura era vida o era una farsa”<sup>92</sup>. Ismael Viñas coloca que esse esclarecimento das massas deveria ser feito por intelectuais desapaixonados. Considerando-se que no editorial não se colocam como peronistas, nem como anti-peronistas, esses intelectuais poderiam escrever o próprio editorial da *Sur*, então, não poderiam participar do esclarecimento das massas pelo seu anti-peronismo e porque não possuiriam a linguagem nacional e popular necessária. Nesse aspecto, Oscar Masotta define o pensamento de Victoria

---

<sup>88</sup> TROIANI, O. Examen de conciencia. *Contorno*, Buenos Aires, nº 7-8, julho de 1956. p. 9.

<sup>89</sup> ROZITCHNER, L. Experiencia proletaria y experiencia burguesa. *Contorno*, Buenos Aires, nº 7-8, julho de 1956. p. 4. Argentino, Rozitchner nasceu em Chivilcoy. Doutora-se em Filosofia em Paris. É professor de várias universidades, na Argentina e no exterior. Além da *Contorno*, participou da direção da *Verbum*.

<sup>90</sup> Chama a atenção a semelhança com Gino Germani. Comparando as massas no peronismo e no nazi-fascismo, Germani defende que, ao contrário do que aconteceu na Alemanha e Itália, não se pode falar que as massas argentinas apresentaram uma cega irracionalidade. Logo, Germani e Rozitchner relativizam o grau, mas não a irracionalidade.

<sup>91</sup> ROZITCHNER, op. cit., p. 8.

<sup>92</sup> TROIANI, op. cit., p. 9.

Ocampo e da *Sur* como colonialista. No entanto, chama a atenção como a *Contorno* toma outras países como modelos de conscientização e despreza a politização apresentada pelas massas durante o governo de Perón. “¿Alguna vez un obrero con conciencia de clase, un obrero de Francia, por ejemplo, podía dejarse sugestionar?”<sup>93</sup>, se pergunta Rozitchner. No mesmo sentido escreve Ismael Viñas:

En Francia, por ejemplo, Francisco I o Enrique IV son héroes nacionales. Pero nadie se engaña creyendo en ellos como en adalides de las ideas democráticas. En Estados Unidos, Washington es igualmente un héroe. Pero los intelectuales – la inteligencia – han señalado que sus afanes coincidieron asombrosamente bien con sus intereses financieros<sup>94</sup>.

A respeito de uma das formas mais comuns de manifestação popular durante o peronismo, as paralisações decretadas pelo próprio governo, Rozitchner considera que eram “(...) más goce de la falta de esfuerzo que superación de la pasividad”<sup>95</sup>. Masotta pensa parecido. “(...) a aquel proletariado que quería vencer “saliendo a la calle” había que decirle que así no se vencía”<sup>96</sup>. Como coloca Neiburg, em “(...) toda vanguardia de esquerda encontra-se a idéia de que ela é capaz de indicar ao proletariado o caminho de sua vitória, elaborando uma tática justa e, ao mesmo tempo, mostrando qual é o conteúdo verdadeiro dessa vitória e de seus interesses”<sup>97</sup>. Dessa maneira, nota-se na *Contorno* uma tentativa de legitimação do intelectual que, apesar das diferenças, mantém em comum com Victoria Ocampo e os colaboradores da *Contorno* a eterna necessidade de educar, preparar as massas, representadas como desinformadas, ignorantes, para o mundo da cultura e da política.

---

<sup>93</sup> ROZITCHNER, op. cit., p. 4.

<sup>94</sup> VIÑAS, I. Miedos, complejos y malos entendidos. *Contorno*, Buenos Aires, nº 7-8, julho de 1956. p. 13.

<sup>95</sup> ROZITCHNER, op. cit., p. 4.

<sup>96</sup> MASOTTA, op. cit.

<sup>97</sup> NEIBURG, op. cit., p. 75.



## CONCLUSÃO.

Basicamente, o trabalho demonstrou a estreita ligação do discurso apolítico, cosmopolita e cultural assumido por Victoria Ocampo e pela *Sur* com a política crescentemente autoritária e nacionalista entre as décadas de trinta e cinquenta, na Argentina e no exterior. Em poucas palavras, demonstrou a negação desta política por Victoria Ocampo e pelos colaboradores da *Sur*.

Não existe uma separação total entre cultura e política, especialmente em um contexto marcado pela intervenção do nazi-fascismo e do peronismo nas artes e no pensamento. Não se trata de reducionismo, de reduzir, de condicionar a obra desses intelectuais aos acontecimentos políticos, mas de destacar a possibilidade de que a incessante defesa, valorização de uma arte apolítica, pura, da arte pela arte, como se percebe na revista, pode interferir na sociedade tanto quanto ou até mais do que uma produção artística ou intelectual considerada realista, geralmente mais valorizada politicamente. Um exemplo disso são as perseguições e prisões sofridas por Victoria Ocampo e seus colaboradores, assim como a “promoção” recebida por Borges. Desse modo, demonstrar apatia pode ser tão ou até mais incômodo, perturbador do que uma oposição tradicional, militante, na esfera pública. Demonstrar apatia não significa necessariamente estar apático, indiferente em termos políticos, a própria demonstração indica isto ao ignorar, recusar o engajamento defendido por governos autoritários como o de Perón. A apatia política não provoca o refluxo da esfera pública, mas é o refluxo da esfera pública, causado por governos autoritários, o que gera a apatia como descontentamento ou mesmo como uma forma de oposição possível. A trajetória de Victoria Ocampo e especialmente a sua correspondência sugerem que o homem nunca perde a condição de animal político, nem mesmo perante o estrangulamento do espaço público.

Uma vez inseridas nos embates políticos argentinos, verificaram-se traços do elitismo de Victoria Ocampo e de colaboradores da revista em relação às massas nos demais grupos intelectuais e políticos, mais exatamente no peronismo e inclusive na esquerda, conforme demonstram a “harmonia” anti-peronista, o pensamento de Gino Germani e os jovens da *Contorno*. Além disso, verificaram-se apelos políticos muito

semelhantes, como à verdade, ao maniqueísmo e à religião. As semelhanças reforçam a inserção política de Victoria Ocampo e dos colaboradores da revista, pois indicam ora contato com outros setores, ora disputa pelos mesmos interlocutores. Em *Observações sobre o totalitarismo*, Nicos Poulantzas defende, de uma maneira geral, que discursos iguais na boca de pessoas diferentes não são discursos iguais. Certamente que não, os projetos políticos de Victoria Ocampo e da *Sur*, do peronismo e da esquerda são sensivelmente diferentes, mas todos têm em comum um certo temor das massas, a necessidade de contê-las, de deslegitimar seus pensamentos e atitudes de modo a se legitimarem como os seus verdadeiros líderes, guias. Esse quadro de semelhanças demonstra uma inexistência de alternativas substanciais para as massas argentinas de meados do século XX. No entanto, as semelhanças destacadas neste trabalho entre diferentes grupos políticos não deve ser interpretada como uma negação, descrença da política como um instrumento de transformação da sociedade. Pelo contrário, a desmistificação dos discursos políticos é um dos caminhos, justamente, para pressionar, renovar a alternar poderes.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA.

As fontes e a bibliografia especificadas a seguir foram consultadas no decorrer do trabalho, da elaboração do projeto inicial de pesquisa ao término da escrita da dissertação. Todos os itens, inclusive os que não foram citados ao longo do texto, foram importantes para o desenvolvimento das idéias expressadas neste trabalho e podem ser um bom guia aos interessados em iniciar uma pesquisa sobre o tema ou, mais amplamente, a respeito da Argentina de meados do século XX.

### Fontes.

- Atas da Confederación General del Trabajo (CGT) (1945).
- *Boletín de la Confederación General del Trabajo*, nº 4 (1932).
- *CGT: periódico de la Confederación General del Trabajo de la República Argentina*, nºs 654, 861, 867, 883, 930 e 940 (1953 e 1954).
- *Contorno*, do nº 1 (1953) ao 10 (1959).
- *Criterio*, nº 493 (1937).
- El presidente de la nación argentina, Gral. Juan Perón, se dirige a los intelectuales, escritores, artistas pintores y maestros (1947).
- FELGINE, O. (Org.). *Correspondencia Victoria Ocampo-Roger Caillois (1939-1978)*. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.
- La obra de gobierno y la labor destructiva gradual de los que intentan alterar el orden. 4 volumes (1947).
- *La Nación* (1945-1947, 1949, 1954 e 1955).
- Leyes Nacionales. Año 1954. Números 14.298 a 14.400. Publicación de la Secretaria del Senado de la Nación. Buenos Aires: Imprenta del Congreso de la Nación, 1955.
- OCAMPO, V. *Cartas a Angélica y otros*. Edição, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1997.
- *Sur*, do nº 1 (1931) ao 237 (1955).

## **Bibliografia.**

- AGUIRRE, O. Sur: de la tradición a la modernidad. *Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 406, 2001.
- ALBERDI, J. B. *Fundamentos da organização política da Argentina*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- ALIFANO, R. *Borges, biografia verbal*. Barcelona: Plaza & Janes, 1988.
- AMADEO, M. *Ayer, hoy y mañana*. Buenos Aires: Gure, 1956.
- BASTOS, M. L. Escrituras ajenas, expresión propia: Sur y los testimonios de Victoria Ocampo. *Revista Iberoamericana*, v. XLVI, n° 110-111, 1980.
- BEIRED, J. L. B. *O movimento operário argentino: das origens ao peronismo (1890-1946)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BEIRED, J. L. B. *Sob o signo da nova ordem: intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BELSUNCE, C. A. G.; FLORIA, C. A. *Historia de los argentinos*. Buenos Aires: Larousse, 1992. 2 volumes.
- BLOCH, M. *Introdução à História*. Publicações Europa-América: Lisboa, 1976.
- BOBBIO, N. *Liberalismo e democracia*. Brasiliense, 1988.
- BOLLÈME, G. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BORGES, J. L. *Obras completas de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Globo, 1998. 2 volumes.
- BRACELI, R. *Padres nuestros que están en los cielos: Borgesperón*. Buenos Aires: Atlantida, 1994.
- BRESCIANI, M. S. M.; NAXARA, M. (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.
- BRESCIANI, M. S. M. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n° 7-8, 1984-1985.
- CAPELATO, M. H. R. A modernidade em questão: a proposta de regeneração espiritual da Argentina na obra de Eduardo Mallea *Historia de una pasión Argentina (1937)*. *Estudos de História*, Franca, v. 7, n° 2, 2000.

- CAPELATO, M. H. R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas: Papirus, 1998.
- CARRIL, S. L. de; SOCCHI, M. R. de (Org.). *Jorge Luis Borges en Sur (1931-1980)*. Buenos Aires: Emecé, 1999.
- CASTELLO, A. E. De la universidad jesuítica a la universidad liberal. *Todo es Historia*, Buenos Aires, nº 147, 1979.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COCHART, D. As multidões e a Comuna: análise dos primeiros escritos sobre psicologia das multidões. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 10, nº 20, 1991.
- CORTÁZAR, J. *O exame final*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- DE DECCA, E. 1930: o silêncio dos vencidos. *Memória, História e revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DELLEPIANE, A. B. La novela argentina desde 1950 a 1965. *Revista Iberoamericana*, v. XXXIV, nº 66, 1968.
- DIAB, P. Victoria Ocampo: escritora y promotora cultural. *Todo es Historia*, Buenos Aires, nº 406, 2001.
- DI TELLA, T. S. La sociología argentina en una perspectiva de veinte años. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 20, nº 79, 1980.
- ELOY MARTÍNEZ, T. *Santa Evita*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ENGELS, F.; MARX, K. *O manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- EVANGELISTA, J. E. *Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno*. São Paulo: Cortez, 1997.
- FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FIGUEROA, G. C. Buenos Aires frente al país: antigua y nueva controversia. *Todo es Historia*, Buenos Aires, nº 385, 1999.
- FIORUCCI, F. La revista Sur y el peronismo (1945-1955). Trabalho de licenciatura – Departamento de Humanidades, Universidad de San Andrés.
- FONSECA, C. (Org.). *O pensamento vivo de Jorge Luis Borges*. São Paulo: Martin Claret, 1987.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

- FRAGA, R. Perón, el yrigoyenismo y la revolución de 1930. *Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 385, 1999.
- GARCÍA, F. D.; LABADO, A.; VÁZQUEZ, C. (Org.). *Evita: imagens de uma paixão*. Texto: Matilde Sánchez. São Paulo: Melhoramentos, 1997.
- GERMANI, G. *Política e sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional à sociedade de massas*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.
- GINZBURG, C. *Relações de força*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GOLDAR, E. *El peronismo en la literatura argentina*. Buenos Aires: Freeland, 1971.
- GONZALEZ, H. *O que são intelectuais?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GONZALEZ, O. Contorno: la coherencia de los hombres honestos. *Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 406, 2001.
- GUIDO, B. *Escandalos y soledades*. Buenos Aires: Losada, 1970.
- HALPERIN DONGHI, T. Algunas observaciones sobre Germani, el surgimiento del peronismo y los migrantes internos. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 14, n° 56, 1975.
- HALPERIN DONGHI, T. *La democracia de masas*. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- HALPERIN DONGHI, T. Un cuarto de siglo de historiografía argentina (1960-1985). *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 25, n° 100, 1986.
- HAUSSEN, D. F. *Rádio e política: tempos de Vargas e Perón*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 1997.
- HERNÁNDEZ ARREGUI, J. J. *Imperialismo y cultura*. Buenos Aires: Plus Ultra, 1973.
- HOBSBAWM, E. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- JAMES, D. 17 y 18 de octubre de 1945: el peronismo, la protesta de masas y la clase obrera argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 27, n° 107, 1987.
- JAMES, D. Ideologia popular e resistência de classe: o peronismo e a classe operária (1955-1960). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n° 10.
- JAMES, D. Racionalización y respuesta de la clase obrera: contexto y limitaciones de la actividad gremial en la Argentina. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 21, n° 83, 1981.
- JAURETCHE, A. *Los profetas del odio y la Yapa*. Buenos Aires: Corregidor, 2002.

- KENWORTHY, E. Interpretaciones ortodoxas y revisionistas del apoyo inicial del peronismo. *Desarrollo Económico*, Buenos Aires, v. 14, n° 56, 1975.
- KING, J. *Sur*: estudio de la revista literaria argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura (1931-1970). Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- KING, J. Towards a reading of the argentine literary magazine *Sur*. *Latin American Research Review*, Austin, v. XVI, n° 2, 1981.
- KING, J. Victoria Ocampo, *Sur* y el peronismo (1946-1955). *Revista de Occidente*, Madrid, n° 424, 1984.
- LAFFORGUE, M. (Org.). *Antiborges*. Buenos Aires: Vergara, 1999.
- LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1954.
- LUNA, F. Borges con nosotros. *Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 385, 1999.
- LUNA, F. *Breve história dos argentinos*. Rio de Janeiro: Quartet, 1996.
- MALLEA, E. *Historia de una pasión argentina*. Buenos Aires: Sudamericana, 1968.
- MATAMORO, B. *Genio y figura de Victoria Ocampo*. Buenos Aires: EUDEBA, 1986.
- MATAMORO, B. Historia de Borges. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n° 424, 1985.
- MARTÍNEZ ESTRADA, E. *La cabeza de Goliat*: microscopía de Buenos Aires. 2001.
- MARTÍNEZ ESTRADA, E. *¿Qué es esto? Cantilina*. Buenos Aires: Lautaro, 1956.
- MARTÍNEZ ESTRADA, E. *Radiografía de la pampa*. Buenos Aires: Losada, 2001.
- MARTÍNEZ, T. E. *Santa Evita*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MÁXIMO, A. C. *Os intelectuais e a educação das massas: o retrato de uma tormenta*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- MONEGAL, E. R. *Borges por Borges*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- MONEGAL, E. R. Borges y la política. *Revista Iberoamericana*, n° 100-101, 1977.
- MURMIS, M.; PORTANTIERO, J. C. *Estudos sobre as origens do peronismo*. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*: estudos de antropologia social e cultural. São Paulo: Editora da USP, 1997.
- OCAMPO, V. *Autobiografía*. Buenos Aires: Sur. 4 v.
- OCAMPO, V. *Domingos en Hyde Park*. Buenos Aires: Sur, 1936.
- OCAMPO, V. *Testimonios*. Buenos Aires: Sur, 1936. v. 2.

- OCAMPO, V. *Testimonios*: series primera a quinta. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.
- OCAMPO, V. *Testimonios*: series sexta a décima. Seleção, prólogo e notas: Eduardo Paz Leston. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.
- OLGUÍN, S. S. (Org.). *Perón vuelve: cuentos sobre peronismo*. Buenos Aires: Norma, 2000.
- ORTEGA Y GASSET, J. *A rebelião das massas*. Rio de Janeiro: Livro Iberoamericano, 1971.
- PASTERNAK, N. *Sur: una revista en la tormenta. Los años de formación (1931-1944)*. Buenos Aires: Paradiso, 2002.
- PERÓN, E. *A razão de minha vida*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos.
- PERÓN, E. *Eva Perón habla a las mujeres: patria-pueblo-recuperación*. Buenos Aires: C. S. Ediciones, 1996.
- PERÓN, E. *Por que soy peronista y las fuerzas espirituales del peronismo*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996.
- PERÓN, J. D. *A força é o direito das bestas*. São Paulo: 1956.
- PERÓN, J. D. *Conducción política*. Buenos Aires: Freeland, 1973.
- PERÓN, J. D. *Doctrina peronista*. Buenos Aires: C.S. Ediciones, 1996.
- PERÓN, J. D. *La hora de los pueblos*. Buenos Aires: Baires, 1973.
- PINTO, J. P. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Liberdade, 1998.
- PIZARRO, A. (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura. Emancipação do discurso*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994. v. 2.
- PORTO, A. J. Las leyes, la universidad y el país. *Todo es Historia*, Buenos Aires, nº 147, 1979.
- POULANTZAS, N. Observações sobre o totalitarismo. In: RODRIGUES, A. E. M. (Org.). *Fascismo*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- PRADO, M. L. *O populismo na América Latina: Argentina e México*. São Paulo: Brasiliense.
- QUESADA, M. S. Revistas y cultura. *Todo es Historia*, Buenos Aires, nº 406, 2001.



- SÁBATO, E. *El otro rostro del peronismo: carta abierta a Mario Amadeo*. Buenos Aires: 1956.
- SÁBATO, E. *La cultura en la encrucijada nacional*. Buenos Aires: Crisis, 1973.
- SÁBATO, E. *Sobre heróis e tumbas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SANGUINETTI, H. Éxitos y fracasos de la reforma universitaria. *Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 147, 1979.
- SARLO, B. Los dos ojos de Contorno. *Revista Iberoamericana*.
- SARLO, B. *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1999.
- SARMIENTO, D. F. *Facundo: civilização e barbárie*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SARMIENTO, D. F. *Recuerdos de Provincia*. Buenos Aires: Tor, 1939.
- SCHWARTZ, J. (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP; Imprensa Oficial, 2001.
- SCHWARTZ, J. *Vanguardas latino-americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da USP; Iluminuras.
- SEBRELI, J. J. Borges: nihilismo y literatura. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n° 565-566, 1997.
- SIGAL, S.; VERÓN, E. *Perón o muerte: los fundamentos discursivos del fenómeno peronista*. Buenos Aires: Legasa, 1986.
- TERÁN, O. *Nuestros años sesentas: la formación de la nueva izquierda intelectual argentina (1956-1966)*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 1993.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- VACCARO, A. Borges: un argentino en la historia. *Todo es Historia*, Buenos Aires, n° 385, 1999.
- VÁZQUEZ, M. E. *Jorge Luis Borges: esplendor e derrota*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- VÁZQUEZ, M. E. *Victoria Ocampo: el mundo como destino*. Buenos Aires: Seix Barral, 2002.
- VÁZQUEZ, M. E. Victoria Ocampo: una argentina universalista. *Revista Iberoamericana*, v. XLVI, n° 110-111, 1980.

- VEYNE, P. *Como se escreve a História; Foucault revoluciona a História*. Brasília: Editora da UNB, 1982.
- VILLORDO, O. H. *El grupo Sur: una biografía colectiva*. Buenos Aires: Planeta, 1993.